

Mestrado Integrado em Arquitectura e Urbanismo
Dissertação de Mestrado Integrado

Património | Trabalho de Projecto
Reabilitação do Teatro Valadares em Caminha

1.1_Investigação no Âmbito do Projecto



Patrick Gomes dos Santos

407/05

Janeiro 2011

Escola superior  gallaecia

Mestrado Integrado em Arquitectura e Urbanismo
Dissertação de Mestrado Integrado

Património | **Trabalho de Projecto**

Reabilitação do Teatro Valadares em Caminha

1.1 – Investigação no Âmbito do Projecto

Discente: Patrick Gomes dos Santos 407/05

Orientador: Prof. Dr. Rui Brochado

Co-orientador: Mestre Arq. Rui Correia

Janeiro 2011

Prefácio

“Intervir em património trata-se, antes de mais, de reorganizar criticamente a matéria preexistente, através de uma arquitectura que se deixa contaminar pelo existente e que, ao introduzir no novo, afirma a sua consolidação. Embora motivada por uma procura de continuidade, a ideia de património deve conter obrigatoriamente o presente, no sentido de o ajustar constantemente às novas necessidades.”¹

João Mendes Ribeiro

¹ «in Arqa nº 82/83; (pag 29); Arquitectura e Arte: Acções Patrimoniais; Julho/Agosto 2010;»

Agradecimentos

A realização desta Dissertação de Mestrado só foi possível graças à colaboração e ao contributo, de forma directa ou indirecta, de várias pessoas e instituições, às quais gostaria de exprimir algumas palavras de agradecimento e reconhecimento, em particular:

Ao meu orientador Prof. Dr. Rui Brochado e co-orientador Mestre Arq. Rui Correia, por todo empenho, partilha de sabedoria, compreensão e acima de tudo, exigência.

Aos meus colegas finalistas em particular ao Eloy colega de percurso pela ajuda e companheirismo durante os vários meses de trabalho, Susete pela ajuda na constante procura de bibliografia e a vários outros companheiros: Armando, Borja, Alexandre, Ruben, David, Dolores, Luz, Javier, Noe, Versos, etc.

A Arquitecta Mariana Sousa pelo importante contributo e ajuda, fornecendo elementos gráficos fundamentais para a investigação e projecto.

A minha família pelo constante apoio durante este percurso apesar dos altos e baixos.

Dedicado ao meu Pai, Mãe e Irmã,

Resumo

No âmbito da realização do Projecto de Dissertação foi desenvolvida uma investigação e proposta de reabilitação para o Teatro Valadares localizado na vila de Caminha.

O trabalho de investigação centra-se na análise do desenvolvimento dos teatros em geral, análise de projectos de reabilitação realizados em contextos semelhantes e um intensivo estudo do local. Numa primeira fase a análise centra-se no estudo da evolução dos teatros, realizando um estudo que permite perceber os diversos períodos que afectaram a constituição base do teatro até aos dias de hoje. A composição dos teatros clássicos é fundamental no estudo de uma reabilitação, trata-se da base para qualquer trabalho de conservação permitindo perceber de forma clara o funcionamento de todo o espaço permitindo elaborar bases para a implementação de novos conceitos e novas ideias na definição dos espaços. A introdução de conceitos como "Espaço Cénico" no exterior da sala de espectáculo é fundamental na definição de novos espaços inovadores criando uma maior relação entre o edifício, o espaço e a utilização desse mesmo espaço. Numa segunda fase da análise é realizado um estudo através da realização de fichas que irão incidir sobre três projectos de reabilitação. Este estudo permite perceber o tipo de intervenção realizado na actualidade no contexto do teatro clássicos ou reabilitações. Estas fichas permitem uma análise ao nível do programa, componentes técnicos e organização, criando uma base de apoio para a concretização da proposta a apresentar para o

projecto de reabilitação. Numa terceira fase é realizado um estudo do local e edifício a intervir. Este estudo irá permitir trabalhar o edifício integrado numa malha urbana muito característica (Centro Histórico) e ao mesmo tempo definir um projecto de reabilitação que irá apresentar uma componente de intervenção na organização de alternativas às dinâmicas actuais.

O edifício a intervir apresenta características muito próprias, desde logo, o facto de se tratar de uma adaptação de um edifício comercial e habitação a função de teatro, criando no interior todas as condições necessárias ao seu funcionamento. A percepção do edifício é fundamental no acto de reabilitar, de forma a perceber qual o limite da intervenção, e até onde se deve alterar ou manter um determinado elemento. Este equilíbrio entre alteração e manutenção representa um dos grandes desafios da reabilitação sendo neste projecto clara a alteração de uma parte do edifício de forma a compor o teatro, redefinindo a estrutura clássica que o caracteriza, sendo que as diversas alterações a realizar apresentam uma inovação muito própria na caracterização do espaço. A elaboração do projecto tem por base a investigação e conclusões, de onde surgiram as bases para a elaboração do conceito base para a concepção do projecto.

O projecto pretende recuperar um espaço de grande valor para a população local, integrando este espaço numa nova dinâmica de reabilitação de todo o Centro Histórico e inovando no acto de reabilitar um teatro clássico sem perder a identidade do edifício.

Abstract

At the completion of the Dissertation Project was developed and a research proposal for the rehabilitation Valadares Theatre located in the town of Caminha.

The research focuses on the analysis of the development of the theater in general, analysis of restoration projects carried out in similar contexts, and an intensive study of the site. Initially the analysis focuses on the study of the evolution of theater, conducting a study that allows us to see the various periods affecting the basic constitution of the theater until the present day. The composition of opera classics is fundamental in the study of a rehabilitation, it is the basis for any conservation work allowing clearly understand the functioning of the entire space allowing prepare groundwork for the implementation of new concepts and new ideas in the definition of spaces. The introduction of concepts such as "Scenic Area" outside the room of spectacle is crucial in defining new innovative spaces creating a stronger relationship between the building, space and use of that space. In the second phase of the analysis is a study by performing chips that will focus on three rehabilitation projects. This study allows us to understand the kind of intervention carried out at present in the context of classical theater or rehabilitations. These chips allow an analysis at the program level, technical components and organization, creating a support base for the implementation of the proposal to submit to the rehabilitation project. In a third phase is a study of the site and building to intervene. This study will allow the building work integrated into an urban very

characteristic (Historical Center) and at the same time set a rehabilitation project that will provide a component of intervention in the organization of the dynamic current alternatives.

The building has to intervene very own characteristics, therefore, the fact that it is an adaptation of a commercial building and housing function of theater to create within all the conditions necessary for its operation. The perception of the building is essential in the act of restoring the outside to see what the limits of intervention, and how far they should change or maintain a particular element. This balance between change and maintenance represents a major challenge in this project is the rehabilitation clear to amend a portion of the building to make the theater and redefining the classic structure that characterizes it, is that the various changes do have a very innovative own characterization of the space. The drafting is based on research and conclusions, from which came the foundations for the basic concept for the design of the project.

The project aims to reclaim an area of great value to the local population, integrating this area into a new dynamic rehabilitation of all historic center and innovating in the act of restoring a classic theater without losing the identity of the building.

Índice

Capítulo I _ Capítulo Introdutório	11
Introdução	11
Objectivos	14
Metodologia de Trabalho	15
Capítulo II _ Conceitos	16
Património	17
Património Cultural	18
Centro Histórico	19
Bens Culturais	20
Reabilitação	21
Espaço Cénico	23
Capítulo III _ Desenvolvimento dos Teatros	
Evolução dos Teatros – Introdução Histórica	24
Sala de Espectáculos – Estudo do espaço	30
Função do espaço	31
Teatro	31
Sala de Concertos	32
Cinema	33
Caracterização dos espaços	34
Foyer	34
Plateia	35
Palco	36
Bastidores	37
Componentes Técnicos	38
Projecto cénico	38
Acústica	39
Concha Acústica	40
Caixa Cénica	41

Capítulo IV _ Fichas de Análise

Análise de Teatros	44
Ficha 1_Teatro Helena Sá e Costa – Porto	45
Ficha 2_Casa das Artes de Felgueiras	52
Ficha 3_Teatro-Cinema de Fafe	61

Capítulo V _ Estudo do Local

Introdução ao local	71
Evolução do Espaço Urbano	73
Período Castrejo	74
Vila Medieval	75
Período Barroco	78
Período Moderno	81
Período Contemporâneo	84
Influência das Muralhas	87
Muralha medieval	88
Muralha século XVI	89
Muralha século XVIII	90
Muralha actual	91
Análise geral do espaço urbano	92
Vias estruturantes do espaço	93
Quarteirões	95
Edifícios	97
Análise do Centro Histórico	100
Estrutura Urbana	101
Caracterização dos Fluxos	103
Caracterização das Construções	106
Serviços e Infra-estruturas	110
Localização dos serviços e infra-estruturas	112

Capítulo VI _ Teatro Valadares

Introdução Histórica	113
Descrição do edifício	116
Caracterização do edifício	121
Exterior	121
Interior	124
Descrição do sistema construtivo	128
Estado actual	132
Evolução Cronológica	133

Capítulo VII

Conclusão	134
-----------	-----

Capítulo VIII

Bibliografia Geral	140
Bibliografia Especifica	142
Índice de Imagens	144

Capítulo I _ Capítulo Introdutório

Introdução

A presente Dissertação, inserida na temática do Património pretende abordar as diversas vertentes que permitam desenvolver uma intervenção inovadora no Teatro Valadares em Caminha. A intervenção no espaço do Teatro engloba não só o estudo do edifício, mas também o estudo do local e da evolução dos teatros ao longo dos tempos de forma a perceber as novas dinâmicas e tentando recuperar algumas perdas que possam ser validas num contexto arquitectónico actual. O espaço do Teatro é caracterizado por uma estrutura sólida que evoluiu ao longo dos tempos e que permitiu adaptar este equipamento aos diversos contextos sociais e culturais, funcionando sempre como ponto de dinamização do local onde se insere. A realidade actual apresenta um novo desafio a intervenção e reabilitações dos teatros, sendo necessária a realização de uma intervenção não só de recuperação mas também de adaptação as novas dinâmicas e necessidades actuais, logo a intervenção passa de uma mera recuperação do espaço para uma intervenção mais profunda e sólida, sendo necessário encontrar o equilíbrio entre a intervenção e a recuperação do existente.

O Teatro Valadares, inaugurado em 1898 surge com um dos diversos exemplares de uma tipologia de teatro clássico que surgiu durante os séculos XIX e XX em Portugal, fruto do desenvolvimento das artes do espectáculo e da divulgação do teatro e da criação de diversas companhias. Desta forma, com a colaboração de diversas personalidades importantes, forma construídos diversos teatros por todo o país com

uma clara alusão a tipologia “Clássica Italiana” que acabou por influenciar não só a organização, mas também as tipologias de sala e decoração. Na actualidade, depois de um período de abandono ou perda de identidade por parte destes espaços, principalmente devido as alterações sociais, grande parte destas infra-estruturas surgem novamente como pontos de interesse a recuperar o que origina um processo geral de reabilitação e recuperação dos teatros por todo o país sendo necessário perceber qual o tipo de intervenção a realizar de forma a dinamizar o espaço para que não volte a perder a sua identidade. Pretende-se desta forma elaborar um estudo de três exemplos distintos de intervenções ou adaptações do espaço de forma funcionarem com teatro, sendo através desta análise que deverá ser elaborado um programa base a estudar e a desenvolver de forma a criar novas dinâmicas nas intervenções inovando na interpretação e aplicação dos diversos factores inerentes ao projecto e a evolução da reabilitação desta tipologia de espaço. O projecto final a desenvolver pretende inovar na tipologia de intervenção a realizar tentando abordar diversas temáticas não só relacionadas com a reabilitação do edifício mas também com o urbanismo e a arte no seu todo, principalmente com as artes cénicas plásticas que surgem como elemento base para o funcionamento do espaço.

O Teatro Valadares encontra-se inserido num contexto urbano muito característico, o que a partida requer um estudo pormenorizado do local. Neste caso, o Teatro encontra-se inserido no Centro Histórico da vila de Caminha, sendo este espaço caracterizado pelas suas dinâmicas muito próprias mas também

pelos seus problemas de funcionamento que originaram o parcial abandono de toda esta área. O Centro Histórico de Caminha, com base num povoado Romano, surge muito influenciado pela muralha Medieval construída posteriormente num período de desenvolvimento da vila, o qual acaba por definir a organização dos fluxos e zonas construídas. Esta realidade funciona como um dos principais problemas na realização de uma reabilitação dentro deste contexto já que a sociedade actual necessita de um novo modo de habitar e utilizar o espaço. Desta forma torna-se fundamental criar um equilíbrio na intervenção baseada no interesse de um determinado espaço e a necessidade de criar condições actuais ao seu correcto funcionamento. Na actualidade, o Centro Histórico surge com um espaço de interesse que deverá ser reabilitado e onde deverão ser criadas novas dinâmicas de forma a potenciar um processo de reabilitação geral, sustentado e adaptado a realidade actual respeitando sempre as pré-existências e a identidade do local. Através do estudo do local pretende-se não só perceber quais as dinâmicas actuais do funcionamento do espaço como também as características que possam ser relevantes na elaboração da proposta.

O projecto final será a representação e aplicação das conclusões da investigação e da análise desenvolvida no decorrer da investigação inserida no âmbito do projecto.

Objectivos

A realização desta Dissertação terá como principal objectivo a reinterpretação do conceito de espaço de “Teatro Clássico” para uma nova dinâmica de “Teatro Contemporâneo” numa reabilitação, tentando perceber as dinâmicas a evolução do espaço “Teatro” ao longo dos tempos e como deverá ser interpretada a reabilitação destes mesmos espaços de grande valor patrimonial no contexto actual. Através de um estudo da evolução dos teatros, intervenções realizadas em contextos semelhantes e estudo rigoroso do local e edifício, pretende-se criar directrizes inovadoras inseridas no contexto e que permitam desenvolver um novo pensamento em relação a intervenção nos teatros.

O segundo objectivo a cumprir prende-se com o local e a intervenção, que deverá integrar o edifício numa estratégia de revitalização do “Centro Histórico” de Caminha, neste caso em concreto. O objectivo passa pela influência da intervenção no espaço urbano e a necessidade de criar novas dinâmicas, interpretando a intervenção a realizar, não apenas como a recuperação, manutenção e adaptação do edifícios, mas também como elemento mobilizador e criador de dinâmicas para o espaço urbano permitindo integrar o edifício numa estratégia geral para o Centro Histórico.

O terceiro objectivo baseia-se na concretização dos dois objectivos anteriores, realizando um projecto de reabilitação para o Teatro Valadares na Vila de Caminha integrando as diversas directrizes e cumprindo os objectivos propostos de forma a desenvolver uma intervenção inovadora e integrada num contexto actual.

Metodologia de trabalho

De forma a elaborar o processo de investigação foram definidos parâmetros e metodologias de trabalho para os diversos trabalhos de investigação a realizar durante o processo.

O processo de investigação encontra-se dividido em quatro partes: conceitos, desenvolvimento dos teatros, fichas de análise e estudo do local. Será feita uma recolha de conceitos importantes no estudo dos diversos temas e no desenvolvimento do projecto e uma investigação sobre o desenvolvimento e composição base dos teatros, tendo como base o estudo de vários exemplos inseridos em épocas diferentes e estudando os espaços que compõem a estrutura base de um teatro. Essa estrutura base surge da investigação e do estudo dos vários exemplos. Em seguida será realizada uma análise em forma de ficha estudando três projectos inseridos na temática da reabilitação e teatros. Serão elaboradas conclusões alusivas as fichas na conclusão e serão representadas parte das conclusões no projecto final.

Em relação ao local e edifício será feita uma investigação e recolha documental sobre a vila de Caminha e uma recolha de dados, observação no local e um levantamento sobre o edifício a intervir. A análise surge na conclusão como elemento constituinte do processo de desenvolvimento do estudo e criação do programa base.

Para além da conclusão final, as diversas conclusões do processo de investigação irão surgir no projecto de arquitectura desenvolvido nas suas diversas vertentes aplicando o conhecimento obtido.

Capítulo II _ Conceitos

Reabilitação/Teatro

A complexidade inerente a intervenção no património requer um conhecimento básico de diversos conceitos relacionado com a temática de forma a compreender as bases teóricas relacionadas com este tipo de intervenção. Este estudo permite criar uma base teórica que permita desenvolver um conceito sólido durante a elaboração de uma proposta para o “Teatro Valadares” de forma sustentável e com conhecimento sobre as várias vertentes a estudar e desenvolver no projecto. Numa estratégia de reabilitação e inserção da proposta para o teatro numa estratégia de revitalização do “Centro Histórico” da vila de Caminha, os conceitos seleccionados permitem não só perceber as bases teóricas do património construído mas também as diversas vertentes Socioculturais e Urbanas deste tipo de equipamento e a sua importância para a vila de Caminha.

Património

A definição de Património é fundamental na definição do projecto ou de qualquer outra intervenção numa pré-existência, sendo a base para a definição, caracterização de qualquer elemento e elaboração do conceito de intervenção.

Pode definir-se património como a caracterização de todos os bens que são ou representam testemunhos com valor histórico ou cultura relevante. O Património pode ser histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico. O património reflecte um conjunto de valores ligados a memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.

(...) a) É o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a especificação do património, é assim, um processo relacionado com a selecção de valores.²

O conjunto de características que definem o Teatro Valadares, em particular as socioculturais conferem-lhe a designação de Património, sendo importante recuperar este edifício que acaba por marcar uma época no contexto da vila como sendo não só uma referência no que diz respeito as suas características como a sua importância social e cultural o que permite ao projectista, definir uma tipologia de intervenção própria e integrada neste contexto específico em que se insere o Teatro.

² «in Carta de Cracóvia 2000»

Património Cultural

Dentro da definição de Património torna-se importante perceber, inserido no contexto específico do Teatro Valadares, uma definição ligada com o a tipologia de edifício e a sua importância cultural na vila. O Património Cultural define-se como:

(Artigo 1º) «- Os monumentos: obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

- Os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude de sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem, tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

- Os lugares notáveis: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como as zonas, inclusive lugares arqueológicos, que tenham valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.»³

O Teatro Valadares, apresenta uma forte relação com o local e os seus habitantes tendo funcionado como ponto de dinamização da vila, logo a definição de Património Cultural esta presente na sua caracterização, sendo um espaço de divulgação das artes do espectáculo e convívio da população com grande importância.

³ «(in Convenção sobre a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural - Aprovada pela Conferência Geral da UNESCO na décima sétima reunião de Paris, 16 de Novembro de 1972;»

Centro Histórico

A definição de Centro Histórico surge da necessidade de desenvolver uma nova dinâmica de revitalização da zona antiga da vila de Caminha inserindo a proposta a realizar para o Teatro numa nova dinâmica, sendo necessário perceber o conceito de Centro Histórico antes de proceder a qualquer atitude de intervenção. A definição do limite do Centro Histórico é parte importante na estratégia de revitalização e na contextualização do projecto do Teatro em concreto de forma a perceber qual a área e quais os elementos inseridos no estudo da proposta.

De forma a identificar os centros históricos, tem-se em consideração não apenas os antigos centros urbanos, como também, de um modo geral todos os assentamentos humanos cujas estruturas, unitárias ou fragmentárias, ainda que se tenham transformado ao longo do tempo, se hajam constituído no passado ou, entre muitos, os que eventualmente tenham adquirido um valor especial como testemunho histórico ou como características urbanísticas ou arquitectónicas particulares.

A natureza histórica refere-se ao interesse que os assentamentos apresentarem como testemunhos de civilizações do passado e como documentos de cultura urbana, inclusive independentemente de seu intrínseco valor artístico ou formal, ou do seu aspecto peculiar enquanto ambiente, que podem enriquecer e ressaltar posteriormente o seu valor, já que não só a arquitectura, mas também a estrutura urbanística, têm por si mesmas um significado e um valor.

Bens Culturais

A definição de Bem Cultural é um dos conceitos inerentes a definição de Património Cultural e a caracterização desse mesmo conceito. O Teatro Valadares surge numa primeira fase como “Bem Cultural” sendo que, esta definição permite ao Teatro evoluir para uma caracterização ligada ao Património pela sua importância no contexto social e cultural de Caminha e pela sua importância arquitectónica no contexto urbano e por estar ligado a uma corrente nacional de desenvolvimento dos teatros durante os séculos XIX e XX.

- *«Para efeito desta recomendação, são considerados bens culturais os bens móveis e imóveis de grande importância para o património cultural de cada país, tais como as obras de arte e de arquitectura, os manuscritos, os livros e outros bens de interesse artístico, histórico ou arqueológico, os documentos etnológicos, os espécimes-tipo da flora e da fauna, as colecções científicas e as colecções importantes de livros e arquivos, incluídos os arquivos musicais.»*⁴

- *«A expressão, bens culturais, engloba não só os sítios e monumentos arquitectónicos, arqueológicos e históricos reconhecidos e protegidos por lei, mas também os vestígios do passado não reconhecidos nem protegidos, assim como os sítios e monumentos recentes de importância artística ou histórica.»*⁵

⁴ *«in Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura 13a Sessão - 19 de Novembro de 1964».*

⁵ *«in Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura 15 a Sessão - 19 de Novembro de 1968».*

Reabilitação

O principal objectivo da intervenção no Teatro Valadares prende-se com a sua Reabilitação e Reintegração e inserção uma estratégia de revitalização do Centro Histórico, sendo fundamental perceber de forma sucinta qual a definição e o que engloba a reabilitação. Os objectivos da intervenção prendem-se também com a problemática do urbanismo, logo é necessário perceber a definição de Património inserida no contexto do edifício e no contexto urbano. A Reabilitação Urbana surge da necessidade de perceber de que forma se deve abordar a intervenção num contexto complexo como o Centro Histórico de Caminha que apresenta diversas pré-existências e varias influências absorvidas ao longo dos diversos períodos da história que influenciaram o desenvolvimento da Vila. A definição de Reabilitação a escala do edifício, esta ligada a caracterização da tipologia de intervenção a realizar num edifício que apresenta fortes pré-existências nas suas diversas vertentes. A intervenção esta pendente do equilíbrio entre intervenção e manutenção do existente o que esta relacionado com a definição Reabilitação e Património.

A reabilitação pode dividir-se em duas partes fundamentais:

«1.ª Reabilitação urbana - “É uma características de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, económicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes; isso exige o melhoramento das condições físicas pela sua

reabilitação e instalação de equipamentos, infra-estruturas, espaços públicos, mantendo a identidade e as características da área da cidade a que dizem respeito.”⁶;)»

«2.ª Reabilitação de um edifício - “Obras que têm por fim a recuperação e beneficiação de uma construção, resolvendo as anomalias construtivas, funcionais, higiénicas e de segurança acumuladas ao longo dos anos, procedendo a uma modernização que melhore o seu desempenho até próximo dos actuais níveis de exigência.”⁷.»

A Reabilitação constitui um contributo inovador para a preservação do Património das vilas e cidades. A Reabilitação pretende melhorar as condições de vida dos Centros Históricos, utilizando a conservação e preservação do edificado como instrumentos desse objecto sempre inseridos num contexto de preservação e estudo do edificado numa fase posterior a intervenção. A Reabilitação do Teatro Valadares pretende relacionar-se com a Reabilitação do centro histórico funcionando como um dos vários pontos de referência para o desenvolvimento. A Reabilitação do edifício do Teatro pretende não só devolver um espaço de grande importância aos habitantes da vila de Caminha, mas também adaptar este espaço e reinterpretar o conceito de Teatro clássico e de Reabilitação do espaço de Teatro.

⁶ LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito - Património arquitectónico e arqueológico (cartas, recomendações e convenções internacionais); Livros Horizonte; Lisboa 2004, pág.º 264, alínea b).

⁷ LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito - Património arquitectónico e arqueológico (cartas, recomendações e convenções internacionais); Livros Horizonte; Lisboa 2004, pág.º 264, alínea e).

Espaço Cénico

O conceito de Espaço Cénico surge como elemento fundamental na intervenção/reabilitação de um teatro, principalmente pela necessidade de perceber as relações e características dos espaços.

O Espaço Cénico é definido em função de uma encenação teatral, sendo a junção de diversos conceitos, que unidos conferem ao espaço essa definição.⁸ Alguns desses termos gerais relacionados com o teatro fazem referência ao desenho e composição do espaço cénico sendo eles:

Espaço Cenográfico: é o espaço que confere carácter ao espaço cénico; O carácter do espaço é definido pela proposta de espectáculo;

Espaço Lúdico: é o espaço criado pela actuação do actor, é a cenografia, a luz, o som, etc.

Espaço Teatral: é a união do espaço cénico e o espaço do espectador. Este espaço encontra-se determinado pelas leis da visibilidade, sonoridade, isolamento, etc. O espaço teatral encontra-se totalmente isolado do exterior.

Local Cénico: é a zona perceptível na cena; é o espaço onde o actor desenvolve a sua performance; é o suporte para a implementar a cenografia e os objectos cénicos. O teatro encontra-se sempre limitado pela separação entre Observação do público e o espaço cénico a observar.

O Espaço Cénico é fundamental numa estratégia de inovação na reabilitação de teatros, funcionando como conceito que poderá expandir-se para o exterior da sala de espectáculos criando novas dinâmicas para os espaços existentes.

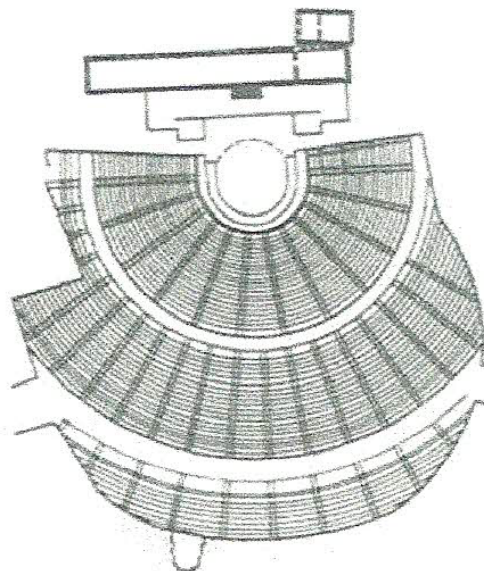
⁸ «El lloc del teatre – Cuitat, arquitectura i espai escènic»; Edicions UPC»

Capítulo III _ Desenvolvimento dos Teatros

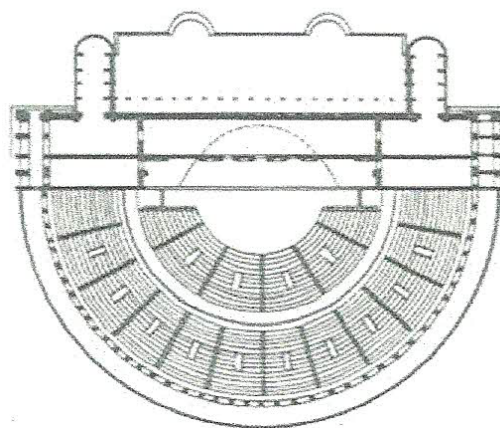
Evolução dos Teatros

O desenvolvimento dos teatros e o acto de projectar este tipo de espaço exige uma série de relações funcionais complexas que surgiram através da evolução histórica dos Teatros e das necessidades dos utilizadores. A construção ou intervenção num teatro na actualidade representa um desafio, já que para além da clara influência da história, é necessário também abstrair-se em parte da tradição de forma a reinterpretar o conceito de 'Teatro' para uma nova tipologia de espectáculos.

A origem do teatro encontra-se ligada as primeiras sociedades primitivas onde assumia um carácter ritualista. O teatro acabou por deixar essa vertente ritualista dando lugar a representação de lendas relacionadas aos deuses e heróis. Na Grécia antiga, os festivais anuais em honra ao deus Dionísio centravam-se na representação de tragédias e comédias. As primeiras formas dramáticas na Grécia surgiram neste contexto, e surgiram neste período os primeiros teatros e espaços destinados a representação. O "Teatro Dionisios" surge como o primeiro teatro no contexto europeu, sendo a sua construção baseada numa bancada escavada no terreno e um espaço de palco/ Cenário. Nesse mesmo período, os Romanos começam também a construir e desenvolver teatros influenciados pelos 'Teatros Gregos', dos quais tiraram grande parte dos modelos. Apesar de ser



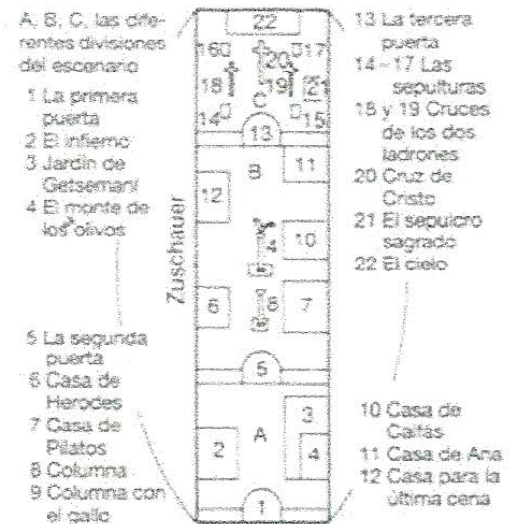
'Teatro de Dionisios', Atenas, 452/330 a.C - Fig 1



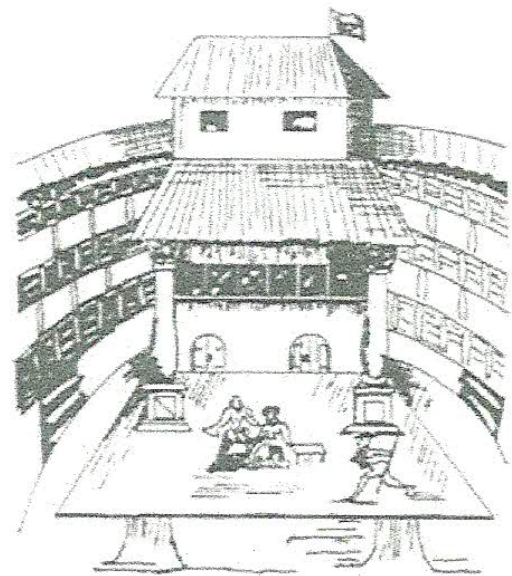
'Teatro de Marcelo', Roma, 11 a.C (planta) - Fig 2

totalmente baseado nos moldes gregos, o Teatro Romano criou as suas próprias inovações baseadas nos diferentes tipos de espectáculos desenvolvidos pelos Romanos. Neste período surge a criação do espaço para a colocação de músicos de apoio ao espectáculo, espaço esse que mais tarde virai a designar-se como “Fosso de Orquestra”. O “Teatro de Marcelo” em Roma surge como representação dos novos ideais para o espaço e surge como o primeiro teatro construído completamente em pedra na cidade de Roma, já que grande parte dos teatros da época eram construídos em madeira ou eram escavados no terreno.

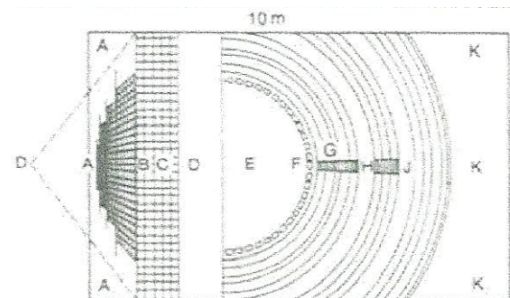
Com o início da expansão do Cristianismo, o teatro acabou por perder o apoio, sendo considerada uma arte pagã. Desta forma, as representações teatrais foram totalmente extintas em grande parte dos países cristãos. O teatro manteve-se em países como Inglaterra (onde o cristianismo não assumia uma vertente tão extremista) onde surgiram espaços destinados a representação e realização de diversos eventos. Grande parte destes espaços, eram construídos em madeira e assumiam um carácter temporal. O renascimento do teatro surge através da própria igreja, durante a Era Medieval. Esta alteração da igreja em relação ao teatro deve-se em grande parte à representação da história da ressurreição de Cristo e divulgação dos ideais da igreja. A partir deste momento, o teatro era utilizado como veículo de propagação de conteúdos bíblicos. Os espaços assumiram na



Planta_Teatro temporal da Idade Média - Fig 3



'Swan Theatre' em Londres - Fig 4

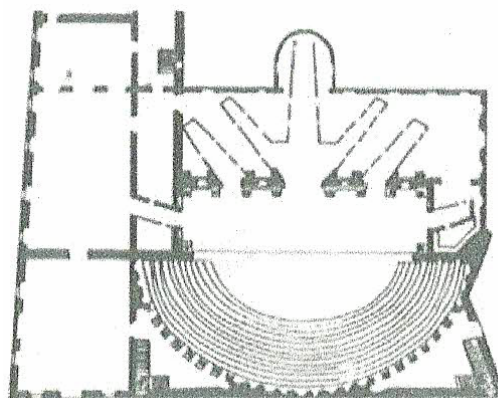


'Teatro de Sebastián Serlio', 1545 - Fig 5

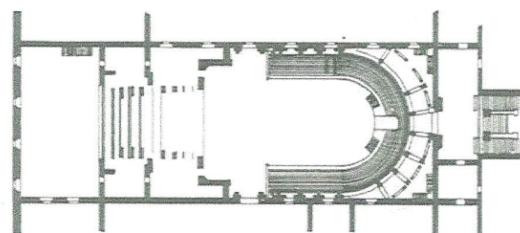
mesma uma tipologia de baseada na construção de estruturas de madeira temporárias.

A partir do século XV, surgiram as primeiras trupes teatrais que se agregavam aos domínios de senhores, nobres e reis. Neste período surge também uma fase de recuperação do ideal do espaço teatral como edifício permanente e como ponto central para a realização de diversos espectáculos. A construção de teatros com a capacidade de receber os diversos grupos teatrais, a preocupação com o espaço de palco e a relação entre o público e o artista torna-se cada vez mais evidente. Em 1585 surge o "Teatro Olímpico de Vicenza" pela mão dos arquitectos 'Andrea Palladio' e 'Vicenzo Scamozzi', sendo este um dos primeiros teatros do período do Renascimento que assume uma construção fixa. Neste teatro é evidente a preocupação no desenho da plateia e o desenho do palco, onde surgem várias preocupações com o funcionamento e dinamismo do espaço que ira receber espectáculos. Em 1687 surge o "Teatro de la Comédie Française" em Paris, que aparece como um espaço de características diferentes dos seus antecessores e marca um ponto de viragem na forma como é desenhada a sala de espectáculos. Este teatro apresenta uma tipologia de planta onde a plateia passa a desenvolver-se em ferradura (a italiana).

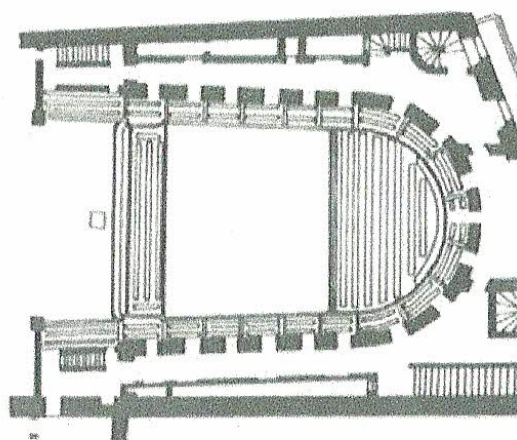
Foi em Itália que o teatro renascentista rompeu com as tradições do teatro medieval através de uma reinterpretação das estruturas teatrais. A partir do século XVII, através da



'Teatro Olímpico de Vicenza', 1585 (Planta)
Arqs.: Andrea Palladio e Vicenzo Scamozzi;
Fig6



'Teatro Farnese' em Parma (Itália), 1618 - 1628
(Planta); Arq.: Giovanni Battista Aleotti
Fig7

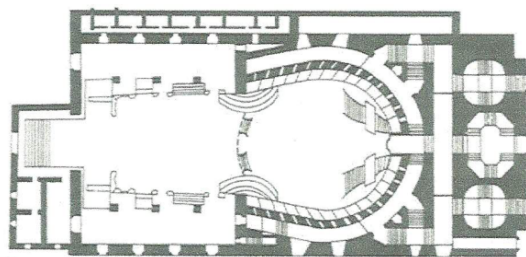


'Antigo Teatro de la Comédie Française'
de Paris, 1687 - 1689
Fig 8

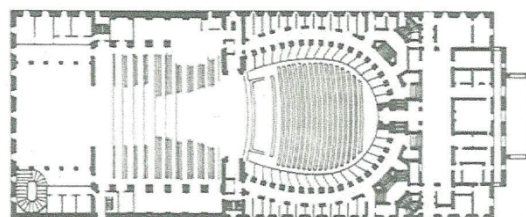
construção do “Teatro Farnese” em Parma, são trabalhados os primeiros mecanismos de cena e os espaços funcionais anexos aos espaços nucleares do teatro.

Durante o Século XVIII a evolução e o estudo do espaço destinado ao teatro foi contínuo. Espaços como o “Teatro San Carlo” em Nápoles e o “Teatro La Scala” em Milão surgem como o expoente máximo do novo conceito de espaço para o teatro e em concreto para sala de espectáculo. A plateia desenvolve-se em ferradura ligada ao palco que por sua vez assume uma maior dimensão relativamente aos antigos teatros. O palco passa a desenvolver uma complexa mecânica de cena de forma a manusear cenários e iluminação. Surge também a preocupação com a definição de espaços como o foyer, áreas técnicas e bastidores. Um dos mais claros exemplos do estudo e desenvolvimento do Foyer é a “Grande Opera de Bordéus” onde surge o foyer como espaço introdutório que acolhe grande parte do público num espaço de acesso a sala principal. A decoração do interior da sala de espectáculos é extensamente desenvolvida neste período claramente influenciada pelo Período Barroco.

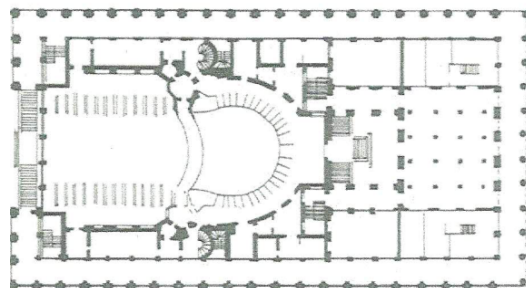
No século XIX as inovações cénicas, infra-estruturais e formais dos teatros continuaram. Ao mesmo tempo inicia-se um processo de revivalismo das formas adoptadas no Período Clássico (Grego e Romano), principalmente ao nível do estudo e desenho da plateia. O “Teatro dos Festivais de Bayreuth” é um claro exemplo do abandono da plateia/ sala em ferradura “a



'Teatro San Carlo' em Nápoles (Itália), 1737
Arqs.: António Medrano e Angelos Carsale
Fig 9



'Teatro La Scala' em Milão (Itália), 1779
Arq.: Piermarini – Fig 10

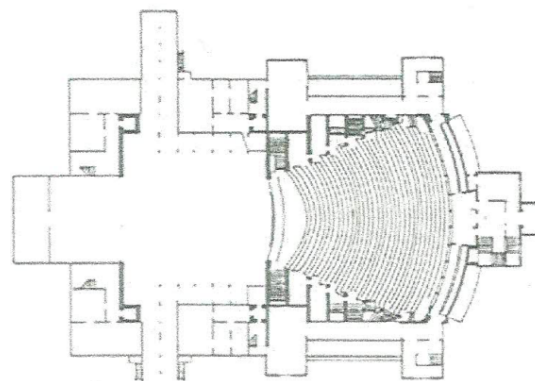


'Grande Opera de Bordéus', 1778;
Arq.: Victor Louis - Fig 11

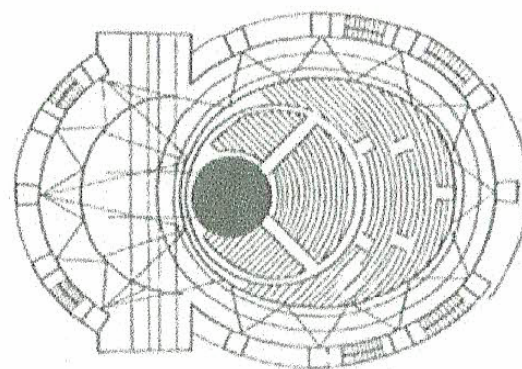
italiana” e a recuperação do ideal do Teatro Clássico.

O desenvolvimento dos teatros continua durante finais dos séc. XIX e séc. XX, principalmente devido ao desenvolvimento tecnológico e ao desenvolvimento da sociedade em geral. O projecto (proposta) para o “Teatro Total”, da autoria do arquitecto Walter Gropius, surge como um espaço totalmente inovador ao nível das dinâmicas de funcionamento e ao nível da tecnologia aplicada. A dinâmica criada na composição da plateia, que pode assumir diversas configurações, e do palco que se pode colocar em diversas posições, vem reinterpretar o ideal de sala de espectáculo e a organização de um teatro. A própria planta oval da sala proporciona uma nova interpretação do espaço ao mesmo tempo que permite a colocação de projectores e sistemas de iluminação no perímetro da sala. A criação de novas dinâmicas no espaço permite um espectáculo mais activo e actual, inserido num contexto da sociedade que ira desfrutar do equipamento. Durante este período (século XX) é evidente a evolução dos teatros principalmente ao nível do desenho do edifício e a evolução dos componentes cénicos, sendo que grande parte da diversidade parte do desenho do arquitecto e das suas diversas influencias.

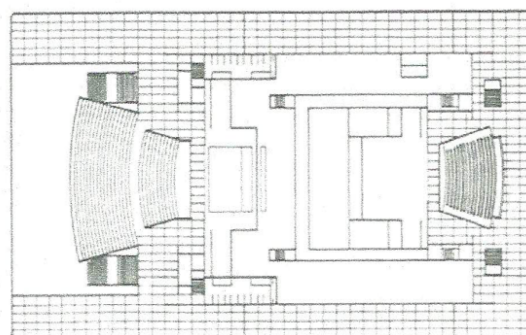
Na actualidade, os teatros assumem uma enorme complexidade ao nível técnico, funcional e formal. Os estudos da acústica, mecânica de cena, funcionalidade e conforto representam parte de um desenvolvimento gradual ao longo



'Teatro dos festivais de Bayreuth', 1876; R. Wagner
Arq.: O. Bruckwald
Fig 12



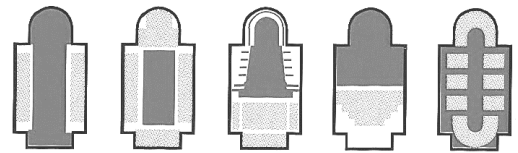
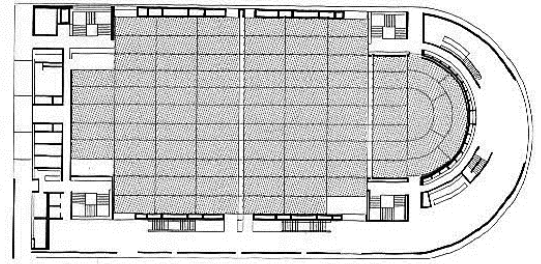
Projecto para o 'Teatro Total', 1927;
Arq.: Walter Gropius – Fig 13



Projecto para o concurso do 'Teatro Nacional de Mannheim', 1953; Arq.: Mies van der Rohe
Fig 14

dos tempos. A inserção de novas tecnologias de projecção e simulação tridimensional são cada vez mais exigentes ao nível das condições técnicas da sala de espectáculos. São claras as influências dos teatros Gregos e Romanos ao nível da tipologia em vários casos, assim como os teatros do período do Renascimento e Barroco, principalmente no que diz respeito a decoração e caracterização do interior da sala de espectáculos.

O espaço actual do Teatro é resultado da evolução e definição de novos conceitos ao longo dos tempos que criaram uma estrutura base. De forma a desenvolver um teatro na actualidade é fundamental perceber o contexto e definir novos parâmetros inovadores de forma a adaptar-se a uma nova sociedade e uma nova tipologia de espectáculo que se encontra em constante evolução.



'Teatro Schaubühne de Berlim', 1975-1981;
Arq.: Jurgen Sawade - Fig 15

Sala de espectáculos

Estudo do espaço

O projecto de reabilitação do Teatro Valadares pretende reinterpretar todo o edifício e a sala de espectáculos existente, desenvolvendo uma dinâmica actual, adaptada aos diversos espectáculos e com capacidade de adaptação a diversas funções. Desta forma, pretende-se que o teatro tenha a capacidade de adaptar-se a diversas funções mantendo a sua imagem própria.

O estudo dos diferentes tipos de sala relacionado com os vários tipos de espectáculos permite perceber de que forma se torna possível adaptar os vários ideais no mesmo espaço.

Torna-se também fundamental perceber os principais componentes da organização do teatro – Foyer, Plateia, Palco, Bastidores/ Área técnica. Esta estrutura base do teatro é o princípio para o desenvolvimento de novos espaços ligados ao ideal clássico da organização dos Teatros. Para além do estudo dos diversos espaços, é fundamental perceber dois dos principais componentes técnicos relacionados com o projecto cénico teatro - acústica e mecânica de cena.

Função do espaço

Teatro

O Teatro pode ser definido como o espaço destinado a representação de peças teatrais, espectáculos dramáticos, reuniões, apresentações, etc. O Teatro é caracterizado pela dinâmica de palco e bastidores, interacção com o público e complexa estrutura cénica e acústica. A ligação entre o público e o palco é fundamental para o desenvolvimento da performance do artista e para a percepção do espectáculo por parte dos espectadores. A configuração do espaço cénico baseia-se geralmente na criação de uma plateia ligada ao palco, sendo que, em vários exemplos surge entre estes dois elementos o fosso de orquestra de apoio ao espectáculo. A relação entre os bastidores e o palco é directa de forma a facilitar os movimentos dos actores durante as peças de teatro e são definidos percursos para entradas e saídas de cena, facilitando a utilização do equipamento. A plateia é geralmente composta por lugares sentados dispostos na sala, de forma a ter uma perfeita percepção do espectáculo, sendo que, podem também existir espaços com cadeiras amovíveis de forma a criar espaços mais dinâmicos adaptados diferentes espectáculos.

A organização e funcionamento do espaço surge como base para o desenvolvimento de qualquer tipo de sala de espectáculo na actualidade.



Teatro Circo de Braga – Fig 16

Sala de Concertos

A Sala de Concertos surge da necessidade de desenvolver um espaço com características técnicas próprias para receber concertos sinfónicos, etc. A partir do surgimento dos primeiros grupos sinfónicos, na segunda metade do séc. XVIII, a sociedade sentiu a necessidade de ter um local com melhor acústica e com capacidade para apresentações dos novos e maiores grupos de músicos, sendo que, apenas no início do séc. XIX foram inaugurados teatros específicos para a música em Viena e Dresden. No séc. XIX as diversas "Filarmónicas" e "Orquestras Sinfónicas", realizavam os seus espectáculos em teatros líricos ou de Ópera, onde a acústica favorecia a música.

A sala de concertos apresenta uma configuração semelhante aos teatros, sendo que as questões acústicas surgem de forma muito mais desenvolvida. A criação de conchas acústicas no palco e estruturas de controlo do som na plateia são os mais importantes elementos do espaço destinado a concertos de música.

Com o passar dos tempos, o espaço destinado a concerto evolui segundo os diversos géneros músicas de forma a poder receber todo tipo de espectáculos, desta forma existe actualmente uma grande variedade de espaços de várias dimensões e destinados a diversos tipos de música.



Centro Cultural Olga Cadaval - Fig 17



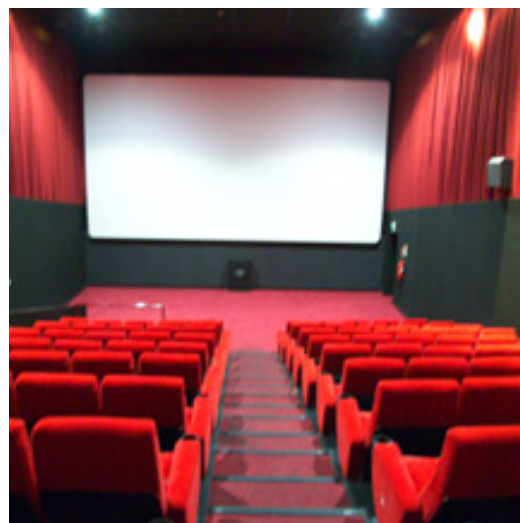
Pavilhão Atlântico – Lisboa - Fig 18

Cinema

O cinema é na actualidade um dos principais espaços culturais funcionando como um espaço criador de dinâmicas de funcionamento e desenvolvimento. O fenómeno do cinema abrange todo tipo de público e representa uma parte importante em qualquer estrutura urbana.

Pode definir-se a sala de cinema como sendo qualquer sala onde ocorrem projecções de filmes, sendo que actualmente o desenvolvimento destes espaços exige um estudo da acústica, conforto, segurança e técnicas de reprodução dos filmes. O surgimento de filmes em três dimensões requer a preparação dos cinemas para esta nova tecnologia. Na sala de Cinema os filmes são projectados numa grande tela colocada diante da plateia através de um projector colocado no fundo sala. O sistema de som de alta definição é composto por diversos pontos colocados por toda a sala.

A sala de cinema é actualmente, assim como qualquer teatro ou sala de concerto, um espaço tecnicamente complexo e versátil, principalmente ao nível dos tipos de espectáculo e eventos realizados neste espaço.



Sala de Cinema – Estação Viana Shopping
Viana do Castelo – Fig 19



Sala de Cinema – Estação Viana Shopping
Viana do Castelo – Fig 20

Caracterização dos Espaços

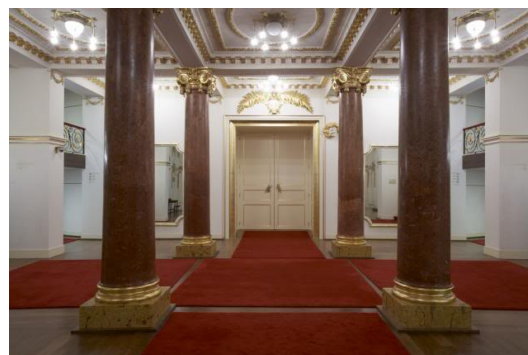
Composição Base do Teatro

Foyer

O Foyer pode ser definido como o espaço introdutório localizado antes da plateia onde o público é recebido e distribuído para os diversos pontos de entrada na plateia. Este espaço surge durante o período do Renascimento e o período Barroco como sendo uma zona de entrada onde o público se encontrava, antes e depois do espectáculo e onde existiam convívios entre as pessoas. O foyer representa um dos principais espaços na organização do espaço sendo um espaço de convívio e organização funcionando como a primeira parte da estrutura base do teatro onde o público é distribuído para o interior da sala de espectáculos.

Este espaço introdutório apresenta normalmente uma iluminação suave de forma a proporcionar ao espectador uma preparação para o espectáculo e deve ter a capacidade de albergar praticamente a totalidade do público presente na sala de espectáculos. Este espaço encontra-se geralmente ligado as instalações sanitárias, bar, bilheteira, bengaleiro e segurança.

O Foyer é fundamental na organização do teatro, definição de dinâmicas de funcionamento e controlo dos espectadores antes, durante e depois de qualquer espectáculo sendo essencial em qualquer intervenção garantir o seu correcto funcionamento em todas as vertentes.



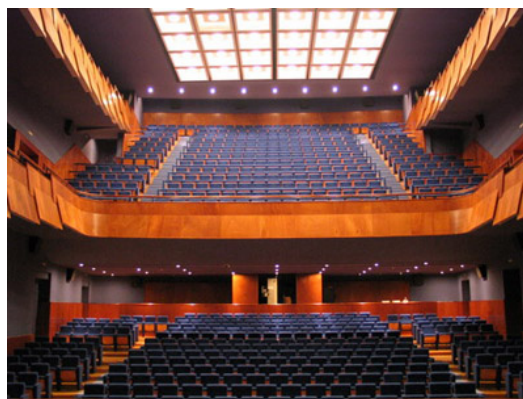
Foyer_ Teatro Circo de Braga - Fig 21

Plateia

A plateia surge como o segundo espaço que compõem a estrutura base, sendo o principal espaço destinado ao público geral onde se coloca este de forma a assistir ao espectáculo.

Este espaço pode assumir diversas tipologias sendo que o principal objectivo é permitir a qualquer espectador ter uma visão perfeita para espectáculo e um conforto adequado. A plateia pode ter inclinação ou desenvolver-se numa sala plana, sendo que a sala sem inclinação é característica dos teatros de pequena dimensão. No caso de existir inclinação na plateia, esta deve ser devidamente dimensionada. A plateia pode também ter diversos balcões onde podem surgir camarotes. Na actualidade a plateia deve estar adaptada as novas leis da acessibilidade e deve ter um plano de funcionamento e um plano de emergência.

O estudo da acústica na plateia é fundamental e de grande importância. Todos os revestimentos e elementos que surgem na sala devem responder a um conjunto funcional. A iluminação também é controlada de forma a ambientar o público no interior da sala antes e depois do espectáculo. A sala de projecção situa-se nas costas da plateia seguindo o eixo do palco. A plateia é o principal espaço do teatro para o público, sendo necessário projectar este espaço de forma a responder a todas as características técnicas, acústicas, de conforto e segurança.



Plateia_ Teatro Aveirense (Aveiro) – Fig 22



Plateia_ Teatro Circo de Braga – Sala secundária
Fig 23



Plateia_ Teatro académico Gil Vicente(Guarda)
Fig 24

Palco

O palco pode ser definido como sendo a área de cena na qual o artista desenvolve a sua performance, é o espaço onde o espectáculo é visto. Este espaço não tem limites laterais definidos e é caracterizado pela sua versatilidade. A boca de cena define a abertura da área de encenação, sendo que o palco pode também ser definido a partir das linhas de visão do espectador, numa relação com a área de cena proposta pela cenografia.

A área de palco é geralmente definida pela medida da boca de cena, já que a área de palco deve assumir uma profundidade no mínimo igual à boca de cena criando desta forma um espaço de forma quadrangular, o que facilita o trabalho e a definição das diversas estruturas cénicas elaboradas pelos encenadores. O espaço de palco deve estar equipado com uma 'Caixa de Cena' que contempla todos os mecanismos necessários ao espectáculo. Esta estrutura deve ter um sub-palco e uma estrutura superior com capacidade de suportar todo tipo de cenário. O acesso a caixa de cena é realizado através de uma varanda técnica e devesa ter um acesso independente. As questões relacionadas com a iluminação e acústicas estão também ligadas a esta estrutura de palco.

Desta forma, o palco surge como espaço onde são realizados os espectáculos e apresenta uma complexa estrutura cénica de apoio ao espectáculo.



Vista a partir do Palco_ Teatro Circo de Braga
Fig 25



Palco_ Teatro de Vila Real – Fig 26

Bastidores

Os bastidores podem ser definidos como a área de apoio ao palco onde os artistas se preparam para o espectáculo e o local onde surgem as diversas áreas técnicas de apoio ao palco e os espaços de trabalho e depósito. Os bastidores podem assumir uma grande complexidade, principalmente ao nível da organização e relação com o palco. O acesso directo ao palco é fundamental para o funcionamento de qualquer espectáculo permitindo ao artista, realizar se necessário, rápidas alterações de figurino durante o espectáculo. Os bastidores devem estar equipados com camarins colectivos e individuais, instalações sanitárias, espaços de arrumos, oficinas e áreas técnicas. Os bastidores devem ter um acesso próprio ao exterior do teatro que por vezes também pode servir como espaço de acessos administração que pode estar localizada próxima dos bastidores. Os percursos no interior dos bastidores devem ser pouco complexos e directos aos diversos espaços.

A área de bastidores é fundamental para a preparação do espectáculo e para o correcto funcionamento de todo teatro. Este espaço encerra a estrutura base do teatro composta pelo Foyer, plateia, palco e bastidores criando desta forma uma base estrutural que funciona de forma clara e organizada segundo a utilização de um teatro.

Componentes Técnicos

Projecto Cénico

O Projecto Cénico define os meios cénicos a implementar na sala de espectáculos. Este projecto aplica-se ao palco e a plateia de forma a desenvolver um conjunto funcional. O projecto cénico é definido pelos seguintes elementos:

Mecânica de Cena – A estrutura é composta por: estrutura base de suporte, teia, falsa-teia, varas, contrapesos, carretos, cortinas, piso do palco, plataforma do fosso de orquestra, estrutura de suporte de cenários, varandas técnicas, etc.

Iluminação cénica – O estudo da iluminação contempla a distribuição de circuitos, calhas electrificadas, torres de iluminação, definição do órgão de luzes, projectores e iluminação na plateia. Todos estes elementos podem ser controlados através da régie ou através da área técnica do palco.

Acústica de Cena – Este projecto deve contemplar um estudo de materiais a utilizar na composição do palco e plateia, definição da concha acústica no palco, estudo de propagação do som, distribuição de boxes de captação, PA no palco, definição da mesa de mistura (situada na régie e/ou lateral do palco), processos de sinal, leitores, microfones e colunas de som.

Acústica

A acústica é um dos mais importantes elementos de qualquer Teatro, é o factor que define a qualidade e o correcto funcionamento do espaço para todos os utilizadores – Público e Artistas.

A acústica centra-se no estudo do som e dos diversos componentes relacionados com a propagação das ondas sonoras no espaço que pode apresentar diversas tipologias ou formas. O projecto de acústica estuda a propagação das ondas sonoras e o comportamento das várias superfícies, procurando um equilíbrio entre absorção e reflexão das ondas sonoras de forma a garantir um bom comportamento acústico, independentemente da localização do receptor no interior do espaço. As ondas sonoras apresentam uma trajectória irregular e instável, desta forma torna-se necessário direccionar ou absorver essas mesmas ondas sonoras. Os materiais seleccionados e configuração da sala de espectáculos permite um maior controlo do som no interior do espaço, sendo importante a selecção dos materiais com capacidades de absorção, reflexão e isolamento, dependendo da situação ou do local onde será aplicado.

De forma a controlar a acústica no palco são criadas conchas acústicas reguláveis com capacidade de adaptação a qualquer espaço. A configuração da sala (Tipologia), as paredes e o tecto representam factores importantes no tratamento acústico. As cadeiras da plateia devem apresentar um correcto comportamento acústico.



Elementos Reflectores de um auditório – Fig 27



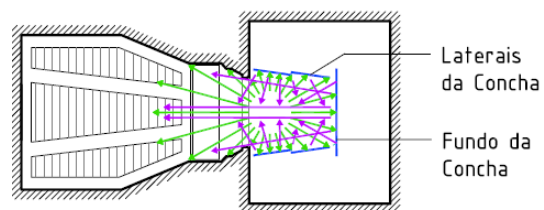
Estrutura acústica da Plateia_Teatro Municipal de Bragança – Fig 28

Concha Acústica

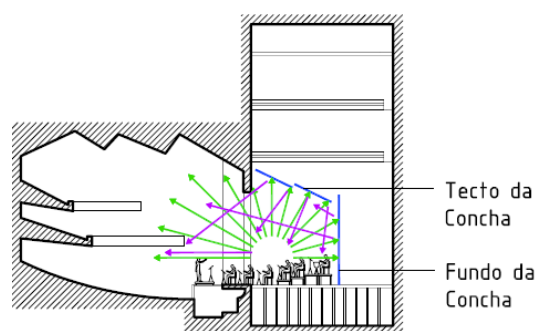
A Concha Acústica é um equipamento cénico montado no palco de forma a que se possam realizar concertos e outros espectáculos com um correcto comportamento acústico do espaço sendo possível montar e desmontar este equipamento segundo a sua utilização.

As conchas acústicas são constituídas por paredes laterais, parede de fundo e tecto, em material reflector acústico, envolvendo a área útil de palco. Estes elementos devem ser oblíquos entre si, em ângulos criteriosamente definidos de forma a garantir os níveis de reflexão e reverberação adequados, proporcionando melhor audição ao público e músicos. Este equipamento deve permitir diversas configurações estando sempre de acordo com a definição do palco.

Tendo em consideração que a generalidade dos instrumentos emitem som em todas as direcções e que parte desse som é perdido através da caixa de palco este equipamento permite direccionar o som perdido garantindo uma maior eficiência. O conforto acústico no palco é fundamental para que os músicos se possam ouvir bem e de forma a conseguirem tocar em harmonia, logo a concha acústica vem controlar o som emitido sobre o palco. A caixa de palco apresenta um mau comportamento acústico, logo a Concha Acústica surge como solução para controlar o som, fazendo com que os níveis de reverberação sejam adequados aos espectáculos realizados.



Planta – Funcionamento da concha acústica
Fig29



Corte – Funcionamento da concha acústica
Fig 30



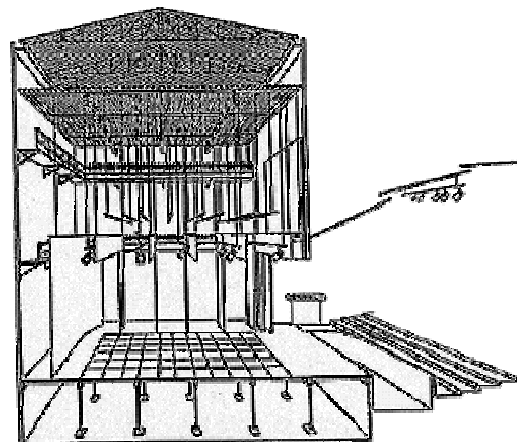
Palco com Concha acústica – Auditório Municipal de Lagoa – Fig 31

Caixa Cénica

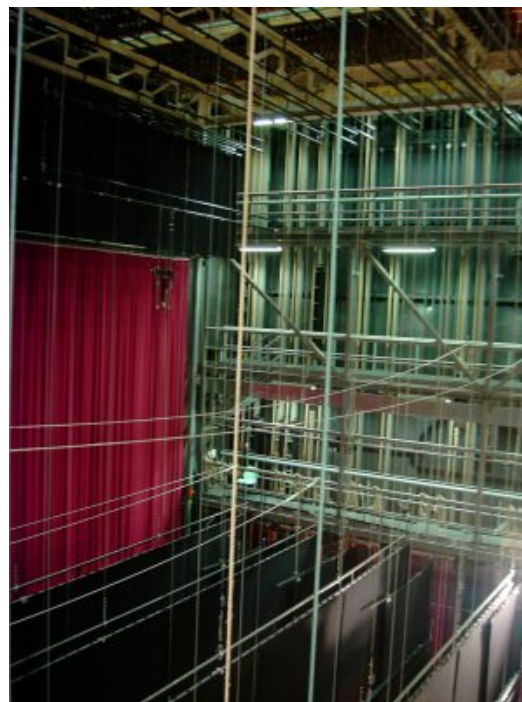
A Caixa Cénica é uma estrutura técnica situada na zona de palco que serve de apoio e instalação de grande parte de elementos da mecânica de cena. A altura da caixa de cena é dimensionada de forma a ter um pé direito no mínimo duas vezes a altura da boca de cena, sendo seu limite superior uma grelha metálica. No interior da caixa de cena não se deve condicionar o ar já que normalmente, os actores aquecem a voz e o corpo antes de entrar em cena logo o arrefecimento ou movimento forçado do ar neste espaço poderia provocar situações prejudiciais à saúde dos mesmos. A circulação de ar dentro da caixa provocaria também movimentação das vestimentas, cenários e equipamentos de luz instalados.

A parte superior da caixa de cena, situada sobre o palco e acima do ângulo de visão do espectador, tem como limite superior uma grelha onde estão fixados recursos técnicos, tais como roldanas que vão permitir o deslocamento das varas de luz e cenário. Este espaço tem como função abrigar os cenários que farão as mudanças das cenas e permite também a instalação de equipamentos de luz, efeitos, montagens de maquinarias e espaços para manobras de efeitos especiais.

A estrutura superior é também equipada com varandas que funcionam como passadiços situados nas paredes laterais da caixa cénica. Estes espaços tem a função de manipular os cenários, equipamentos e manobras especiais



Esquema de uma Caixa Cénica – Fig 32



Caixa Cénica – Teatro Municipal São Luiz
Fig 33

instaladas nas varas. São geralmente instaladas duas varandas, a primeira é instalada acima do nível da boca de cena e a segunda situa-se junto a grelha superior. Na primeira varanda são controladas as mudanças dos cenários e na segunda junto ao nível abaixo da grelha são controlados os carros de contrapeso e os mecanismos utilizados na manipulação dos cenários e equipamentos instalados. As paredes laterais da caixa onde se fixam as guias dos carros de contrapeso no sistema são chamadas 'parede de maquinaria' e define a altura da caixa cénica.

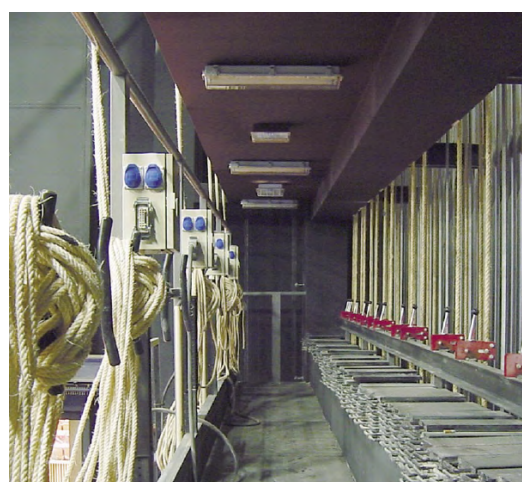
Os espaços laterais da caixa cénica, tem a função de albergar os cenários que entram e saem de cena. É o espaço onde os artistas iniciam a sua preparação e onde se situa o espaço de direcção interna da cena e concentração de técnicos operadores. Este espaço deve ter dimensões consideráveis de forma a receber espectáculos mais dinâmicos e criativos.

O Sub Palco representa a parte inferior da caixa cénica e tem como função à continuação do palco como espaço cénico e a colocação de espaços técnicos. Quando o piso do palco é montado em placas amovíveis, este espaço é preenchido por sistemas de elevação hidráulicos.

Dentro dos vários elementos técnicos encontra-mos a iluminação cénica. A iluminação exige cuidados quanto a passagem de cabos e equipamentos como reflectores e mesas de comando. Os vários sistemas de iluminação colocados deverão prover uma grande



Estrutura da Caixa Cénica – Teatro de Vila Real
Fig 34



Mecanismos da Caixa Cénica-Teatro de Vila Real
Fig 35

variedade de configurações da luz de cena, o que potencia a criatividade dos diversos espectáculos.

A estrutura da caixa cénica é fundamental para o funcionamento de qualquer tipo de sala de espectáculo. Dependendo do contexto, a caixa cénica pode adaptar-se a diversas situações funcionando de forma simples e cumprindo os requisitos adequados aos diversos espectáculos.



Caixa Cénica – Teatro Municipal de Bragança
Fig 36

Capítulo IV _ Fichas de Análise

Análise de Teatros

No âmbito da investigação forma seleccionando três exemplos de intervenções, inseridas num contexto específico relacionado com o tema teatros e reabilitação. Os exemplos seleccionados foram o Teatro Helena Sá e Costa no Porto, Casa das Artes de Felgueiras e o Teatro-Cinema de Fafe, sendo que todos estes exemplos apresentam diferentes intervenções que permitem perceber as diversas abordagens ao espaço teatro. O Teatro Helena Sá e Costa desenvolve-se no interior de um edifício preexistente recuperando o espaço de forma muito característica e funcional adaptando um determinado espaço. O projecto para a Casa das artes de Felgueiras centra-se na recuperação parcial e ampliação de um edifício preexistente alterando alguns elementos mantendo uma organização característica e criando novas condições na sala de espectáculos. O projecto do Teatro-Cinema de Fafe surge como uma recuperação integral dos espaços que caracterizam o edifício e a ampliação surge como um complemento dinamizador para o edifício. Os três projectos surgem como propostas de reabilitação diferentes inseridas num contexto de dinamização do edifício.

As fichas elaboradas abordam sete temas: contextualização, breve descrição, programa, organograma, tipologia, funcionamento, acústica, mecânica de cena e materiais; desta forma pretende-se elaborar um estudo base para o posterior desenvolvimento da proposta para o teatro Valadares.

Ficha 1**Projecto:** Teatro Helena Sá e Costa (Escola Superior de Musica e Artes do Espectáculo)**Local:** Rua da Alegria, 503 – Porto**Autor:** Arq. Filipe Oliveira Dias**Data Inicio da obra:** 1996**Data conclusão da obra:** 1999**Contextualização:**

O Teatro Helena Sá e Costa, inaugurado no dia 19 de Maio de 2000 pertence ao Instituto Politécnico do Porto. Situado na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo na Cidade do Porto surge actualmente como um espaço de referência para a realização de diversos espectáculos, congressos, assembleias ou outro tipo de actividade.

Este espaço tem como missão divulgar e fomentar as Artes, enquanto ferramentas do processo do conhecimento e do crescimento integral do indivíduo, nas vertentes da dança, música e teatro, potenciando a revelação de novas tendências e suportando movimentos de projectos artísticos embrionários dentro e fora da instituição a que pertence.

Os objectivos passam por organizar projectos artísticos capazes de captar novos segmentos de públicos e ao mesmo tempo desenvolver uma dinâmica de animação do centro histórico da cidade do Porto. A estratégia passa pela apresentação de novas criações e de novos criadores, acolhimento de produções exteriores inseridas nas novas linguagens das artes performativas e das produções da ESMAE nas áreas da dança, música e teatro.

A ESMAE encontrava-se em funcionamento num edifício existente, mas não dispunha de



Palco e Plateia _ Teatro Helena Sá e Costa
Fig 37

nenhum espaço para representar as artes que ensinava. O Teatro Helena Sá e Costa adoptou o nome da pianista portuguesa que contribuiu significativamente para o desenvolvimento cultural e que ainda hoje surge como referência na formação de novas gerações de artistas.

Breve descrição:

O desenvolvimento deste projecto baseia-se na necessidade de criar um espaço que possibilitasse a apresentação e desenvolvimento de diversos espectáculos.

No desenvolvimento do projecto de reabilitação de todo o edifício onde se inseriu surgiu a ideia de utilizar o pátio central para a criação do Teatro. Inicialmente a proposta consistiu numa solução simplista que incluía apenas a criação de uma cobertura, contudo a proposta evoluiu para um autêntico teatro.⁹ O ponto de partida para a edificação do teatro tinha severas condicionantes, era imperativo preservar a imagem das belas fachadas que ladeavam o pátio mantendo a identidade do edifício e ao mesmo tempo dotar o espaço de condições técnicas apropriadas. A cobertura deveria permitir trabalhar com luz diurna e também conseguir uma sala com total escuridão.

O orçamento para a realização deste projecto era escasso, logo, estava fora de questão adquirir no mercado os equipamentos correntes de teatro, devido aos preços muito elevados, designadamente ao nível da mecânica de cena.



Plateia _ Teatro Helena Sá e Costa – Fig 38

⁹ «in OLIVEIRA DIAS, Filipe (2004); "15 anos de Obras Publica"; Porto, Editora Campo das Letras»;

Programa:

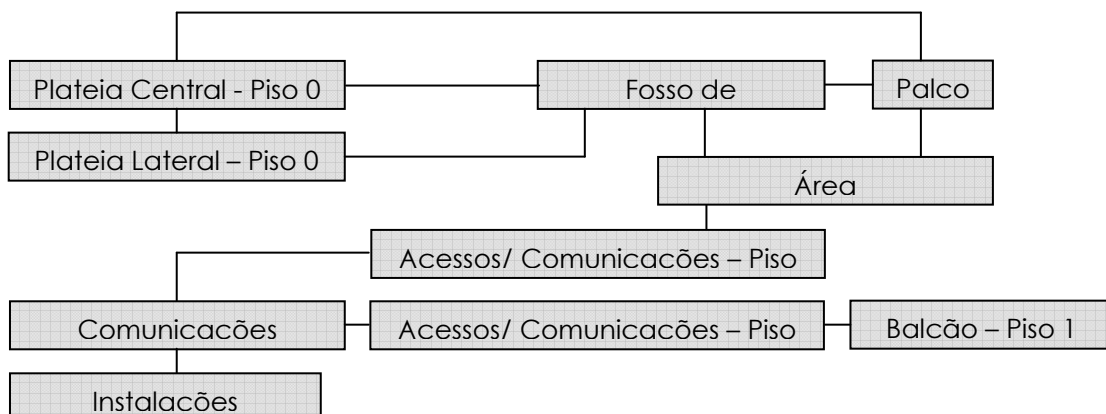
No que diz respeito a definição do programa, o Teatro Helena Sá e Costa centra-se na definição dos espaços básicos para o normal funcionamento e desenvolvimento dos espectáculos a realizar.

O programa centra-se na criação de uma plateia composta por plateia piso 0 e balcão situado no piso 1 com uma capacidade total de trezentos lugares. O palco tem ligação directa a zona Técnica, ao fosso de orquestra e a plateia. A sala de projecção tem condições técnicas que lhe permitem ter total controlo técnico do espectáculo a realizar estando situada no fundo da sala numa sala elevada. A zona técnica tem ligação as oficinas da ESMAE. Os acessos são realizados pelo edifício existente sendo esses acessos a ligação a zona de instalações sanitárias. Programa – Plateia, Balcão, Fosso de Orquestra, Palco, Bastidores, Instalações sanitária, Sala de Projecção (Régie).



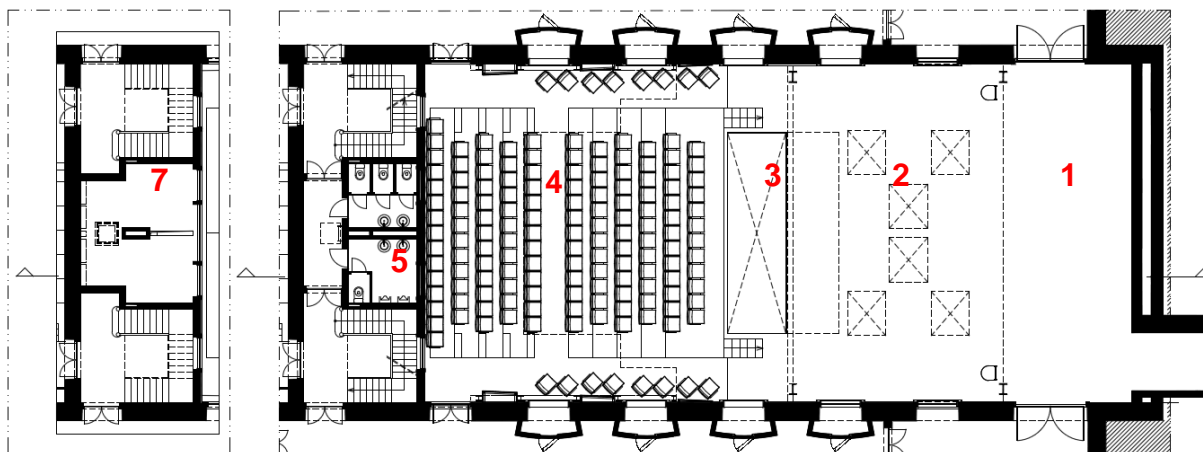
Palco _ Teatro Helena Sá e Costa – Fig 39

Organograma:



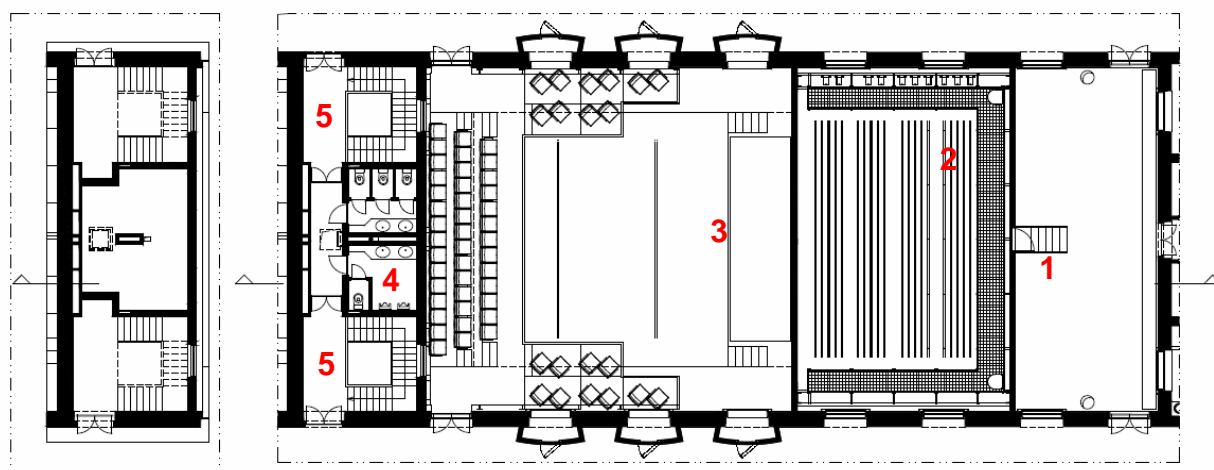
Tipologia:

A Tipologia adoptada para a concepção do teatro deve-se a sua localização no contexto do edifício. O pátio no qual se desenvolveu o teatro apresenta uma planta rectangular sendo os alçados a imagem do edifício existente. A planta desenvolve-se numa estrutura composta por plateia, fosso de orquestra, palco e área técnica. De forma a aproveitar ao máximo o espaço existente adoptou-se a tipologia rectangular para a plateia do piso 0 criando os percursos nas laterais da plateia. Na plateia do piso 0 existem ao mesmo tempo duas zonas destinadas ao público que se encontram ligadas ao palco funcionando como duas varandas nas laterais da sala. A plateia central apresenta a mesma largura da boca de cena permitindo uma leitura de continuidade no conceito de manutenção da forma rectangular que define a sala. A plateia do piso 1 baseia-se numa forma em **U** sobre a plateia do piso inferior. A ligação a área de instalações sanitárias e comunicações verticais é realizada pelos acessos exteriores do teatro integrados no edifício existente.



Planta Piso 0 - Fig 40

1 - Área Técnica; 2- Palco; 3 – Fosso de Orquestra; 4 – Plateia; 5- Instalação Sanitária; 6 – Comunicações verticais; 7 - Sala de Projecção



Planta Piso 1- Fig 41

1- Área Técnica; 2- Palco (Estrutura Cénica); 3 – Plateia/Balcão;
4- Instalação Sanitária; 5- Comunicações verticais.

Funcionamento:

No que diz respeito ao seu funcionamento, a sala permite a realização de todo tipo de eventos. O teatro foi pensado como sendo um espaço que permite diversas configurações e relações entre a plateia e o palco.

A configuração da zona de plateia do piso 0 permite uma maior relação com o palco que se encontra a uma altura mais reduzida de forma a valorizar essa mesma relação. A configuração da zona do fosso de orquestra também permite uma alteração da configuração e funcionamento da sala criando uma barreira ou desenvolvendo uma ligação mais forte.¹⁰

A estrutura modelar utilizando um sistema mecânico de controlo da luz e acústica da cobertura, permite a utilização de luz natural ou luz artificial no interior da sala dependendo da sua utilização. A acústica da sala também pode ser controlada o que permite uma configuração

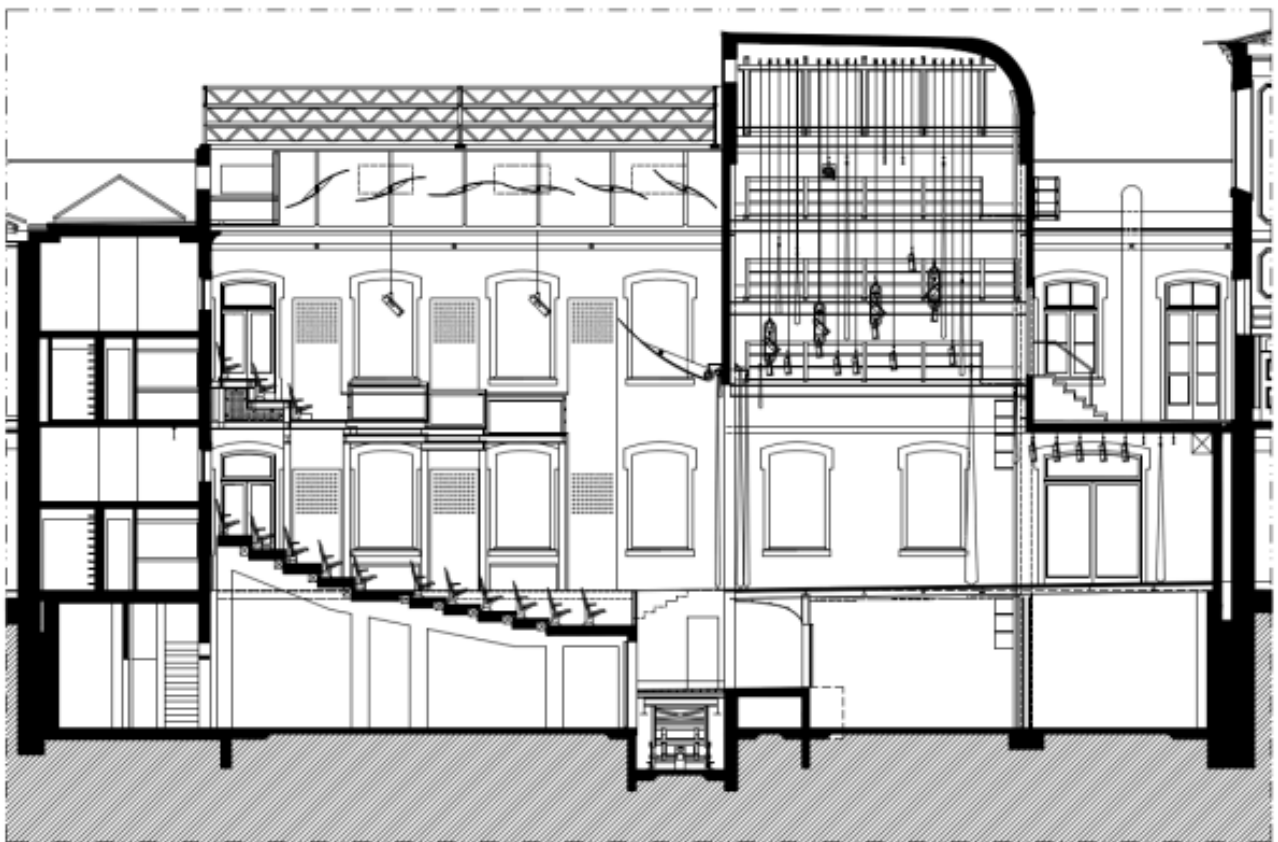


Estrutura do Tecto (Controlo Acústico) Teatro Helena Sá e Costa – Fig 42

¹⁰ «in OLIVEIRA DIAS, Filipe (2004); "15 anos de Obras Públicas"; Porto, Editora Campo das Letras»;

do espaço para diferentes tipos de espectáculo. Toda a configuração da acústica da sala é programada por computador. A estrutura do palco permite a configuração da luz iluminação adaptada a cada espectáculo a mesmo tempo que permite movimentar todo tipo de cenários e mecanismos necessários para espectáculos mais exigentes.

Os acessos a sala são realizados pelas zonas laterais através de corredores do edifício existente sendo que existe uma separação, nesse mesmo corredor, entre a zona de acesso público e a zona técnica. As zonas de instalações sanitárias funcionam no interior do edifício existente ligadas aos corredores laterais de acesso e a zona de comunicações verticais.



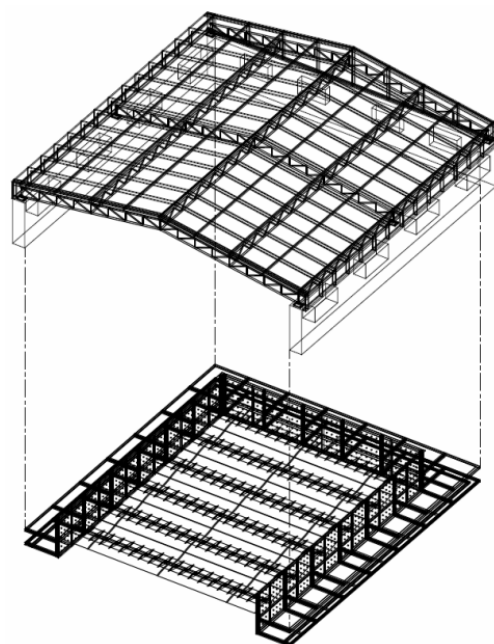
Corte Longitudinal - Fig 43

Acústica/ Mecânica de cena/ Materiais:

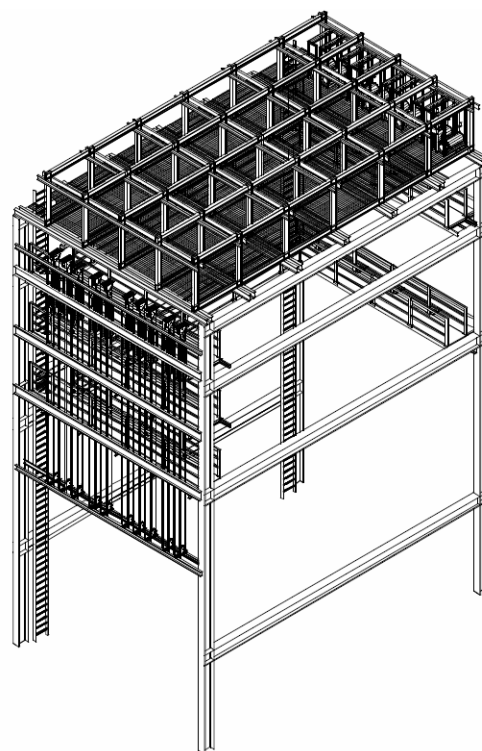
A acústica da sala foi pensada de forma a permitir diversas configurações sem perder a sua boa performance acústica da sala. Foi desenvolvido na cobertura um sistema de palas reguláveis com capacidade de regular a acústica da sala e controlar parte da luz natural.

Os vidros da cobertura apresentam características muito exigentes tais como: caixa-de-ar interna, isolando térmico e acústico, e elevada resistência mecânica. Estes vidros foram produzidos propositadamente. Na estrutura da cobertura foi também colocada na estrutura principal uma cortina numa área de 14 x 17 metros que permite obter um blackout total na sala. Foi colocada na boca de palco, uma pala regulável de forma a compor a dinâmica de acústica segundo a configuração da sala. Toda a acústica da sala é controlada através de computador. Nas paredes laterais do palco foram colocadas estrategicamente painéis acústicos de forma a compensar o facto de se intervir num espaço com fachadas existentes. As cadeiras da plateia, da autoria do arquitecto responsável, também apresentam um elevado comportamento acústico.

A mecânica de cena foi projectada no atelier e construída no local sendo composta por uma estrutura de perfis metálicos independente que suporta todos os mecanismos necessários. A estrutura criada forma uma malha quadrangular que permite a colocação de todo tipo de mecanismos na zona de palco cobrindo toda área de palco.



Axonometria dos níveis de cobertura e do sistema acústico – Fig 44



Axonometria Mecânica de Cena – Fig 45

Ficha 2

Projecto: Casa das Artes – Teatro Fonseca e Moreira

Local: Avenida Magalhães Lemos Margaride – Felgueiras

Autor: Arq. Filipe Oliveira Dias (Reabilitação)

Data Início da obra: 2006

Data conclusão da obra: 2009

Contextualização:

A promoção da vida cultural e artística em Felgueiras tem sido uma das prioridades da autarquia. A Câmara adquiriu em 1997 o edifício do Teatro Fonseca Moreira, a mais famosa casa de espectáculos do concelho, passa que possa ser revitalizada e recuperada. O Teatro foi inaugurado na segunda década do séc. XXI e durante décadas preencheu intensamente a vida cultural e social dos felgueirenses. O Teatro Fonseca Moreira foi inaugurado em 1920 e teve períodos de grande dinamismo. Depois entrou em declínio e acabou por encerrar, mantendo-se fechado durante vários anos.

A Câmara Municipal de Felgueiras pretende voltar a fazer deste marco da história cultural, um espaço dinâmico, onde a arte e o espectáculo possam estar mais perto da população, voltando a ser o pólo cultural. Neste momento, este espaço cultural pretende desenvolver a cultura para população principalmente dos seus jovens, contando já com um grupo de teatro (Teatro Oficina Fonseca Moreira), teatro de rua, espectáculos didácticos para crianças e jovens, dança e música, etc.¹¹

Desde 1997 que a autarquia persegue apoios governamentais para a recuperação de



Alçado Principal - Teatro Fonseca e Moreira
Fig 46

¹¹ «in A.A.V.V.; Arquitectura & Construção n.º 60; Abril/Maio 2010»;

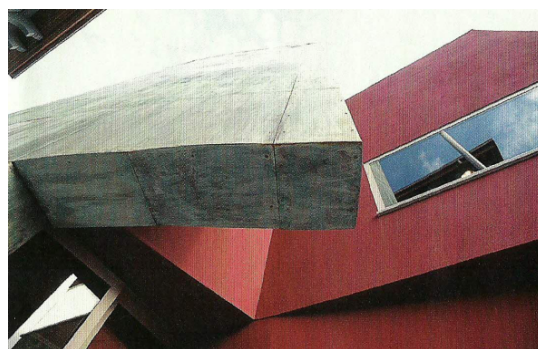
fundo daquele emblemático edifício, mas até ao momento a candidatura não tem sido contemplada.

O teatro Fonseca Moreira é uma referência para muitos felgueirenses de várias gerações. Naquele cenário, já decorreram várias sessões de teatro, música e cinema. Actualmente, o Teatro Oficina Fonseca Moreira desenvolve um trabalho meritório naquele espaço que anualmente é palco do Encontro de Teatro de Felgueiras, uma iniciativa que visa a promoção daquela arte junto dos felgueirenses.

Breve descrição:

A Casa das Artes desenvolve-se em três partes: O novo Teatro, que mantém o nome de Fonseca Moreira e que se situa no edifício a preservar, numa nova edificação, que prolonga a antiga, o Café Concerto, em moldes absolutamente modernos e interligando estes espaços e servindo ambos estará localizado o Foyer, que para além do acolhimento, tem condições espaciais adequadas a exposições temporárias e promoção de interacção cultural. As exposições de arte, ou de qualquer outra natureza, familiarizaram públicos diversificados com os espaços de artes performativas e de lazer e constituem forma permanente de atracção de novos aderentes à acção cultural da Casa das Artes.

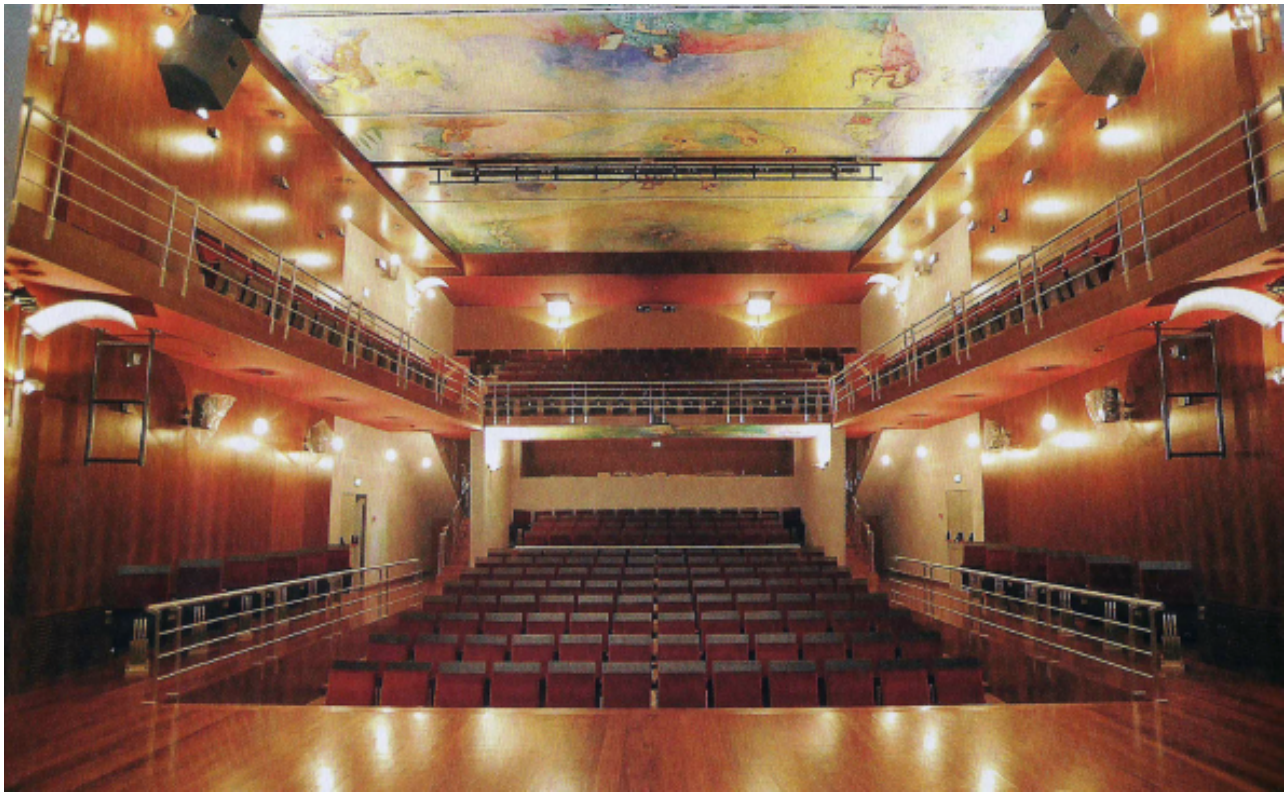
O edifício do antigo Teatro é totalmente reabilitado, mantendo o essencial da fachada, especialmente a que persiste na memória dos felgueirenses. Todavia, no interior, o novo Teatro



Espaço de ligação entre o edifício existente e o espaço de ampliação - Teatro Fonseca e Moreira Fig 47

está completamente separado das paredes exteriores e garante isolamento acústico da rua, assim como permite adequadas soluções acústicas e ambientais, designadamente temperatura, humidade e iluminação, assim como de segurança.

A nova Casa das Artes de Felgueiras proporcionará uma intensa vida artística à cidade e à região, através de grande diversidade programática, potenciada por um equipamento de alta sofisticação. Assim, os mais diversos eventos culturais e artísticos poderão ser realizados num único espaço, com condições técnicas ideais para os promover.



Sala Principal (Plateia) - Teatro Fonseca e Moreira - Fig 48

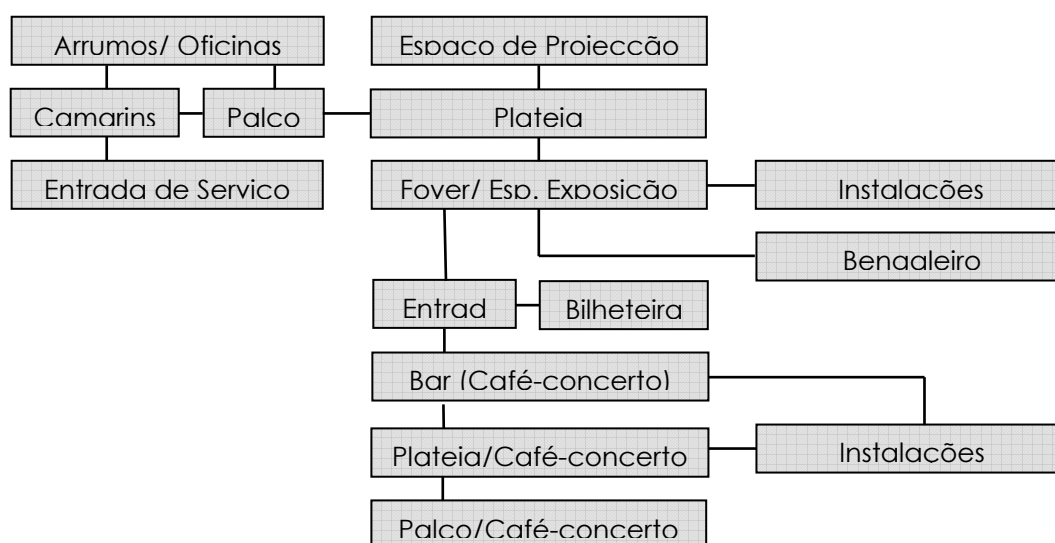
Programa:

O Teatro manteve a sua imagem para a cidade preservando e reabilitando as fachadas exteriores, sendo que, todo o interior será requalificado. O teatro consiste na agregação

dos espaços com actividades conexas, em quatro espaços interligados. O primeiro espaço corresponde a sala de espectáculos composta por uma sala para cerca de 300 espectadores, com um palco "a Italiana" de 120 m². Anexo a zona de Palco foram colocadas as oficinas, os camarins (com capacidade para 24 artistas), os arrumos, acessos a zona de administração, a entrada de serviço e instalações sanitárias. A entrada do edificio faz a distribuição directa para os diversos espaços do teatro. No segundo espaço esta situada a zona de entrada onde se encontra o Foyer que permite receber exposições funcionando desta forma como uma sala de exposições, um conjunto de instalações sanitárias para Homens, Mulheres e Deficientes e o bengaleiro. O terceiro espaço refere-se ao pátio exterior de entrada de acesso ao Foyer e a zona de café-concerto. Este espaço é importante, pois permite a concentração de pessoas antes e depois de espectáculos ou visita a exposição, evitando que as pessoas se concentrem noutros espaços impróprios ao bom funcionamento do equipamento. Neste espaço também se encontra a bilheteira de forma a servir os diversos espaços (Teatro/ café-concerto). O quarto espaço corresponde ao café-concerto, que ocupa o espaço de uma antiga oficina automóvel anexa ao teatro. Com lotação de cerca de 120 lugares sentados dispostos em dois pisos, o Café Concerto alarga o acesso à cultura com recurso à rede Internet. Anexo a este espaço estão um conjunto de instalações sanitárias de forma a servir este espaço.

Programa (Espaços): Entrada Principal, Entrada de Serviço, Bilheteira, Foyer/Exposição, Bengaleiro, Café-concerto, Palco, Plateia, Camarins, Arrumos/Oficinas, Espaço de Projecção, Instalações Sanitárias, Administração.

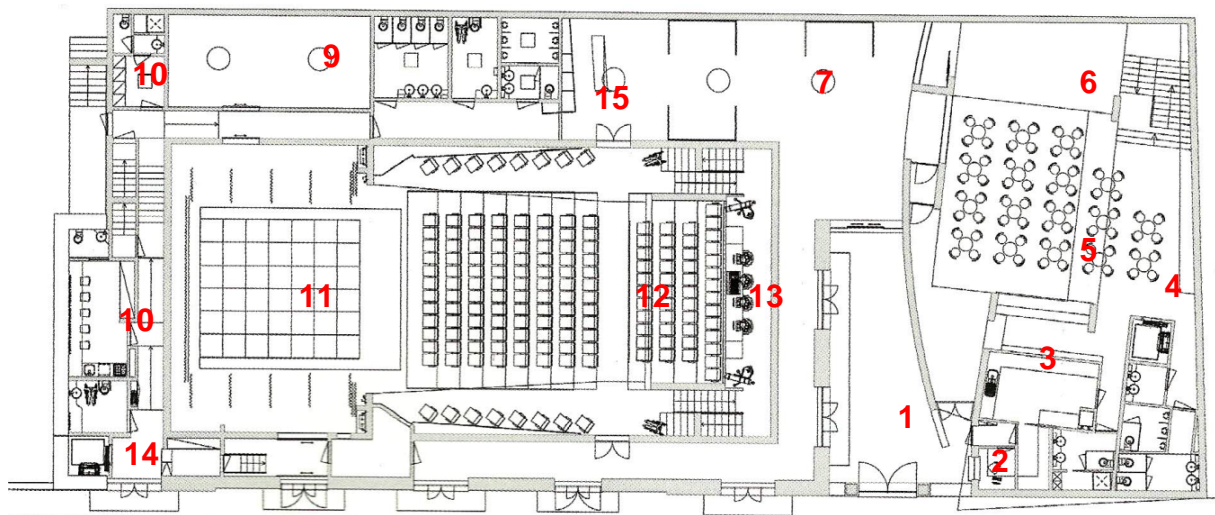
Organograma:



Tipologia:

A Casa das Artes, apesar de manter o seu alçado foi completamente requalificada no seu interior. O edifício assume uma planta rectangular original do edifício sendo todo espaço interior dividido em quatro partes interligadas, sendo que cada parte do edifício assume a sua tipologia segundo a sua utilização. A tipologia adoptada na sala de espectáculos baseia-se numa planta rectangular na qual se desenvolve uma plateia central dividida em duas partes com a mesma largura do palco, uma tribuna no piso 1 e nas laterais da sala foram criadas frisas no piso 0 e no

piso 1. No seguimento da plateia encontra-se o palco “a Italiana” com todos os seus componentes mecânicos e acústicos e na zona posterior encontram-se os camarins e as zonas técnicas. Todos os acessos ao interior da sala e a zona de palco são realizados pelas laterais através de uma circulação perimetral. O espaço de Foyer assume uma planta rectangular anexa a sala de espectáculo e assume diversas configurações de forma a acolher diversas exposições. O espaço de Café-concerto foi desenvolvido no espaço de uma antiga oficina anexa funcionando desta forma como uma ampliação interligada com o edifício original através do espaço de entrada. Todo espaço de ampliação insere-se numa tipologia original do edifício mantendo as características gerais.



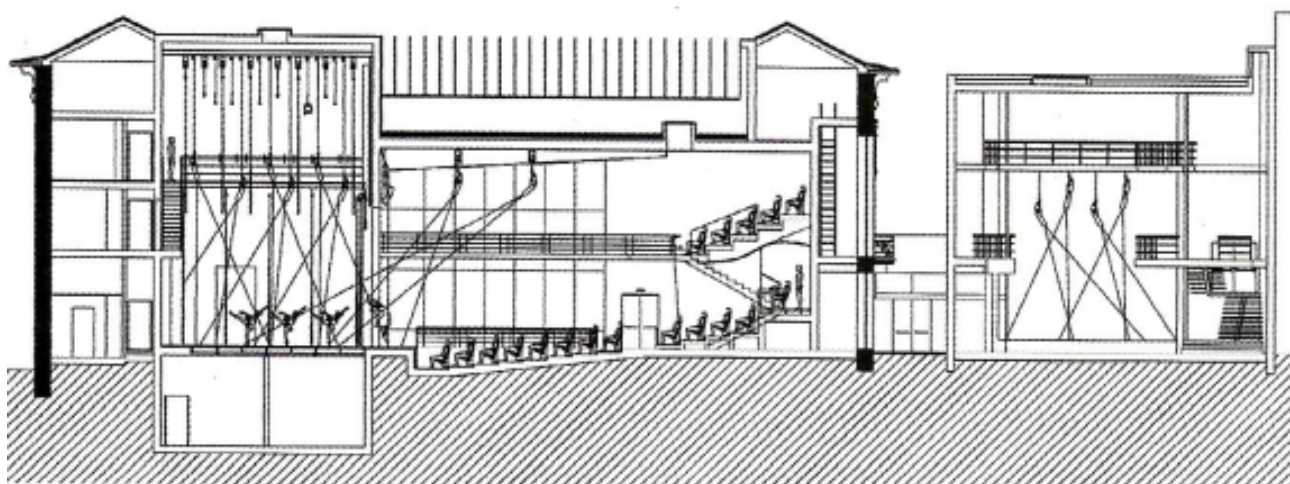
Planta Piso 0 – Fig 49

1 - Entrada; 2- Bilheteira; 3 – Bar (Balcão); 4- Instalações Sanitárias; 5 – Café-concerto (Plateia); 6 – Palco (Café-concerto); 7 – Foyer/Exposição; 8 – Instalações Sanitárias; 9 - Arrumos/Oficinas; 10 – Camarins; 11 – Palco; 12 – Plateia; 13 – Espaço de Projecção; 14 – Entrada de Serviço; 15 Bengaleiro.

Funcionamento:

A sala de espectáculos da Casa das Artes divide-se em várias partes. A primeira e segunda plateia e a tribuna têm inclinações diferentes de forma a permitir ao espectador ter uma boa visão para o palco. As duas frisas laterais a dois níveis foram desenvolvidas com orientações diferentes de forma a melhorar a visão para o palco. A disposição dos espectadores na sala para além de permitir uma melhor visualização do espectáculo também permite criar uma maior relação do espectador face ao evento o que também se torna importante para quem está no palco já que sente uma maior proximidade com o público. O palco tem capacidade para receber concertos de bandas musicais, ou concertos com orquestras até 70 figuras, representações teatrais, danças e ballet, cinema, conferências ou palestras.¹²

O espaço de entrada funciona como uma rótula de distribuição que permite aceder ao Café-concerto ou ao Foyer de acesso a sala de espectáculos.



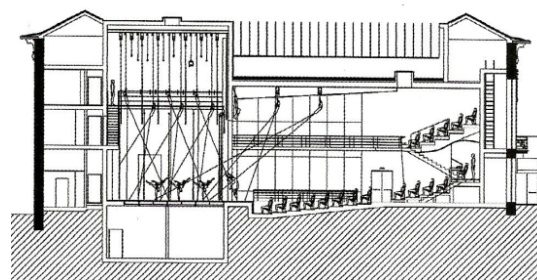
Corte Longitudinal (Geral) – Fig 50

¹² «in A.A.V.V.; Arquitectura & Construção n.º 60; Abril/Maio 2010»;

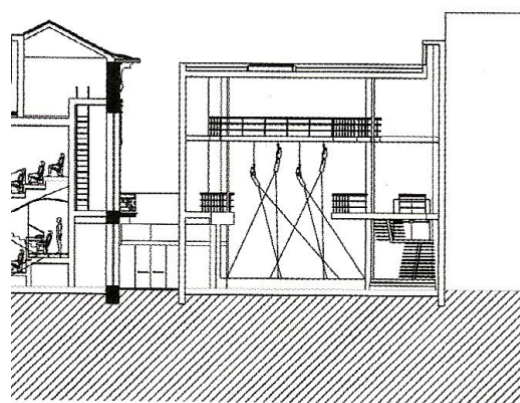
O Foyer que funciona também como espaço de exposição, está ligado a uma circulação perimetral volta da sala de espectáculos de forma a dinamizar o espaço e colocar espaços de acessibilidade ao interior da sala de forma organizada e funcional. O espaço dos camarins e oficinas tem acesso directo ao palco e uma entrada de serviço.

Os equipamentos técnicos instalados na régie e na torre cénica potenciarão eventos de elevada qualidade sonora, de iluminação e imagem, aliando-se ao conforto da plateia e balcão, que constituem a sala principal.

O espaço do Café Concerto tem o objectivo de atrair e abranger um vasto leque de pessoas, de diferentes faixas etárias e grupos sociais. Este espaço tem a capacidade de desenvolver diversos eventos estando este espaço equipado com um ecrã de projecção no palco, permitindo a realização de eventos multimédia, para além dos concertos tradicionais ou electro-acústicos.



Corte Longitudinal (Sala de espectáculos)
Fig 51



Corte Longitudinal (Espaço de Café-concerto)
Fig 52

Acústica/Mecânica de cena/ Materiais:

No que diz respeito a acústica a sala de espectáculos foi trabalhada essencialmente ao nível da disposição dos componentes na sala e os materiais utilizados. Junto ao palco o espaço da plateia foi revestido com painéis de madeira de elevado comportamento acústico. O tecto deste espaço é constituído por um conjunto de painéis ajustáveis que foram estampados com uma pintura alusiva ao período original do edifício. O palco foi pensado de forma a poder receber

todo tipo de espectáculo logo foi pensado um pavimento com absorção elástica até 63% do impacto no solo, sendo este espaço revestido a madeira de elevado comportamento acústico. No palco foi pensada uma concha acústica composta por quatro painéis laterais ajustáveis e um painel no fundo do palco que permitem direccionar e ajustar as condições do palco para os diferentes espectáculos.

No que diz respeito a mecânica de cena foi introduzida na zona de palco uma estrutura de perfis metálicos de forma a suportar os componentes técnicos do palco. Esta estrutura é acessível de forma proceder a manutenção e montagem dos diferentes espectáculos. Também foram colocados no interior da sala, no tecto da plateia um conjunto de estruturas metálicas de forma colocar diversos componentes necessários. O controlo de todos os elementos mecânicos, de som e iluminação são controlados através da régie situada no fundo da sala ou nas laterais do palco onde existem postos de controlo de todos os elementos do palco.

No espaço de Café-concerto foi também pensada uma estrutura metálica de forma a suportar um conjunto de componentes de som e iluminação de forma a servir o palco deste espaço.



Estrutura cénica (Caixa de cena) – Fig 53

Ficha 3

Projecto: Teatro-Cinema de Fafe

Local: Travessa Monsenhor Vieira de Castro, Fafe – Portugal

Autor: Arq. António Monteiro Guedes, Arq. Gonçalo Louro (Reabilitação)

Data Início da obra: Fevereiro 2004

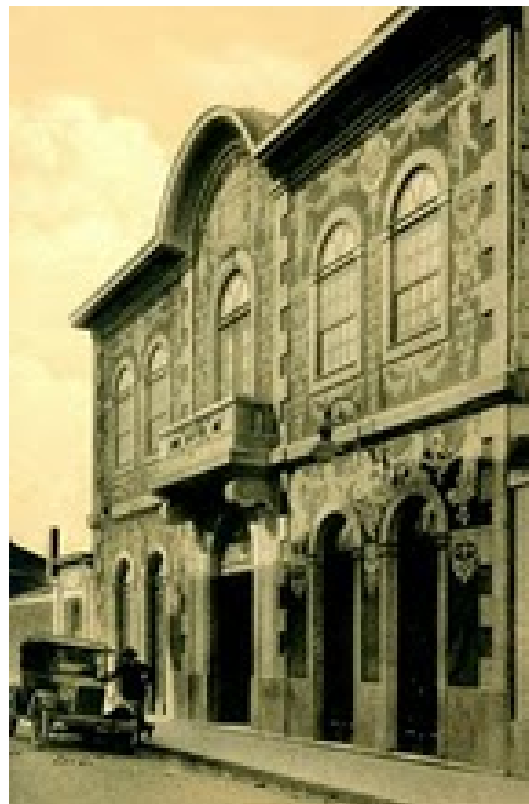
Data conclusão da obra: Outubro 2009

Contextualização:

Construído em 1923 no centro da cidade de Fafe, o Teatro-Cinema de Fafe foi considerado a “jóia da coroa” da cultura da cidade, tendo estado aberto ao público durante várias décadas, exibindo teatro, cinema e outras artes. O Teatro-Cinema, que aproveitou já um edifício anteriormente existente no local, foi inaugurado no dia 10 de Janeiro de 1924. Era considerado, um dos melhores teatros do norte de Portugal e rivalizava com os teatros das grandes cidades, em conforto, luxo, comodidade e condições de segurança para os artistas e o público.¹³

Nos primeiros anos de funcionamento, passaram por este espaço as mais famosas companhias de teatro do país. A partir dos anos 30 do século XX, este espaço passou a funcionar como cinema, o que se manteve até ao seu enceramento ordenado pela Direcção Geral de Espectáculos.

Além do teatro e do cinema, a casa de espectáculos foi utilizada ao longo dos seus anos de actividade pelas colectividades locais para mostrarem as suas produções, bem como para a realização de festas de Carnaval e outras actividades.



Fachada Principal - Teatro-Cinema de Fafe
Fig 54

¹³ «in TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); “Anuário Arquitectura 13”; Edição Caleidoscópico».

Encerrado desde o princípio dos anos 80, a Câmara Municipal conseguiu em 2001, adquirir o imóvel. Em 2008 foi iniciada a recuperação do teatro. Todo o conjunto do Teatro-Cinema foi devidamente recuperado no âmbito das obras de requalificação, para que o imóvel possa ser devolvido à população de Fafe, como antigamente, sendo capaz de receber todo o tipo de artes do espectáculo.

Breve descrição:

O Teatro-Cinema de Fafe tem uma lotação de cerca de 400 lugares. No interior do edifício destaca-se um magnífico salão nobre no primeiro andar, onde na época áurea da vida social, se realizavam bailes, ficando célebres os bailes de debutantes, manifestações de cultura e recreio e outras reuniões onde se juntava a sociedade de Fafe da época. A estrutura e os motivos decorativos interiores do Teatro-Cinema, foram comparados aos mais belos teatros do norte do país, designadamente ao Teatro-Circo de Braga. A arquitectura do interior é em forma de ferradura, com um tecto abobadado e decorado com motivos pictóricos alusivos a músicos famosos, além da figuração do firmamento.

A reabilitação do Teatro contempla para além da reconstrução do edifício original, a construção em volta do edifício original um edifício para apoio técnico às actividades do Teatro-Cinema que inclui também a instalação da Academia de Música José Atalaya e a construção de um estúdio de cinema. O projecto



Alçado Lateral (Espaço de Ampliação) - Fig 55



Sala Principal (plateia) – Fig 56

contempla a introdução de uma nova fachada capaz de albergar novas soluções programáticas e técnicas mantendo as salas principais no interior praticamente intactas. Esta nova estrutura tem a capacidade de criar uma nova face para o Teatro, mais dialogante com a envolvente sendo também criada uma praça contígua sob a qual se desenvolve o foyer e a sala de cinema. As opções de projecto encontradas para o exterior e para a ampliação são decorrentes da relação do edifício com a população e o local onde se insere. A fachada transparente deixa adivinhar a complexidade do novo edifício, tendo como pano de fundo o revestimento de madeira que se desenvolve na continuidade da praça. No topo poente vislumbra-se no interior do volume, o espaço destinado à academia de música. Em paralelo, o Interior do Teatro, livre dos constrangimentos normais decorrentes da passagem das infra-estruturas pesadas foi restaurado devolvendo à sala e espaços Nobres a sua forma e aspecto original.



Alçado Principal - Teatro-Cinema de Fafe
Fig 57

Programa:

O programa do teatro foi desenvolvido com base nas necessidades actuais deste tipo de equipamento. A Reabilitação do edifício existente pretende para além de recuperar, completar o programa em falta no edifício original (Foyer, instalações sanitárias, compartimentos técnicos, etc.). A criação de um corpo de academia de música e a introdução da tecnologia necessária ao funcionamento do

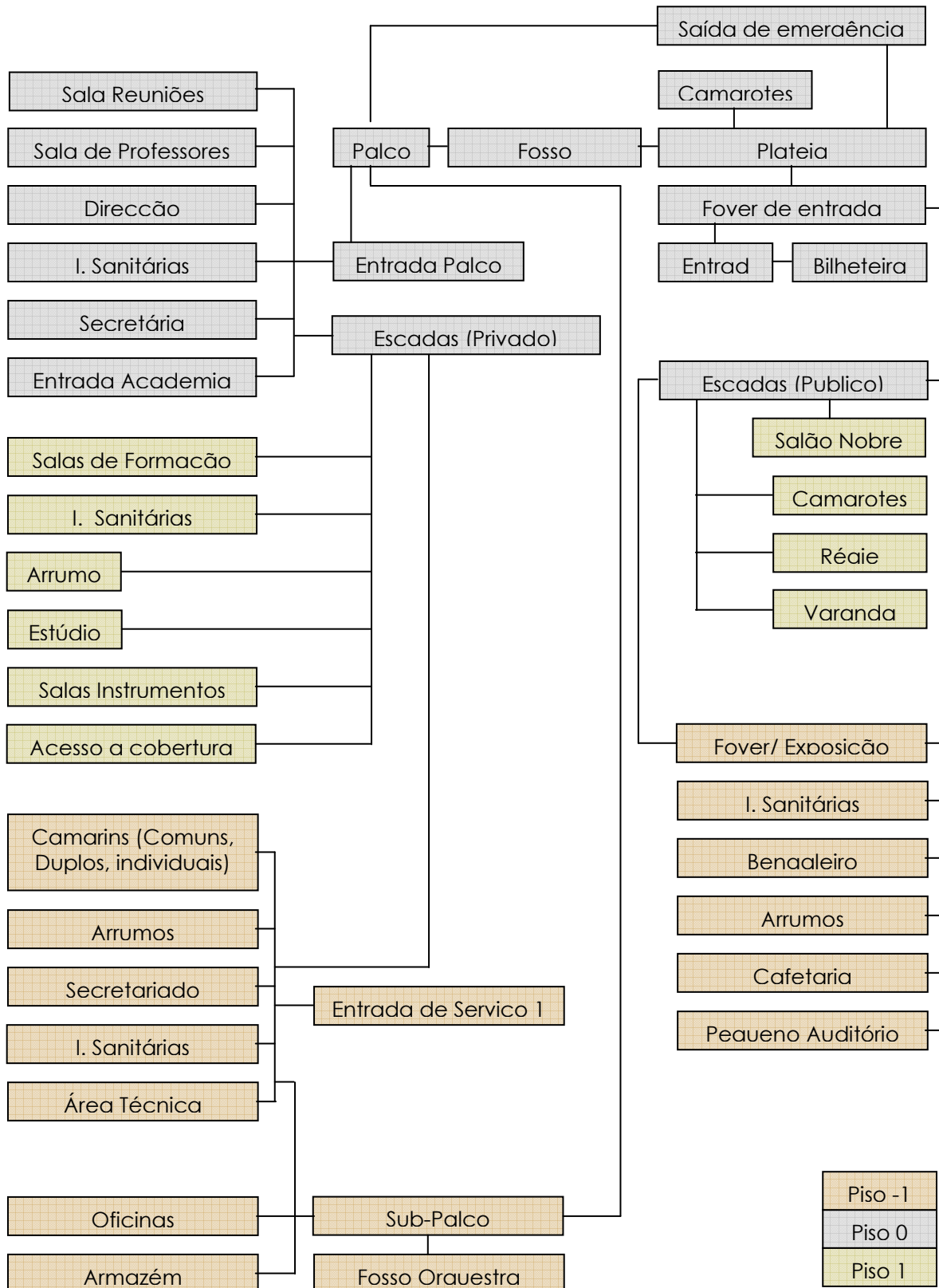
Teatro como a segurança e conforto também completaram o programa original.

O Teatro tem uma lotação de cerca de 400 lugares, incluindo a plateia, frisos, camarotes e balcão. A sala principal encontra-se directamente ligada ao átrio e salão nobre. O espaço do auditório secundário esta ligado a cafetaria, bengaleiro, Instalações sanitárias e ao Foyer que pode funcionar como espaço de exposição. O espaço da Academia encontra-se equipado com um estúdio, salas de formação, Instalações sanitárias, espaços de armazenamento e arrumos e espaços de administração. Os camarins e espaços técnicos encontram-se no piso -1 ligados a zona de palco através de comunicações verticais e através do sub-palco. O programa do edifício esta interligado e são partilhados diversos espaços, sendo que tanto a academia, o Auditório/Cinema ou a sala principal tem a capacidade de funcionar de forma autónoma.

Programa (Espaços):

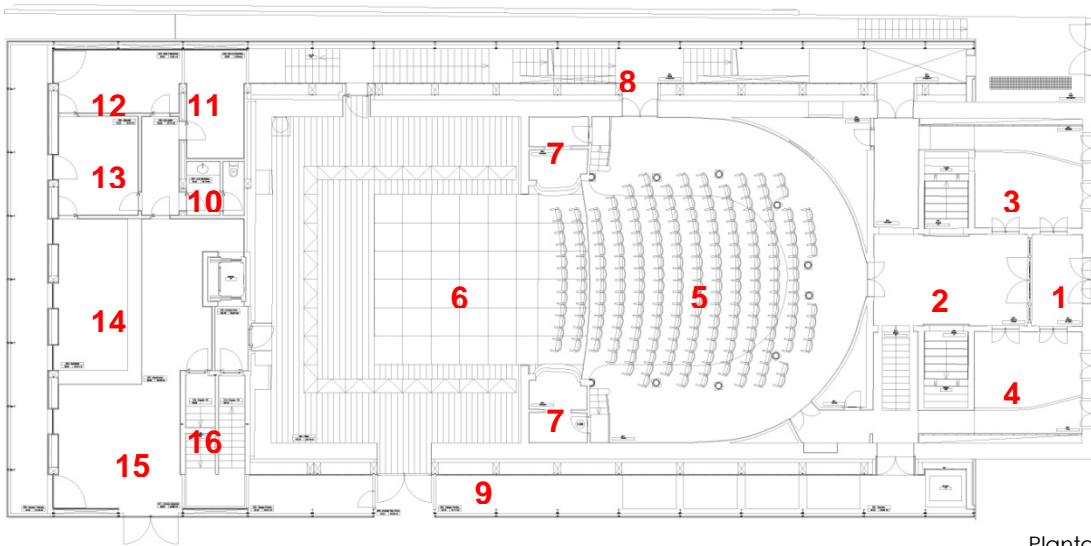
Piso 0	Piso 1	Piso -1
Entrada Foyer de entrada Foyer (Espaço lateral) Bilheteira Plateia Palco Camarote Lateral Espaço Técnico Instalação Sanitária Sala de reuniões Sala de professores Direcção Secretária Entrada Academia Comunicações verticais	Salão Nobre Régie Camarotes balcão 2 Varanda Varanda Cénica Arrumos Instalações Sanitárias 2 Salas de Formação Estúdio 2 Salas de Instrumentos Sala de Formação Escada de acesso Acesso a Cobertura	Foyer/ Exposição Bengaleiro Instalações sanitárias Cafetaria Arrumos Pequeno Auditório/Cinema Régie Camarins Colectivos Camarim Individual Camarins duplos Arrumos Instalações sanitárias(H/M) Secretariado Entrada de serviço Oficinas Sub-Palco Fosso Orquestra Armazém Área Técnica

Organograma:



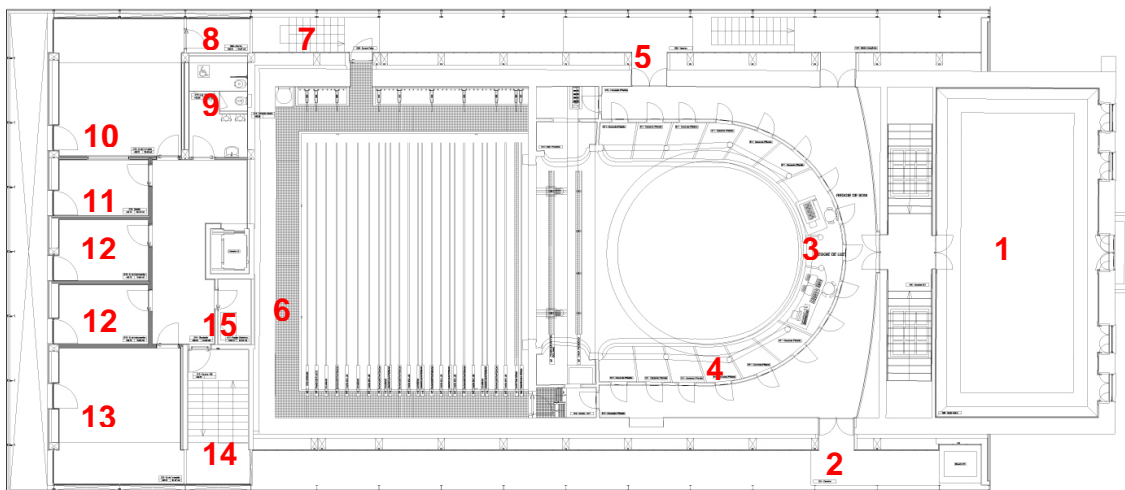
Tipologia:

A tipologia do edifício baseia-se numa planta rectangular regular na qual se desenvolve no interior uma sala de espectáculos em forma de ferradura, com um tecto abobadado e decorado com motivos pictóricos alusivos a músicos famosos, além da figuração do firmamento. O teatro de Sala à Italiana, é composto por dois pisos de camarotes colocados em colmeia sobre a plateia e uma clara separação entre palco e público através de um fosso de orquestra e boca de cena. Os camarotes e boca de cena são decorados com sóbrios motivos florais que enquadram a iluminação. O salão nobre é decorado com um elaborado trabalho de pintura em damasco criada com diversos matizes que reforçam a dimensão do espaço. A decoração é complementada com mobiliário da época. No exterior a fachada principal em esgrafitado de fundo vermelho é decorada com motivos florais e imagens aladas. As restantes fachadas originais são em alvenaria de granito. A ampliação realizada contempla a criação de um volume de forma a criar a Academia e desenvolver todos os espaços técnicos. Este espaço abrange a mesma largura do edifício original sendo que são colocadas nas laterais do edifício existente, fachadas técnicas necessárias ao cumprimento do programa.



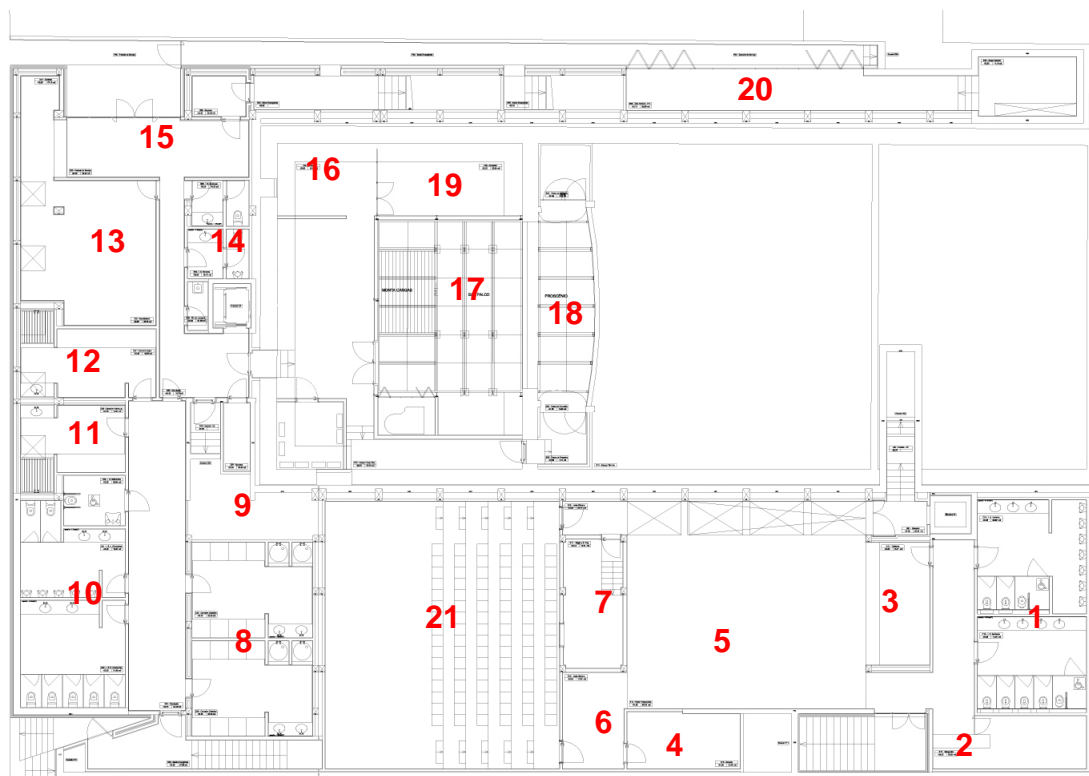
Planta Piso 0- Fig 58

1 - Entrada; 2- Foyer de entrada; 3 Bilheteira; 4- Foyer; 5 – Plateia; 6 – Palco; 7 – Camarote; 8 – Saída de Emergência; 9 – Espaço Técnico; 10 – Instalação Sanitária; 11 – Sala de reuniões; 12 – Sala de professores; 13 – Direcção; 14 – Secretária; 15 – Entrada Academia; 16 – Escadas



Planta Piso 1- Fig 59

1 – Salão Nobre; 2- Zona de elevador; 3 – Régie; 4- Camarotes balcão 2; 5 – Varanda; 6 – Varanda Cénica; 7 Escada de Palco; 8 – Arrumos; 9 – Instalações Sanitárias; 10 – Sala de Formação; 11 – Estúdio; 12 – sala de Instrumentos; 13 – Sala de Formação; 14 – Escada de acesso; 15 Acesso a Cobertura.



Planta Piso -1- Fig 60

1 – I.S; 2- Bengaleiro; 3 – Cafetaria; 4- Arrumos; 5 – Foyer/ Exposição; 6 – Ante-Câmara; 7 – Régie; 8 – Camarins; 9 – Arrumos; 10 – I.S (H/M); 11 – Camarim Individual; 12 – Camarim duplo; 13 – Secretariado; 14 – I.S; 15 – Entrada de serviço; 16 – Oficinas; 17 – Sub-Palco; 18 – Fosso Orquestra; 19 – armazém; 20 – Área Técnica; 21 – Pequeno Auditório.

Funcionamento:

No que diz respeito ao seu funcionamento, o Teatro-Cinema de Fafe desenvolve-se em três espaços principais. A sala Principal, o pequeno auditório e a academia. A sala principal, que funciona no edifício original, desenvolve-se vários pisos sendo todo o seu acesso realizado a partir o Foyer de entrada e das escadas ligadas ao espaço do Foyer. O salão nobre pode também funcionar como prolongamento do Foyer para os pisos superiores. No interior da sala foram colocadas cadeiras amovíveis de forma a dinamizar o espaço. A colocação do fosso de

orquestra permite duas leituras da sala ao nível da relação entre o público e o artista. O espaço do auditório, que pode funcionar como cinema, foi desenvolvido no volume da ampliação. Este espaço encontra-se ligado a entrada principal através do Foyer de entrada do edifício. Este espaço tem a capacidade de funcionar de forma autónoma tendo as respectivas áreas técnicas de serviço. Para além da ligação ao Foyer principal existem um segundo espaço de Foyer ligado directamente ao auditório. Este espaço pode receber exposições. O terceiro espaço de funcionamento do edifício centra-se na Academia e nos espaços de apoio ao Teatro como camarins. O espaço da academia tem acesso próprio e desenvolve-se no volume de ampliação. A academia funciona através de um conjunto de salas de formação, estúdios e espaços directivos. Neste mesmo volume funcionam os camarins da sala de espectáculos e os espaços directivos do teatro. Desta forma a Academia tem uma maior ligação a sala de teatro principal. Apesar de todos os espaços terem a capacidade de funcionar de forma quase autónoma todas as partes do edifício estão interligadas funcionando como um conjunto partilhando alguns dos serviços e áreas técnicas.



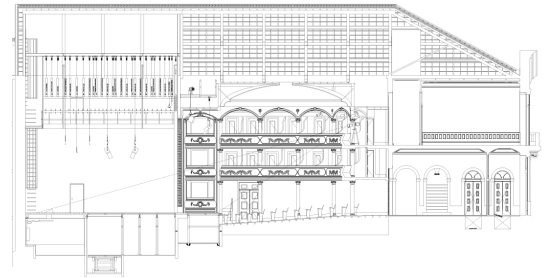
Sala Principal - Teatro-Cinema de Fafe – Fig 61



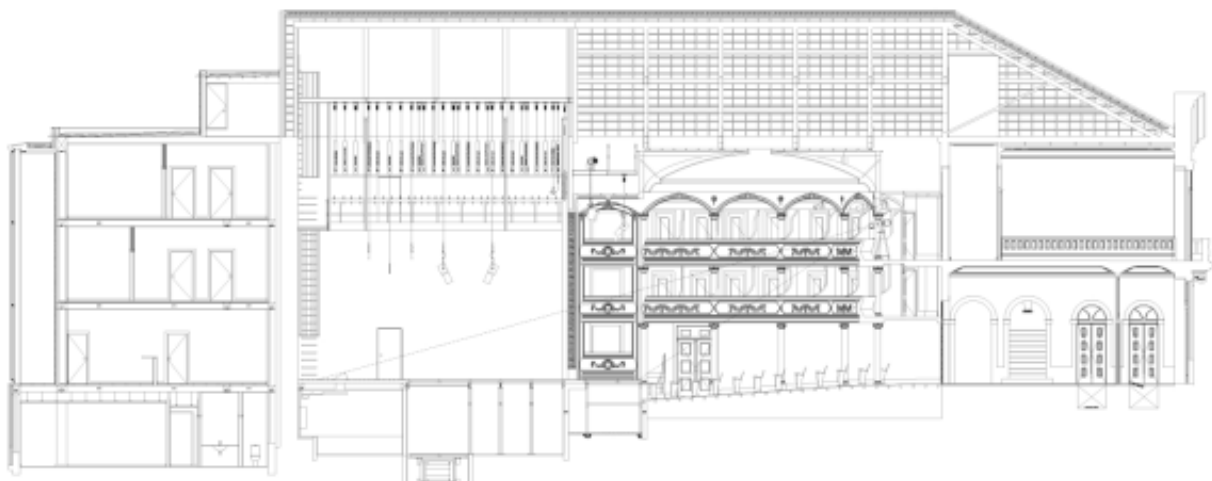
Alçado Lateral (Espaço de Ampliação) – Fig 62

Acústica/ Mecânica de cena/ Materiais:

No que diz respeito a acústica, manteve-se a estrutura e decoração original da sala de forma a manter a imagem original e mantendo as características acústicas da sala. A forma em abobada do tecto da sala permite ao espaço ter um bom comportamento acústico, sendo que os materiais utilizados têm um excelente comportamento acústico. A decoração da Sala (Madeira trabalhada), a forma adoptada por vários elementos que compõem a sala como as varandas e a própria tipologia do espaço permite a sala desenvolver excelentes condições acústicas. A mecânica de cena baseia-se na criação da estrutura metálica da caixa de palco onde serão colocados mecanismos de iluminação, suporte de cenários e outros elementos suspensos necessários. A caixa de palco é acessível através de um percurso interno perimetral de forma a trabalhar na definição da estrutura. O fosso de orquestra também é completamente mecanizado permitindo colocar a plataforma ao nível do pavimento da sala de forma a prolongar a sala ou utilizando este mesmo espaço como fosso de orquestra.



Corte Longitudinal (Sala de espectáculos)
Fig 63



Corte Longitudinal (Geral) – Fig 64

Capítulo V _ Estudo do Local

Introdução ao local

A vila de Caminha, situada no distrito de Viana do Castelo na fronteira entre Portugal e Espanha, representa a típica vila de bases medievais que surgiu como ponto de referência para marcar e defender o território.

A vila localiza-se na foz do rio Minho num ponto estratégico do território Português. Algumas das principais comunicações terrestres passam pela vila (Estrada nacional 13 e linha de caminhos de ferro), a excepção são as mais recentes auto-estradas de ligação a Valença do Minho e Vila Nova de Cerveira (A28 e A3).

Todo o terreno ocupado pela vila encontra-se limitado por três factores: Rio Minho, Rio Coura e o monte de St. Antão. Estes três elementos vão criar um espaço muito particular, no qual a Vila vai desenvolver-se de forma a adaptar-se ao seu constante crescimento e ao terreno ocupado, isto é, a procura das zonas ribeirinhas e das zonas mais planas vão definir o crescimento da vila de forma permitir uma crescimento equilibrado e organizado. A procura das zonas ribeirinhas é originada pela procura e desenvolvimento das actividades socioeconómicas originadas pelos rios próximos e pelo Oceano Atlântico (a vila encontra-se próxima na foz do rio Minho). A exploração deste recurso e um conjunto de conjunturas históricas e sociais vão provoca um fenómeno de ocupação do solo nas zonas planas (ribeirinhas) e vão



Localização da Vila de Caminha
Fig 65



Fotografia Aérea da Vila de Caminha – Fig 66

também originar um fenómeno que pode definir-se com “ocupação dos terrenos alagadiços”, isto é esta vila apresenta um grande conjunto de espaços conquistados ao rio através da intervenção do homem.

O solo do local é maioritariamente composto por granito e zonas alagadas compostas por argilas e areias, o que devido a proximidade com o rio cria um elevado nível freático. O clima é de feição atlântica que caracteriza toda esta zona litoral de Portugal.

Uma das particularidades da vila é o facto de existirem dois tipos de evolução social, isto é existem duas formas de vida, uma dedicada a vida marítima e outra dedicada a vida nas montanhas onde se desenvolvem diferentes formas de trabalho e subsistência. Estes dois modelos são característicos de diferentes épocas de carecimento urbano da vila e apesar de ambos coexistirem actualmente, estes dois modelos apresentam origens diferentes (diferente períodos e diferentes contexto socioeconómicos).



Fotografia Aérea – Centro Histórico de Caminha
Fig 67

Evolução do espaço urbano

A vila de caminha apresenta um desenvolvimento baseado na sua relação de fronteira e na sua proximidade ao Rio Minho e ao Oceano Atlântico. A importância destes elementos vai desenvolver dinâmicas de crescimento particulares que vão criar diferentes desenhos urbanos ao longo dos tempos.

A estrutura actual de Caminha reside em três pontos: A herança da vila medieval, a Rua do Arrabalde e um elemento de conexão entre eles que neste caso é o Terreiro (Praça conselheiro Silva Torres). Existem também dois antigos eixos, a 'Rua da Corredoura' e a Rua do Vau, que criam uns primeiros limites mais tarde apoiados pela linha de caminhos-de-ferro que vão originar um desenvolvimento para o interior da vila. Para entender melhor este desenvolvimento é necessário partir do zero para observar como cresceu e porquê.

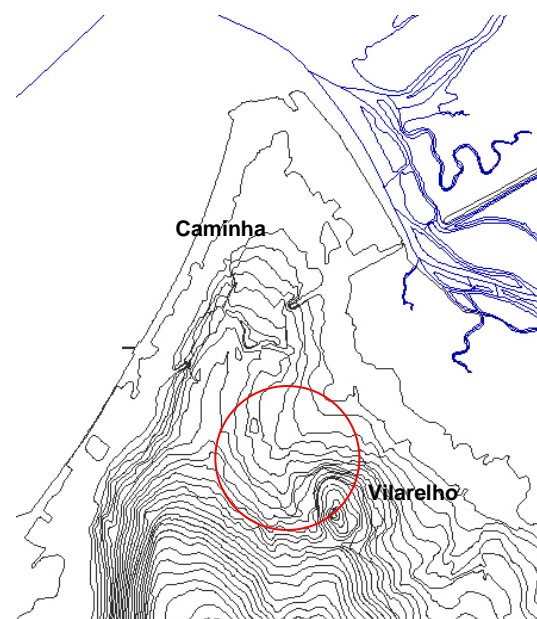
Para entender melhor a evolução de toda a estrutura que hoje se baseia num conjunto de eixos e no terreiro central é necessário entender como surgiu o núcleo urbano, neste caso como surgiram as primeiras construções e em particular a vila medieval que caracteriza o crescimento e funcionamento da Vila.



Vista Geral de Caminha – Fig 68

Período Castrejo

A Zona Norte de Portugal é fértil em vestígios de antigas civilizações, desde o período megalítico, e todo o concelho apresenta vários vestígios da presença de povos a ocupar estes terrenos. São conhecidos vários vestígios da existência de Castros no concelho de Caminha sendo que na vila em concreto não são conhecidos vestígios deste género.¹⁴ Na freguesia de Vilarelho (freguesia que faz fronteira com Caminha) são conhecidos perto da muralha vestígios de castros, mais propriamente no lugar do "Couto da Pena". Este lugar encontra-se na fronteira entre a vila de Caminha e a freguesia de Vilarelho e situa-se junto a muralha existente. São conhecidos também na freguesia de Vilar de Mouros vestígios deste tipo mas esta freguesia já se situa a sete quilómetros da vila. Foram referidos estes vestígios porque durante muito tempo foram questionadas as relações de fronteira entre Caminha e Vilarelho logo é possível que dada a proximidade haja uma relação entre o surgimento da vila e a sua localização já que Vilarelho se encontra numa zona de montanha mais elevada e Caminha assume uma posição ribeirinha. As necessidades das diferentes épocas podem ter ditado a localização para o desenvolvimento de um núcleo de maiores dimensões como Caminha.



Localização Vestígios Castrejos – Fig 69

¹⁴ «in ALVES, Lourenço (1985); Pag 83; "Caminha e seu Concelho"; Monografia Caminha;»

Vila Medieval

Pode-se caracterizar o primeiro período desenvolvimento da vila como estando baseado na primeira muralha da Vila, a muralha de bases romanas que foi construída no século IV para o desenvolvimento de um ponto-chave na defesa do território.

A vila medieval é caracterizada através de um conjunto de factores: criação de uma praça-forte que integra uma população segregada em confrarias onde o poder local é um símbolo, ruas estreitas e com perspectivas fechadas, falta de espaço, edifício religioso imponente que define o modo de vida.

O primeiro núcleo urbano de caminha apresenta quase todos estes elementos que a definem como sendo uma vila medieval. Este núcleo urbano apresenta uma estrutura amuralhada e no interior desenvolve-se o núcleo urbano medieval onde o espaço é definido por um pequeno número de ruas rectilíneas que definem uma quadrícula. Três dessas ruas são paralelas e existem outras duas perpendiculares. A primeira é a “rua de Meyos”, como o próprio nome indica esta rua situa-se entre a rua da Ribeira (Oeste - próxima da zona ribeirinha) e a rua de St.Antonio esquecido a leste. Esta estrutura desenvolve-se para ocidente em função dos aterros e ainda é possível verificar vestígios desta época nos quintais das habitações que ocupam actualmente o local. Foram também criados dois largos neste período, o primeiro é o largo do corpo da guarda e o segundo é o Largo da



Gravura de Caminha – Fig 70

Matriz. O primeiro tem uma forma sensivelmente rectângula e situa-se a oeste da rua principal (rua do meio) que atravessa o corpo da guarda que outrora era o Palácio do Marques. A rua do meio é actualmente apelidada de 'Rua Direita'. Esta rua é designada desta forma não só pela sua orientação mas também pelo facto de ser a rua principal que se encontra ligada ao largo principal (Largo da Matriz) onde se realizavam as trocas comerciais e as feiras. Este conjunto de ruas encontra-se também ligado a relação com as portas de entrada no interior da muralha. Existiam três portas principais a "Porta de Viana" (Torre do relógio), a "Porta da Piedade", e a 'Porta do Cais ou do Marquês"¹⁵. Todas estas portas estavam estrategicamente localizadas, a primeira tinha a função de ligar o núcleo urbano principal (Viana) e Caminha, a segunda porta estava ligada a necessidade de manter ligações com o território do interior. Devido a existência da Matriz de Caminha a vila mantinha uma ligação muito próxima com as freguesias do interior principalmente a freguesia de Vilarelho, já que esta freguesia tinha a igreja anterior a Matriz para onde se dirigiam todos os fiéis da Vila de Caminha. Depois da construção da Matriz – século XV – (através de fundos da comunidade) esta porta funcionava como ligação as zonas interiores e aos campos de cultivo do exterior da fortificação. A última porta como o próprio nome indica era a 'Porta do Cais', nesta época Caminha era inteiramente dependente do cais, era a principal fonte de receitas e de



Caminha nos princípios do séc. XVI
(desenho de Duarte d'Armas) – Fig 71

¹⁵ «in, BENTO, Paulo Torres; "Toponímia e história da vila da foz do Minho"»

desenvolvimento. A ligação a vila era fundamental para desenvolver a actividade da pesca e do comércio.

Todos estes factores, principalmente os socioeconómicos apontam para que Caminha tivesse um rápido desenvolvimento. É facto que a vila pode ser vista neste período como uma cidade medieval embrionária. Estes factores transformaram esta estrutura e desenvolveram um novo fenómeno de expansão para fora das muralhas, este fenómeno deve-se principalmente a construção de casas senhoriais fora da linha das muralhas e deve-se a criação de novas zonas habitacionais para os pescadores e restante população que se acumulou nas proximidades deste núcleo. O Porto marítimo (um dos principais do país) é a grande razão para o carecimento de Caminha.

Período Barroco

Neste período surge uma nova preocupação no que diz respeito ao desenho urbano, caracteriza-se basicamente pela criação de grandes praças, novas avenidas mais espaçosas e uma nova linguagem para os edifícios.

Num período de grande desenvolvimento, Caminha assiste a um crescimento para fora da muralha medieval e inicia um desenvolvimento através de novos eixos de definição do desenho urbano e novos espaços como o Terreiro (nesta fase ainda não estava completamente urbanizado, existiam apenas algumas habitações senhoriais). A partir do século XV existe um grande crescimento da população originado pelo crescente número de nobres que passou a viver na vila. O crescimento económico originou o desenvolvimento da construção e das infra-estruturas anexas. É neste período que surgem algumas das construções mais importantes na vila (neste contexto fora da muralha). A 'Casa dos Pitas', 'Convento de Santo António', a 'Rua da Corredoura' e a 'Rua da Misericórdia' são alguns dos primeiros pontos de referência da nova estrutura Urbana da Vila fora da muralha medieval.¹⁶

Este novo contexto da vila não estava adaptado a situação real da vila já que, o facto de se tratar de uma vila fronteiriça e como as relações com Espanha não eram as melhores, logo não existia um mecanismo de defesa



Muralha Setecentista – Fig 72

¹⁶ «in, CRUZ, Maria Alfreda (1988); "Caminha – Evolução e estrutura da vila da foz do Minho"; Caminha»

adequado. Isto levou a que D. João IV ordena-se a construção de uma segunda linha de muralhas a volta do novo complexo. Esta nova linha de muralhas só viria a ser concluída no reinado de D. Pedro II. Esta nova linha de defesa vem redefinir os limites da vila e vem criar uma nova forma de pensar o desenho urbano criando as duas novas vias (Rua da Corredoura e Rua da Misericórdia) com novas características e um nova praça mais alargada (Terreiro).

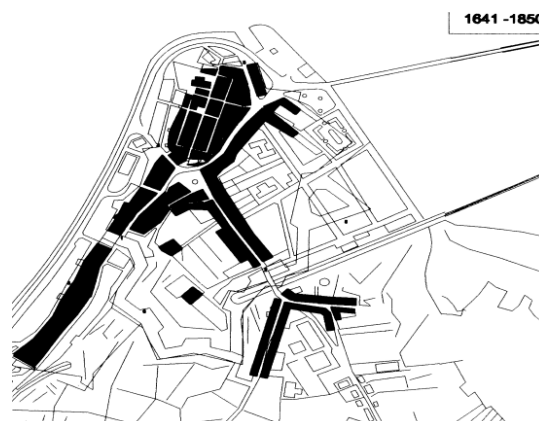
Por volta do século XV a vila começa a perder a sua maior fonte de rendimento – o porto marítimo. A inovação nas técnicas de navegação trouxe a ruína dos portos autárquicos, que, como no caso de Caminha não possuíam as condições naturais para adaptar-se a nova realidade. Depois de um largo período de queda o porto acabou por perder o seu estatuto no século XVII. A vila atravessa neste período, uma fase de transição, isto é, deixou de depender unicamente do seu porto e começou a criar alternativas viradas para o seu interior valorizando a agricultura e as ligações terrestres. A vila começa a desenvolver-se no interior da nova fortificação junto aos novos eixos (Rua da Corredoura e Rua da Misericórdia), e começa a desenvolver o desenho que actualmente apresenta. Grande parte das habitações senhoriais centram-se junto a nova praça (Terreiro) aproximando-se do novo centro, havendo dois fluxos diferentes e dois tipos de ocupação das vias. Ao longo da “Rua da Corredoura” vão desenvolver-se as habitações da população relacionada com as actividades

do interior e ao longo da “Rua da Misericórdia” vão desenvolver-se as habitações relacionadas com a vida ribeirinha (habitações dos pescadores e trabalhadores do cais). O crescimento neste período baseia-se em dois eixos e uma praça junto a muralha medieval. Toda a zona circundante a muralha é ocupada por habitação e cria uma nova ocupação do território. O desenho urbano também é alterado já que este novo desenvolvimento segue a linha da muralha, que apresenta a forma de uma elipse, que vai contra a quadrícula regular do interior da muralha. Junto as vias o desenho urbano segue essas mesmas vias (orientação) que surgiram pelas necessidades sociais destes fluxos criando assim um desenho mais orgânico. Esta fase é marcada pela preocupação na criação de infra-estruturas e novas formas de abordar as vias e os espaços públicos.

Este período marca um novo desenvolvimento mas também uma profunda alteração da forma como se processavam as dinâmicas socioeconómicas. A partir do final deste período começa a desenvolver-se de forma mais evidente a alternativa ao porto como fonte principal de desenvolvimento (valorização da localização da vila como ponto de passagem e distribuição por meios terrestres).

Período Moderno

Nesta fase, praticamente todos os fenómenos existentes se devem a uma mudança socioeconómica da Vila. Os fenómenos de crescimento económico que sempre influenciaram a vila passam a desenvolver-se de forma diferente valorizando o crescimento para o interior do território e criando, no interior da muralha, novas dinâmicas necessárias as novas formas de vida. Numa primeira fase o desenvolvimento mantêm-se nos mesmos moldes, isto é, continua a existir dois eixos e uma praça central sendo que todos estes elementos se encontram inseridos numa fortificação. A praça ganha uma maior importância e rapidamente se transforma no ponto central de toda a vila deixando de haver a ideia da existência de largos distribuídos por toda a vila. Continuam a existir largos mas a praça central passa a albergar todo o poder administrativo, o poder económico (os senhores habitavam junto a praça) e as relações sociais entre os habitantes (eventos sociais). Todos estes fenómenos originam um conjunto de infra-estruturas, a mais importante é a Igreja da Misericórdia que se encontra voltada para a nova praça central. A importância do terreiro era tal que foi construído um chafariz no seu centro para marcar a sua importância, monumentalidade e funcionalidade já que era um ponto de encontro dos habitantes para abastecer-se de água. A importância do terreiro ditou também uma transformação da construção. A necessidade de criar um centro



Planta de Caminha entre 1641 a 1850 – Fig 73

administrativo fez com que grande parte das habitações iniciais ocupadas pelos senhores se tornassem nos novos edifícios administrativos. Nesta fase constroem-se um conjunto de edifícios religiosos principalmente junto as portas da nova muralha, exemplos como a Igreja de St. Clara, a Capela de Nossa Sra. Da Agonia e Capela de S. João.¹⁷ Este fenómeno vai dispersar a população criando pequenos fenómenos de desenvolvimento ao redor desses mesmos edifícios.

Neste período começa também a ser mais evidente a constante busca pelos terrenos alagadiços. Caminha começa a expandir-se para a “Junqueira” e desenvolve uma nova forma de criação de solos cultiváveis e mais tarde, solos para construção. São criadas um conjunto de novas vias, anexadas as vias principais e começa a ganhar mais importância a ‘Rua do Vau’, rua essa que circunda pelo interior a muralha medieval. Caminha começa a ganhar importância como ponto de ligação entre os grandes núcleos do país e os núcleos urbanos de Espanha (neste caso o mais importante era Tuy e Santiago de Compostela).

O desenho Urbano mantém a sua forma orgânica e apenas no século XVIII e XIX com a ocupação dos solos de cultivo e solos conquistados aos rios é que a Vila começa a desenvolver um desenho mais regular, baseado em ruas ortogonais bem definidas e quarteirões regulares. Este período é fértil sobre tudo em factores sócias, sendo que o crescimento da vila



Fotografia aérea da vila de Caminha, em 1960
Fig 74

¹⁷ «in, CRUZ, Maria Alfreda (1988); “Caminha – Evolução e estrutura da vila da foz do Minho”»; Caminha»

mantém uma certa “tradição” e apenas a construção dos diferentes edifícios ao longo dos tempos e a definição das vias pode caracterizar o desenho urbano da vila. Estas vias são geralmente perpendiculares ou paralelas aos eixos fundamentais. O grande volume de construção não segue uma ordem, é uma construção baseada na necessidade social, apenas em raros casos o tecido urbano apresenta uma certa ordem.



Postal – Fotografia do Terreiro – Fig 75

Período Contemporâneo

Neste último período a definição de contemporâneo é algo incorrecta, já que o objectivo é perceber o desenvolvimento da vila a partir dos finais dos séculos XVIII, XIX e XX. Seria mais correcto falar numa “realidade mais recente”. Neste período podem-se ter em conta um grande número de factores que vão originar uma alteração profunda da vila. As novas relações sociais entre os dois países (Portugal e Espanha) e a evolução do homem são alguns dos factores mais importantes para perceber o porque das várias alterações que se vão observar.

Uma das principais diferenças em relação aos restantes períodos é a importância da muralha. Cada vez mais a muralha tornou-se num elemento a parte. Este facto veio abrir a janela para o crescimento da vila que estava confinado as muralhas. A destruição de partes da muralha tornou-se inevitável de forma a criar novos espaços para o crescimento do tecido urbano e da população. A primeira parte da muralha a desaparecer situa-se junto ao Rio Coura. Este sentido foi escolhido porque nas restantes vertentes da vila existiam limites de origem natural ou administrativa. Caminha apresenta uma localização que foi em tempos benéfica mas que actualmente impede o seu crescimento estando confinada a uma muralha natural. Este novo espaço aberto junto ao Rio Coura veio criar um amplo espaço que se desenvolveu no século XIX com a criação de ruas paralelas a Rua da



Fotografia do Terreiro – Fig 76

Corredoura e criando uma nova malha regular. Também na zona junto ao rio Minho a vila continuou a crescer mas de uma forma diferente. As características eram diferentes pela área a ocupar e pelos limites naturais (rio e Monte de St. Antão).

Este novo crescimento vai mudar o desenho urbano mais uma vez criando quarteirões mais regulares e vias adequadas aos novos tempos e as novas necessidades. A passagem da linha de caminhos-de-ferro no séc. XIX, vem também reforçar a actividade social de Caminha criar uma nova ruptura com o espaço e principalmente vai afectar a muralha já que esta vai ter de ser retirada para a passagem da linha. A verdade é que a muralha durante estes períodos mais recentes, vai gradualmente desaparecendo, deixando apenas algumas partes que não foram afectadas, principalmente pelo seu posicionamento no terreno.

Durante estes três séculos são várias as alterações ao nível arquitectónico, principalmente ao nível das tipologias. A evolução neste período é baseada num desenvolvimento rápido e por vezes errado. São muitos os erros na forma como foi tratado o crescimento das diferentes tipologias ao longo dos séculos. Cada época representa uma forma de pensar mas a vila tem características muito próprias o que limita o desenvolvimento da construção.

Caminha surge actualmente como representação da realidade de grande parte dos núcleos urbanos que emergiram de uma vila



Postal – Fotografia do Terreiro – Fig 77

medieval. Cada vez mais existe um abandono desse centro histórico e uma construção massiva ao redor do casco histórico. A realidade deste período centra-se num desenvolvimento massivo da construção e uma liberdade de escolha tipológica para a construção. Como factores benéficos desta época podemos ter a manutenção de uma estrutura urbana baseada no período barroco. A criação de quarteirões regulares e de novas infra-estruturas por todo o território de forma a unificar os espaços podem ser benéficos, principalmente ao nível da vivência do espaço e utilização do mesmo. A criação de diferentes tipologias de equipamentos em vários locais vai atrair a população e tentar criar uma maior dinâmica social.

A vila de Caminha passou por várias fases no seu percurso de desenvolvimento económico, neste período caminha deixa um pouco a função do ponto de referência terrestre nas trocas comerciais. A verdade é que Caminha vive actualmente do turismo e do comércio tradicional. A proximidade de núcleos turísticos como a freguesia de Moledo, são importantes fenómenos para o desenvolvimento de dinâmicas. Caminha passou de uma vila medieval de características comerciais para uma vila de contornos históricos dedicada ao turismo e comércio tradicional.

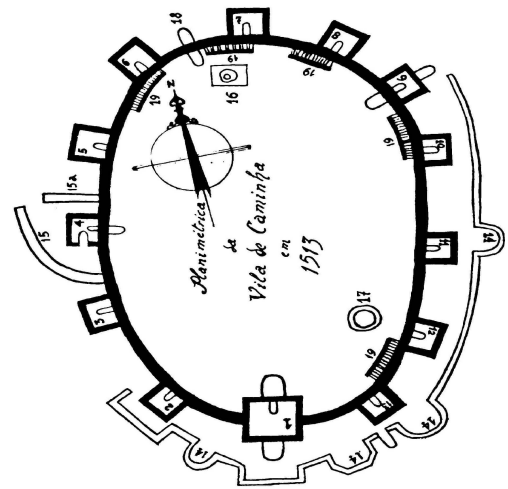
Influencia das Muralhas no Desenho Urbano

A Vila de Caminha apresenta um desenvolvimento urbano relacionado com a sua muralha. Este tipo de fortificação define o desenho urbano e surge como uma das principais características das vilas fronteiriças, já que era necessário criar pontos de defesas do território. Neste contexto Caminha apresentava um ponto estratégico de grande importância, já que se localiza entre a foz do Rio Minho, a foz do Rio Coura e apresenta uma grande proximidade ao Oceano Atlântico.

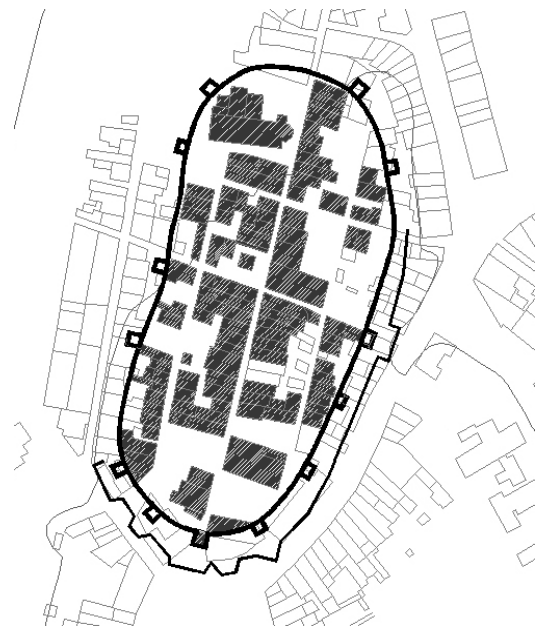
Muralha medieval

A vila de Caminha terá surgido baseada numa povoação pré-romana, onde provavelmente, antes da existência das muralhas terá existido um suposto castelo desaparecido.¹⁸ As primeiras informações sobre a vila baseiam-se na construção da primeira muralha erguida sobre alicerces Romanos. A definição de muralha Romana baseia-se no seu contorno característico (baseado numa elipse), na qual existiam várias torres, para além disso, o seu perímetro de 1260 metros permite datar a muralha como sendo do séc. III / IV. A muralha era composta no total por treze torres havendo três torres principais. A 'Torre do Relógio' estava ligada a estrada de acesso a Viana do Castelo, por esse motivo era apelidada de "Porta de Viana".¹⁹ A segunda torre era a "Torre da Piedade" ('Porta do Sol'), e estava voltada a nascente na direcção do interior onde se situava a Igreja Paroquial de Vilarelho que servia a Vila antes da construção da Igreja Matriz. A terceira torre - 'Torre do Cais' - estava voltada para poente e para o Rio Minho onde servia de apoio ao porto marítimo.

Esta primeira muralha engloba a estrutura urbana e as portas definem eixos viários e quarteirões. Esta muralha representa a base para o desenvolvimento da Vila e representa a primeira afirmação deste núcleo como uma entidade.



Esquema da Muralha Medieval – Fig 78



Planta da Muralha - Época Medieval – Fig 79

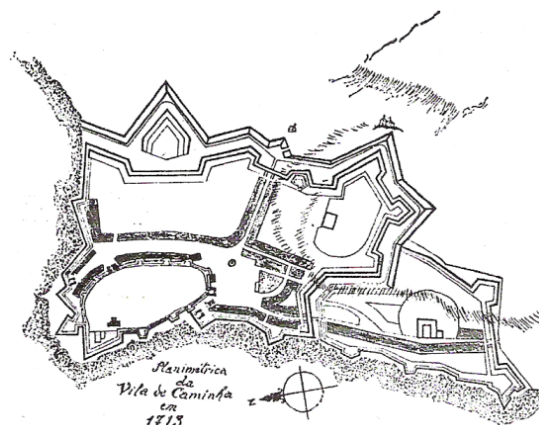
¹⁸ 'Inquirições de Afonso III'

¹⁹ «in ALVES, Lourenço (1985); pag 73; "Caminha e seu Concelho" ; Monografia Caminha»;

Muralha Século XVI

Numa fase pós-medieval, depois de um desenvolvimento da Vila para o exterior do núcleo medieval e da sua fortificação, surgiu a necessidade nos finais do século XV, de construir uma nova fortificação para proteger a vila dos ataques vindos do país vizinho. A construção desta muralha foi ordenada por D.João IV e apenas foi terminada por D.Pedro II.²⁰ Esta nova muralha apresenta novas características diferentes da anterior. Esta fortificação tinha necessidade de aguentar o poder de fogo dos canhões, logo a sua construção teve de ser mais elaborada. A geometria da nova muralha baseia-se num polígono que abrange toda a zona desprotegida da vila. A muralha passa a rodear grande parte da actual vila criando um novo limite. Para além da limitação da nova muralha era também limitada pelas relações de vizinhança com outras freguesias e pelos aspectos físicos do território. Esta nova fortificação vem também alterar as zonas de acesso ao interior da Vila criando novos pontos de entrada. O número de portas passou de três para seis, grande parte devido a expansão baseada na criação de eixos orientadores no interior da muralha.

O contexto sociocultural e territorial ditou a construção desta muralha mas ao mesmo tempo esses mesmos factores vão ditar a sua fase de decadência e parcial destruição.



Muralha Setecentista – Fig 80

²⁰ «in ALVES, Lourenço (1985); Pag 77; "Caminha e seu Concelho" ; Monografia Caminha»

Muralha Século XVIII

A partir do século XVIII, a melhoria de relações entre Portugal e Espanha iniciou um processo que depois se revelou imparável até a actualidade. A limitação que a muralha criou era um entrave ao desenvolvimento da vila, e a constante procura dos terrenos interiores, devido a criação de alternativas as zonas ribeirinhas como fontes de desenvolvimento socioeconómicas, iniciou um processo lento de destruição da muralha que se iniciou junto as zonas de portas de entrada. A ligação destas zonas com os eixos principais criava uma situação propícia ao desenvolvimento da construção ao longo dos eixos e logo nessa zonas. A partir desse momento é complicado referir com pormenor o ano ou a época concreta a que estão ligados fenómenos que levaram a desagregação da muralha sendo evidente a influencias dos vários fenómenos de crescimento (vias, construção, infra-estruturas, desenvolvimento social, etc.) que provocam a degradação da muralha.

Apesar disso, é possível referir em concreto duas situações que influenciam a vila e a muralha de forma significativa. A primeira situação é a passagem da linha de caminhos-de-ferro pela vila por volta do século XIX e a segunda é a apropriação da 'zona alagadiça' do rio Coura. Estes dois fenómenos são muito importantes para a estrutura urbana de caminha e para a continuada degradação da muralha.

Muralha Actual

Actualmente, apesar de um período de contínua destruição, a muralha parece ter ganho uma nova importância. Cada vez mais este tipo de construção é visto como um ícone de um determinado lugar, no caso desta vila, a mentalidade actual passa pela preservação de todos os elementos que possam caracterizar a história e a alma do lugar.

Actualmente existem partes da muralha dispersas por todo território, a mais evidente é a grande fracção de muralha que ainda resiste junto ao 'Convento de St. António' e a fracção de muralha junto a Igreja Matriz. Existem também várias outras partes da muralha que se encontram no interior de propriedades privadas ou até mesmo no interior de edifícios. Algumas partes servem também de base para a criação de habitações.

Caminha atravessa agora um processo de preservação e revitalização de todos os seus componentes históricos, exemplos como a 'Igreja Matriz' ou da 'Torre do Relógio' são alvo de grandes obras de conservação. A muralha tem vindo a criar algumas novas dinâmicas urbanas desenvolvendo ao seu redor, um conjunto de espaços públicos e de percursos de forma a valorizar esta infra-estrutura.



Muralha na Actualidade – Fig 81

Análise Geral do Espaço Urbano

No que diz respeito ao espaço urbano pretende-se abordar três temas fundamentais para o resultado do desenho urbano da Vila de Caminha. Para perceber toda a estrutura é necessário conhecer as várias tipologias dos elementos existentes que vão originar diferentes fenómenos de desenvolvimento. Os temas a tratar são baseados num esquema organizado, isto é, numa primeira parte são analisadas as vias que definem o espaço, depois os quarteirões, definidos pelas vias, e por fim os edifícios que se inserem no quarteirão.

Vias estruturantes do espaço

Do mesmo modo que existem vários períodos que se relacionam com a evolução da muralha ou do tecido urbano também a rua/avenida passa pelos mesmos períodos e pelas suas caracterizações e linguagens próprias.

A primeira tipologia de rua que podemos é a 'Rua Medieval' que se desenvolveu no interior da muralha medieval. Caracteriza-se pelas ruas estreitas rodeadas por edifícios, pavimentações irregulares, falta de condições de salubridade e criação de perspectivas fechadas. Estas vias vão desenvolver uma malha orgânica adaptada a forma da muralha mas com alguns traços de regularidade principalmente na definição dos espaços públicos.

Como segunda tipologia de rua podemos referir as duas ruas que formam os eixos de desenvolvimento da vila (Rua da Corredoura e Rua da Misericórdia). Estas ruas já apresentam uma estrutura diferente, isto é, já não assumem um papel tão regular e rectilíneo como a ruas do interior da muralha medieval. Estas novas ruas já apresentam uma maior largura criando um ambiente menos fechado (também fruto da menor densidade de construção). Cada uma destas ruas apresenta um traçado sinuoso e adaptado ao local e as suas características físicas. Muito provavelmente estas vias basearam-se em caminhos pedonais já existentes desenvolvidos por rotinas já adquiridas pela população. As características originais da pavimentação desta tipologia de rua são difíceis



"Rua do meio/Ricardo Joaquim de Sousa" Fig 82



"Rua dos Pescadores" – Fig 83

de definir, principalmente devido as várias intervenções realizadas ao longo dos tempos. Estes dois eixos vão permitir o crescimento de outras ruas secundárias que vão criar uma malha urbana orgânica no território.

Podemos definir como terceira tipologias as vias secundárias originadas pelas vias anteriormente referidas. Estas vias já apresentam características semelhantes as vias da vila medieval com a alteração fundamental relacionada com a densidade de construção. A menor densidade de construção permite uma diferente vivencia do espaço público.

Como ultima tipologia podemos definir as mais recentes avenidas e estradas nacionais que atravessam a vila. A tipologia baseia-se em grande avenidas com funções diversas e que apresentam uma nova ideologia de rua como espaço a ser vivido. A rua passa a ter uma largura considerável e são criados espaços verdes e equipamentos públicos.

Actualmente, a vila atravessa uma reestruturação das diversas vias criando uma nova organização de todo o espaço urbano definindo novas funções e novos sentidos de desenvolvimento e utilização.



"Rua da Corredoura" – Fig 84

Quarteirões

Estes dois próximos temas (quarteirões/Construção) acompanham o crescimento das vias logo estão anexos ao seu desenvolvimento.

A primeira tipologia de quarteirão centra-se no núcleo medieval e na forma como se desenvolvem as fracções de ocupação do território. A primeira vista é evidente uma linha mais orgânica e quarteirões definidos de forma aleatória e baseada na linha da muralha mas no interior do núcleo os quarteirões apresentam um traçado mais regular criando pequenos quarteirões com um perímetro regular e bem definido. Estes quarteirões são compostos por edifícios que ocupam todo o espaço do quarteirão, salvo algumas excepções onde existem largos ou edifícios muito importantes como a Matriz que se localiza n centro do quarteirão sendo depois rodeada por espaços públicos. O quarteirão medieval de Caminha define uma estrutura densa e com uma elevada taxa de ocupação do solo criando um núcleo. A forma é baseada no perímetro característico que teve origem na forma da muralha e na proximidade da ligação da construção a essa mesma muralha.

A definição de quarteirão vai sofrer uma grande reviravolta na fase que se segue ao período medieval porque apesar da existência de um desenvolvimento das vias a construção não segue um esquema de criação de quarteirões regulares, pelo contrário, a



Quarteirões: época medieval – Fig 85

construção ocupa as zonas laterais das vias, desenvolvendo um crescimento diferente do pretendido. Assim os quarteirões não apresentam uma forma clara e definida, podemos apenas referimos as construções e as vias para atribuir a um conjunto de edifícios a qualidade de quarteirão. Esta realidade foi alterada com o aumento da densidade de construção num período mais recente. Este fenómeno proporcionou a criação de quarteirões fechados e quarteirões abertos, isto é, malhas de construção densa e malha mais abertas com vários espaços livres.

Esta situação parece começar a mudar numa fase mais recente onde a preocupação na organização do espaço faz com que se criem quarteirões mais regulares. Esta situação é possível também pelas características planas do terreno ocupado mas recentemente.

A vila de caminha começa a densificar a construção actualmente, principalmente pela falta de espaço para a expansão. A vila encontra-se completamente rodeada e não tem para onde crescer, logo o mais provável é a vila desenvolver-se para o seu interior. Esse fenómeno vai definir de outra forma os quarteirões que actualmente se encontram dispersos e completamente abertos.



Quarteirões na actualidade – Fig 86

Edifícios

Os edifícios da parcela medieval vão ao encontro das características deste mesmo período. A grande parte dos edifícios é de dois pisos criando a perspectiva limitada e fechada da rua medieval. Estes edifícios apresentam uma construção em pedra e uma planta variada mas geralmente com forma rectangular sendo o lado menor do rectângulo a fachada principal. A fachada apresenta diferentes habitações mas sempre mantendo uma certa homogeneidade da rua.

A tipologia de edifícios é muito diversificada, sendo possível referir como mais importantes as tipologias que contribuíram para o desenvolvimento urbano. As casas senhoriais que se desenvolveram no exterior da muralha medieval foram muito importantes, não só para o crescimento mas também para o desenvolvimento de construções de elevado valor arquitectónico. As casas senhoriais caracterizam-se pela sua dimensão e pela sua decoração. Uma das principais casas senhoriais é a "Casa dos Pitãs", uma quinta senhorial com traços de arquitectura renascentista. Estes palacetes caracterizavam-se pelos grandes espaços luxuosos com grande aberturas e imponentes entradas. A habitação da população comum não apresentava as mesmas características. Geralmente tratavam-se de edifícios de um ou dois pisos e com uma planta rectangular alongada, desenvolvida de forma um pouco diferente da tipologia medieval



Habitações – 'Rua do meio' – Fig 87

apresentando uma organização interior mais trabalhada devido as características dos diferentes espaços necessários nas diferentes épocas. Na mesma época surgem também as primeiras casas dos pescadores. Estas habitações localizadas na zona ribeirinha apresentava uma planta muito simples e geralmente eram habitações de um piso. Para além das pequenas casas dos pescadores surgiram também nestes espaços junto ao rio várias infra-estruturas e edifício como a casa da guarda.

As fachadas dos vários edifícios apresentam uma diferença na organização e tipologia relacionada com a evolução da vila. O período medieval apresenta um formato de fachada relacionado com a tipologia da rua medieval o que se altera quando passamos para a segunda fase de evolução onde as tipologias são diferentes. Existe um confronto entre as diferentes tipologias principalmente no que diz respeito a planta e a altura dos edifícios. A nova geração de edifícios baseia-se no desenvolvimento em altura e em plantas variadas dependendo do local ou do próprio projectista. A fachada não apresenta uma relação de materiais como no período medieval onde a pedra era o principal material. Desta forma existe uma maior variedade da construção da fachada.

Durante um largo período de tempo as tipologias de habitação apenas variavam na definição das plantas e nos matérias a utilizar, não existia uma clara alteração de linguagem. A partir do século XIX começa o fenómeno da



Edifício de comércio e habitação – Fig 88

construção em altura e são construídos por toda a vila, um conjunto de edifícios em altura em vários locais. Estes edifícios apresentavam três ou mais pisos de altura. No centro da vila manteve-se a relação de alturas e tipologias dos edifícios de forma a manter a imagem da vila. Também se desenvolveram varias infra-estruturas como o tribunal, o centro de saúde, a piscina municipal nas novas zonas de expansão junto ao Rio Coura.

Esta grande variedade de tipologias cria diferentes realidades ao nível da forma dos edifícios mas o centro histórico e a zona do actual centro da vila (Terreiro) continua a manter uma homogeneidade positiva perante a grande diversidade de tipologias e de períodos que a construção atravessou.



Edifício habitação – Fig 89

Análise do Centro Histórico

A análise a realizada ao Centro Histórico de Caminha centra-se em três factores fundamentais para o seu desenvolvimento: Estrutura do tecido urbano, caracterização dos fluxos, tipologias de construção e serviços e Infra-estruturas.

Através desta análise pretende-se compreender os vários componentes do centro histórico e as várias relações que vão definir todo este espaço. Através da análise ao tecido urbano é possível perceber a forma, estruturação e relação entre os vários quarteirões que compõem o centro histórico. A definição dos fluxos permite compreender parte do funcionamento e das dinâmicas que permitem a este espaço funcionar e relacionar-se com o exterior do centro histórico e no próprio interior deste espaço. Por último, a caracterização das tipologias de construção e a clarificação das várias infra-estruturas presentes neste espaço permite perceber de que forma todos os fenómenos de desenvolvimento afectaram o tipo de construção, a forma como surgiram os vários edifícios e a forma como se relacionam com as vivências da população.

Estrutura Urbana

A actual definição da estrutura urbana do centro histórico de Caminha apresenta um desenho característico do período medieval. A presença da muralha medieval, para além de definir grande parte dos quarteirões e dos limites, definiu também parte das circulações no seu interior através da criação das portas de entrada que surgiram como referências para o surgimento das principais vias de circulação. O espaço é definido pela muralha e por duas vias principais ligadas as principais portas de entrada na vila durante o período medieval, sendo que, no interior da muralha desenvolveram-se outras dinâmicas que originaram uma grande variedade de tipologias de quarteirões e construções. Desta forma é possível analisar dois tipos de desenho urbano:

- O primeiro tipo de desenho urbano é caracterizado pela sua estrutura regular (rectangular) baseada na definição das ruas que surgiram a cruzar todo o centro histórico (Rua Ricardo Joaquim de Sousa e Travessa do Tribula). Estas ruas vieram organizar não só os principais fluxos do interior do centro histórico mas também a tipologia dos quarteirões, estruturando um conjunto de quarteirões de planta regular perfeitamente definida ao longo desses mesmos eixos. Estes quarteirões surgem em grande parte ocupados na sua totalidade criando apenas pequenos espaços verdes a excepção dos quarteirões onde se situam equipamentos que geralmente ocupam uma parte do terreno



Centro Histórico_Época medieval – Fig 90



Rua Ricardo Joaquim de Sousa – —
Travessa do Tribunal – —

“Centro Histórico – Eixos principais_ Planta” - Fig 91

deixando o restante como espaço público ou zonas verdes.

- A segunda tipologia de desenho urbano é definida pela muralha medieval e assume uma forma orgânica adaptada a forma da muralha tentando obter o máximo de aproveitamento do espaço. Durante a época medieval, a limitação criada pela muralha originou a ocupação de todos os espaços junto a muralha de forma a aumentar o número de construções para albergar a população no interior da fortificação. Numa segunda fase de desenvolvimento em que a vila passa a ter um novo limite, parte da muralha medieval voltada para o interior da vila desapareceu mantendo-se apenas uma parte junto ao rio. Este fenómeno foi acompanhado por um crescente número de construções junto ao núcleo medieval. Estas construções que surgem no perímetro exterior da muralha medieval, onde começaram a funcionar novos eixos/fluxos, vieram fechar os vários quarteirões permitindo desta forma desenvolver um desenho orgânico que define actualmente o perímetro.

Desta forma a estrutura do centro histórico define-se por dois eixos de organização do espaço, vias secundárias, a muralha medieval, largos/praças e a estruturação de duas tipologias de quarteirão, uma tipologia regular que define o interior do centro histórico e uma tipologia orgânica que define os limites do centro histórico.



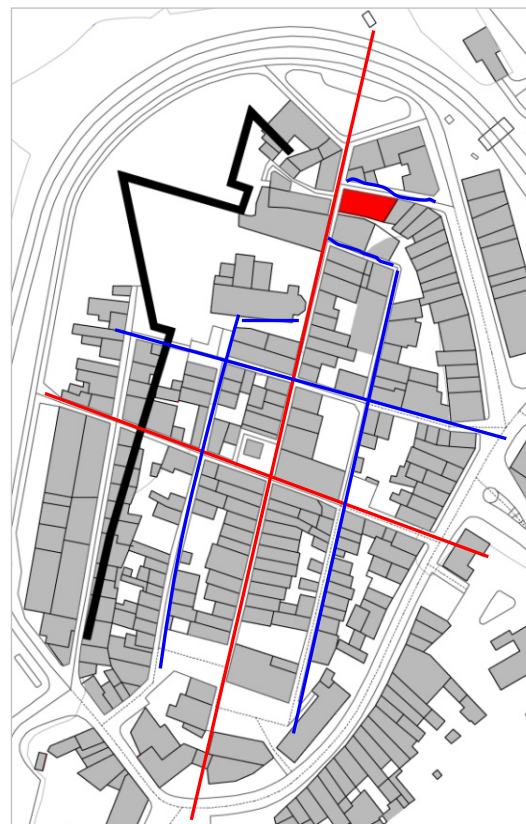
Tipologia regular – —

Tipologia Orgânica – —

"Centro Histórico - Quarteirões_ Planta" – Fig 92

Caracterização dos fluxos

A definição de todo o espaço urbano encontra-se ligada ao desenvolvimento dos vários fluxos que definem a malha urbana e as dinâmicas de funcionamento do centro histórico. Os vários fluxos existentes podem ser divididos por ordem de importância e por data de origem. A relação entre o período no qual se desenvolveram os fluxos vai caracterizar a importância nas dinâmicas de funcionamento de todo o espaço, logo torna-se clara a influência dos primeiros traçados medievais. A muralha medieval surge, mais uma vez, como um dos mais influentes elementos, já que a definição do limite da vila e a criação da várias portas de entrada no interior da muralha vão definir as bases para a estruturação dos fluxos no centro histórico. A clara definição da 'Torre do Relógio' como porta principal e a colocação da 'Igreja Matriz' no lado oposto da muralha definiu de imediato o primeiro eixo (Rua Ricardo Joaquim de Sousa) a passar pelo centro e a dividir o espaço ligando dois dos mais importantes edifícios. O segundo eixo principal surgiu como via de ligação entre a 'Porta do Rio' e a 'Porta do Sol' (Travessa do Tribunal). Este segundo eixo divide, na perpendicular ao primeiro eixo, todo o espaço urbano. Desta forma surgem os primeiros eixos onde se concentram parte das habitações, serviços e espaços de lazer importantes como a biblioteca (antiga cadeia), Câmara Municipal, Casas do turismo, Igreja Matriz etc. Além de todos estes equipamentos, a 'Rua de Meios' (eixo



Vias Principais – —

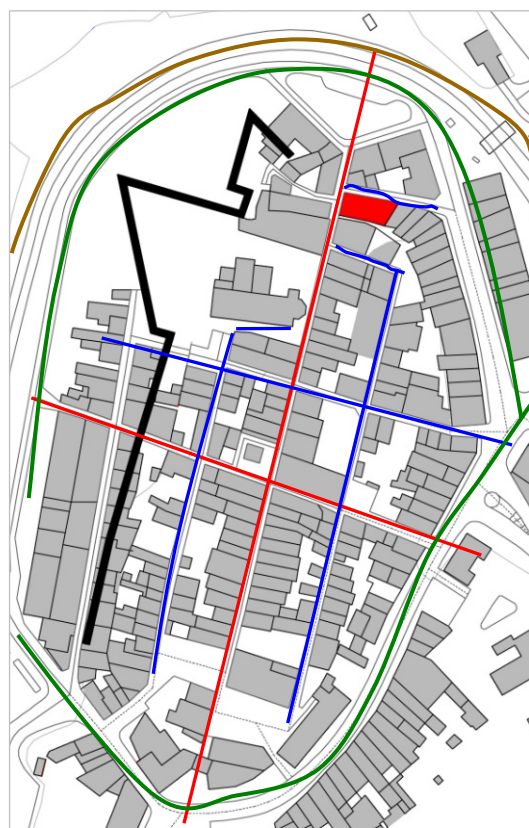
Vias Secundárias – —

"Centro Histórico - Fluxos_ Planta" – Fig 93

principal), como é vulgarmente chamada, assume uma activa vida nocturna estando localizado um conjunto de vários bares e discotecas ao longo da rua. A medida que surgiram as várias construções, surgem também novas vias secundárias para ligar todos os espaços, estando estas vias secundárias sempre ligadas aos eixos principais e as praças/largos. As vias principais apresentam um perfil característico do período medieval. A rua é de perfil estreito, de perspectiva fechada, sendo todo o revestimento dos pavimentos em calcada irregular ou lajeados de granito. As vias secundárias apresentam um perfil mais estreito do que as vias principais e são geralmente revestidas a calçada de granito.

Os eixos principais surgem como principais fluxos de desenvolvimento logo, grande parte dos edifícios comerciais surgem nestas duas ruas deixando para as ruas secundárias como vias de acessos para as habitações. Actualmente não existem condicionamentos no interior do centro histórico, logo, o único entrave são as dimensões das vias.

Para além das vias situados no interior do núcleo medieval, surgem também outras vias que vão definir os limites e as ligações ao exterior do centro histórico. Surge no exterior da zona histórica, uma via que percorre todo o perímetro, ligando as vias principais e algumas das secundárias ao exterior de forma a criar dinâmicas de funcionamento no interior da estrutura medieval. Esta via perimetral encontra-se ligada a 'Praça Conselheiro Silva Torres (Terreiro)' junto a 'Torre do Relógio',



Vias Principais – ———
Vias Secundárias – ———
Vias terciárias
(Perímetro do núcleo medieval) – ———
Estrada Nacional – ———

“Centro Histórico – Eixos/Vias_ Planta” – Fig 94

desenvolvendo a partir de uma dinâmica que relacionam a Praça principal da vila (Terreiro), a via circundante, uma das principais portas de entrada no centro histórico (Torre do Relógio) e a Rua Ricardo Joaquim de Sousa. Esta via terciária é actualmente umas das principais vias de Caminha, já que a sua localização e as dinâmicas de funcionamento instauradas na estrutura urbana da vila são propícias ao desenvolvimento do comércio nesta via. A sua ligação aos principais pontos de entrada da vila e a sua ligação ao Terreiro também funcionam como pontos dinamizadores da rua.

A localização da Estrada Nacional (EN13), proporciona várias ligações indirectas com o núcleo histórico já que esta estrutura acaba por circundar parcialmente toda esta zona. A estrada Nacional surge ligada a via que percorre todo o perímetro do centro histórico. A estruturação hierárquica das vias permite não só perceber os vários fluxos, mas também permite identificar as tipologias de rua que apresentam características diferentes, estando cada via adaptada a uma determinada época ou utilização.

Actualmente o centro histórico apresenta uma forte desertificação devido a falta de dinâmicas, falta de correcta definição das vias e falta de readaptação e reabilitação dos vários espaços.



"Rua Ricardo Joaquim de Sousa" – Fig 95



"Travessa do Tribunal" Fig 96

Caracterização das Construções

As várias construções que surgem no centro histórico estão ligadas a tipologia de rua em que se inserem e ao período no qual surgiram. Ao longo dos tempos os vários edifícios foram sujeitos a diversas intervenções e readaptações de forma a criar novas funções e tipologias de vivência.

Ao longo da Rua Ricardo Joaquim de Sousa, a principal rua de todo o centro histórico, encontram-se um conjunto de construções adaptadas a função de habitação, comércio e lazer (Bares e discotecas). Grande parte das construções apresenta dois pisos de altura com um pé direito reduzido e uma planta rectangular na qual o lado menor surge como fachada principal voltada para a rua. Alguns edifícios apresentam um terceiro piso geralmente originado pela necessidade de aumentar o espaço no interior das habitações ou albergar mais população num determinado período. Estes acrescentos aos edifícios originais são evidentes através da tipologia de fachada e através da alteração de materiais utilizados. Os edifícios de dois pisos são construídos em pedra (granito) que por vez surge a vista ou revestida com reboco ou azulejos. As ampliações são revestidas a chapa metálica ou parede reboca e revestida a azulejo/pintura. As fachadas dos edifícios apresentam diversas configurações no que diz respeito aos vãos. Cada edifício apresenta uma fachada própria, decorada de forma única e particular tentando valorizar cada um dos



"Edifícios de Habitação - Rua Ricardo Joaquim de Sousa" – Fig 97



"Edifícios de Habitação/ Bar - Rua Ricardo Joaquim de Sousa " – Fig 98

edifícios. Dependendo da época na qual surgem, os vários edifícios podem apresentar dimensões de vãos semelhantes apesar de ao longo da via existirem uma grande variedade de vãos e materiais. Todos os edifícios apresentam coberturas inclinadas de diferentes tipologias (duas e quatro águas) revestidas a telha cerâmicas. Ao longo da rua principal existem alguns edifícios que representam a excepção a regra já que apresentam uma altura de três pisos e por vez aproveitamento das águas furta.

Grande parte dos edifícios de serviço foram reabilitados a excepção do Teatro. Parte dos edifícios para além da reabilitação do edifício existente, é complementado com uma ampliação geralmente desenvolvida em detrimento de habitações anexas e assumindo uma linguagem completamente nova, como no caso do novo edifício da Câmara Municipal de Caminha.

Junto a rua principal encontram-se as mais importantes construções da vila como a Torre do relógio, a Igreja da Misericórdia, a Igreja Matriz e a Câmara Municipal. Estes edifícios são caracterizados pelo seu grande valor histórico e arquitectónico representando diferentes as diferentes fases de construção na vila. A Torre do relógio representa a época medieval e a muralha, a Igreja Matriz e a Igreja da Misericórdia representam a importância da religião no desenvolvimento da vila e a câmara surge como representação não só do poder político mas como marcação de uma determinada zona da



"Edifícios de Habitação/ Comercio - Rua Ricardo Joaquim de Sousa" - Fig 99



"Edifícios de Habitação - Rua Ricardo Joaquim de Sousa" - Fig 100

vila como ponto estratégico para a sua organização e funcionamento.

Ao longo das vias secundárias, no interior do centro histórico encontram-se edifícios de tipologias variadas devido a grande alteração que as construções sofreram. Os edifícios do interior do núcleo medieval que se encontram junto das vias secundárias apresentam dois pisos de altura e uma planta que assume várias formas dependendo do local onde se integram, o que indica que as construções surgiram de forma aleatória e sem um planeamento claro no desenho ou forma de ocupação do espaço. Alguns edifícios podem ter o acrescento de um piso, colocado numa fase posterior. Os edifícios apresentam diversos materiais na sua construção, sendo que grande parte são em pedra ou tem uma base medieval em pedra. Alguns dos edifícios são construídos com tijolo ou o bloco de betão estando estes mesmos materiais. O reboco pintado, o azulejo e a pedra surgem como principal característica das fachadas.

Para além de todos os edifícios do interior do centro histórico, as construções desenvolvidas no perímetro que compõem os quarteirões e definem o limite do centro histórico surgem também como parte importante. Grande parte dos edifícios assume uma altura de dois, três ou quatro pisos. Os edifícios do período Barroco mantêm a sua fachada, logo a imagem geral do alçado das vias junto a Praça Conselheiro Silva Torres preservam a sua essência. Parte da construção que surge junto ao rio assume características que valorizam o comércio e



"Edifícios de Habitação - Rua Dr. Luciano de Amorim e Silva" – Fig 101



"Edifícios de Habitação/ Comércio Rua barão de São Roque" - Fig 102

desenvolvem um conjunto de apartamentos nos pisos superior. Materiais como o tijolo e o betão surgem como novas alternativas a construção tradicional adoptada em grande parte dos edifícios.

A variedade na construção permite uma leitura variada das fachadas e materiais utilizados na construção, onde cada edifício assume a sua própria planta regular ou desenvolver-se num espaço onde a forma será orgânica. Esta variedade deve-se principalmente as várias intervenções realizadas e a falta de planeamento ou controlo na construção.

Serviços e infra-estruturas

Os diversos serviços, monumentos e infra-estruturas presentes no centro histórico estão relacionados com a importância da Rua Ricardo Joaquim de Sousa. Junto a Praça Conselheiro Silva torres encontra-se a Torre do Relógio que surge como referência a criação do eixo principal e como porta principal de entrada no núcleo medieval. Este monumento representa a imagem da vila de Caminha estando presente no Brasão como símbolo e representação da muralha da vila. Junto a Torre do relógio surgiu a Câmara municipal que acabou por mudar a sua sede para o edifício do antigo hospital onde para além da reabilitação do edifício foi desenvolvida uma ampliação. Junto a Torre e a Câmara encontra-se um largo que funciona como espaço de entrada no Centro Histórico e espaço de entrada para o edifício da Câmara. A Igreja da Misericórdia surge da também ligada a este mesmo largo e a Praça Conselheiro Silva Torres. Esta igreja surgiu anexa ao albergue para peregrinos e a sua localização prende-se com a sua relação com o terreiro e a necessidade de desenvolver um edifício religioso ligado a praça principal da vila já que a Igreja Matriz se encontra no lado oposto do centro histórico.

Na intersecção da rua Ricardo Joaquim de Sousa com a Travessa do tribunal (dois eixos principais) surgem dois edifícios importantes para o desenvolvimento da cultura: A Biblioteca/Museu e a Casa do Turismo. A biblioteca funciona no interior da antiga prisão



"Torre do relógio" – Fig 103



"Câmara Municipal" – Fig 104



"Igreja da Misericórdia" – Fig 105

tendo sido reabilitado todo o espaço interior de forma a criar espaços de exposição, espaço de biblioteca e zonas de administração. A casa do turismo funciona num antigo espaço administrativo, sendo a entrada antecedida por um pequeno largo que também representa o ponto de encontro entre os dois eixos já referidos.

Na parte final da Rua Ricardo Joaquim de Sousa encontra-se a Igreja Matriz e o Teatro Valadares. Estes dois edifícios definem o final da rua e caracterizam a distribuição dos serviços ao longo de todo este eixo. A Igreja Matriz representa um dos principais monumentos religiosos da vila no qual são realizadas algumas das mais importantes festividades. O Teatro Valadares encontra-se no encontro entre a Rua Ricardo Joaquim de Sousa e a Travessa do Teatro sendo este edifício aquele que se situa no vértice de encontro das duas ruas. Actualmente o teatro encontra-se fechado e em grande estado de degradação. No final da rua encontra-se um pequeno espaço público relacionada com a via que percorre todo o perímetro do centro histórico.

As várias infra-estruturas e serviços estão ligados a rua Ricardo Joaquim de Sousa, revelando a importância desta via para a dinamização do centro histórico. Os vários pontos de ligação e cruzamento de vias funcionam como pontos estratégicos para a localização de serviços.



"Casa do turismo" – Fig 106

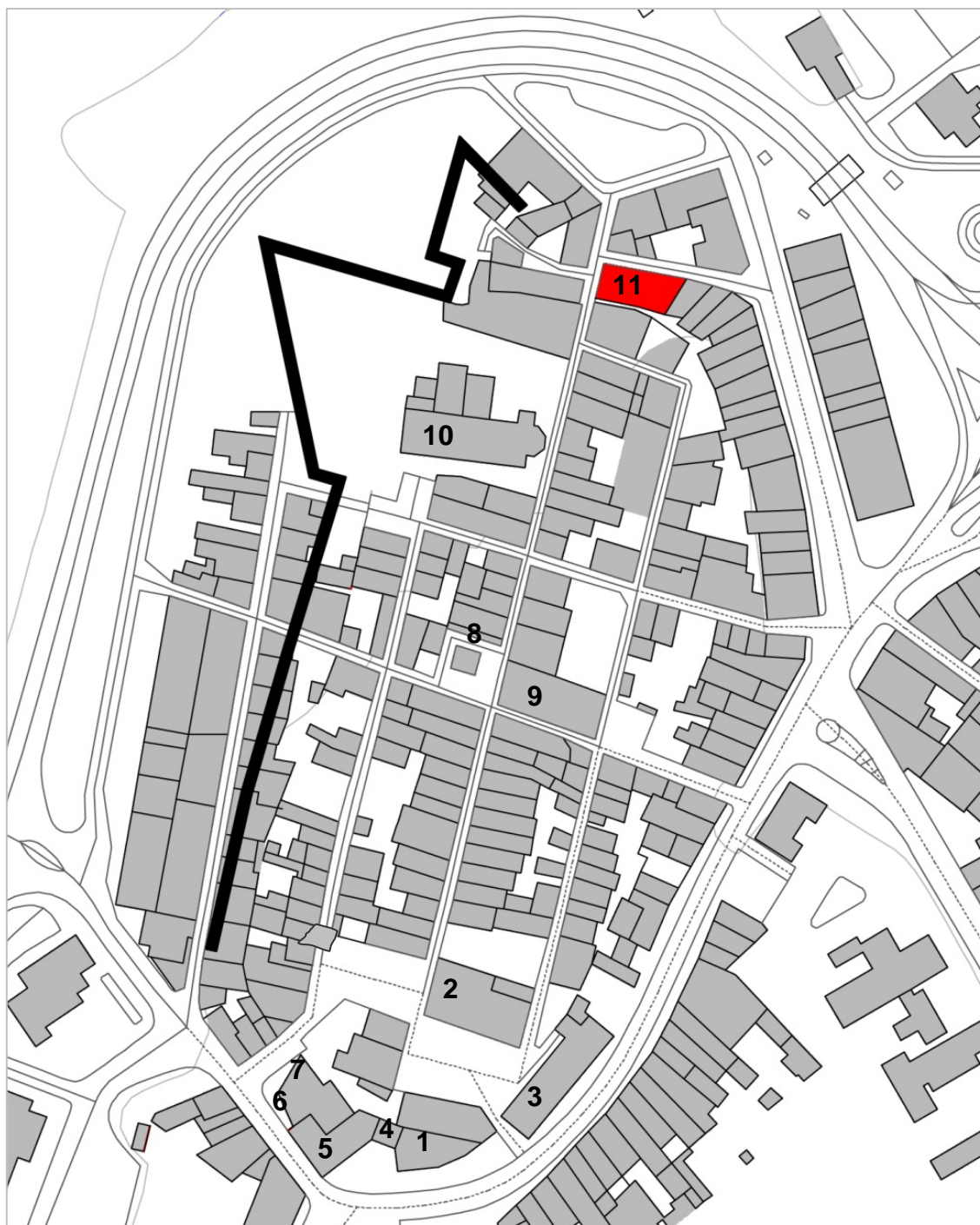


"Biblioteca Municipal" – Fig 107



"Igreja Matriz" – Fig 108

Localização dos Serviços e Infra-estruturas:



"Centro Histórico_ Planta de serviços" – Fig 109

1 – Câmara Municipal	7 – Junta de Freguesia
2 – Ampliação da Câmara Municipal (antigo Hospital)	8 - Edifício do turismo
3 – Igreja da Misericórdia	9 – Biblioteca Municipal
4 – Torre do Relógio	10 – Igreja Matriz
5 – Caixa Geral de Depósito (Banco)	11 – Cine-Teatro Valadares
6 – Edifício da GNR	

Capítulo VI _ Teatro Valadares

Introdução Histórica

Inaugurado em 1898, o Teatro Valadares situado no 'Centro Histórico' da Vila de Caminha faz parte do património da Vila de Caminha. Este teatro foi construído pela mão do seu proprietário José Maria Valadares e com a ajuda de Joaquim Vicente da Cruz Trovisqueira ainda no final do século XIX (1897).²¹

José Maria Valadares, fundador do Teatro Valadares, nasceu em 4 de Abril de 1834, sendo um dos maiores empreendedores caminhenses. Tendo começado a vida como pequeno comerciante, evoluiu para negócios de grande dimensão chegando a principal armador de navios local. Com a riqueza acumulada no comércio marítimo, tornou-se o maior empreiteiro de construção civil de Caminha sendo responsável pelo levantamento de dezenas de edifícios numa fase de significativo crescimento urbano da vila. Mais tarde, assim como vários outros capitalistas da altura, acabou por dedicar-se a política, assumindo o cargo de vereador ou vice-presidente da câmara Municipal. Faleceu em Julho de 1910.

Em 1896, José Maria Valadares pediu autorização a edilidade para reconstruir um prédio que tinha adquirido. Dois anos depois, em 1898, foi inaugurado o Teatro Valadares. Este Teatro não era a primeira sala de teatro que abria portas em Caminha – antes existiam o



Retrato: 'José Maria Valadares' – Fig 110

²¹ «in, BENTO, Paulo Torres; "Toponímia e história da vila da foz do Minho";Pag150/151»

Teatro Garrett, a Fonte da Vila e o Teatro da Trindade – mas seria a mais importante.

Apesar do exterior pouco ornamentado, o Teatro foi construído tendo um acolhedor interior em Ferradura “a italiana”, de acordo com outros espaços idênticos da época – Teatro Sá de Miranda (Viana do Castelo, 1859) / Teatro Diogo Bernardes Miranda (Ponte de Lima, 1885).

Com óptimas condições acústicas, passaram por ele grandes nomes do Teatro Português com Chaby Pinheiro, Palmira Bastos ou Amélia Rey Colaço e ficaram na memória dos Caminhenses os bailes de carnaval, as festas infantis e as revistas musicais dos anos quarenta e cinquenta do século XX. Também o cinema marcou presença neste espaço a partir de Abril de 1908, sendo que a sala não se encontrava preparada, tendo vários problemas ao nível da luz. Nas décadas seguintes passaram por esta sala alguns dos muitos filmes que marcaram a história do Cinema como “Um dia bem passado” do actor ‘Charles Chaplin’. A falta de condições da sala originou em 1972 uma remodelação da sala de forma a poder exhibir películas de grande formato em boas condições. Durante esta época de remodelação, o nome deste espaço foi alterado para Cine-Teatro José António Pires, nome do seu novo proprietário e permaneceu assim até 1983 quando encerrou as portas. Antes do seu fecho a sala serviu também de palco para sessões de propaganda política pós 25 de Abril.²²

Perante o elevado estado de degradação e depois de vários apelos por parte da



Fotografia aérea da vila de Caminha, em 1960
Fig 111

²² «in, BENTO, Paulo Torres; "Toponímia e história da vila da foz do Minho";Pag150/151»

população a Câmara municipal acabou por adquirir o imóvel em 2007. O Projecto de recuperação foi entregue ao Arquitecto Pedro Ramalho, projecto esse que se encontra aprovado e a espera de fundos de forma a iniciar os trabalhos. A população aguarda pacientemente a reabertura de um dos espaços mais importantes da Vila de Caminha – “O Centenário Teatro Valadares”.



Interior da Sala de espectáculos – Fig 112

Descrição do edifício

O Teatro Valadares foi construído no interior de um edifício destinado ao comércio e habitação. O edifício foi adaptado pelo seu proprietário para funcionar como Teatro. A lotação, em 1960, era de 276 lugares, o que significa que, originalmente devia ultrapassar, ligeiramente os 300 lugares.

O Teatro encontra-se implantado num terreno de 10,5 metros de largura e cerca de 25 metros de comprimento na intersecção da 'Rua Ricardo Joaquim de Sousa' com a 'Travessa do Teatro', sendo desta forma o edifício que marca um espaço e uma transição. Desta forma duas das suas fachadas surgem como marca neste espaço importante de transição dos vários fluxos existentes no interior do centro histórico. As fachadas do edifício base mantiveram-se até a actualidade, de realçar apenas algumas alterações nos vãos onde foram parcialmente encerados ou alterados de forma a servir o interior do edifício que se alterou significativamente. A fachada principal encontra-se voltada para a Rua Ricardo Joaquim de Sousa, sendo esta entrada mais larga que uma porta vulgar e com padieira em arco batido. Sobre a porta, existe uma janela de sacada, ligeiramente mais estreita e, sobre ela, um óculo quadrangular rodado a 45°. A fachada lateral contém cinco portas às quais se sobrepõem cinco janelas de sacada com varandas salientes. No terceiro piso, encontram-se outras cinco aberturas sendo as do



Alçado Frontal (Oeste) – Fig 113



Alçado Lateral (Norte) – Fig 114

meio e topos, janelas, e as duas restantes, janelas de sacada com varandas.

O topo do lado oposto a fachada da entrada é constituído por uma empena que se encontra ligada às casas vizinhas. O lado oposto ao da 'Travessa do Teatro' possui uma estreita passagem, entre a parede do teatro e a parede do edifício vizinho. Neste espaço, foram construídas, possivelmente já depois da edificação do teatro, instalações sanitárias no rés-do-chão e no terceiro piso, apoiando-se na empena do edifício ao lado (discoteca Alfandega). Existe igualmente, nesta faixa de terreno, ao nível do palco, um compartimento de apoio que inclui as instalações sanitárias de apoio aos artistas e uma saída para os terrenos da parte de traseira dos prédios vizinho. Esta saída terá funcionado como possível saída de emergência.

Na fachada lateral voltada para a 'Travessa do Teatro', das cinco portas da fachada lateral, as duas do extremo nascente correspondem a localização do sub palco, embora a última esteja coberta por um dos camarins (possivelmente devido a adaptação posterior). A porta junto à fachada principal, onde se localiza a entrada, no lado poente, abre lateralmente para o Foyer de entrada, estando as outras duas portas ligadas à plateia através de um corredor disposto ao longo das paredes laterais.

No interior do edifício situa-se uma sala de espectáculos em Ferradura "a italiana", de acordo com a moda da época, estando o público dividido entre a plateia central e três



Alçado Norte _ Localização da empena
Fig 115



Vista geral do interior – Fig 116

balcões. A entrada principal localiza-se no alçado poente. Na entrada do edifício, imediatamente a seguir a porta encontram-se, dos dois lados, as escadas em “L” que conduzem aos pisos superiores. Em frente da entrada, depois destas escadas, encontra-se o Foyer de entrada. Este espaço é de reduzidas dimensões, com cerca de 6m de largura por 2,5m de profundidade. Alinhada com a porta principal encontra-se a entrada para a Plateia, sob uma porta em arco.

A plateia apresenta uma largura de 6m, estando ladeada por dois corredores laterais que se desenvolvem pelo exterior da sala que se localizam ao longo das paredes exteriores. Estes corredores, com cerca de 1,25m de largura, alinham pelas escadas em “L”, junto da entrada e ligavam ao foyer às duas passagens existentes no proscénio onde, por duas pequenas escadas, se podia subir ao Palco. Estes mesmos corredores serviam de saída da plateia, que possuía duas portas para cada corredor e, assim, encontrava vias de escape rápido, quer para o átrio pelo corredor sul, quer para o exterior pelo corredor norte.

No foyer, de ambos os lados da entrada para a plateia, alinhados pelos limites, situam-se duas escadas de tramo único. Estas escadas sobem para um balcão situado num nível bastante mais elevado em relação a plateia, que poderá ter tido duas frisas junto à boca da cena, estando o resto da balaustrada ocupada por lugares individuais. Neste balcão, entre a escada de acesso e a passagem para a plateia



Entrada para a plateia – Fig 117



Balcão dois: sala de espectáculos – Fig 118

encontram-se dois espaços com três lugares cada denominados de “cantinhos”.

O acesso ao balcão dois, onde se localizam os Camarotes, é realizado a partir das escadas junto á porta de entrada. O balcão é formado por treze Camarotes, sendo que o camarote central foi posteriormente transformado em cabine de projecção. Os corredores laterais são de pequenas dimensões (cerca de 0,70 e 0,80m) e os camarotes laterais são pouco fundos (cerca de 1,1m). Os cinco Camarotes de fundo são de maiores dimensões, chegando as divisórias entre os dois do canto a medir 3,0m.

O último balcão, no terceiro piso, é semelhante ao anterior, tendo 8 Camarotes e uma varanda ao fundo. Antes de 1939, segundo desenhos, estas divisórias desapareceram, ficando tudo transformado numa grande varanda que, ao fundo da sala, se transformava numa pequena bancada. Como os Camarotes eram quatro de cada lado do proscénio, a bancada manteve-se, tendo apenas sido eliminadas as divisórias dos Camarotes, para flexibilizar o uso das varandas.

O interior da sala foi extensamente decorado com ornamentos variados. Foram utilizadas na decoração cores como o dourado, magenta, azul, verde, castanho, preto e vermelho o que confere a sala um carácter forte e imponente e ao mesmo tempo são cores que transmitem movimento e a alegria. A decoração da sala confere ao espaço uma beleza própria, muito característica dos Teatros da época. Ao



Acesso ao primeiro balcão – Fig 119



Acesso ao balcão dois e três – Fig 120

longo da sala surgem montantes de suporte em ferro e pingentes de madeira que reforçam um ritmo vertical (Sala estreita e esguia) contrastado pelos rebordos horizontais das ordens. O arco de cena, tem 7,5m de altura e 5,4m de largura. A plateia tem desde o arco da entrada até ao palco apenas 7,4m, com escassos 6m de largura.

O teatro é caracterizado pela falta de infra-estruturas e espaços essenciais para o seu funcionamento ao nível do acolhimento do público, zonas técnicas, estruturas cénicas e zonas de apoio ao palco. Apesar do exterior estar descaracterizado o interior assume-se como um espaço acolhedor e com um razoável comportamento acústico.

Uma das características mais relevantes prende-se com a forma como o edifício preexistente foi adaptado para funcionar como teatro. O interior do edifício foi alterado criando diversos pisos, sendo que a fachada exterior manteve-se intacta. Desta forma surgem situações nas quais pavimentos surgem a meio dos vãos inutilizando os vãos. Pode-se assumir esta intervenção como 'Fachadismo'.

O teatro Valadares surge caracteriza-se pela falta de ligação entre a fachada e o interior, a falta de espaço e de infra-estruturas torna-se também num factor negativo. Apesar dos problemas existentes, o teatro é dono de uma sala de grande valor arquitectónico onde a sua tipologia característica adaptada ao espaço existente e a sua extensa decoração e desenho de todos elementos que compõem a sala surgem como principais referências.



Balcão três – Sala de espectáculos – Fig 121

Caracterização do Edifício _ Exterior

Alçado Frontal (Oeste)

A entrada principal para o Teatro era feita pela única porta do alçado junto a 'Rua Ricardo Joaquim de Sousa', porta essa que se encontra actualmente inacessível, bem como as restantes portas do alçado junto a 'Travessa do Teatro'. As paredes são em alvenaria de pedra (Granito) rebocada e pintada, apresentando-se a parede em bom estado de conservação, verificando-se pontualmente fissuras e microfissuração do reboco. Os socos e as cornijas em blocos de granito apresentam algumas eflorescências e algum desgaste. Todas estas portas foram fechadas com tábuas de madeira, devido ao vandalismo aqui praticado. As caixilharias das janelas encontram-se em mau estado e grande parte dos vidros já não existem ou encontram-se partidos. A caleira de recolha de águas pluviais está bastante danificada o que origina pontualmente zona de desgaste da pedra e da parede.



Alçado Frontal (Oeste) – Fig 122

Alçado Lateral Esquerdo (Norte)

Neste alçado, voltado para a 'Travessa do Teatro', são evidentes na fachada a presença de humidades e desgaste do reboco devido á sua orientação a Norte. As paredes são de alvenaria de pedra (Granito) rebocada e pintada. A pintura e o reboco apresentam um elevado desgaste, onde são evidentes as fissuras, a microfissuração dos rebocos e presença de musgos. Os socos, cornijas, ombreiras, lintéis e soleiras apresentam eflorescências e desagregação da pedra. Todas as portas do alçado estão seladas com placas de madeira para evitar a entrada no interior do edifício. As portas são de madeira maciça, com abertura para o exterior, encontrando-se todas as portas em mau estado de conservação. As várias dobradiças estão desgastadas apresentando claros sinais de oxidação. As portadas das janelas que serviam para escurecer o interior da sala, ruíram com o tempo devido ao apodrecimento da madeira, sendo que existem actualmente quatro exemplares em muito mal estado. As varandas das duas portas do piso 2, tem a protecção em ferro forjado encontra-se em estado avançado de oxidação



Alçado Lateral (Norte) – Fig 123

Cobertura

O telhado é composto por três águas, com telha tipo Marselha e com respectiva drenagem de águas pluviais direccionada para uma caleira em PVC.

Devido as acções climatéricas e ao envelhecimento do material, as telhas encontram-se em mau estado encontrando-se parte das telhas partidas, principalmente no beiral, onde a acção do vento e da chuva levantou parte das telhas. A cumeeira muito característica apresenta um elevado desgaste dos vários elementos de decoração. Os laroz estão em bom estado apresentando apenas marcas do tempo como as restantes telhas que compõem o telhado.



Teatro Valadares – Cobertura – Fig 124

Caracterização do Edifício _ Interior

Paredes Exteriores pelo Interior

As paredes que delimitam o edifício são em alvenaria de pedra, com um reboco em gesso pintado em várias cores. Grande parte da pintura e gesso da face interior encontra-se totalmente desgastada, assim como em grande parte do edifício devido à grande percentagem de humidade. Em algumas partes do edifício, forma aplicadas tintas sobre os frescos originais. É possível perceber a existência de frescos através de algumas paredes em que se pode verificar que depois de sair uma película de tinta a parede em gesso contínua era pintada.

As patologias existentes, apenas abrangem os revestimentos da parede estrutural, estando esta em bom estado de conservação.



Corredor, (alvenaria de granito rebocado) e no lado esquerdo, a parede interior (tabique)

Fig 125

Paredes divisórias

As paredes divisórias interiores são em Tabique. Parte destas divisórias encontram-se em mau estado de conservação, estando grande parte da estrutura de madeira podre. A argamassa do tabique desagregou-se da parede, deixando a estrutura em madeira à mostra

Nos locais onde a parede está forrada a alcatifa, de forma a ter um melhor comportamento acústico, o forro acabou por despregar-se e também apodrecer. As cores e características técnicas dos materiais, com o tempo foram perdendo a sua vivacidade.



Parede de Tabique – Fig 126

Foram também revestidas algumas paredes com contraplacado que se encontra a apodrecer principalmente devido a humidade que origina também a criação de empenamento das peças.

Pinturas

As paredes interiores são em grande parte revestidas com diversos tipos de pintura. Algumas são revestidas com frescos que foram posteriormente cobertos com uma nova camada uniforme de tinta. Grande parte das estruturas em gesso ou madeira são também pintadas com tintas de diversas cores. Todas as pinturas encontram-se em mau estado estando grande parte delas a descascar, isto devido ao elevado nível de humidade e a elevada concentração de salitre nas paredes.



Pintura em destacamento (Tectos) – Fig 127

Revestimentos (tecidos)

No revestimento interior, de forma a trabalhar a componente acústica da sala e dos vários espaços que compõem o teatro, foram aplicadas alcatifas, para uma maior absorção de sons, e para transformar o edifício num espaço mais acolhedor. Os vários tecidos encontram-se em avançado estado de degradação. E com o passar do tempo os tecidos acabaram por ganhar forma irregular, ficando vincadas sendo impossíveis de repor ou reparar.

Dos vários tecidos utilizados encontra-se a 'Napa' que foi aplicada nos camarotes e frisas. Este material é maleável e fácil de aplicar sobre as formas dos elementos que compõem o

espaço. Este material encontra-se aplicado sobre uma esponja, para ser mais eficiente na sua funcionalidade.

Para além da degradação devido a acção do tempo e do abandono, o vandalismo também surge como umas das principais razões para a degradação dos tecidos.

Tectos (sala principal)

Os tectos da sala de espectáculos e dos diversos compartimentos são em taipa de fasquio, pintada de branco ou outras cores dependendo do local. Parte dos tectos encontra-se em bom estado, verificando-se junto as fachadas e as zonas onde surgiram infiltrações ou humidades, espaços nos quais o tecto se encontra degradado devido a podridão das madeiras. Grande parte das pinturas também se encontra em avançado estado de degradação principalmente devido a humidade e tinta aplicada.



Tecto em Tabique – Fig 128

Madeiras

A estrutura de madeira das asnas de suporte do telhado encontra-se num mau estado de conservação, estando alguns barrotes e o ripado, estão degradados. Parte da estrutura apresenta nos seus vários elementos apodrecimento das peças de madeira devido à humidade, sendo que nem todas as peças apresentam o mesmo nível de degradação.

As madeiras utilizadas nos soalhos dos pavimentos dos vários pisos estão em grande parte podres, assim com as vigas estruturais.



Pavimentos de madeira, em mau estado
Fig 129

Caixilharia (caixilharia em madeira)

As caixilharias dos vão das janelas são formadas por duas folhas movimentadas por deslocamento vertical no plano da janela (Janela guilhotina). As madeiras estão em avançado estado de degradação apresentando apodrecimento e empenamento das madeiras. Os vidros estão partidos principalmente devido ao vandalismo e a degradação originada pelo tempo.



Janelas de guilhotina – Fig 130

Descrição do Sistema Construtivo e Tecnologias Aplicadas

Paredes

O Teatro Valadares tem como sistema construtivo estrutural as paredes exteriores autoportantes de alvenaria de pedra (granito), de aparelho irregular assente em argamassa. Pela parte exterior, a alvenaria é coberta de argamassa de cimento e pintada. Pela parte interior, a parede estrutural é rebocada com argamassa de cal e pintada.

As paredes divisórias são de tabique ou taipa de fasquio. Sobre o fasquio foi aplicado um reboco de cal e terra que preenche o ripado, sendo toda a estrutura rebocada seguidamente rebocos de gesso com frescos ou gesso pintando posteriormente com as cores características do teatro. Algumas das paredes divisórias do piso térreo são em contraplacado de madeira, sendo estas revestidas com tecidos de vários tipos e cores.

Nas paredes exteriores surgem também vários elementos em pedra talhada. Estas pedras surgem nos cunhais, nas padieiras, nas ombreiras, nos socos, nas cornijas e nas varandas.



Paredes interiores – Fig 131

Cobertura

A cobertura do Teatro tem é de pouca inclinação, estando apoiada numa estrutura tradicional em madeira. A estrutura da cobertura é composta por seis asnas simples de pendural que estão encastradas nas paredes estruturais do edifício. Nas asnas estão colocadas duas pernas que suportam a asna que se situam sobre o palco. As pernas vão apoiar-se num cachorro de pedra existente nas paredes estruturais. Este apoio adicional deve-se a existência de um passadiço em redor do palco para o funcionamento dos cenários.

O telhado é composto por três águas, sendo revestido com telha Marselha apoiada num ripado de madeira ou sobre o forro colocado sobre o ripado. Nas zonas onde o telhado se apresenta sem forro e a telha assenta directamente sobre o ripado a cobertura passa a ter um telhado em telha-vã.



Estrutura da cobertura_Asna – Fig 132



Estrutura de madeira_Cobertura – Fig 133

Sistema Estrutural

O sistema estrutural do edifício baseia-se na definição dos elementos estruturais que suportam os balcões e os vários pisos. As paredes estruturais do perímetro do edifício suportam todo o peso da estrutura da cobertura e de todos os pisos através do encastramento das estruturas de madeira e a utilização de cachorros de apoio. As paredes estruturais do perímetro do edifício permitem que os camarotes e frisas, localizadas a cerca de 2,00 metros de distância das paredes Laterais, possam ser apoiadas sobre esse mesmo elemento. Não existem nenhuns pilares de suporte, apesar disso, são evidentes a utilização de uns tirantes redondos em ferro, pintado em amarelo, com 0,04 metros de diâmetro que surgem como elementos de apoio para o equilíbrio da estrutura dos balcões. Estes tirantes funcionam a tracção, pois a partir de uma peça em forma de **U** fixada as linhas as asnas e as vigas que suportam os pavimentos dos pisos. Esta fixação dos tirantes é realizada a partir do aparafusamento dos elementos metálicos a estrutura de madeira.



Tirantes de Ferro (Balcão 2) – Fig 134

Pavimentos

Os pavimentos do piso térreo são em ladrilho de forma quadrangular com um padrão característico da época. A plateia encontra-se revestida com alcatifa. O acesso aos pisos superior é realizado a partir de escadas revestidas com madeira. O primeiro e segundo piso são revestidos com alcatifa que surge sobre um soalho de madeira. Este pavimento de soalho surge a vista em partes do edifício como as salas a anexas a sala de espectáculos. O soalho de madeira é assente sobre uma estrutura de madeira constituída por um vigamento de madeira perpendicular á parede lateral. O assentamento do vigamento nas paredes-mestras é feito por encastramento directo.



Pavimentos (ladrilho) – Fig 135

Tectos

Os vários tectos do Teatro são em tabique, sendo a estrutura composta por um ripado de madeira colocado na perpendicular em relação ás vigas do pavimento, e sobre o qual era pregado outro ripado de madeira na perpendicular. A estrutura do tecto foi completada com a colocação de uma argamassa de cal e terra no interior da estrutura de madeira. O tecto era depois rebocado com gesso e pintado de cores diversas segundo o espaço em que se inseria.



Tectos de tabique e gesso – Fig 136

Estado actual

O Teatro Valadares, inserido no 'Centro Histórico' de Caminha atravessa actualmente uma fase de elevada degradação e abandono a imagem daquilo que acontece com uma parte dos edifícios desta zona da vila. O abandono do 'Centro Histórico' inserido numa nova dinâmica de desenvolvimento da vila, originou a perda de identidade e importância por parte de diversos equipamentos. Actualmente o espaço do Teatro encontra-se fechado e deixado ao abandono a cerca de três décadas o que originou um grande desgaste particularmente de toda a estrutura interior e decoração. Grande parte dos vãos estão completamente desgastados ou sem caixilharia o que deixa o espaço interior sujeito a todo tipo de acções climatéricas e outros agentes. A cobertura encontra-se em elevado estado de degradação apresentando problemas estruturais e diversas infiltrações. O espaço entre o Teatro e o edifício do lado (discoteca alfandega) encontra-se completamente ao abandono e sem qualquer aproveitamento deixando um espaço perdido entre os dois edifícios.

Depois de vários apelos por parte da população da vila a Câmara Municipal, de forma a recuperar um espaço que se encontra na memória de vários Caminhenses, a Câmara prepara-se para reabilitar o Teatro Valadares, criando apenas espaços necessários ao seu funcionamento.



Vista Geral Teatro Valadares – Fig 137

Evolução Cronológica

1898 – Inauguração do Teatro Valadares depois da reabilitação do edifício existente.

1939 – De forma a melhorar a visibilidade no interior da sala a partir da bancada, desaparecem as divisórias dos camarotes, passando a divisória a ter um metro de altura.

1960 – O Teatro deixa receber 300 pessoas, passando apenas a 276 lugares sentados, no entanto, com uma melhor qualidade.

1972 – Com o desenvolvimento do cinema, o Teatro passa a Cine-Teatro, sofrendo diversas alterações no interior de forma a poder passar filmes. São eliminados dos camarotes no segundo piso, em frente ao palco, para dar lugar á sala de Projecção, como consequência vem todo sistema eléctrico.

1980 – Surge neste ano um Cineclubes, que tinha como objectivo a exploração de actividades cinematográficas e culturais, localizada na Rua de S. João, fora do centro histórico. Com esta mudança de, o Cine-Teatro Valadares foi trocado pelo Cineclubes, e seria uma das causas do encerramento deste edifício.

1983 – Encerra o Cine-Teatro Valadares.

1995 - Neste ano é formado um Grupo dos Amigos do Valadares, que encomendaram um levantamento e um pequeno estudo da sala de espectáculos ao arquitecto Pedro Ramalho, autor do ante-projecto. Existiram umas obras posteriores ao encerramento, que não se encontraram datadas. As várias obras posteriores não foram terminadas e até hoje o Cine-Teatro continua encerrado.

2007 – O Cine-Teatro passa a ser propriedade da Câmara Municipal de Caminha.

Capítulo VII _ Conclusão

O processo de investigação desenvolvido apresenta diversas conclusões importantes para a elaboração de uma proposta de reabilitação para o teatro Valadares, de forma a realizar uma proposta inovadora dentro da temática da reabilitação e inserida no contexto do local.

Ao longo dos séculos o desenvolvimento dos teatros, em particular do seu espaço e da sua estrutura apresenta alterações significativas, dependendo da conjectura social e das necessidades dos utilizadores e do contexto em que se insere, sendo clara a evolução desde o período grego ao período actual. Esta evolução do espaço destinado a performance artística é fundamental na forma como a estrutura de organização se desenvolve na actualidade, criando uma estrutura base composta por foyer, plateia, palco e áreas técnicas. Esta estrutura é a base para a elaboração de uma intervenção num teatro sendo fundamental respeitar estes espaços e criar novas dinâmicas entre eles de forma a inovar nas relações dos espaços e na definição desses mesmos espaços. A reinterpretção destes espaço e a ligação entre eles surge como uma das principais premissas na intervenção de um teatro, sendo clara no caso dos teatros clássicos a importância da manutenção das características que definem o espaço como património. Um dos principais desafios parte da percepção do espaço e da necessidade de compreender o contexto do local, desta forma torna-se possível estruturar uma proposta que crie novas dinâmicas e que seja inovadora na interpretação dos espaços tentando incluir o conceito de espaço cénico

no exterior da sala de espectáculos. No caso do Teatro Valadares, a estrutura apesar de se encontrara bem definida, apresenta problemas de funcionamento nos seu diversos espaços, sendo necessário recuar no tempo de forma a perceber qual a base desta tipologia de edifício de forma a complementar os erros e elaborando uma proposta que recupera a estrutura base e garante o seu correcto funcionamento e adaptação a actualidade.

A intervenção a realizar prende-se com a procura de um factor de inovação no acto de intervir num espaço pré-existente sendo fundamental a percepção dos espaços como uma peça teatral, adaptando factores clássicos a uma nova visão do espaço e realizando uma reabilitação que invoca a origem, isto é, pretende-se ter como base a peça de teatro que é a base para a existência deste espaço. A interpretação do “Espaço Cénico” é fundamental na inovação, sendo a base para a reinterpretação não só do palco onde se encontrava confinado, mas também em todo o edifício funcionando como uma nova interpretação do espaço exterior a sala de espectáculos e inserido num contexto de reabilitação.

O estudo da evolução dos teatros permitiu perceber a base estrutural da composição de um teatro clássico, sendo no caso de uma reabilitação necessário perceber a estrutura base de forma a inovar na interpretação dos espaços sem descaracterizar o espaço existente. A estrutura base funciona de forma clara como surge representado nos diversos exemplos de teatros ao longo dos séculos o que permite uma leitura clara da organização e funcionamento de um teatro clássico como uma estrutura composta por quatro espaços interligados e

dependentes para o seu correcto funcionamento. Cada espaço é caracterizado pela sua função sendo que a forma como podem ser trabalhados permite um grande número de interpretações funcionais e formais tendo sempre em atenção a sua função básica que deve ser mantida de forma a manter a organização base.

No âmbito da reabilitação a interpretação do “espaço teatro” deverá partir da reinterpretação do espaço do teatro clássico assumindo claramente a influência da base clássica e da preexistência de forma a manter uma leitura clara da evolução do espaço e uma característica muito própria, desta forma torna-se evidente a necessidade de inovar na relação e caracterização dos espaços como ponto principal na intervenção, sendo importante integrar neste contexto a temática do “Espaço Cénico” que pode passar a caracterizar não só a sala de espectáculos mas também os restantes componentes do edifício, integrando todos os espaços numa nova dinâmica espacial que pretende transformar o teatro numa nova experiência para o utilizador. A intervenção a realizar no Teatro Valadares, ao contrário das intervenções analisadas, pretende não só recuperar o edifício mas também trabalhar as relações dos espaços e as ligações entre os mesmos de forma cénica, transpondo o ideal de “Espaço Cénico” para o exterior da sala criando sensações diferentes e tornando o utilizador no espectador activo, onde surgem diversos espaços e cenários que permitem diferentes experiências e que criam espaços cénicos. Desta forma o edifício passa a funcionar como uma experiência teatral, transportando as artes cénicas para o exterior da sala.

A análise realizada a reabilitação de teatros permitiu desenvolver um programa estruturado segundo as necessidades actuais de um equipamento destas características e inserido num contexto de reabilitação. As diferentes situações e contextos originam diferentes modelações do programa sendo que, como referido anteriormente a base estrutura que compõem um teatro encontra-se presente em todos os exemplos analisados. É também importante dinamizar o espaço através da integração de novos espaços como academias, espaços recreativos, etc., de forma a criar alternativas a utilização base criando um edifício de utilização constante e de funcionamento regular. O teatro na actualidade requer, não só uma grande diversidade no que diz respeito aos espectáculos que pode receber, mas também uma grande diversidade na dinâmica dos espaços e na criação de funções complementares que possam trazer uma mais-valia e uma maior integração no contexto local. Este contexto social é fundamental na hora de definir esses mesmos espaços que irão complementar o projecto.

O processo de reabilitação do teatro deverá partir da sensibilidade, principalmente em relação as preexistências, sendo necessário encontrar o equilíbrio entre a intervenção a realizar e os elementos a manter sem nunca perder a identidade do edifício. Desta forma, a análise ao edifício é fundamental de forma a perceber que tipo de construção é, como funciona, de que forma pode ser alterada ou mantida, o materiais, etc. O teatro Valadares apresenta características muito próprias, sendo uma adaptação de um edifício de comércio e habitação a função de teatro e cinema. O edifício manteve as suas

características exteriores intactas criando no seu interior um módulo composto por plateia e palco, funcionando apenas uma pequena parte na entrada como foyer e uns espaços junto ao palco como bastidores. Apesar da estrutura ser clara a caracterização e escala dos espaços não permite o seu correcto funcionamento, tornando-se clara a necessidade de clarificar e trabalhar estes dois espaços. O processo de inovação neste contexto torna-se complicado, principalmente a partir do momento em que se define o limite de intervenção, logo a interpretação da reabilitação deverá centrar-se na inovação dos espaços como referido anteriormente.

O estudo do local/vila torna-se fundamental no processo de reabilitação de um determinado espaço inserido num contexto histórico, não só á escala do edifício mas também ao nível da estrutura urbana. No caso concreto do centro histórico de Caminha onde se insere o teatro Valadares, a organização de bases medievais marca grande parte da organização do espaço e acaba por definir dinâmicas muito sólidas que por vezes não funcionam devido a conjectura social actual. Sendo um centro histórico de bases Medievais, torna-se complicado alterar dinâmicas base de funcionamento, sendo que a proposta a apresentar poderá passar pela criação de alternativas aos fluxos principais e a criação de novas dinâmicas junto ao edifício a intervir. O projecto de reabilitação deverá inovar na abordagem ao edifício, pensando não só na reabilitação do edifício em si, mas também na envolvente urbana em geral, criando novas dinâmicas que permitam descentralizar os fluxos e insiram o projecto numa estratégia de reabilitação de

todo o centro histórico. O estudo realizado sobre o local permitiu perceber a evolução da vila e a origem de diversos elementos estruturantes do centro histórico como as vias, os edifícios públicos, etc. A intervenção a realizar no teatro Valadares, como foi referido, não só pretende criar novas alternativas para o centro histórico, como pretende relacionar alguns espaços de interesse através de uma intervenção que permita uma nova visão sobre o centro histórico e sobre a forma como a reabilitação pode alterar ou criar alternativas.

A reabilitação a realizar no teatro Valadares é baseada em dois pontos: o primeiro tópico está relacionado com a interpretação do espaço do teatro assumindo claramente a sua estrutura clássica base e inovando na caracterização e interpretação dos espaços. Essa nova visão passa pela implementação do conceito de “Espaço Cénico” no exterior da sala de espectáculo encontrando um equilíbrio entre inovação, experiência teatral e reabilitação. O segundo tópico está relacionado com o estudo e intervenção na organização urbana através de opções de projecto que possam criar alternativas às dinâmicas do funcionamento do espaço inovando na intervenção urbana, no âmbito da reabilitação englobando não só a envolvente próxima ao edifício mas também o centro histórico em geral.

Capítulo VIII

Bibliografia Geral

A.A.V.V; Arquitectura Ibérica nº 5; "Recuperar"; Novembro 2004; Caleidoscópio (Edição e artes Gráficas, SA);

A.A.V.V; Arquitectura Ibérica nº 19; "Recuperar"; Março 2007; Caleidoscópio (Edição e artes Gráficas, SA);

A.A.V.V; AI - Arquitectura Ibérica nº 24; "Recuperar"; Fevereiro 2008; Caleidoscópio (Edição e artes Gráficas, SA);

A.A.V.V; AI - Arquitectura Ibérica nº 30; "Reabilitação"; Fevereiro 2009; Caleidoscópio (Edição e artes Gráficas, SA);

A.A.V.V; AI – Arquitectura Ibérica nº 34; "Cultura"; Abril 2010; Caleidoscópio (Edição e artes Gráficas, SA);

CAMININA – "Revista de Cultura Histórica, Literária, Artística, Etnográfica e Numismática XV n.º15";(1988), Caminha;

CARVALHO, de Serra / AZEVEDO, João (1991); "O bilhete postal ilustrado no concelho de caminha na primeira metade do século XX"; região de turismo alto Minho;

"Descubrir a História" – Plan director das Fortalezas Transfonteirizas do baixo Miño; Xunta de Galicia;

GARCÍA, Jesus Angel Sanchez (1997); "La arquitectura teatral en Galicia" – Fundacion Pedro Barrié de la Maza, Espanha;

GOITIA, Fernando Chueca (2003); "Breve História do Urbanismo"; Editorial Presença;

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando (1994) – “Arquitectura Tradicional Portuguesa”;- Colecção Portugal de perto, Publicações Dom Quixote, Lisboa;

PANERAI, Philippe; DEPAUL, Jean-Charles; DEMORGON, Marcelle;

PUIG, Juan Juega; SANTOS, Antonio de la Peña; “Pontevedra, Villa amurallada”;

RESURRECCION, Enrique Sotelo - diputacio provincial de Pontevedra;

PEREIRA DA COSTA, F. – “Portas exteriores (página 11)”, n.º21 “Enciclopédia prática da construção civil”; Lisboa, Portugália editora;

SARMENTO, Francisco Martins; “Antiqua – apontamentos de arqueologia”; Sociedade Martins Sarmiento;

VALLA, Margarida; TEIXEIRA, Manuel A. (1999); “O Urbanismo Português” – Livros horizonte;

VEYRENCHE, Michele (1983); “Elementos da analisis Urbano”; Coleccion “Nuevo Urbanismo”; Instituto de estudo de administración local, Madrid;

VIEIRA, José Augusto (1986); “O Minho pittoresco”; Valença, Edição Rotary Club de Valença;

Bibliografia Digital

OLIVEIRA DIAS, Filipe; <http://www.filipeoliveiradias.pt>;

LOURO, Gonçalo; SANTOS, Cláudia; <http://www.glcs.pt>;

Câmara Municipal de Fafe; <http://www.cm-fafe.pt>;

Câmara Municipal de Caminha - <http://www.cm-caminha.pt/>;

Jornal Caminha 2000 - <http://www.caminha2000.com/jornal/n447/tribuna.html><http://>

Teatro Circo de Braga; <http://www.theatrocirco.com/>

www.freguesiasdeportugal.com/distritoviana/02/caminha.htm

Bibliografia Especifica

A.A.V.V; Arquitectura & Construção nº 60; Abril/Maio 2010;

A.A.V.V; Detail Konzept; Review of Architecture 49; Série 2009 – 3 Music and Theatre;

A.A.V.V; Tectónica nº14 (2002) Acústica; “Monografias de Arquitectura, Tecnologias e Construção”; A.T.C Edições;

A.A.V.V; arqa nº 82/83; Arquitectura e Arte: Acções Patrimoniais; Julho/Agosto 2010;Futur Magazine, sociedade Editora, Lda;

ALVES, Lourenço (1985); “Caminha e seu Concelho” ; Monografia Caminha;

BENTO, Paulo Torres; “Toponímia e história da vila da foz do Minho”; Junta de Freguesia de Caminha; Agrupamento de Escolas Coura e Minho (AECM);

BRANDI, C; (2006); Teoría do Restauro; Amadora; Edições Orion;

CADILHA, Sérgio (2008); “Núcleo museológico – Centro histórico de Caminha”; Câmara Municipal de Caminha;

CRUZ, Maria Alfreda (1988); “Caminha – Evolução e estrutura da vila da foz do Minho”; Caminha;

EARL, J; (2003); Building Conservation Philosophy; Dorset: Donhead;

FEILDEN, B. M. ; (2004); Conservation of Historic Buildings; Oxford: Elsevier Butterworth-Heineman;

GONZÁLEZ-VARAS, I. ; (2005); Conservación de bienes culturales. Teoría, historia, principios y normas; Madrid; Manuales Arte Cátedra;

GRAELLS, Antoni Ramon / IGLESIAS, Isabel Feliu / DIAZ, Marta Llorente Diaz / CANALETA, Iago Pericot / PEDRET, Cármen Rodriguez / SINISTERRA, José Sanchis; "El lloc del teatre – Cuitat, arquitectura i espai escènic"; Edicions UPC (Universitat Politècnica de Catalunya);

JILEHTO, J. ; (2004); A History of Architectural Conservation; Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann;

JOKILEHTO, J. ; (2004); A History of Architectural Conservation; Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann;

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito (2004) – "Património arquitectónico e arqueológico (cartas, recomendações e convenções internacionais) "; Livros Horizonte; Lisboa;

NEUFERT, Peter (1995); "Ernst Neufert - Arte de Projectar en Arquitectura"; Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona; (version castellana);

OLIVEIRA DIAS, Filipe (2004); "15 anos de Obras Publica"; Porto, Editora Campo das Letras;

OLIVEIRA DIAS, Filipe; (2007); "Space Odyssey"; Porto; Editora Campo das Letras;

PANERAI, P., DEPAUL, J., DOMORGOM, M. y VEYRENCHE, M; Elementos de análise urbano; Colección "Nuevo urbanismo";

TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13"; Edição Caleidoscópio.

Índice de Imagens

- Fig. 1** - 'Teatro de Dionisios', Atenas, 452/330 a.C. Pag 24
NEUFERT,Peter;"Ernst Neufert - Arte de Proyectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig 2** - 'Teatro de Marcelo', Roma, 11 a.C (planta). Pag 24
NEUFERT,Peter;"Ernst Neufert - Arte de Proyectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig 3** - Planta de um Teatro temporal da Idade Média. Pag 25
NEUFERT,Peter;"Ernst Neufert - Arte de Proyectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig. 4** - 'Swan Theatre' em Londres. Pag 25
NEUFERT,Peter;"Ernst Neufert - Arte de Proyectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig 5** - 'Teatro de Sebastián Serlio', 1545. Pag 25
NEUFERT,Peter;"Ernst Neufert - Arte de Proyectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig. 6** - 'Teatro Olímpico de Vicenza', 1585 (Planta) Pag 26
Arqs.: Andrea Palladio e Vincenzo Scamozzi.
NEUFERT,Peter;"Ernst Neufert - Arte de Proyectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig 7** - 'Teatro Farnese' em Parma (Itália), 1618 - 1628 (Planta); Pag 26
Arq.: Giovanni Battista Aleotti;
NEUFERT,Peter;"Ernst Neufert - Arte de Proyectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig 8** - 'Antigo Teatro de la Comédie Française' de Paris, 1687 – 1689. Pag 26
NEUFERT,Peter;"Ernst Neufert - Arte de Proyectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig. 9** - 'Teatro San Carlo' em Nápoles (Itália), 1737 Arqs.: António Medrano e Angelos Carsale. Pag 27
NEUFERT,Peter;"Ernst Neufert - Arte de Proyectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995
- Fig 10** - 'Teatro La Scala' em Milão (Itália), 1779 Arq.: Piermarini. Pag 27
NEUFERT,Peter;"Ernst Neufert - Arte de Proyectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995

- Fig 11** - 'Grande Opera de Bordéus', 1778; Arq.: Victor Louis. Pag 27
NEUFERT, Peter; "Ernst Neufert - Arte de Projectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig 12** - 'Teatro dos festivais de Bayreuth', 1876; R. Wagner e Arq.: O. Bruckwald. Pag 28
NEUFERT, Peter; "Ernst Neufert - Arte de Projectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig. 13** - Projecto para o 'Teatro Total', 1927; Arq.: Walter Gropius. Pag 28
NEUFERT, Peter; "Ernst Neufert - Arte de Projectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig 14** - Projecto para o concurso do 'Teatro Nacional de Mannheim', 1953; Pag 28
Arq.: Mies van der Rohe.
NEUFERT, Peter; "Ernst Neufert - Arte de Projectar en Arquitectura";
Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona 1995.
- Fig 15** - 'Teatro Schaubuhne de Berlim', 1975-1981; Arq.: Jurgen Sawade. Pag 29
AAVV ; Detail Konzept; Review of Architecture 49; Série 2009
- Fig. 16** - Teatro Circo de Braga _ <http://www.theatrocirco.com/> Pag 31
- Fig. 17** - Centro Cultural Olga Cadaval _ www.Google.pt Pag 32
- Fig 18** - Pavilhão Atlântico – Lisboa Pag 32
<http://www.pavilhaoatlantico.pt/vPT/Pages/Homepage.aspx>
- Fig. 19** - Sala de Cinema – Estação Viana Shopping - Viana do Castelo Pag 33
www.castelolopes.com
- Fig 20** - Sala de Cinema – Estação Viana Shopping - Viana do Castelo Pag 33
www.castelolopes.com
- Fig. 21** - Foyer_ Teatro Circo de Braga _ <http://www.theatrocirco.com/> Pag 34
- Fig. 22** - Plateia_ Teatro Aveirense (Aveiro) _ <http://www.teatroaveirense.pt/> Pag.35
- Fig. 23** - Plateia_ Teatro Circo de Braga – Sala secundária Pag 35
<http://www.theatrocirco.com/>
- Fig. 24** - Plateia_ Teatro académico Gil Vicente Pag 35
<http://www.tmg.com.pt/content.aspx?id=2>

- Fig. 25** - Vista a partir do Palco_ Teatro Circo de Braga _ <http://www.theatrocirco.com/> Pag 36
- Fig. 26** - Palco_ Teatro de Vila Real. Pag 36
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 27** - Elementos Reflectores de um auditório Pag39
AAVV ; Tectónica nº14 (2002) Acústica; "Monografias de Arquitectura,
Tecnologias e Construção"; A.T.C Edições;
- Fig. 28** - Estrutura acústica da Plateia - Teatro Municipal de Bragança. Pag 39
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 29** - Planta – Funcionamento da concha acústica _ www.Google.pt Pag 40
- Fig. 30** - Corte – Funcionamento da concha acústica_ www.Google.pt Pag 40
- Fig. 31** - Palco com Concha acústica – Auditório Municipal de Lagoa _ www.Google.pt Pag 40
- Fig. 32** - Esquema de uma Caixa Cénica _ www.Google.pt Pag 41
- Fig. 33** - Caixa Cénica – Teatro Municipal São Luiz_ www.Google.pt Pag 41
- Fig. 34** - Estrutura da Caixa Cénica – Teatro de Vila Real. Pag 42
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 35** - Mecanismos da Caixa Cénica – Teatro de Vila Real Pag 42
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 36** - Caixa Cénica – Teatro Municipal de Bragança. Pag 43
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 37** - Palco e Plateia _ Teatro Helena Sá e Costa. Pag.45
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 38** - Plateia _ Teatro Helena Sá e Costa Pag 46
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;

- Fig. 39** - Palco _ Teatro Helena Sá e Costa Pag 47
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 40** - Planta Piso 0 (Teatro Helena Sá e Costa). Pag 48
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 41** - Planta Piso 1 (Teatro Helena Sá e Costa) Pag 49
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig 42** - Estrutura do Tecto (Controlo Acústico) Teatro Helena Sá e Costa Pag 49
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 43** - Corte Longitudinal (Teatro Helena Sá e Costa). Pag 50
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig 44** - Axonometria dos níveis de cobertura e do sistema acústico Pag 51
(Teatro Helena Sá e Costa).OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 45** - Axonometria Mecânica de Cena (Teatro Helena Sá e Costa) Pag 51
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 46** - Alçado Principal - Teatro Fonseca e Moreira. Pag 52
OLIVEIRA DIAS, Filipe; 2004; "15 anos de Obras Publica";
Editora Campo das Letras; Porto;
- Fig. 47** - Ligação entre o edifício existente e o espaço de ampliação Pag 53
Teatro Fonseca e Moreira_ AAVV ; Arquitectura & Construção nº 60; Abril/Maio 2010;
- Fig. 48** - Sala Principal (Plateia) - Teatro Fonseca e Moreira. Pag 54
AAVV ; Arquitectura & Construção nº 60; Abril/Maio 2010;
- Fig. 49** - Planta Piso 0 (Teatro Fonseca e Moreira). Pag 57
AAVV ; Arquitectura & Construção nº 60; Abril/Maio 2010;
- Fig. 50** - Corte Longitudinal Geral (Teatro Fonseca e Moreira). Pag 58
AAVV ; Arquitectura & Construção nº 60; Abril/Maio 2010;

- Fig. 51** - Corte Longitudinal - Sala de espectáculos (Teatro Fonseca e Moreira). Pag 59
AAVV ; Arquitectura & Construção nº 60; Abril/Maio 2010;
- Fig. 52** - Corte Longitudinal - Espaço de Café-concerto _(Teatro Fonseca e Moreira). Pag 59
AAVV ; Arquitectura & Construção nº 60; Abril/Maio 2010;
- Fig. 53** - Estrutura cénica (Teatro Fonseca e Moreira). Pag 60
AAVV ; Arquitectura & Construção nº 60; Abril/Maio 2010;
- Fig. 54** - Fachada Principal - Teatro-Cinema de Fafe. Pag 61
TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13";
Edição Caleidoscópio.
- Fig. 55** - Alçado Lateral - Espaço de Ampliação (Teatro-Cinema de Fafe). Pag 62
TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13";
Edição Caleidoscópio.
- Fig. 56** - Sala Principal – plateia (Teatro-Cinema de Fafe). Pag 62
TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13";
Edição Caleidoscópio.
- Fig. 57** - Alçado Principal - Teatro-Cinema de Fafe. Pag 63
TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13";
Edição Caleidoscópio.
- Fig. 58** - Planta Piso 0 (Teatro-Cinema de Fafe). Pag 67
TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13";
Edição Caleidoscópio.
- Fig. 59** - Planta Piso 1 (Teatro-Cinema de Fafe). Pag 67
TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13";
Edição Caleidoscópio.
- Fig. 60** - Planta Piso -1 (Teatro-Cinema de Fafe). Pag 68
TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13";
Edição Caleidoscópio.
- Fig. 61** - Sala Principal - Teatro-Cinema de Fafe. Pag.69
TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13";
Edição Caleidoscópio.
- Fig. 62** - Alçado Lateral - Espaço de Ampliação (Teatro-Cinema de Fafe). Pag.69
TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13";
Edição Caleidoscópio.

- Fig. 63** - Corte Longitudinal - Sala de espectáculos (Teatro-Cinema de Fafe) Pag 70
TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13";
Edição Caleidoscópio.
- Fig. 64** - Corte Longitudinal - Geral (Teatro-Cinema de Fafe) Pag 70
TOUSSAINT, Michel; CARVALHO, Ricardo (2010); "Anuário Arquitectura 13";
Edição Caleidoscópio.
- Fig. 65** - Localização da Vila de Caminha (Escala nacional) Pag 71
www.freguesiasdeportugal.com
- Fig. 66** - Fotografia Aérea da Vila de Caminha _ Imagem Google earth Pag 71
- Fig. 67** - Fotografia Aérea – Centro Histórico de Caminha _ Imagem Google earth Pag 72
- Fig. 68** - Vista Geral de Caminha _ Fotografia do autor. Pag 73
- Fig. 69** - Localização Vestígios Castrejos _ Desenho do autor. Pag 74
- Fig. 70** - Gravura de Caminha. Pag 75
Gravura retirada de: "Descubrir a História" – Plan director das Fortalezas
transfonteririzas do baixo Miño; Xunta de Galicia;
- Fig. 71** - Caminha nos princípios do séc. XVI. Pag 76
Desenho de Duarte d'Armas – Desenho retirado de: "Cainha e seu Concelho",
Alves, Lourenço; Monografia Caminha 1985;
- Fig. 72** - Muralha Setecentista. Pag 78
ALVES, Lourenço (1985); "Caminha e seu Concelho" ; Monografia Caminha.
- Fig. 73** - Planta de Caminha entre 1641 a 1850 Pag 81
- Fig. 74** - Fotografia aérea da vila de Caminha, em 1960. Pag 82
CARVALHO, de Serra / AZEVEDO, João (1991); "O Bilhete Postal Ilustrado no
Concelho de Caminha na primeira metade do século XX"; Região de Turismo Alto Minho;
- Fig. 75** - Postal – Fotografia do Terreiro. Pag 83
CARVALHO, de Serra / AZEVEDO, João (1991);
"O Bilhete Postal Ilustrado no Concelho de Caminha na primeira metade do século XX";
Região de Turismo Alto Minho;
- Fig. 76** - Fotografia do Terreiro Pag 84
Câmara Municipal de Caminha - <http://www.cm-caminha.pt/>

Fig. 77 - Postal – Fotografia do Terreiro. CARVALHO, de Serra / AZEVEDO, João (1991); “O Bilhete Postal Ilustrado no Concelho de Caminha na primeira metade do século XX”; Região de Turismo Alto Minho;	Pag 85
Fig. 78 - Esquema da Muralha Medieval. ALVES, Lourenço (1985); “Caminha e seu Concelho” ; Monografia Caminha.	Pag 88
Fig. 79 - Planta da Muralha - Época Medieval _ Desenho do autor.	Pag 88
Fig. 80 - Muralha Setecentista. ALVES, Lourenço (1985); “Caminha e seu Concelho” ; Monografia Caminha.	Pag 89
Fig. 81 - Muralha na Actualidade _ Desenho do autor.	Pag 91
Fig. 82 - “Rua do meio/Ricardo Joaquim de Sousa” _ Fotografia do autor.	Pag 93
Fig. 83 - “Rua dos Pescadores” _ Fotografia do autor.	Pag 93
Fig. 84 - “Rua da Corredoura” _ Fotografia do autor.	Pag 94
Fig. 85 - Quarteirões: época medieval _ Desenho do autor.	Pag 95
Fig. 86 - Quarteirões na actualidade _ Desenho do autor.	Pag 96
Fig. 87 - Habitações – ‘Rua do meio’ _ Fotografia do autor	Pag 97
Fig. 88 - Edifício de comércio e habitação_ Fotografia do autor.	Pag 98
Fig. 89 - Edifício habitação _ Fotografia do autor.	Pag 99
Fig. 90 - Centro Histórico_Época medieval _ Desenho do autor.	Pag 101
Fig. 91 - “Centro Histórico_ Planta”(Eixos) _ Desenho do autor.	Pag101
Fig. 92- “Centro Histórico_ Planta”(quarteirões) _ Desenho do autor.	Pag 102
Fig. 93 - “Centro Histórico_ Planta”(Vias) _ Desenho do autor.	Pag 103
Fig. 94 - “Centro Histórico_ Planta” (Hierarquia de Vias) _ Desenho do autor.	Pag 104
Fig. 95 - “Rua Ricardo Joaquim de Sousa” _ Fotografia do autor.	Pag 105
Fig. 96 - “Travessa do Tribunal” _ Fotografia do autor.	Pag 105

Fig. 97 - "Edifícios de Habitação" _ Fotografia do autor.	Pag 106
Fig. 98 - "Edifícios de Habitação/ Bar" _ Fotografia do autor.	Pag 106
Fig. 99 - "Edifícios de Habitação/ Comercio_ Fotografia do autor.	Pag 107
Fig. 100 - "Edifícios de Habitação" _ Fotografia do autor.	Pag 107
Fig. 101 - "Edifícios de Habitação Rua Dr. Luciano de Amorim e Silva" Fotografia do autor.	Pag 108
Fig. 102 - "Edifícios de Habitação/ Comércio Rua barão de São Roque" Fotografia do autor.	Pag 108
Fig. 103 - "Torre do relógio" _ Fotografia do autor.	Pag 110
Fig. 104 - "Câmara Municipal" _ Fotografia do autor.	Pag 110
Fig. 105 - "Igreja da Misericórdia" _ Fotografia do autor.	Pag 110
Fig. 106 - "Casa do turismo" _ Fotografia do autor	Pag 111
Fig. 107 - "Biblioteca Municipal" _ Fotografia do autor.	Pag 111
Fig. 108 - "Igreja Matriz" _ Fotografia do autor.	Pag 111
Fig.109 - "Centro Histórico_ Planta de serviços" - Desenho do autor.	Pag 112
Fig. 110 - Retrato: 'José Maria Valadares' BENTO, Paulo Torres; "Toponímia e história da vila da foz do Minho"; Junta de Fregusia de Caminha; Agrupamento de Escolas Coura e Minho (AECM);	Pag113
Fig. 111 - Fotografia aérea da vila de Caminha, em 1960	Pag 114
Fig. 112 - Interior da Sala de espectáculos. CARVALHO, de Serra / AZEVEDO, João (1991); "O Bilhete Postal Ilustrado no Concelho de Caminha na primeira metade do século XX"; Região de Turismo Alto Minho;	Pag 115
Fig. 113 - Alçado Frontal (Oeste)_ Fotografia do autor.	Pag 116
Fig. 114 - Alçado Lateral(Norte) _ Fotografia do autor.	Pag 116
Fig. 115 - Alçado Norte – Localização da empena _ Fotografia do autor.	Pag 117

Fig. 116 - Vista geral do interior _ Fotografia do autor.	Pag 117
Fig. 117 - Entrada para a plateia_ Fotografia do autor.	Pag 118
Fig. 118 - Balcão dois: sala de espectáculos _ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 118
Fig. 119 - Acesso ao primeiro balcão_ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 119
Fig. 120 - Acesso ao balcão dois e três_ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag119
Fig. 121 - Balcão três – Sala de espectáculos_ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 120
Fig. 122 - Alçado Frontal (Oeste) _ Fotografia do autor.	Pag 121
Fig. 123 - Alçado Lateral (Norte) _ Fotografia do autor.	Pag 122
Fig. 124 - Teatro Valadares – Cobertura _ Fotografia do autor.	Pag 123
Fig. 125 - Corredor, em que no lado direito a parede exterior (alvenaria de granito rebocado) e no lado esquerdo, a parede interior (tabique) Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 127
Fig. 126 - Parede de Tabique_ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 124
Fig. 127 - Pintura em destacamento (Tectos) Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 125
Fig. 128 - Tecto em Tabique_ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 126
Fig. 129 - Pavimentos de madeira, em mau estado Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 126
Fig. 130 - Janelas de guilhotina_ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 127
Fig. 131 - Paredes interiores_ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 128
Fig. 132 - Estrutura da cobertura_Asna_ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 129
Fig. 133 - Estrutura de madeira_Cobertura _ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 129
Fig. 134 - Tirantes de Ferro (Balcão 2) _ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 130
Fig. 135 - Pavimentos (ladrilho) _ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 131
Fig. 136 - Tectos de tabique e gesso_ Fotografias fornecidas por Mariana Sousa.	Pag 131
Fig. 137 - Vista Geral Teatro Valadares – Fotografia do autor.	Pag 132

Mestrado Integrado em Arquitectura e Urbanismo

Dissertação de Mestrado Integrado

Património | **Trabalho de Projecto**

Reabilitação do Teatro Valadares em Caminha



1.2 – Memória Descritiva e Justificativa

Patrick Gomes dos Santos 407/05

Orientador: Prof.Dr. Arq. Rui Brochado

Co-orientador: Mestre Arq. Rui Correia

Janeiro 2011

Índice

1.2.1_Considerações Gerais - Constituição do Projecto	03
1.2.2_Condicionantes e Motivações Geográficas	06
1.2.3_Condições e Motivações Urbanísticas	07
1.2.4_Programa Funcional e Organograma Proposto	08
1.2.5_Opções Conceptuais e Morfológicas	17
1.2.6_Opções Tecnológicas e Construtivas	20
1.2.7_Opções de Conforto Ambiental	23
1.2.8_Opções de Mobilidade / Acessibilidades	24
1.2.9_Opções de Arranjos Exteriores	25
1.2.10_Anexos	26

1.2.1_ Considerações Gerais - Constituição do Projecto

Objecto do Trabalho e Localização

Refere-se a presente Memória Descritiva e Justificativa ao Projecto de Reabilitação e Ampliação do Teatro Valadares, situado no Cruzamento entre a Rua Ricardo Joaquim de Sousa e a Travessa do Teatro. O projecto contempla também a ocupação e reabilitação de dois edifícios confinantes e a criação de uma ampliação no local da antiga ampliação da discoteca. Os dois edifícios a reabilitar são o edifício da discoteca “Alfandega” situado no cruzamento entre a Rua Ricardo Joaquim de Sousa e a Rua Dr. Luciano de Amorim e Silva e um edifício de habitação localizado na Travessa do Teatro. Os Volumes de ampliação estão localizados junto a Rua Dr. Luciano de Amorim e Silva no local onde se situava a ampliação da discoteca.

O projecto pretende unir todos os edifícios referidos anteriormente de forma a criar todos os espaços necessários ao correcto funcionamento do Teatro e de forma a trabalhar o quarteirão como uma unidade.

De forma a dinamizar o espaço do Teatro foi introduzida uma academia de música ao programa de forma a criar novas dinâmicas que ajudem a introduzir este equipamento no contexto da Vila de Caminha.

Objectivos

O projecto tem como objectivo reabilitar o Teatro Valadares reinterpretando a forma como pode ser recuperado um equipamento importante para a revitalização do local onde se encontra inserido. A intervenção caracteriza-se pela necessidade de criar um equilíbrio entre os elementos a recuperar e a nova intervenção, sendo que a intervenção deverá para além de completar o programa definir uma nova forma de interpretar o espaço do teatro clássico. Pretende-se inovar ao criar um conjunto de espaços que permitam a movimentação e conhecimento do edifício mantendo os espaços que caracterizam o teatro como a sala de espectáculos. A interpretação do programa e como cada espaço deve funcionar é fundamental na reabilitação de um equipamento deste tipo, logo, pretende-se perceber qual a dinâmica que cada espaço deve apresentar assumindo uma intervenção mais clássica ou mais contemporânea. A intervenção pretende ser inovadora na interpretação dos espaços, ligações e funcionamento entre as partes e introduzindo o factor “local” no interior e exterior do edifício. Este

factor da envolvente local deverá ser interpretado de forma mais interventiva em todo o projecto, influenciando o funcionamento interior e os próprios espaços interiores criando uma ligação entre as características do Centro Histórico da vila de Caminha e o edifício a reabilitar.

Pretende-se ainda com esta intervenção melhorar as condições de acessibilidade a todos os espaços do edifício e as condições de segurança, quer dos espectadores, artistas e funcionários que o utilizam, quer do próprio edifício.

A recuperação deverá influenciar as dinâmicas da envolvente, principalmente da Rua Dr. Luciano de Amorim e Silva e dos edifícios confinantes a intervenção. Pretende-se desta forma criar alternativas ao funcionamento no centro Histórico descentralizando os fluxos que actualmente passam em grande parte pela Rua Ricardo Joaquim de Sousa. Pretende-se também com a intervenção manter a identidade dos edifícios corrigindo e assumindo a intervenção como uma parte integrante da evolução dos edifícios.

Breve descrição

O Projecto é composto por cinco módulos/edifícios interligados de forma a cumprir o programa proposto para a elaboração do projecto. O Programa contempla a reabilitação do Teatro Valadares, a criação de todas as áreas técnicas necessárias ao seu funcionamento, criação de uma zona de administração e criação de uma academia de música. O projecto foi desenvolvido tendo em conta o programa a implementar no edifício, a legislação e as normas técnicas aplicáveis, a segurança dos utentes, as condições de acessibilidade e o valor patrimonial dos edifícios e da sua envolvente. A intervenção pretende não descaracterizar os edifícios assumindo a intervenção a realizar através de uma alteração formal e uma alteração dos materiais a utilizar. Serão mantidos os elementos mais significativos do edifício, mantendo parte das paredes portantes, coberturas em madeira, a sala de espectáculos, etc., e limpando alguns elementos dissonantes fruto de intervenções avulsas ao longo dos tempos.

O projecto, como foi referido anteriormente, é composto por cinco módulos/edifícios que se desenvolvem em quatro pisos, um abaixo da cota de soleira e três acima da cota de soleira. Apenas o edifício de entrada (antiga Discoteca - sudoeste) assume três pisos de altura acima da cota de soleira sendo os restantes edifício de dois pisos de altura mais cave.

No edifício de entrada será colocado um núcleo de comunicações verticais que se destina aos três pisos acima da cota de soleira e que funcionam como ponto de distribuição para a sala de espectáculos e para a administração. Na zona onde será criada a ampliação será colocado outro núcleo de comunicações verticais que farão a ligação entre o piso -1 e o piso 2. Este núcleo serve de acesso a academia de música, ligação a sala de espectáculos e ligação as áreas técnicas e camarins. Será também colocada uma ligação ao piso -1 a partir da zona de palco de forma a criar uma ligação directa entre áreas técnicas / camarins e o palco.

A sala de espectáculos existente funciona como um módulo independente no interior do edifício, desta forma foi movimentado esse mesmo módulo de forma a criar os foyers com uma escala mais adequada ao equipamento sendo possível a utilização desses mesmos espaços como salas de exposição. Na sala de espectáculos será retirado o primeiro balcão de forma a melhorar o funcionamento do espaço e aumentar o pé direito nos espaços de circulação exteriores a sala do piso 0 que não cumpriam as normas. Serão recuperados os diversos materiais existentes e serão aplicados novos materiais de forma a melhorar o comportamento acústico da sala e criando todas as condições para um levado comportamento acústico. O tecto da sala será alterado criando uma modelação acusticamente mais eficiente.

Desta forma a sala de espectáculos terá uma capacidade para uma média de 105 espectadores distribuídos por uma plateia e dois balcões. Foi também criada uma sala de projecção e uma caixa de cena de forma a melhorar as condições para os artistas e agentes responsáveis pelos espectáculos.

No piso -1 encontram-se os 4 camarins (dois comuns e dois individuais), áreas de serviço ao palco, oficinas, depósitos, arrumos, áreas técnicas e salas das máquinas que irão servir o edifício. Os diversos espaços técnicos necessários ao funcionamento do palco estão ligados directamente e a área comum de serviço situada no volume de ampliação. Serão criadas instalações sanitárias, e um bar no piso 0 de forma a servir o edifício. A academia funciona no piso 1, estando dividida em duas salas de formações, um estúdio de gravação voltado para a rua e uma área de secretária. A administração do teatro funciona no edifício de entrada, no piso 3, onde se desenvolve em dois gabinetes, uma instalação sanitária um pequeno espaço de espera.

As fachadas existentes estão em razoável estado de conservação, necessitando unicamente de trabalhos de recuperação de rebocos e caixilharias, sendo algumas caixilharias substituídas por caixilharias de alumínio ou compostas por perfis de aço. Serão também recuperados os diversos gradeamentos existentes assumindo apenas os existentes. As fachadas dos módulos de ampliação serão em betão a vista, aço corten e vidro decorado e com iluminação de forma a assumir uma clara diferença entre o existente e a intervenção.

Serão recuperadas algumas coberturas em madeira corrigindo os diversos problemas e serão criadas novas coberturas mantendo a leitura preexistente.

1.2.2_Condicionantes e Motivações Geográficas

O Teatro Valadares encontra-se inserido no Centro histórico da Vila de Caminha, Distrito de Viana do Castelo, no cruzamento entre a Rua Ricardo Joaquim de Sousa e a Travessa do Teatro. Junto ao Centro Histórico, na vertente Noroeste encontra-se numa primeira fase a Rua Conselheiro Miguel Dantas que percorre o perímetro do centro histórico e numa segunda fase e paralelamente encontra-se a estrada Nacional 13 e o Rio Minho. A Proximidade do Rio Minho influencia o elevado nível freático do terreno e o clima desta zona em concreto. A inserção do teatro no centro histórico reduz a incidência de luz solar nos pisos inferiores devido a dimensão das ruas e da altura dos edifícios (Característica do Centro Histórico).

O projecto contempla a ocupação de dois edifícios junto ao Teatro Valadares, são eles o edifício da “Discoteca Alfândega” que se localiza no cruzamento entre a rua Ricardo Joaquim de Sousa e a Rua Dr. Luciano de Amorim e Silva e um edifício de Habitação localizado na Travessa do Teatro. Junto a Rua Dr. Luciano de Amorim e Silva será demolida a ampliação da discoteca de forma a criar novos volumes adaptados as necessidades e ao espaço. O edifício da “Discoteca Alfândega” sobressai acima do restante no Centro Histórico devido a sua escala o que lhe permite ter uma maior exposição solar e umas vistas privilegiadas sobre toda a vila de Caminha.

1.2.3_Condições e Motivações Urbanísticas

O projecto do teatro contempla, como já foi referido, outros dois edifícios o que a intervir em todos eles permite trabalhar todo o quarteirão onde se encontram inseridos tentando resolver os vários problemas relacionados com as ruas, os edifícios e as dinâmicas do Centro Histórico. Trabalhando o quarteirão como um todo pretende-se definir novas dinâmicas no centro histórico de forma a dinamizar outros espaços, já que neste momento o espaço urbano se encontra centrado apenas na Rua Ricardo Joaquim de Sousa que atravessa o Centro Histórico. Pretende-se dinamizar a Rua Dr. Luciano Amorim e Silva criando alternativas viáveis a circulação no Centro Histórico trabalhando a relação entre a Rua e o edifício. A intervenção pretende valorizar novos espaços para futuras intervenções e uma reabilitação sustentada do Centro Histórico.

No alçado junto a rua Dr. Luciano Amorim e Silva pretende-se recuar o edifício a construir e retirar o muro de separação de forma a aumentar a largura da rua e tornar o espaço mais apelativo. O projecto resolve, através da criação dos volumes de ampliação, as fachadas posteriores de dois edifícios anexos ao teatro que se encontravam em mal estado. A ocupação do espaço no quarteirão pela intervenção respeita a presença da construção existente e a necessidade de espaços não construídos.

As diversas entradas para o edifício respeitam a topografia do local evitando desta forma a criação de rampas de acessibilidade. Desta forma a entrada principal situada no alçado Poente, junto a Rua Ricardo Joaquim de Sousa encontra-se ao nível da Rua assim como as entradas técnicas Situadas no alçado norte junto a Travessa do Teatro e entrada junto ao bar situada no alçado Sul, Junto a Rua Dr. Luciano Amorim e Silva. As diferenças de cotas das três ruas que circundam o projecto são resolvidas no interior do edifício.

A entrada principal encontra-se assim voltada para a Rua Ricardo Joaquim de Sousa e a entrada para as zonas técnicas encontra-se junto a Travessa do Teatro já que é a única via que permite a passagem de veículos de grande dimensão para fazer cargas e descargas.

Foi respeitada a normativa em vigor para o Centro Histórico que define a altura máxima dos edifícios mantendo as coberturas existentes e criando apenas um volume (caixa de palco) que cumpre os regulamentos já que não ultrapassa a

altura máxima dos edifícios da envolvente. No edifício da discoteca, que apresenta uma escala desproporcional em relação a envolvente, foi alterada a cobertura de forma a reduzir o impacto visual da construção no centro Histórico.

O projecto pretende desta forma, resolver a inserção do quarteirão no contexto existente, trabalhar os edifícios que compõem o projecto e os edifícios confinantes e trabalhar a relação entre os edifícios e as diversas ruas do Centro Histórico.

1.2.4 Programa Funcional e Organograma Proposto

O programa para a execução do Projecto do Teatro Valadares em Caminha foi definido segundo as necessidades do Espaço e da população local. Tendo como base uma investigação previa de diversos projectos com características semelhantes. Para além da recuperação do Teatro Valadares será também incluída a construção de uma academia de música de forma a dinamizar o espaço.

O Programa Base do Teatro é composto por 4 partes interligadas: Teatro, Administração, Academia de música e Espaços Comuns.

Teatro
- Foyer / Espaço de exposição - Plateia - Palco - Áreas de serviço ao Palco - Espaço de Carga/descarga - Deposito - Arrumos - Sala de ensaio - Área Técnica (Sala da Maquinas) - Dois Camarins Colectivos - Dois Camarins Individuais - Sala do Pessoal - Sala de Projecção

Academia

- Secretária
- Gabinete
- Duas Salas de Formação
- Estúdio de Gravação
- Instalação Sanitária
- Arrumos

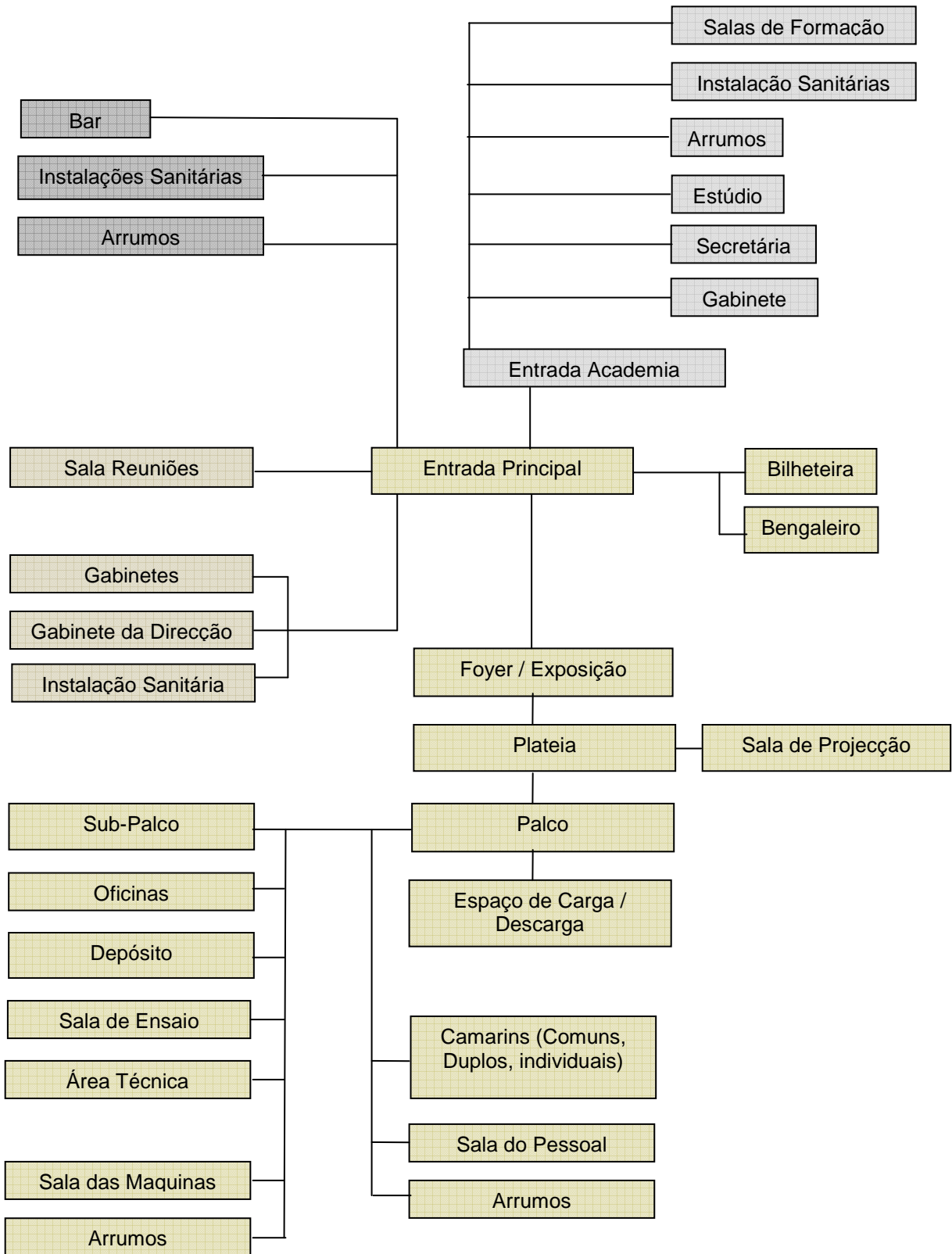
Administração

- Sala de - Reuniões/Salão Nobre
- Dois Gabinetes
- Instalação Sanitária

Espaços Comuns

- Hall/Entrada
- Bilheteira
- Bengaleiro
- Bar
- Instalações - Sanitárias
- Arrumos

Organograma



Aspectos Funcionais

O Programa funcional baseia-se no programa base definido através do estudo do local e da investigação sobre teatros, sendo fundamental que o utilizador deste edifício disponha de conforto e segurança na sua utilização.

Esta Reabilitação baseia-se na união de três edifícios pré-existentes e a criação de uma ampliação que se desenvolve em dois módulos. As ligações entre os diferentes pisos e módulos/edifícios, baseia-se na uniformização da cota de pavimento e na criação de acessibilidades entre os vários espaços. Procurou-se criar um equilíbrio entre todos os edifícios de forma a funcionarem como uma unidade.

O espaço da sala de espectáculos e todos os espaços necessários ao seu funcionamento foram colocados no edifício base do teatro e no edifício de habitação adjacente ao edifício do teatro de forma a cumprir os requisitos técnicos para o correcto funcionamento da sala de espectáculos. A zona de entrada passou assim a ser no edifício de entrada. No módulo de ampliação será colocada a academia de música, ligações de emergência, área técnicas, camarins e espaços comuns aos vários edifícios.

A entrada do Teatro foi transferida para o edifício da discoteca de forma a utilizar o alçado mais imponente como entrada Principal e a maior relação entre o edifício e o espaço público. Neste mesmo edifício, devido a sua descaracterização ao longo dos tempos por constantes alterações, foi demolido todo o seu interior deixando apenas os alçados, desta forma foi criado no interior deste edifício um módulo de comunicações verticais que percorre três pisos, funcionando como a primeira rótula de distribuição. Este módulo encontra-se ligado a zona de entrada funcionando como o principal elemento a organizar o espaço e distribuição pelos vários espaços do teatro. As diversas ligações entre os edifícios, tem como base o edifício de entrada de onde surgem várias passagens para o edifício base do teatro onde se encontra a sala de espectáculo. Funcionalmente procurou-se criar uma dinâmica de ligação entre todas as partes do edifício e criar espaços que sejam o reflexo do Centro Histórico e do funcionamento do mesmo integrando as características base da rua exterior no interior do edifício. Pretende-se inovar na interpretação do conceito de organização e caracterização da reabilitação do

espaço intervindo de forma a manter a organização dos espaços e alterando a organização dos fluxos de distribuição.

O Projecto baseia-se em processos simples de distribuição, sendo criado um módulo de distribuição junto a entrada que cria ligações com o espaço da sala de espectáculos em vários níveis. Desta forma, o módulo de comunicações verticais funciona como elemento organizador do espaço criando dinâmicas de circulação directas entre os vários espaços. Organizaram-se os diversos espaços como conjuntos funcionais, isto é, foram criados conjuntos de espaços nos vários edifícios, desta forma foi distribuído todo o programa pelos edifícios. Os volumes de ampliação localizados no alçado Sul integram um segundo ponto de ligação entre os diversos pisos (do Piso -1 ao Piso 2). Nesta ampliação foram criadas circulações simples baseadas num eixo de distribuição, paralelo a rua Dr. Luciano de Amorim e Silva ligando ao edifício de entrada.

Ao longo dos diversos percursos existentes foi criada, em locais pontuais, ligações com o exterior do edifício de forma a criar uma maior relação entre o interior e exterior do edifício. No interior do edifício foram criadas um conjunto de rampas de forma a ligar os diversos espaços e de forma a vencer as diversas diferenças de cotas sem criar barreiras arquitectónicas e mantendo uma fluidez nos percursos sem criar obstáculos físicos.

No que diz respeito a sala de espectáculos foi mantida a característica base da sala que funciona como um módulo independente inserido no edifício, desta forma foi possível movimentar a sala de forma a ganhar espaço sem perder a identidade do interior. Ao ganhar espaço junto a sala foi possível criar um conjunto de espaços essenciais ao bom funcionamento deste tipo de infra-estrutura. A sala de espectáculo irá manter as suas características e originais sendo completada com materiais claramente diferentes dos existentes de forma a marcar a intervenção.

As circulações interiores estão organizadas de forma simples e prática de forma a não confundir o utilizador e de forma a tornar o espaço mais funcional. A clara separação dos diferentes espaços simplifica a organização das circulações.

Piso 0 (Entrada)

Ao entrar no edifício o utilizador encontra, no hall de entrada o serviço de Recepção/bilheteira e bengaleiro de forma a dirigir e servir o utilizador logo a partir deste ponto. No interior deste edifício foi criado um módulo de distribuição que percorre todos os pisos e que serve os vários níveis da sala de espectáculos. A volta

deste módulo foi criada uma circulação perimetral que permite ao utilizador deslocar-se de forma sempre objectiva a espaços diferentes. Numa primeira fase, nesta circulação perimetral e junto a zona de entrada encontramos uma primeira passagem para o Foyer e numa segunda fase encontra-se o acesso ao módulo de distribuição vertical e a ligação, através de um espaço de transição, para o bar, instalações sanitárias, arrumos e acesso a academia e espaços técnicos do teatro. Pretende-se inovar na forma como os espaços de distribuição, através de constantes alterações de pé direito, dimensão e características do espaço funcionam como uma experiência teatral, inserindo num contexto de intervenção de um espaço com características clássicas elementos contemporâneos e relacionados com o teatro. A distribuição dos espaços na ampliação é realizada através de um eixo/corredor que percorre o módulo todo e termina com uma abertura toda do vão de forma a ter uma percepção do exterior e de forma a criar uma ligação com o exterior. O espaço de transição funciona como uma zona de passagem e pode assumir diversas funções como exposição ou afixação de diversas informações. Junto a zona de bar que se encontra voltada para a Rua Dr. Luciano de Amorim e Silva encontra-se uma entrada que também funciona como saída de emergência.

No que diz respeito a sala de espectáculos, como já foi referido existe uma primeira ligação entre a entrada e o foyer. Com a movimentação do Módulo da sala de espectáculo foi criado um foyer que pode também funcionar como espaço de exposição. A partir do foyer é possível entrar directamente para a sala de espectáculos ou utilizar dois corredores laterais em rampa paralelos a sala que permitem entrar na sala, a uma cota mais baixa junto ao palco. No corredor lateral junto ao alçado que faz fronteira com a Travessa do Teatro foi colocada uma saída de emergência a cota na rua. No interior da sala foram mantidas todas as características originais da sala que apresenta correcto um funcionamento acústico, mantendo a planta em ferradura “a Italiana” e os balcões um e dois. No que diz respeito ao palco foram criadas nas laterais, zonas de preparação para entrada em cena de forma a facilitar a movimentação dos artistas antes de entrar em cena. Junto ao palco encontra-se a zona de carga e descarga a cota da rua. Esta zona de carga/descarga encontra-se ligada ao palco através da possibilidade de retirar o fundo do palco que é constituído por painéis amovíveis. O montacargas para o piso inferior funciona como plataforma elevatória inserida no palco

de forma a rentabilizar o espaço. Junto a zona de carga e descarga existem também uma entrada técnica para o exterior com acesso directo através de um corredor as escadas que dão acesso ao piso -1.

Piso -1

O piso -1 foi criado de forma a criar todos os espaços necessários ao funcionamento do teatro, desde logo camarins e áreas técnicas. Assim como nos pisos superiores, também no piso -1 foram criadas relações entre espaços de forma a organizar de forma clara os diversos compartimentos criando circulações simples e directas para os diversos espaços. Junto a área de Sub-Palco encontram-se as oficinas a funcionar em "open space", evitando conflitos e facilitando a movimentação nestes espaços. Junto ao sub-palco foi também criada uma sala que pode funcionar como sala de ensaio ou área de trabalho dependendo das necessidades. Neste conjunto de espaços encontramos também a área de depósito que se está ligada com o sub-palco (onde se encontra o monta-cargas) através da sala de ensaio permitindo assim uma relação entre estes três espaços. Os camarins foram organizados segundo a sua utilização dando mais privacidade aos camarins individuais. Os camarins colectivos (Masculino/Feminino) funcionam autonomamente com todos os equipamentos necessários no interior de cada um destes espaços para o seu correcto funcionamento. A área de camarins encontra-se ligada ao palco através de um corredor que direcciona os artistas para a escada de acesso ao palco ou para a zona de sub-palco. Neste mesmo corredor encontra-se também uma ligação vertical a zona de bar e a zona da academia de forma a criar uma relação entre todos estes espaços. Desta forma um artista pode passar da área técnica do palco para a academia sem ter de passar pelas áreas do público. Esta ligação permite também criar uma entrada secundária para os artistas que podem também entrar junto a zona de carga e descarga no piso 0.

No piso -1, encontra-se também a área reservada a sala das máquinas com abertura directa para o exterior através da criação de um pátio inglês criando as condições necessárias para a colocação dos diversos equipamentos necessários com a ventilação garantida. Esta área encontra-se isolada através de portas corta-fogo dos restantes espaços. Junto a esta área foi também colocada uma área de arrumos de forma a rentabilizar o espaço.

Piso 1

A ligação a este piso, como referido anteriormente é realizada através do módulo de comunicações verticais da zona de entrada e do módulo de acesso a academia de música.

Neste piso o acesso ao foyer é realizado através de uma passagem ligada ao módulo de comunicações verticais da entrada. Esta passagem encontra-se fechada até ao foyer havendo apenas pequenas aberturas onde é possível uma maior relação com o exterior. Desta forma pretende-se reproduzir a sensação da rua do Centro histórico no interior do edifício, transportando o exterior para o interior do edifício. No espaço do foyer, no centro do espaço, foi criada uma abertura de forma a criar um espaço de pé direito mais elevado que percorre todo o edifício base do teatro, do piso 0 ao piso 2. foi criada uma circulação que percorre o perímetro do foyer o que permite o funcionamento do espaço como zona de exposição. A ligação ao balcão 1 da sala é realizada através de duas entradas laterais no fundo da sala. Junto a essas entradas encontram-se os acessos a sala de projecção localizada no fundo da sala. De forma a garantir a segurança do público foi colocada uma saída de emergência no lado oposto a zona de entrada na sala.

Neste piso 1 encontra-se também a academia que se encontra na ampliação criada e que desenvolve em dois volumes. A academia encontra-se organizada segundo o eixo do piso 0, criando desta forma um corredor que serve as diversas salas de formação, o estúdio, um espaço de arrumos e uma instalação sanitária. Este corredor encontra-se aberto nos dois topos de forma a criar uma relação mais próxima com o exterior. As salas de formação e o estúdio, surgem com um vão exterior completamente aberto, de forma a aproveitar ao máximo a incidência de luz natural e criando uma relação diferente com o espaço exterior. O espaço da secretária encontra-se junto a entrada da academia e pode funcionar de forma independente dos restantes espaços. Junto a secretária foi criado um espaço de arquivo um pequeno gabinete todos eles ligados por um corredor único. O ponto de entrada da académica (módulo de comunicações verticais) esta ligado a saída de emergência da sala de espectáculos deste mesmo piso funcionando assim como ponto de segurança do edifício.

Piso 2

Neste Piso a ligação ao foyer, assim como no piso 1 é realizada por uma passagem ligada ao módulo de comunicações verticais da entrada. Esta

passagem é igual a passagem do piso 1 com a variação da largura da passagem criando uma ligação entre os dois pisos (Piso 1 e Piso2) através do interior da passagem com uma zona de pé direito duplo Nesta parede junto a zona de pé direito duplo irá ser colocada uma pintura/obra de arte. Pretende-se desta forma criar uma relação entre pisos no interior da passagem fechada. O foyer e a entrada para a sala de espectáculos, é realizada através de duas entradas laterais como no piso inferior. No interior da Sala de espectáculos foram colocados lugares para o público ao longo de todo o balcão sendo criado no fundo da sala um painel acústico onde podem ser inseridos diversos elementos técnicos. Na zona de palco foram criadas varandas técnicas que neste piso tem acesso ao exterior para um terraço de acesso ao edifício de ampliação construído. A saída de emergência da sala de espectáculos é centrada na escada de acesso a academia. Foram criadas zonas técnicas para instalação de equipamentos no edifício de ampliação sendo o acesso a este espaço realizado a partir da caixa de cena através de um terraço. Neste piso o volume de ampliação funciona apenas como ponto de ligação com a sala de espectáculos de forma a ter uma saída de emergência e uma zona técnica. Neste piso 2 a uma cota inferior (5.20m) encontra-se o salão nobre/ sala de reuniões. Este espaço encontra-se ligado ao módulo de comunicações verticais da entrada através de uma passagem em rampa que surge a partir de uma zona de descanso das escadas onde foi criado um vão ligado a passagem. O salão nobre localizado no edifício da alfândega tem como objectivo principal aproveitar o espaço e as características exteriores do edifício para um espaço nobre. Desta forma é possível aproveitar a varanda localizada no alçado principal.

Piso 3

O espaço de administração foi todo centrado no edifício de entrada, logo o acesso principal é realizado através do módulo central. No piso 3 foram criadas varandas de forma a criar uma relação entre o piso 3 e o piso 0. Desta forma, os espaços de circulação foram afastados das paredes existentes, criando passagens que se unem em pontos específicos como a pequena sala de espera. Foram criados dois gabinetes: um individual e um duplo. Estes gabinetes encontram-se ligados através de um espaço comum onde se encontra uma instalação sanitária e um pequeno espaço de serviço.

1.2.5_Opções Conceptuais e Morfológicas

O desenvolvimento do conceito do projecto baseia-se nas necessidades do Centro Histórico e na preservação da identidade e memória do Teatro Valadares integrando esta reabilitação num contexto contemporâneo e multifacetado. Para além desde elementos foi também importante ter em conta o programa pretendido e a articulação funcional dos espaços de forma a manter a identidade clássica do teatro e inovando na interpretação da organização e definição dos espaços. Pretende-se com esta intervenção o mínimo de impacto negativo na envolvente e a resolução de diversos problemas relacionados com a construção actual e o espaço envolvente.

Na intervenção pretende-se valorizar o edifício e as suas características diferenciando de forma evidente qualquer intervenção realizada. O edifício do Teatro Valadares funciona como uma pele para a sala de espectáculos que foi construída no interior do edifício como um módulo separado. Desta forma pretende-se conservar os alçados existentes e movimentar o módulo interior da sala de forma a ganhar espaço para a criação do foyer não afectando desta forma as características originais dos vários elementos. Neste edifício pretende-se conservar todos os elementos como a cobertura com estrutura de madeira, algumas estruturas de madeira em pavimentos e diversos elementos como os tirantes metálicos do interior da sala que caracterizam o espaço. A sala será recuperada na íntegra sendo apenas realizadas as alterações necessárias sem adulterar o desenho base. Os diversos pormenores que caracterizam o teatro serão mantidos e recuperados (elementos decorativos da cobertura, Tirantes metálicos decorados, estruturas compostas de madeira, alguns vãos de janelas, etc.). De forma a ganhar espaço para a criação da caixa de cena foi ocupado um edifício de habitação de escala menor adjacente ao teatro, desta forma, é possível aumentar o espaço para as áreas técnicas do palco. Sendo o alçado norte junto a Travessa do Teatro o único acesso possível para cargas/descargas foi criada uma abertura neste edifício mais pequeno de forma a não descaracterizar o edifício do Teatro. O volume quadrangular da caixa de cena surge com as medidas mínimas para este tipo de equipamento de forma a não ultrapassar a altura máxima definida pelo PDM. Este volume será revestido chapa de Aço Corten de forma marcar a intervenção através de uma alteração de material mas mantendo um aspecto visual inserido na

envolvente. Este material permite facilmente criar uma relação visual com a telha desgastada dos diversos edifícios da envolvente, mas ao mesmo tempo marca claramente a intervenção pela sua textura e características físicas.

Como já foi referido, foi também ocupado o edifício onde se encontrava a "Discoteca Alfandega". Apesar da sua escala e imponência exterior, o edifício apresenta um interior completamente descaracterizado e completamente adulterado pelas constantes intervenções realizadas. No contexto do Centro Histórico, numa vista geral sobre a vila de Caminha, sobressaem três construções: a Torre do Relógio, a Igreja Matriz e o edifício da Discoteca Alfandega. Este edifício apresentava também uma ampliação que foi demolida de forma a realizar um melhor aproveitamento do espaço, uma melhor contextualização da intervenção e uma intervenção na rua existente. O interior do edifício da alfândega foi demolido de forma a criar uma relação altimétrica directa com o edifício do teatro e um melhor aproveitamento do interior. Foram mantidos os alçados existentes e todas as suas características assim como a cobertura, sendo que no interior foi assumida uma intervenção diferente criando um módulo de distribuição em betão a vista de forma a marcar a diferença com o interior. A relação de cotas entre os edifícios foi uniformizada o que alterou a relação entre o interior e o alçado do edifício. Desta forma a intervenção no interior é baseada num núcleo central afastado dos alçados. Apenas em pontos específicos como o salão nobre e a zona de administração é que são criadas relações entre o módulo central e o alçado, o que permite criar relações altimétricas entre os vários pisos. O núcleo central em betão a vista pretende criar um contraste com o alçado original rebocado com gesso projectado branco.

As passagens criadas do edifício de entrada para o edifício base (teatro) surgem pelo interior em betão armado a vista e reboco mantendo o conceito de assumir a intervenção assim como no exterior a ligação será revestida a chapa de aço corten como a caixa de cena. Os vários pontos de ligação entre os edifícios serão revestidos a aço corten e de forma a valorizar cada um dos edifícios permitindo assim manter a ideia da existência de vários edifícios que compõem o quarteirão, sendo que na realidade encontram-se todos interligados funcionando como um só no seu interior. Desta forma será mantida a leitura original do alçado estando marcada a ligação entre os edifícios que compõem o projecto.

A construção dos volumes de ampliação surgiu da necessidade de resolver diversos problemas da envolvente. Mantendo a ideia de assumir a intervenção serão construídos os volumes em betão a vista diferenciando a construção existente da nova construção. Junto a Rua Dr. Luciano de Amorim e Silva foi criado um primeiro volume destinado a academia com uma forma baseada em dois eixos paralelos (Rua, eixo de distribuição interior). No piso térreo este volume será recuado e será revestido a vidro Opaco e vidro normal com uma decoração específica gravada e pontos de iluminação ao longo da fachada. Pretende-se desta forma aumentar a largura da rua e criar uma rua mais apelativa e dinâmica durante o dia e durante a noite com uma iluminação muito característica. No piso 1 o volume em betão a vista estará avançado em relação a base e será completamente aberto de forma a criar um vão contínuo e de forma a permitir a entrada do máximo de luz natural possível. De forma resolver o alçado posterior de um conjunto de edifícios foi criado um volume em betão a vista recuado em relação ao primeiro volume que faz frente com a Rua Dr. Luciano de Amorim e Silva criando uma nova imagem. Este volume mais alto surge baseado num conjunto de alinhamentos que surgem da organização e forma dos edifícios da envolvente criando um volume correctamente inserido no local. Este volume permite também criar as ligações necessárias com o edifício do teatro. A ligação entre os novos volumes é também realizada através de ligações em aço corten de forma a manter a mesma linguagem em todo o projecto.

A definição dos materiais baseia-se na intervenção, os elementos a recuperar deverão ser correctamente recuperados com materiais idênticos tentando sempre recuperar ao máximo o existente.

Os diversos volumes que surgem no exterior e no interior dos edifícios são resultado de diversos alinhamentos originados pela envolvente interna ou externa dos edifícios, das necessidades do edifício e da organização pretendida.

1.2.6_Opções Tecnológicas e Construtivas

O Teatro é constituído pela junção de quatro edifícios, três pré-existentes (Teatro Valadares, Discoteca Alfandega e um edifício de habitação) e uma nova ampliação composta por dois volumes. No volume do Teatro Valadares serão executados reforços estruturais nas paredes autoportantes de pedra e serão criadas outras em betão armado. Nos dois edifícios pré-existentes ao lado do teatro (Edifício de habitação e discoteca) serão reforçadas as paredes autoportantes e será criada uma nova estrutura baseada em paredes autoportantes em betão que irão suportar Lajes de betão de 25cm que irão compensar as zonas onde não serão recuperadas as estruturas de madeira existentes. O volume de ampliação é estruturalmente formado por uma malha modulada em paredes autoportantes com 22,25 e 40cm, pilares em locais específicos a definir pela especialidade e lajes de betão armado.

A localização do edifício no Centro Histórico reduz a incidência solar nos pisos inferiores, desta forma os vãos criados no volume de ampliação foram pensados de forma a servir os espaços de forma eficiente sem grandes perdas térmicas e permitindo o máximo de incidência de luz natural. Foram recuperadas parte das caixilharias de madeira que apresentavam características próprias de forma a manter a identidade dos edifícios sendo que nos restantes vãos onde se apresentou a necessidade de criar novas dinâmicas no interior forma substituídos os vão por novas caixilharias em perfis de aço. O vão localizado na zona de estúdio e salas de formação da academia foi completamente aberto de forma permitir o máximo de entrada de luz natural para os utilizadores do espaço sendo o sombreamento realizado pelas características do vão que se encontra recuado em relação a fachada funcionando como sombreamento e pelos edifícios da envolvente que reduzem a incidência solar.

Paredes

As paredes interiores da compartimentação serão de alvenaria de tijolo vazado e betão desenvolvendo-se a toda a altura do piso. As diversas paredes serão revestidas segundo os materiais seleccionados no caderno de encargos do projecto de execução. As paredes exteriores dos edifícios existentes são em alvenaria de pedra e paredes de betão a vista ou para revestir com aço corten ou vidro.

As paredes existentes em alvenaria de pedra serão reparadas e reforçadas estruturalmente se necessário em pontos específicos a definir pela especialidade (estruturas) depois de uma análise no local. O revestimento exterior será em reboco para pintar.

As paredes exteriores com betão a vista são compostas por uma parede de betão de 22cm, isolamento térmico pelo interior e uma parede interior de tijolo vazado de 7 ou 11 cm onde será aplicado o acabamento segundo caderno de encargos. As paredes exteriores com revestimento de vidro serão em betão com 22cm de espessura sendo a fachada de vidro laminado fixada ao betão através de fixações mecânicas. O isolamento será colocado pelo interior. As paredes revestidas a aço corten serão em betão onde serão fixadas as chapas de aço corten através de fixação mecânicas sobre uma estrutura de perfis metálicos. O isolamento será projectado sobre a parede de betão entre a parede e o aço corten. As paredes exteriores no piso -1 (paredes de contenção e estruturais) serão em betão armado com isolamento pelo Exterior. Nas zonas de escavação no interior dos edifícios existentes serão criados muros de contenção compostos por microestacas de betão colocadas junto a parede de pedra e até a cota necessária para a implantação do projecto. Será moldada uma parede de betão sobre as estacas criando um conjunto estrutural no interior dos edifícios preexistentes. O isolamento será pelo interior entre a parede betão e a parede de alvenaria de tijolo.

As paredes das caixas de escadas e das caixas dos elevadores serão executadas em betão armado, funcionando como elementos de suporte de lajes e como elementos de contraventamento da totalidade da estrutura. Para além disso essas paredes terão a espessura necessária para garantir o cumprimento da legislação de segurança contra incêndios.

Coberturas

O projecto apresenta diversos tipos de cobertura inclinada e coberturas planas com acabamentos diferentes. No edifício base do teatro será recuperada toda a estrutura em madeira, sendo corrigida a inclinação da cobertura. Será aplicado um painel térmico e acústico e uma subtelha sob a telha de forma a garantir um melhor desempenho da cobertura. O revestimento será em Telha Marselha semelhante a existente e serão reparados os diversos pormenores decorativos. A drenagem das águas pluviais será realizada através de uma caleira perimetral

embutida na cobertura com as correctas inclinações para os tubos de queda definidos na proposta.

No edifício de entrada foi criada uma laje estrutural inclinada com a forma da cobertura original. A cobertura foi revestida a telha canal e cobrir. Será colocada uma caleira no perímetro da cobertura com as correctas inclinações para os tubos de queda.

O volume de ampliação terá cobertura plana com colocação de uma camada de godo no final. Serão criadas as diversas pendentes através da colocação de betão de regularização com inclinação correcta, sendo colocado sobre a regularização uma tela asfáltica de impermeabilização, isolamento térmico e manta de geotextil. A drenagem de águas pluviais será assegurada através da colocação de uma caleira perimetral junto ao murete de contenção revestido a zinco com pendentes dirigidas para os tubos de queda definidos na proposta.

As coberturas revestidas a aço corten serão devidamente isoladas e terão as devidas inclinações para drenagem de águas pluviais. As chapas de aço corten serão fixadas sobre uma estrutura de perfis metálicos definidas no projecto de execução e caderno de encargos.

Pavimentos

Os pavimentos do piso -1, estando em contacto com o solo, serão tratados com os devidos cuidados de drenagem, impermeabilização e isolamento térmico, assim como as respectivas sapatas e fundações. O pavimento será executado em betão armado, sobre uma camada de brita com 40cm de espessura, com base em terreno compactado de acordo com os dados fornecidos pelo estudo geotécnico do terreno. Os pavimentos dos restantes pisos, incluindo a cobertura, serão executados em lajes de betão armado de 0.25m de espessura e estruturas de madeira preexistentes apoiadas nas paredes autoportantes em alvenaria de pedra. As lajes de alguns espaços, em particular varandas e passadiços poderão ter entre 0.20 m de espessura. Os pavimentos interiores do piso -1 serão revestidos a autonivelante nas áreas técnicas e espaços de circulação, soalho de madeira no interior dos camarins e revestimentos cerâmicos no interior das instalações sanitárias.

No piso 0 os pavimentos serão revestidos a autonivelante, soalho de madeira, e pavimentos cerâmicos nas instalações sanitárias e cozinha. No piso 1, 2 e 3 os pavimentos serão revestidos a soalho de madeira e as instalações sanitárias serão revestidas a elementos cerâmicos.

1.2.7_ Opções de Conforto Ambiental (Térmicas, Acústicas, de ventilação e energéticas)

Térmica

O conforto térmico será assegurado através do correcto isolamento de todos os elementos verticais e horizontais. As paredes serão devidamente isoladas segundo indicação no projecto de execução assim como as coberturas evitando qualquer ponte térmica. As caixilharias de alumínio utilizadas terão corte térmico e vidro duplo de forma a reduzir perdas de energia.

Acústica

Os diversos espaços do edifício requerem vários tratamentos acústicos diferentes segundo a sua utilização. No geral os diversos soalhos de madeira serão complementados com a colocação de uma membrana acústica e uma manta de lã de rocha de forma a reduzir o ruído.

A sala de espectáculos assume uma grande importância sendo fundamental um correcto funcionamento acústico. O equilíbrio entre reflexão e absorção das ondas sonoras é fundamental no funcionamento da sala. Serão mantidos os balcões existentes em painéis de madeira, sendo complementados os balcões com um revestimento interior com painéis acústicos tipo vicoustic de forma a evitar o efeito "eco" através da absorção das ondas sonoras no interior do balcão. A forma da sala em "Ferradura a Italiana" permite um correcto comportamento acústico e os diversos revestimentos em tecido existentes serão recuperados.

O estúdio de gravação da academia será devidamente isolado através da colocação de painéis acústicos tipo vicoustic nas paredes e tecto falso com elevado comportamento acústico. Nas salas de formação serão também colocados tectos falsos revestidos com painéis acústicos de alto rendimento de forma a garantir as condições ideais ao funcionamento do espaço.

Ventilação e energéticas

A ventilação do edifício será garantida através da configuração das caixilharias que permitem a passagem de ar de forma a manter uma correcta ventilação. No interior da sala de espectáculo será assegurada uma correcta ventilação através da criação de condutas de ventilação nos diversos níveis da sala. A passagem das condutas será feita pelos tectos falsos dos espaços laterais da sala e deverão ser

dirigidas aos diversos pontos de ligação entre os espaços. O sistema de ventilação deverá seguir o sistema de ar condicionado integrado no edifício pelo tecto falso até a sala das máquinas.

Será permitida numa fase posterior a obra a colocação de painéis solar na cobertura do edifício de entrada aproveitando a exposição solar para a colocação de painéis solares e aproveitando o espaço sobe a cobertura para a colocação de infra-estrutura necessárias.

1.2.8_Opções de Mobilidade / Acessibilidades

No que respeita as condições de mobilidade e acessibilidades, os acessos ao edifício a parti da rua serão garantidos nos três alçados voltas para a rua a cota da rua, apresentando-se apenas uma pequena diferença no máximo de 0.02m em todas as entradas. As circulações interiores estão correctamente definidas e apresentam dimensões ideais para o funcionamento dos espaços assim como a dimensão de portas e circulações interiores.

Será garantida no interior a circulação em todos os pisos de pessoas com mobilidade condicionada através da colocação de elevadores no módulo de comunicações verticais da entrada e no edifício de ampliação.

As diferenças de cota no interior do edifício, em particular no piso0, serão vencidas através de rampas com inclinação de 5 ou 6% garantindo assim a acessibilidade a todos os espaços. Os pavimentos deverão apresentar aderência ideal de forma a evitar acidentes e estão garantidas no interior das escadas as guardas dimensionadas e colocadas de forma correcta.

1.2.9_Opções de Arranjos Exteriores

A localização da proposta no Centro Histórico da Vila de Caminha não permite qualquer intervenção nas vias que circundam os edifícios da proposta já que estas mesmas vias se encontram protegidas não sendo possível qualquer alteração.

Os arranjos exteriores estão limitados aos espaços entre edifícios da intervenção e espaços junto ao volume de ampliação pertencentes ao terreno onde se localiza a intervenção. Entre edifícios foram criados pátios revestido a lajetas de betão acessíveis. Junto ao volume de ampliação foi colocado um pequeno espaço verde de forma a criar um espaço diferente. Este espaço verde está relacionado com os vão dos corredores de forma a criar uma ligação entre o interior e exterior através da percepção de elementos naturais exteriores a partir do interior. Este espaço verde contempla a colocação de pequenas árvores e um revestimento dos muros de divisão de propriedade através de painéis verticais para colocação de vegetação vertical.

1.2.10_Anexo

Quadros de Áreas

PISO -1	Áreas
Oficinas	51,15 m ²
Área de Trabalho	17,90 m ²
Sub-Palco	39,90 m ²
Espaço de Trabalho/Sala de ensaio	61,60 m ²
Área Técnica	3,18 m ²
(Espaços de Apoio)	11,22 m ²
Depósito	64,05 m ²
Área Técnica (Sala das Maquinas)	56,10 m ²
Arrumos	40,80 m ²
Camarim Feminino Colectivo	23,00 m ²
Instalação Sanitária 1 (Camarim Feminino Colectivo)	5,10 m ²
Instalação Sanitária 2 (Camarim Feminino Colectivo)	4,15 m ²
Camarim Masculino Colectivo	19,10 m ²
Instalação Sanitária 1 (Camarim Masculino Colectivo)	4,78 m ²
Instalação Sanitária 2 (Camarim Masculino Colectivo)	4,15 m ²
Arrumos	2,50 m ²
Camarim Individual 1	11,30 m ²
Instalação Sanitária 1 (Camarim Individual 1)	2,05 m ²
Instalação Sanitária 2 (Camarim Individual 1)	2,65 m ²
Camarim Individual 2	11,45 m ²
Instalação Sanitária 1 (Camarim Individual 2)	2,05 m ²
Instalação Sanitária 2 (Camarim Individual 2)	2,65 m ²
Sala do Pessoal	11,15 m ²
Instalação Sanitária (Sala do Pessoal)	4,40 m ²
Área Técnica	11,00 m ²
Arrumos (Sob a Escada)	10,70 m ²
Área de Circulação 1	55,70 m ²
Área de Circulação 2	26,30 m ²
Total Área Útil: 576,23m²	
Total Área Bruta: 624,85m²	

PISO 0	Áreas
Entrada / Hall	35,40 m ²
Bengaleiro	6,70 m ²
Recepção/Bilheteira	5,80 m ²
Foyer / Exposição	66,80 m ²
Expositor 1	4,00 m ²
Expositor 2	4,00 m ²
Plateia	48,80 m ²
Corredor 1.1	12,35m ²

Corredor 1.2	12,35m ²
Área de Circulação 3	70,38 m ²
Área de Exposição	17,35 m ²
Bar (Área de Clientes)	30,80 m ²
Zona de Atendimento (Bar)	10,00 m ²
Cozinha (Bar)	8,78 m ²
Instalação Sanitária – Homens	17,90 m ²
Instalação Sanitária – Senhoras	16,65 m ²
Arrumos	11,60 m ²
Instalação Sanitária – Incapacitados	7,70 m ²
Área de Circulação 4	61,40 m ²
Entrada de Serviço	5,90 m ²
Área de Circulação	12,75 m ²
Área de Carga/Descarga	27,10 m ²
Palco	36m ²
Área de entrada para o Palco (1)	10,00m ²
Área de entrada para o Palco (2)	17,20m ²
Total Área Útil: 557,71m²	
Total Área Bruta: 655,25 m²	

PISO 1	Áreas
Área de Circulação 6	24,90 m ²
Foyer / Exposição	58,60 m ²
Sala de Projecção	12,50 m ²
Balcão 1	33,95 m ²
Varanda Técnica 1	24,75 m ²
Gabinete	13,30 m ²
Arquivo	6,50 m ²
Secretária	24,15 m ²
Sala de Formação 1	44,90 m ²
Antecâmara (Estúdio)	3,90 m ²
Estúdio	8,25 m ²
Sala de Controlo (Estúdio)	5.20 m ²
Sala de Formação 2	38,25 m ²
Arrumos	11,60 m ²
Instalação Sanitária	7,70 m ²
Área de Circulação 7	47,28 m ²
Total Área Útil: 365.73m²	
Total Área Bruta: 560,50 m²	

PISO 2	Áreas
Área de Circulação 8	20,60 m ²
Foyer / Exposição	59.15 m ²
Balcão 2	42,10 m ²
Varanda Técnica 2	36,70 m ²
Área Técnica	22.60 m ²

Área de Circulação 9	11,90 m2
Sala de Reuniões	39,70 m2
Área de Circulação 10	22,15 m2
Total Área Útil: 254.90m2	
Total Área Bruta: 425,25m2	

PISO 3	Áreas
Área de Circulação 11	35,70 m2
Gabinete Duplo	26,50 m2
Antecâmara (gabinetes)	7,95 m2
Instalação Sanitária	5,40 m2
Gabinete Individual	15,65 m2
Total Área Útil: 91.20m2	
Total Área Bruta: 140,80m2	

Total Área Útil (Edifício): 1844.87 m2
Total Área Bruta (Edifício): 2406.65 m2

Mestrado Integrado em Arquitectura e Urbanismo
Dissertação de Mestrado Integrado

Património | **Trabalho de Projecto**
Reabilitação do Teatro Valadares em Caminha

1.3 – Condições Técnicas Gerais

Discente: Patrick Gomes dos Santos 407/05

Orientador: Prof.Dr. Arq. Rui Brochado

Co-orientador: Mestre Arq. Rui Correia

Janeiro 2011



Índice

Capítulo 01 – Disposições Iniciais	03
Capítulo 02 – Obrigações do Empreiteiro	09
Capítulo 03 – Obrigações do Promotor ou Dono da Obra	14
Capítulo 04 – Representação das Partes e Controlo da Execução do Contrato	15
Capítulo 05 – Recepção e Liquidação da Obra	17
Capítulo 06 – Disposições Finais	19

Capítulo 01 - Disposições Iniciais

Cláusula 1ª – Objecto

1 - O presente caderno de encargos compreende as cláusulas a incluir na execução das tarefas necessárias a Reabilitação e ampliação do “Teatro Valadares”, localizado junto a rua Ricardo Joaquim de Sousa, Travessa do Teatro e Rua Dr.Luciano de Amorim e Silva, no Centro Histórico da Vila de Caminha.

2 - A empreitada tem por objecto a realização dos trabalhos definidos, quanto à sua espécie, quantidade e condições técnicas de execução, no projecto de execução e neste caderno de encargos.

3 - O projecto a considerar para os efeitos do estabelecido no número anterior é o definido na Cláusula 2ª.

4 - As condições técnicas de execução dos trabalhos da empreitada são as deste caderno de encargos.

Cláusula 2ª – Projecto

A execução da empreitada contempla as seguintes peças desenhadas:

2 - Peças Desenhadas

Projecto Base de Licenciamento

2.1 - Planta de localização _Esc. 1/1000

2.2 - Planta de Implantação _Esc. 1/200

2.3 - Planta Piso 0_ Existente - Esc 1/100

2.4 - Planta Piso -1_ Existente - Esc 1/100

2.5 - Planta Piso 1_ Existente - Esc 1/100

2.6 - Planta Piso 2_ Existente - Esc 1/100

2.7 - Planta Piso 3_ Existente - Esc 1/100

2.8 - Planta de Cobertura_ Existente - Esc 1/100

2.9 – Alçados do Existente_ Esc 1/100

2.10 - Planta Piso 0_ Proposta - Esc 1/100

- 2.11 - Planta Piso -1_ Proposta - Esc 1/100
- 2.12 - Planta Piso 1_ Proposta - Esc 1/100
- 2.13 - Planta Piso 2_ Proposta - Esc 1/100
- 2.14 - Planta Piso 3_ Proposta - Esc 1/100
- 2.15 - Planta de Cobertura_ Proposta - Esc 1/100
- 2.16/ 2.17 – Cortes da Proposta - Esc 1/100
- 2.18/ 2.19 – Alçados da Proposta - Esc 1/100
- 2.20 - Planta Piso 0_ Vermelhos e Amarelos - Esc 1/100
- 2.21 - Planta Piso 1_ Vermelhos e Amarelos - Esc 1/100
- 2.23 - Planta Piso 2_ Vermelhos e Amarelos - Esc 1/100
- 2.23 - Planta Piso 3_ Vermelhos e Amarelos - Esc 1/100
- 2.24 - Planta de Cobertura_ Vermelhos e Amarelos - Esc 1/100
- 2.25 – Alçados de Vermelhos e Amarelos - Esc 1/100

Projecto de Execução

- 2.26 - Planta de Toscos_ Piso 0 - Esc. 1/50
- 2.27 - Planta de Toscos_ Piso -1 - Esc. 1/50
- 2.28 - Planta de Toscos_ Piso 1 - Esc. 1/50
- 2.29 - Planta de Toscos_ Piso 2 - Esc. 1/50
- 2.30 - Planta de Toscos_ Piso 3 - Esc. 1/50
- 2.31 - Planta de Trabalho_ Piso 0 - Esc. 1/50
- 2.32 - Planta de Trabalho_ Piso -1 - Esc. 1/50
- 2.33 - Planta de Trabalho_ Piso 1 - Esc. 1/50
- 2.34 - Planta de Trabalho_ Piso 2 - Esc. 1/50
- 2.35 - Planta de Trabalho_ Piso 3 - Esc. 1/50
- 2.36 - Planta de Pavimentos_ Piso 0 - Esc. 1/50
- 2.37 - Planta de Pavimentos_ Piso -1 - Esc. 1/50
- 2.38 - Planta de Pavimentos_ Piso 1 - Esc. 1/50
- 2.39 - Planta de Pavimentos_ Piso 2 - Esc. 1/50
- 2.40 - Planta de Pavimentos_ Piso 3 - Esc. 1/50
- 2.41 - Planta de Tectos_ Piso 0 - Esc. 1/50
- 2.42 - Planta de Tectos_ Piso -1 - Esc. 1/50
- 2.43 - Planta de Tectos_ Piso 1 - Esc. 1/50
- 2.44 - Planta de Tectos_ Piso 2 - Esc. 1/50

- 2.45 - Planta de Tectos_ Piso 3 - Esc. 1/50
- 2.46 – Cortes – Esc 1/50
- 2.47/ 2.48 – Alçados – Esc 1/50
- 2.49/2.50/2.51 - Cortes Construtivos de Fachada e Cobertura - Esc. 1/20
- 2.52 / 2.53/ 2.54 - Detalhes Construtivos _Esc.1/20; 1/5; 1/2 ;1/1
- 2.55/2.56 – Detalhes Instalações Sanitárias – Esc: 1/20
- 2.57/2.58 – Detalhes Escadas – Esc 1/20
- 2.59/ 2.60 - Mapa de Vãos Exteriores - Esc. 1:50
- 2.61 – Mapa de Vãos Interiores – Esc. 1:50
- 2.62 - Projecto de Arranjos Exteriores _ 1/100; 1/50; 1/20

Clausula 3ª – Lista de Quantidades e Preços Unitários

1 – Todos os elementos alusivos a Preços e Medições estarão incluídos na secção 1.5_Medições e Orçamentos deste Caderno de Encargos referente ao Projecto.

2 – O orçamento deve incluir todas as tarefas inerentes à execução dos respectivos trabalhos, bem como andaimes, plataformas, material de protecção, transporte para a obra e dentro da obra, cargas e descargas, fornecimento de telas finais, testes e ensaios, os custos do estaleiro, etc.

Clausula 4ª Materiais e Técnicas de Execução

1 - Os materiais e técnicas de execução a utilizar na obra, devem respeitar tudo aquilo que a seu respeito se refere nas Especificações incluídas no ponto 1.4_Condições Técnicas Especiais deste Caderno de Encargos.

2 – A execução dos diversos trabalhos deverão respeitar as peças desenhadas do projecto de execução.

3 – Os elementos cuja qualidade não seja referenciada ou materiais cuja marca comercial ou características técnicas não seja referida no projecto deverão ser definidas pelo autor do Projecto.

4 – Se proposto, será permitida a alteração de marca dos materiais devendo os mesmos apresentar qualidade semelhante e deverão ser aprovados pelo autor do projecto e autoridade de fiscalização da obra.

5 – Todos os elementos, materiais ou processos construtivos que não estejam especificados no projecto deverão ser previamente discutidos e aprovados pelo autor do projecto e empreiteiro.

6 – Todos os elementos que não estejam especificamente definidos e que necessitem de especificações, deverão ser definidos pelo autor do projecto e o empreiteiro mediante informações e notificações por escrito da empresa responsável pelo material.

7 – No final dos trabalhos, todos os elementos deverão ser limpos e apresentar um acabamento pretendido e em consonância com o projecto.

Clausula 5ª Implantação

1 - Sendo uma Reabilitação/Ampliação parte da implantação coincide com o seu local actual e a segunda parte será definida com base nas peças desenhadas do projecto. Qualquer dúvida deverá ser discutida com o autor do projecto.

2 - A implantação da obra será feita pelo Empreiteiro, a partir dos elementos do Projecto e de outros que eventualmente lhe venham a ser fornecidos pela Fiscalização. Só depois da fiscalização se ter pronunciado por escrito, poderá a implantação feita pelo Empreiteiro ser considerada definitiva e só então ele poderá iniciar os trabalhos.

Clausula 6ª Estaleiro de Obra

A preparação, montagem e desmontagem do estaleiro para execução da obra devesa incluir as seguintes etapas:

- Montagem e desmontagem de máquinas;
- Montagem e desmontagem de instalações provisórias do pessoal, redes provisórias de abastecimento de águas, saneamento e electricidade;

- Montagem e desmontagem de instalações provisórias da fiscalização;
- Vedação do recinto da obra, com tapume em madeira ou metálico pintado e estrutura em tubular revestido a tecido serapilheira ou similar, nos moldes impostos pela legislação e pelo dono de obra, de modo a oferecer a necessária privacidade da obra;
- Tomada de conhecimento, pelo empreiteiro, do estado actual das instalações, nomeadamente os acessos, já que se prevê que elas lhe serão entregues como se encontram, não sendo aceites reclamações do empreiteiro, baseadas na falta de conhecimento do estado actual do terreno, ou de quaisquer trabalhos a realizar, pelo que este deverá no local, fazer os reconhecimentos ou levantamentos necessários à elaboração da sua proposta;
- Obtenção de todas as licenças e autorizações, junto dos departamentos respectivos da Câmara Municipal, Serviços Municipalizados, etc.;
- Eventuais indemnizações a terceiros, por danos ou estragos provocados durante a realização dos trabalhos;
- Manutenção e garantia das condições de acessibilidade em todas as circunstâncias e durante o tempo que durar a obra;
- Colocação de placa com identificação do dono da obra, projectista, empreiteiro e demais elementos exigidos pelas autoridades respectivas.
- Todos os demais trabalhos preparatórios necessários que se tornem indispensáveis para o correcto cumprimento do objectivo da empreitada;
- Apresentação, no início dos trabalhos e no prazo máximo de quinze dias de todas as amostras dos materiais a aplicar;
- Toda e qualquer alteração, adaptação ou alternativa ao projecto não poderá ser executada pelo empreiteiro sem o acordo prévio e por escrito com o autor do projecto;
- Durante o período de execução da obra, o empreiteiro será responsável pela manutenção e conservação de todos os percursos alternativos, de acordo com as indicações dos serviços competentes;

- O empreiteiro será responsável pelo fornecimento de meios, equipamentos e quaisquer outros elementos que sejam solicitados pela fiscalização, nomeadamente instalações, equipamento informático, material de escritório e de comunicações, consumíveis, cobertura fotográfica e/ou vídeo, etc.
- O empreiteiro deve cumprir na íntegra o estipulado no Plano de Segurança e Saúde e Plano de Gestão Ambiental.

Cláusula 7ª – Amostras e Modelos

1 - Durante o desenvolvimento da obra, será necessário, numa fase prévia a sua aplicação, elaborar amostras e modelos de todos os materiais, acabamentos e elementos de construção (Carpintarias, armaduras de iluminação, pinturas, rebocos, etc.) a utilizar. Todos os modelos e amostras devem ser aprovados pelas autoridades competentes.

2 - As diversas amostras e modelos deverão ser a escala natural e deverão ser testadas de forma a perceber o seu comportamento. Os diversos testes e opções deverão ser aprovados por escrito e em seguida comunicados ao empreiteiro que não poderá iniciar qualquer trabalho antes da aprovação final.

3 - Quando o dono da obra tiver dúvidas sobre a qualidade dos trabalhos, pode tornar obrigatória a realização de quaisquer outros ensaios além dos previstos, acordando previamente, se necessário, com o empreiteiro sobre as regras de decisão a adoptar.

4 - Se os resultados dos ensaios referidos no número anterior não se mostrarem insatisfatórios e as deficiências encontradas forem da responsabilidade do empreiteiro, as despesas com os mesmos ensaios e com a reparação daquelas deficiências ficarão a seu cargo, sendo, no caso contrário, de conta do dono da obra.

Capítulo 02 - Obrigações do Empreiteiro

Cláusula 8ª - Preparação e planeamento da execução da obra

1 – O empreiteiro é o responsável:

a) Pela preparação, planeamento e coordenação de todos os trabalhos da empreitada, ainda que em caso de subcontratação, bem como pela preparação, planeamento e execução dos trabalhos necessários à aplicação, em geral, das normas sobre segurança, higiene e saúde no trabalho vigentes e, em particular, das medidas consignadas no Plano de Segurança e Saúde e no plano de prevenção e gestão de resíduos de construção, escavação e demolição;

b) Perante as entidades fiscalizadoras, pela preparação, planeamento e coordenação dos trabalhos necessários à aplicação das medidas sobre segurança, higiene e saúde no trabalho em vigor.

c) Por todas as licenças, aprovações, certificações e contactos necessários a entrada em funcionamento de todas as instalações integradas na obra. Antes da entrada em funcionamento todos os elementos deverão ser inspeccionados pela fiscalização da obra.

2 – A disponibilização e o fornecimento de todos os meios necessários para a realização da obra e dos trabalhos preparatórios ou acessórios, incluindo os materiais e os meios humanos, técnicos e equipamentos, compete ao empreiteiro.

3 – O empreiteiro realiza todos os trabalhos que, pela sua natureza, por exigência legal ou segundo o uso corrente, sejam considerados como preparatórios ou acessórios à execução da obra.

Cláusula 9ª - Prazo de Execução da Empreitada

1 – O prazo de execução será especificado na calendarização da obra.

2 – A execução dos trabalhos inicia-se no prazo de 30 dias após a data da celebração do Contrato.

3 - A requerimento do empreiteiro, devidamente fundamentado, o dono da obra poderá conceder uma prorrogação do prazo global ou dos prazos parciais de execução da empreitada.

4 - O requerimento previsto na cláusula anterior deverá ser acompanhado dos novos planos de trabalhos e de pagamentos, com indicação, em pormenor, das quantidades de mão-de-obra e do equipamento necessário ao seu cumprimento.

5 - Quando haja lugar à execução de trabalhos a mais, o prazo de execução da obra é proporcionalmente prorrogado segundo os seguintes termos:

a) Tratando-se de trabalhos da mesma espécie de outros previstos no contrato e a executar em condições semelhantes, são aplicáveis os prazos parciais de execução previstos no plano de trabalhos para essa espécie de trabalhos;

b) Tratando-se de trabalhos de espécie diferente ou da mesma espécie de outros previstos no contrato mas a executar em condições diferentes, deve o empreiteiro apresentar uma proposta de prazo de execução no prazo de 10 dias a contar da data da notificação da ordem de execução dos mesmos.

Cláusula 10ª - Condições Gerais de Execução dos Trabalhos

1 - A obra deve ser executada de acordo com as regras da arte e em perfeita conformidade com o projecto, com este Caderno de encargos, medições e orçamento, peças desenhadas e outras peças contratualmente estipuladas, de modo a assegurarem-se as características de resistência, durabilidade e funcionamento especificadas nos mesmos documentos.

2 - Os trabalhos incluídos correspondem a totalidade da qualificação da empresa instaladora, logo, deve ser incluído na proposta todos os materiais e respectivos acessórios, mão-de-obra, meios auxiliares e todos os elementos necessários a instalação de forma a que o resultado final apresente as

características descritas na Memória descritiva, Condições Técnicas Especiais e Peças desenhadas.

3 - Relativamente às técnicas construtivas a adoptar, fica o empreiteiro obrigado a seguir, no que seja aplicável aos trabalhos a realizar, o conjunto de prescrições técnicas definidas nos termos da Cláusula 2ª.

4 - O empreiteiro pode propor ao dono da obra a substituição dos métodos e técnicas de construção ou dos materiais previstos neste caderno de encargos e no Projecto por outros que considere mais adequados, sem prejuízo da obtenção das características finais especificadas para a obra e apresentando por escrito as alterações propostas e uma proposta em desenho. As propostas deverão ser aprovadas pelo autor do projecto.

5 - É da responsabilidade da empresa instaladora execução da instalação dos diversos elementos, incluindo o termo de responsabilidade para a execução dos trabalhos assim como a colocação em funcionamento e a entrega de manuais sumários de instruções.

6 - A empresa instaladora irá colaborar com os diversos colaboradores e meios, de forma a que exista uma boa colaboração entre as diversas entidades responsáveis pelas varias instalações.

Cláusula 11ª - Erros ou Omissões do Projecto e de Outros Documentos

1 - O empreiteiro deve comunicar ao director de fiscalização da obra quaisquer erros ou omissões dos elementos da solução da obra por que se rege a execução dos trabalhos, bem como das ordens, avisos e notificações recebidas.

2 - O empreiteiro tem a obrigação de executar todos os trabalhos de suprimento de erros e omissões que lhe sejam ordenados pelo autor do projecto, o qual deve entregar ao empreiteiro todos os elementos necessários para esse efeito.

4 - O autor do projecto é responsável pelos trabalhos de correcção dos erros e omissões resultantes dos elementos que tenham sido por si elaborados ou disponibilizados ao empreiteiro.

Cláusula 12ª - Menções Obrigatórias no Local dos Trabalhos

1 - Sem prejuízo do cumprimento das obrigações decorrentes da legislação em vigor, o empreiteiro deve afixar no local de trabalho, de forma visível, a identificação da obra, do dono da obra e do empreiteiro, etc.

2 - O empreiteiro deve ter patente no local da obra, em bom estado de conservação, o livro de registo da obra e um exemplar do projecto, do caderno de encargos, do clausulado contratual e dos demais documentos a respeitar na execução da empreitada, com as alterações que neles hajam sido introduzidas.

3 - O empreiteiro obriga-se também a ter patente no local da obra o horário de trabalho em vigor, bem como a manter à disposição de todos os interessados o texto dos contratos colectivos de trabalho aplicáveis.

4 - Nos estaleiros de apoio da obra devem igualmente estar patentes os elementos do projecto respeitantes aos trabalhos aí em curso.

Cláusula 13ª - Obrigações Gerais

1 - São da exclusiva responsabilidade do empreiteiro as obrigações relativas ao pessoal empregado na execução da empreitada, à sua aptidão profissional e à sua disciplina.

2 - O empreiteiro deve manter a boa ordem no local dos trabalhos, devendo retirar do local dos trabalhos, por sua iniciativa ou imediatamente após ordem do dono da obra, o pessoal que haja tido comportamento perturbador dos trabalhos, designadamente por menor probidade no desempenho dos respectivos deveres, por indisciplina ou por desrespeito de representantes ou agentes do dono da obra, do empreiteiro, dos subempreiteiros ou de terceiros.

3 – A assistência ao pessoal será da responsabilidade do empreiteiro, assim como todos os encargos resultantes da aplicação das leis de segurança, em particular a secção referente ao Seguro de Trabalho.

4 – O empreiteiro devera prestar a assistência necessária ao pessoal vítima de qualquer acidente ocorrido no local de trabalho.

5 - As quantidades e a qualificação profissional da mão-de-obra aplicada na empreitada deverão estar de acordo com as necessidades dos trabalhos, tendo em conta o respectivo plano.

6 – É da responsabilidade do empreiteiro o cumprimento da legislação em vigor sobre Trabalho, Segurança Social, Seguros, Salários, etc. Referentes ao pessoal relacionado com a obra.

Cláusula 14ª - Segurança, higiene e saúde no trabalho

1 - O empreiteiro fica sujeito ao cumprimento das disposições legais e regulamentares em vigor sobre segurança, higiene e saúde no trabalho relativamente a todo o pessoal empregado na obra, ocorrendo por sua conta os encargos que resultem do cumprimento de tais obrigações.

2 - O empreiteiro é ainda obrigado a acautelar, em conformidade com as disposições legais e regulamentares aplicáveis, a vida e a segurança do pessoal empregado na obra e a prestar-lhe a assistência médica de que careça por motivo de acidente no trabalho.

3 - Em caso de negligência do empreiteiro no cumprimento das obrigações estabelecidas nos números anteriores, o director da fiscalização da obra pode tomar, as providências que se revelem necessárias.

4 - Antes do início dos trabalhos e, posteriormente, sempre que o director da fiscalização da obra o exija, o empreiteiro apresenta, apólices de seguro contra acidentes de trabalho relativamente a todo o pessoal empregado na obra.

5 - O empreiteiro responde, a qualquer momento, perante o director da fiscalização da obra, pela observância das obrigações previstas nos números anteriores, relativamente a todo o pessoal empregado na obra.

Capítulo 03 - Obrigações do Promotor ou Dono da Obra

Cláusula 15ª - Preço e Condições de Pagamento

- 1 – Deverá ser realizados, pelo dono da obra ao construtor, o pagamento de uma quantia inicial acordada no contrato de forma a iniciar os trabalhos.

- 2 – Em princípio, os pagamentos a efectuar pelo dono da obra têm uma periodicidade mensal, sendo o seu montante determinado por medições mensais.

- 3 – Em regra, os pagamentos são efectuados no prazo de 30 dias, com o limite máximo de 60 dias, após a apresentação da respectiva factura.

- 4 – As facturas e os respectivos autos de medição são elaborados de acordo com o modelo e respectivas instruções fornecidas pelo director da fiscalização da obra.

- 5 – No caso de falta de apresentação de alguma factura em virtude de divergências entre o director da fiscalização da obra e o empreiteiro quanto ao seu conteúdo, deve aquele devolver a respectiva factura ao empreiteiro, para que este elabore uma factura com os valores aceites pelo director da fiscalização da obra e uma outra com os valores por este não aprovados.

- 6 - O pagamento dos trabalhos a mais e dos trabalhos de suprimento de erros e omissões é feito nos termos previstos nos números anteriores, mas com base nos preços que lhes forem, em cada caso, especificamente aplicáveis.

Capítulo 04 - Representação das Partes e Controlo da Execução do Contrato

Cláusula 16ª - Representação do Empreiteiro

1 - O empreiteiro poderá, sob reserva de aceitação pelo dono da obra, confiar a direcção técnica da empreitada a um director de obra com a qualificação mínima de Engenheiro Técnico.

2 - Após a assinatura do contrato, o empreiteiro confirmará, por escrito, o nome do director da obra, indicando a sua qualificação técnica. Esta informação será acompanhada por uma declaração subscrita pelo técnico designado, assumindo a responsabilidade pela direcção técnica da obra e comprometendo-se a desempenhar essa função com competência e assiduidade.

3 - O director técnico da empreitada deverá acompanhar assiduamente os trabalhos e estar presente no local da obra sempre que para tal seja convocado.

5 - O dono da obra poderá impor a substituição do director técnico da empreitada, devendo a ordem respectiva ser fundamentada por escrito.

6 - O empreiteiro ou o seu representante permanecerá no local da obra durante a sua execução, devendo estar habilitado a responder perante o director da fiscalização da obra sobre o desenvolvimento dos trabalhos.

Cláusula 17ª - Representação do Dono da Obra

1 - Durante a execução o dono da obra é representado por um director de fiscalização da obra, salvo nas matérias em que, em virtude da lei ou de estipulação distinta no caderno de encargos ou no Contrato, se estabeleça diferente mecanismo de representação.

2 - O dono da obra notifica o empreiteiro da identidade do director de fiscalização da obra que designe para a fiscalização local dos trabalhos até à data da consignação ou da primeira consignação parcial.

3 - O director de fiscalização da obra tem poderes de representação do dono da obra em todas as matérias relevantes para a execução dos trabalhos, nomeadamente para resolver todas as questões que lhe sejam postas pelo empreiteiro nesse âmbito, exceptuando as matérias de modificação, resolução ou revogação do Contrato.

Cláusula 18ª - Livro de registo de obra

1 - O empreiteiro devesa organizar um registo da obra, em livro adequado, com as folhas numeradas e rubricadas por si e pelo director da fiscalização da obra, contendo uma informação sistemática e de fácil consulta dos acontecimentos mais importantes relacionados com a execução dos trabalhos.

3 - O livro de registo ficará patente no local da obra, ao cuidado do director da obra, que o devesa apresentar sempre que solicitado pelo director da fiscalização da obra ou por entidades oficiais com jurisdição sobre os trabalhos.

Capítulo 05 - Recepção e Liquidação da Obra

Cláusula 19ª - Inspeções

1 – O Autor do Projecto, Dono de Obra e Entidade Fiscalizadora poderão realizar inspeções que se considerem necessárias na obra, fábrica ou laboratório nos quais sejam executados trabalhos relacionados com a obra em curso.

2 – A verificação da qualidade e comportamento dos diversos materiais a utilizar pode necessitar a deslocação dos responsáveis (Autor do projecto, Fiscalização, etc.) fora do recinto da obra sendo a deslocação da responsabilidade da empresa instaladora responsável pelo material.

Cláusula 20ª - Recepção Provisória

1 – A recepção provisória da obra depende da realização de vistoria, que deve ser efectuada logo após a conclusão do total ou parte da obra, mediante solicitação do empreiteiro ou por iniciativa do dono da obra, tendo em conta o termo final do prazo total ou dos prazos parciais de execução da obra.

2 – Na eventualidade de serem identificados defeitos da obra que impeçam a sua recepção provisória, esta é efectuada relativamente a toda a extensão da obra que não seja objecto de deficiência.

3 – O procedimento de recepção provisória deverá obedecer a normativa em vigor.

Cláusula 21ª - Prazo de Garantia

1 - O prazo de garantia pode variar de acordo com o defeito da obra, nos seguintes termos:

a) 10 anos, no caso de defeitos relativos a elementos construtivos estruturais;

b) 5 anos, no caso de defeitos relacionados com os elementos construtivos não estruturais ou a instalações técnicas;

c) 2 anos, no caso de defeitos relacionados com os equipamentos afectos à obra, mas dela autonomizáveis.

2 - Caso tenham ocorrido recepções provisórias parcelares, o prazo de garantia fixado nos termos do número anterior é igualmente aplicável a cada uma das partes da obra que tenham sido recebidas pelo dono da obra.

3 - Durante o prazo de garantia o empreiteiro é obrigado a fazer, à sua custa, as substituições de materiais ou equipamentos e a executar todos os trabalhos de reparação que sejam indispensáveis para assegurar a perfeição e o uso normal da obra nas condições previstas.

4 - Não serão incluídos na garantia, os trabalhos de conservação que derivem do uso normal da obra ou de desgaste e depreciação normais consequentes da sua utilização para os fins a que se destina.

Cláusula 22ª - Recepção Definitiva

1 - No final dos prazos de garantia previstos na cláusula anterior, é realizada uma nova vistoria à obra para efeitos de recepção definitiva.

2 - Se a vistoria referida no número anterior permitir verificar que a obra se encontra em boas condições de funcionamento e conservação, esta será definitivamente recebida.

3 - A recepção definitiva depende, da verificação cumulativa dos seguintes pressupostos:

a) Funcionalidade regular, no termo do período de garantia, em condições normais de exploração, operação ou utilização da obra e respectivos equipamentos, de forma que cumpram todas as exigências contratualmente previstas;

b) Cumprimento, pelo empreiteiro, de todas as obrigações decorrentes do período de garantia relativamente à totalidade ou à parte da obra a receber.

4 - No caso da vistoria referida no nº 1 permitir detectar deficiências, deteriorações, indícios de ruína ou falta de solidez, da responsabilidade do empreiteiro, ou a não verificação dos pressupostos previstos no número anterior, o dono da obra fixa o prazo para a sua correcção dos problemas detectados por parte do empreiteiro, findo o qual será fixado o prazo para a realização de uma nova vistoria nos termos dos números anteriores.

Capítulo 06 - Disposições Finais

Cláusula 23ª - Deveres de Informação

1 – Cada uma das partes deve informar de imediato a outra sobre quaisquer circunstâncias que cheguem ao seu conhecimento e que possam afectar os respectivos interesses na execução do Contrato.

2 – Os diversos intervenientes devem avisar de imediato os restantes organismos responsáveis de qualquer circunstância que previsivelmente impeça o cumprimento de qualquer uma das suas obrigações.

Cláusula 24ª - Subcontratação e Cessão da Posição Contratual

1 – O empreiteiro pode subcontratar as entidades identificadas na proposta adjudicada, desde que se encontrem cumpridos os requisitos necessários.

2 - Todas os subcontratos devem ser celebrados por escrito e conter os elementos previstos na legislação em vigor, devendo ser especificados os trabalhos a realizar.

3 - O empreiteiro obriga-se a tomar as providências indicadas pelo director da fiscalização da obra para que este, em qualquer momento, possa distinguir o pessoal do empreiteiro do pessoal dos subempreiteiros presentes na obra.

4 – No prazo de cinco dias após a celebração de cada contrato de subempreitada, o empreiteiro deve, comunicar por escrito o facto ao dono da obra, remetendo-lhe cópia do contrato em causa.

5 - A responsabilidade pelo exacto e pontual cumprimento de todas as obrigações contratuais é do empreiteiro, ainda que as mesmas sejam cumpridas por recurso a subempreiteiros.

Cláusula 25ª – Legislação Aplicável

Todos os elementos previstos no Caderno de encargos deverão respeitar e aplicar a Legislação em vigor nas diferentes especialidades e deverão reger-se pelos princípios da boa prática profissional.

Mestrado Integrado em Arquitectura e Urbanismo
Dissertação de Mestrado Integrado

Património | **Trabalho de Projecto**
Reabilitação do Teatro Valadares em Caminha

1.4 – Condições Técnicas Específicas

Discente: Patrick Gomes dos Santos 407/05

Orientador: Prof.Dr. Arq. Rui Brochado

Co-orientador: Mestre Arq. Rui Correia

Janeiro 2011



Índice

Capítulo 01 – Trabalhos Preparatórios	03
Capítulo 02 – Estaleiro de Obra	04
Capítulo 03 – Demolições Gerais	12
Capítulo 04 – Movimento de Terras	13
Capítulo 05 – Alvenarias	15
Capítulo 06 – Cantarias	17
Capítulo 07 – Isolamentos e Impermeabilizações	19
Capítulo 08 – Coberturas	24
Capítulo 09 – Revestimentos	30
Capítulo 10 – Carpintarias	49
Capítulo 11 – Serralharias/ Alumínios	63
Capítulo 12 – Pavimentos	74
Capítulo 13 – Vidros	83
Capítulo 14 – Pinturas	88
Capítulo 15 – Equipamento	96
Capítulo 16 – Diversos	101

Capítulo 01 – Trabalhos Preparatórios

Art.º1 - Protecção e Segurança da Obra

1- Critério de medição

Entende-se cada protecção como um todo, qualquer que seja o tipo de protecção utilizada, elegendo-se a unidade (Un).

2- Descrição do artigo

Refere a todos os trabalhos, materiais e fornecimentos necessários à protecção e segurança de construções no todo ou em parte, de obras de arte, da vegetação, de outros bens patrimoniais que não possam ser afectados pela execução das obras.

O trabalho será executado de acordo com as normas legais e com as precauções impostas pela segurança dos transeuntes, pessoal operário, construções vizinhas, vias, veículos, etc., e inclui:

- a) O fornecimento e montagem ou execução das protecções;
- b) A desmontagem ou demolição e remoção final das protecções;
- c) A limpeza final, eliminando qualquer componente residual do sistema de protecção.

3- Condições técnicas

Entre as condições a que devem obedecer os trabalhos aqui descritos, mencionam-se como referência especial, as seguintes:

- a) O tipo de protecção a executar será o mais adequado a cada artigo, exigindo rigorosa definição no projecto;
- b) Serão empregues meios de montagem das protecções que garantam a eficaz salvaguarda dos bens a proteger;
- c) Em casos especiais, definidos no projecto, os trabalhos serão executados por pessoal especialidade, competente e credenciado; (azulejaria, obras de arte, espécies vegetais classificadas,..)
- d) Sempre que o valor patrimonial do bem a proteger exija meios especiais de protecção, será apresentada avaliação para efeitos do respectivo seguro.

Capítulo 02 – Estaleiro de Obra

Art.º 2.1 – Vedações(Muros/Redes/Tapumes)

1- Critério de medição

Atender-se-á ao desenvolvimento linear de vedação, qualquer que seja o tipo utilizado, sendo a medição por metro linear (ml).

2- Descrição do artigo

Refere a todos os trabalhos, materiais e fornecimentos necessários à vedação do estaleiro, no todo ou em parte, qualquer que seja o tipo de vedação utilizada.

O trabalho será executado de acordo com as normas legais e com as precauções impostas pela segurança dos transeuntes, pessoal operário, construções vizinhas, vias, veículos, etc., e inclui:

- a) O fornecimento e montagem ou execução das vedações;
- b) A desmontagem ou demolição e remoção final das vedações;
- c) A limpeza final do terreno, deixando-o livre de qualquer componente residual do sistema de vedação do estaleiro.

3- Condições técnicas

Entre as condições a que devem obedecer os trabalhos aqui descritos, mencionam-se como referência especial, as seguintes:

- a) O tipo de vedação a executar será o mais adequado nas condições concretas do estaleiro,
- b) Em casos especiais definidos no projecto, os trabalhos serão executados, total ou parcialmente, em sistema determinado patenteado ou não, de componentes recuperáveis, estabelecendo-se inicialmente todas as condições de montagem, uso e desmonte;

Art.º 2.2 – Instalações Administrativas

1- Critério de medição

Cabendo ao empreiteiro a responsabilidade do plano de Estaleiro, entende-se que o conjunto de instalações administrativas constitui um todo, elegendo-se a unidade (Un). Nos casos em que o plano seja da responsabilidade do Dono da Obra, a medição será efectuada por metro quadrado (m²).

2- Descrição do artigo

Refere a todos os trabalhos, materiais e fornecimentos necessários à montagem de instalações de carácter administrativo e laboratórios, dentro do estaleiro da obra, qualquer que seja o tipo de construção utilizado. O trabalho será executado de acordo com as normas legais e com as precauções impostas pela segurança e conforto do pessoal utilizador e inclui:

- a) O fornecimento e montagem ou execução das instalações;
- b) A desmontagem ou demolição e remoção final das instalações;
- c) A limpeza final do terreno.

3- Condições técnicas

Entre as condições a que devem obedecer os trabalhos aqui descritos, mencionam-se como referência especial, as seguintes:

- a) O tipo de construção das instalações de carácter administrativo a executar será o mais adequado nas condições concretas da obra.
- b) Em casos especiais definidos no projecto, as instalações serão em sistema determinado, de componentes recuperáveis, estabelecendo-se inicialmente todas as condições de montagem, uso e desmonte;

Art.º 2.3 – Armazéns/Oficinas/Ferramentaria

1- Critério de medição

Cabendo ao empreiteiro a responsabilidade do plano de estaleiro, entende-se que o conjunto de armazéns, oficinas (armaduras / cofragens / electricidade etc.), e ferramentaria, constitui um todo, elegendo-se a unidade (Un) ou metro quadrado (m²).

2- Descrição do artigo

Refere a todos os trabalhos, materiais e fornecimentos necessários à montagem de instalações de carácter industrial, dentro do estaleiro da obra, qualquer que seja o tipo de construção utilizado.

O trabalho será executado de acordo com as normas legais e com as precauções impostas pela segurança e conforto do pessoal utilizador e inclui:

- a) O fornecimento e montagem ou execução das instalações;
- b) A desmontagem ou demolição e remoção final das instalações;
- c) A limpeza final do terreno.

3- Condições técnicas

Entre as condições a que devem obedecer os trabalhos aqui descritos, mencionam-se como referência especial, as seguintes:

- a) O tipo de construção das instalações de carácter industrial a executar será o mais adequado nas condições concretas da obra.
- b) Em casos especiais definidos no projecto, as instalações de carácter industrial serão construídas, total ou parcialmente, em sistema de componentes recuperáveis, estabelecendo-se inicialmente todas as condições de montagem, uso e desmonte.

Art.º 2.4 – Equipamentos Elevações de Cargas

1- Critério de medição

Entende-se que o conjunto de equipamentos de elevação de cargas constitui um todo, elegendo-se a unidade (Un), qualquer que seja o tipo de equipamento utilizado.

2- Descrição do artigo

Refere a todos os trabalhos, materiais e fornecimentos necessários à montagem dos equipamentos de elevação de cargas qualquer que seja o tipo utilizado.

A montagem será executada de acordo com as normas legais e com as precauções impostas pela segurança dos operadores e inclui:

- a) O fornecimento e montagem dos equipamentos e instalações;
- b) A manutenção do equipamento em estado operacional;
- c) A desmontagem ou demolição e remoção final conjunto;
- d) A limpeza final do terreno.

3- Condições técnicas

Entre as condições a que devem obedecer os trabalhos aqui descritos, mencionam-se como referência especial, o tipo de equipamento de elevação de cargas a instalar será o mais adequado nas condições concretas da obra.

Os equipamentos e acessórios de elevação, incluindo fixações, ancoragens e apoios devem ser:

- a) Bem concebidos e construídos;
- b) Correctamente montados e utilizados;
- c) Mantidos em perfeito estado de funcionamento;
- d) Sujeitos a inspecções periódicas;
- e) Manobrados por pessoal com qualificação adequada.

Todos os equipamentos e acessórios de elevação devem apresentar de modo bem visível a indicação da carga máxima autorizada.

Art.º 2.5 – Andaimos e Plataformas

1- Critério de medição

Entende-se que o conjunto de equipamentos auxiliares a empregar constitui um todo, elegendo-se a unidade (Un), qualquer que seja o tipo de equipamento utilizado.

2- Descrição do artigo

Refere a todos os fornecimentos necessários à montagem dos sistemas auxiliares, quaisquer que sejam os tipos de equipamentos utilizados.

A montagem será executada de acordo com as normas legais e com as precauções impostas pela segurança do pessoal da obra, dos transeuntes, dos materiais e equipamentos, das edificações ou outros bens próximos dos equipamentos auxiliares e inclui:

- a) O fornecimento e montagem dos equipamentos auxiliares;
- b) A manutenção dos equipamentos em estado operacional;
- c) A desmontagem e remoção final dos equipamentos;
- d) A limpeza final do terreno.

3- Condições técnicas

Entre as condições a que devem obedecer os trabalhos aqui descritos, mencionam-se como referência especial, as seguintes:

a) O tipo de equipamentos auxiliares a instalar será o mais adequado nas condições concretas da obra, exigindo rigorosa definição no projecto sempre que a escolha seja determinada pelo Dono da Obra;

b) Em casos especiais definidos no projecto, os equipamentos auxiliares a instalar serão de tipo determinado, estabelecendo-se inicialmente todas as condições de montagem, uso e desmonte.

Art.º 2.6 – Segurança / Guardas de Protecções

1- Critério de medição

Entende-se que o conjunto de equipamentos de segurança a empregar constitui um todo, elegendo-se a unidade (Un), para o conjunto de equipamentos utilizados.

2- Descrição do artigo

Refere a todos os fornecimentos e montagem dos sistemas de segurança a instalar, quaisquer que sejam os tipos de equipamentos utilizados.

A montagem será executada de acordo com as normas legais e com as precauções impostas pela segurança do pessoal da obra, dos transeuntes, dos materiais e equipamentos, das edificações ou outros bens próximos do estaleiro, no conjunto ou nas partes de maior risco de acidente:

- a) O fornecimento e montagem dos equipamentos auxiliares;
- b) A manutenção dos equipamentos em estado operacional;
- c) A desmontagem e remoção final dos equipamentos;
- d) A limpeza final do terreno.

3- Condições técnicas

Entre as condições a que devem obedecer os trabalhos aqui descritos, mencionam-se como referência especial, as seguintes:

a) O tipo de equipamentos de segurança a instalar será o mais adequado nas condições concretas da obra, exigindo rigorosa definição no projecto sempre que a escolha seja determinada pelo Dono da Obra;

b) Em casos especiais definidos no projecto, os equipamentos de segurança a instalar serão de tipo determinado, estabelecendo-se inicialmente todas as condições de montagem, uso e desmonte.

Art.º 2.7 – Redes Provisórias: Agua/ electricidade

1- Critério de medição

Cabendo ao empreiteiro a responsabilidade do plano de estaleiro, entende-se que o conjunto das instalações da rede provisória de águas (abastecimento, distribuição, incêndio), constitui um todo elegendo-se a unidade (Un) ou metro linear (ml) em tubagens.

As instalações da rede eléctrica provisórias constituem um todo, elegendo-se a unidade (Un) como critério de medição. Nos casos em que for da responsabilidade do Dono da Obra, a medição será efectuada por metro linear (ml) em tubagens, condutores e cabos, e por unidade (un) em quadros, aparelhagem e pontos de luz.

2- Descrição do artigo

Refere a todos os trabalhos, materiais e fornecimentos necessários à instalação da rede provisória de águas, qualquer que seja o tipo utilizado.

O trabalho será executado de acordo com as normas legais, com os regulamentos aplicáveis e inclui:

- a) O fornecimento e montagem dos equipamentos e instalações que constituem a rede provisória;
- b) A manutenção da rede em estado operacional;
- c) A desmontagem, demolição e remoção final do conjunto;
- d) A limpeza final do terreno.

3- Condições técnicas

Entre as condições a que devem obedecer os trabalhos aqui descritos, mencionam-se como referência especial, as seguintes:

- a) O tipo de rede provisória a instalar será o mais adequado nas condições concretas da obra, exigindo rigorosa definição no projecto.
- b) Em casos especiais definidos no projecto, a rede será constituída, total ou parcialmente, por componentes de tipo determinado, recuperáveis ou não, estabelecendo-se inicialmente todas as condições de montagem, uso e desmonte.

Art.º 2.8 – Sinalização do Estaleiro

1- Critério de medição

Entende-se que a sinalização para funcionalidade de tráfego no estaleiro, para prevenção e segurança do pessoal, e para identificação da obra e entidades nela intervenientes, constitui um todo, elegendo-se a unidade (Un).

Quando seja apropriado a aplicação de painéis publicitários, de qualquer natureza, esse conjunto terá regras de exploração previamente estabelecidas, sendo expressamente interdita qualquer acção de "publicidade selvagem" sob qualquer forma.

2- Descrição do artigo

Refere a todos os trabalhos, materiais e fornecimentos necessários à montagem dos sistemas de sinalização, qualquer que seja o tipo utilizado.

O trabalho será executado de acordo com as normas legais, com os regulamentos aplicáveis e inclui:

- a) O fornecimento e montagem dos sinais e painéis informativos;
- b) A manutenção da sinalização em bom estado de conservação;
- c) A desmontagem, demolição e remoção final do conjunto;
- d) A limpeza final do terreno, deixando-o livre de qualquer componente residual do sistema de sinalização.

3- Condições técnicas

Entre as condições a que devem obedecer os trabalhos aqui descritos, mencionam-se como referência especial, as seguintes:

- a) O tipo de sinalização a instalar será da responsabilidade do empreiteiro, exigindo rigorosa definição no projecto sempre que a escolha seja determinada pelo Dono da Obra;

Capítulo 3 - Demolições Gerais

Art.º 3.1 – Demolições Gerais

1- Critério de medição

Medição por metro linear ou por metro quadrado, ml /m2.

2- Descrição do artigo

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) A demolição integral dos elementos descritos
- b) O remate das zonas de corte
- c) A protecção dos elementos da construção a manter
- d) Escoramentos e estruturas provisórias
- e) Remoção de caixilharias, ou outros elementos
- f) Carga, transporte, descarga, pagamento de entulheiras;
- g) Projecto, licenciamento e depósito de materiais perigosos, de acordo com a legislação em vigor;

3- Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) Os elementos a demolir, serão destruídos de modo a não danificarem as partes construídas a manter na obra.
- b) Serão demolidas:
 - As paredes interiores em alvenaria de granito.
 - As paredes interiores em alvenaria de tijolo e de tabique.
 - Desmontagem de revestimento das coberturas.
 - Parede de alvenaria de granito para alargamento/ abertura de vãos.
 - Parede de alvenaria de granito exterior conforme desenho.Picagem de paredes de alvenaria de granito e reboco.
- c) Serão desmontados as Estruturas dos balcões da sala de espectáculo para posterior montagem.

Capítulo 4 - Movimento de Terras

Art.º 4.1 - Escavações

1 - Critério de medição

Medição por metro cúbico, m³.

2 - Descrição do artigo

Considera-se o trabalho de Escavação para fundações, infra-estruturas e ampliação do Projecto ordenado de acordo com a natureza dos solos, com a profundidade a atingir ou com a relação da cota a atingir e nível freático, encontrando-se incluídos todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução, salientando-se os que abaixo se indicam:

- a) A implantação e marcação de alinhamentos e níveis de escavação de acordo com o projecto, bem como a sua manutenção;
- b) A escavação dos solos no Interior dos Edifícios;
- c) Os escoramentos, Ancoragem e entivações com Micro-estacas de Betão e posterior composição do conjunto com parede moldada de betão criada sobre o micro estacadas depois de colocação de armação.
- d) A execução e manutenção dos meios provisórios de acesso, segurança e sinalização;
- e). O desmonte e remoção dos elementos de alvenaria ou betão, situados abaixo do nível do solo, identificados no projecto.

3 - Condições técnicas

Entre as condições a que deve obedecer o trabalho referido neste artigo, mencionam-se, como referência especial, as seguintes:

- a) As marcações e nivelamentos para Implantação serão efectuados por pessoal de reconhecida competência para o efeito;
- b) O Empreiteiro manterá o sistema de marcações e referencias ao longo da obra, refazendo-o quando necessário;

c) O início dos trabalhos será precedido do reconhecimento local do traçado das infra-estruturas existentes, com base nos elementos cartografados fornecidos;

d). As escavações serão executadas de acordo com o projecto;

e) Os processos de execução serão os mais adequados, tomando em consideração a variação média das condições ambientais no local concreto da obra;

f) Os produtos da escavação Utilizáveis na obra serão aplicados nos locais definitivos, ou colocados em depósito em locais acordados com o Dono da Obra;

g) As escavações deverão ser executadas de forma que, após compactação (quando necessária), sejam atingidas as Dimensões indicadas no projecto, não sendo admissíveis diferenças por defeito;

h) A entivação, ancoragem e escoramento das escavações serão estabelecidos de modo a impedir movimentos do terreno e a evitar acidentes;

i) A colocação de Micro estacas de Betão e posterior composição do conjunto com parede moldada de betão criada sobre as micro-estacadas será realizada por entidades especializadas e deverão respeitar o projecto de estruturas.

Capítulo 5 – Alvenarias

Art.º 5.1 – Alvenaria de Tijolo Furado de 7 e 11cm de espessura em Paredes Exteriores Duplas (Pano interior)

1- Critério de medição

Medição por metro quadrado, m².

2- Descrição do artigo

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) O fornecimento dos tijolos e respectivo assentamento.
- b) O fornecimento e execução de padieiras e ressalvas de vãos, qualquer que seja a solução adoptada.
- c) A execução da meia cana na base da caixa-de-ar e respectiva impermeabilização.
- d) O fornecimento e aplicação de isolamento térmico, XPS.

3- Condições técnicas

Entre as várias condições a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

As paredes são constituídas por tijolo vazado assente ao cutelo e os tijolos deverão satisfazer as prescrições regulamentares aplicáveis, e ainda:

- a) Terão textura uniforme e Serão isentos de quaisquer corpos estranhos,
- b) Terão forma e dimensões uniformes as quais respeitarão as tolerâncias indicadas na legislação em vigor.
- c) Terão absorção de água em 24 horas inferior a 1/5 do seu volume.
- d) A argamassa de assentamento a utilizar terá 320Kg de cimento portland normal por metro cúbico de argamassa (traço em volume de 1:4).
- e) Na construção dos panos não serão deixados furos de tijolos à vista.
- f) No assentamento do tijolo, deverá ter-se por norma que as juntas se devem reduzir a uma espessura máxima de 1,5cm.

Art.º 5.2 – Alvenarias de tijolo vazado de 15, 11 E 7cm de espessura em paredes interiores simples

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m².

2 - Descrição do artigo

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) O fornecimento dos tijolos e respectivo assentamento.
- b) A ligação dos panos de tijolo à estrutura lateral com corticite de 5mm.
- c) O fornecimento e execução de padieiras e ressalvas de vãos, qualquer que seja a solução adoptada.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) As paredes são constituídas por tijolo vazado assente a meia vez.
- b) Os tijolos deverão satisfazer as prescrições regulamentares aplicáveis, e ainda:
 - Terão textura uniforme,
 - Serão isentos de quaisquer corpos estranhos,
 - Terão forma e dimensões uniformes as quais respeitarão as tolerâncias indicadas na especificação E160-1965 do LNEC,
 - Terão absorção de água em 24 horas inferior a 1/5 do seu volume cheio.
- c) A argamassa de assentamento a utilizar terá 320Kg de cimento portland normal por metro cúbico de argamassa (traço em volume de 1:4).
- d) Na construção dos panos não serão deixados furos de tijolos à vista.
- e) No assentamento do tijolo, deverá ter-se por norma que as juntas se devem reduzir a uma espessura máxima de 1,5cm.

Capítulo 6 – Cantarias

Artº 6.1 – Soleira de Granito

1 - Critério de medição

Medição por metro linear.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

a) Refere-se a soleiras com a secção indicada no mapa de medições no ponto máximo, em pedra serrada, conforme pormenor.

b) Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se os seguintes:

- 1 - Fornecimento da pedra de soleira.
- 2 - O assentamento da pedra.
- 3 - O acabamento final.
- 4 - Os cortes e remates necessários.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

a) As Soleiras serão de granito, resistente ao desgaste, de textura homogénea e compacta, sem fendas ou betumagem e deverá apresentar tonalidade uniforme.

Não será permitido o emprego de cantarias de cor ou textura diferentes.

b) As cantarias serão aparelhadas com perfeição, bem esquadriadas, sem defeitos nas arestas e não será permitido o uso de betume ou qualquer outra substância na dissimulação de defeitos.

c) As soleiras cujo comprimento seja inferior a 2,00 m serão realizadas numa peça única.

d) Todas as juntas, na ligação das várias peças de cantaria deverão ficar bem desempenadas, aprumadas, uniformes e reduzidas ao mínimo.

e) Para calçar as peças ou definir espaçamentos, não são permitidas palmetas de madeira, preferindo-se a utilização de pequenas tiras de chumbo com as espessuras adequadas.

f) Todas as arestas serão protegidas durante a execução da obra.

j) O acabamento da pedra será amaciado.

Capítulo 7 – Isolamentos e Impermeabilizações

Artº 7.1 – Aplicação de Isolamento Térmico de Poliestireno Extrudido em Coberturas Inclinadas

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m².

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento do poliestireno extrudido.
- b) Os trabalhos acessórios, incluindo os cortes e remates necessários.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) Trata-se de isolamento térmico em coberturas exteriores de acordo com o indicado nos desenhos de projecto, sobre a tela de geotextil.
- b) As placas de poliestireno extrudido serão de 40 /30 mm de espessura.
- c) A classificação de resistência ao fogo será de M1.
- d) Este isolamento dobrará para as paredes adjacentes e outros elementos conforme pormenores de projecto.
- e) Só serão permitidos produtos homologados.

Artº 7.2 – Aplicação de Isolamento Térmico de Poliestireno Extrudido em Paredes**1 - Critério de medição**

Medição por metro quadrado, m2.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento do poliestireno extrudido.
- b) Os trabalhos acessórios, incluindo os cortes e remates necessários.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) Trata-se de isolamento térmico em paredes exteriores de acordo com o indicado nos desenhos de projecto.
- b) As placas de poliestireno extrudido serão de 40 /30 mm de espessura.
- c) A classificação de resistência ao fogo será de M1.
- e) Só serão permitidos produtos homologados.

Artº 7.3 – Aplicação de Isolamento Térmico de Poliestireno Expandido em Pavimentos

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m².

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento do poliestireno expandido.
- b) Os trabalhos acessórios, incluindo os cortes e remates necessários.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) Trata-se de isolamento térmico em pavimentos em contacto com o solo de acordo com o indicado nos desenhos de projecto.
- b) As placas de poliestireno extrudido serão de 40 mm de espessura.
- e) Só serão permitidos produtos homologados.

Artº 7.4 – Impermeabilização e Isolamento de Coberturas Planas e Caleiras

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m².

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) A realização de penderes na cobertura para escoamento das águas pluviais;
- b) O fornecimento e aplicação do complexo impermeabilizante: Tela Asfáltica;
- c) O fornecimento e execução de todos os remates, cantoneira de zinco, para remate nos topos;
- d) O fornecimento e assentamento de placas de poliestireno extrudido, XPS, tipo "ROOFMATE";
- e) O fornecimento e assentamento de duas mantas de geotextil;
- f) O fornecimento e assentamento do godo.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) O enchimento sobre a cobertura deverá ser realizado em betão celular com um declive mínimo de 1,5%. O enchimento deverá ficar perfeitamente regularizado de modo a não originar empoçamentos;
- b) Sobre a camada de forma, completamente limpa de poeiras, rugosidades e liberta de humidade excessiva e eventuais fendas fechadas, será colocada a Tela Asfáltica segundo pormenor e por pessoal especializado.

- c) Sobre a manta de geotextil será colocado o isolamento térmico em poliestireno extrudido, XPS, tipo "ROOFMATE SL-A" de 6 cm de espessura, com encaixes à meia espessura nas quatro faces;
- d) Sobre o isolamento será colocada uma manta de geotextil;
- e) Sobre a manta de geotextil será colocada uma camada de godo lavado;
- f) Os remates na periferia serão feitos com cantoneiras de zinco;
- g) O trabalho de colocação do complexo impermeabilizante e do isolamento térmico será feito por casa especializada de reconhecida competência;
- h) O trabalho será realizado de acordo com o fornecedor do material;
- i) As caleiras encontram-se incluídas na execução de caleiras na camada de forma, conforme projecto de águas pluviais;

Capítulo 8 – Coberturas

Artº 8.1 – Reparação da Cobertura (Estrutura de Madeira)

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m².

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O levantamento, apeamento e limpeza da telha, para posterior utilização;
- b) A remoção do ripado e reparação da estrutura e sub-estrutura da cobertura, incluindo a substituição de peças podres ou deterioradas;
- c) O fornecimento e colocação de ripado e peças deterioradas;
- d) A protecção das madeiras com xilofene e copos nos encontros com paredes de alvenaria de pedra;
- e) O fornecimento e colocação de painéis de fibras de madeira com isolamento térmico e acústico tipo “Onduline Thermisorel” com 50 / 60 mm de espessura;
- f) Colocação de Subtelha tipo “Onduline”
- g) Fornecimento e colocação de ripado de PVC para assentamento da telha;
- h) Assentamento da telha proveniente da desmontagem;
- i) Fornecimento e assentamento da telha necessária para completar a cobertura;
- j) Fornecimento e assentamento de cumes.
- k) Fornecimento e assentamento de beiradas e telha de canal e cobrir.
- l) Fornecimento e colocação de telas de PVC no remate entre os painéis de chapa, caleiras e cornijas.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

a) Os trabalhos deverão ser executados de acordo com as peças desenhadas do Projecto;

b) Os painéis serão em peça única segundo a pendente e deverão ter encaixe lateral de modo a garantir uma perfeita vedação;

c) A classificação de resistência ao fogo dos painéis será de M0;

d) A telha a fornecer deverá ser igual à existente, quer em dimensões, quer em canais e ranhuras de encaixe;

e) Os panos visíveis deverão ser revestidos com a telha existente.

f) As telhas novas serão colocadas em panos ocultos.

g) Só serão permitidos produtos homologados.

Artº 8.2 – Cobertura Inclinada (Edifício Entrada)

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m2.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O levantamento e limpeza da telha, para posterior utilização;
- b) A remoção do ripado e estrutura existente e criação de nova estrutura em betão armado para a cobertura;
- e) O fornecimento e colocação de Isolamento Térmico tipo "ROOFMATE" com 40/50 mm de espessura;
- c) O fornecimento e colocação de ripado de PVC;
- d) Colocação de subtelha tipo "Onduline"
- e) Fornecimento e colocação de ripado de PVC para colocação da telha;
- f) Assentamento da telha proveniente da desmontagem;
- g) Fornecimento/colocação da telha necessária para a cobertura;
- h) Fornecimento e assentamento de cumes.
- i) Fornecimento e assentamento de beiradas e telha de canal e cobrir.
- j) Fornecimento e colocação de telas de PVC no remate de chapa, caleiras e cornijas.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) Os trabalhos deverão ser executados de acordo com as peças desenhadas do Projecto;
- d) A telha a fornecer deverá ser igual à existente, quer em dimensões, quer em canais e ranhuras de encaixe;
- e) Os panos visíveis deverão ser revestidos com a telha existente.
- f) As telhas novas serão colocadas em panos ocultos.
- g) Só serão permitidos produtos homologados.

Artº 8.3 – Chapa de Zinco em Rufos e Acabamentos de Cobertura

1 - Critério de medição

Medição por metro linear, m.

As medições serão executadas segundo o eixo dos elementos (peça única ou peça e respectivo suporte).

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento da chapa de zinco e dos acessórios de fixação;
- b) O assentamento, incluindo cortes, remates e vedações necessários.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

a) As peças serão em chapa de zinco, executado de acordo com os pormenores e assentes em rufos de remate com panos ou paredes verticais adjacentes às coberturas.

b) Todas as peças terão um perfil e desenvolvimento segundo a sua secção transversal de acordo com os pormenores sendo sempre executadas juntas de dilatação.

c) Nos rufos de remate com panos verticais será executado um rasgo nas paredes para remate dos rufos, incluindo vedação.

Artº 8.4 – Chapa de Zinco em Caleiras de Coberturas Inclinadas

1 - Critério de medição

Medição por metro linear, m.

As medições serão executadas segundo o eixo dos elementos (peça única ou peça e respectivo suporte).

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento da caleira em zinco e dos acessórios de fixação.
- b) O assentamento, incluindo cortes, remates e vedações necessários.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As peças serão em chapa de zinco, executado de acordo com os pormenores e assentes em caleiras entre coberturas inclinadas e paredes verticais.
- b) Todas as peças terão um perfil e desenvolvimento segundo a sua secção transversal de acordo com os pormenores sendo sempre executadas juntas de dilatação.

Artº 8.5 – Chapa de Aço Corten em Cobertura

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado e Kilograma, m2, Kg.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento da chapa de aço Corten e dos acessórios de fixação;
- b) O assentamento, incluindo cortes, remates e vedações necessários.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As peças serão em chapa de Aço Corten de 6 /8 mm, executado de acordo com os pormenores e assentes numa estrutura (malha) composta por perfis de aço de 5x5cm (Ligação entre edifícios existentes) e 7,5 x5cm (nos volumes de ampliação) fixados mecanicamente as paredes e assentes sobre apoios.
- b) Todas as peças terão um perfil e desenvolvimento segundo a sua secção transversal de acordo com os pormenores sendo sempre executadas juntas de dilatação.
- c) Nos remates com panos verticais será executado um rasgo nas paredes para remate dos das peças, fixação mecânica, fixação de impermeabilização.

Capítulo 9 – Revestimentos

Artº 9.1 - Chapsico, Emboço e Reboco de Argamassa de Cimento em Regularização de Paredes Exteriores

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e aplicação do chapisco, emboço e reboco.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) Todas as paredes e paramentos verticais exteriores a rebocar serão emboçadas e rebocadas com cimento normal.

- b) O reboco deverá ter espessura que permita obter superfícies bem regularizadas, será executado em duas camadas e nunca terá espessura superior a 0.02m.

- c) O emboço deverá ficar bem desempenado e apertado à colher. A camada de reboco a aplicar sobre o emboço, depois de bem molhado, será aplicado à talocha e sobre ela se executará o áspero à esponja.

- d) O emboço deverá ser aspergido com calda de cimento e areia grossa, de modo a obter o aspecto granuloso a indicar pela fiscalização. O reboco deverá ser realizado com areia branca de grão fino, limpa e de granulometria adequada para se obter um areado fino. O cimento será branco, o reboco deverá ser bem apertado e afagado, de forma a se obter uma superfície bem desempenada, regular, homogénea e isenta de fendilhações ou quaisquer outros defeitos.

Artº 9.2 – Chapa de Aço Corten em Fachadas Exteriores

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado e Kilograma, m2.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento da chapa de aço Corten e dos acessórios de fixação;
- b) O assentamento, incluindo cortes, remates e vedações necessários.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As peças serão em chapa de Aço Corten de 6/8 mm, fixadas mecanicamente a parede de betão armado.
- b) Será utilizado um sistema de ancoragem formado por ancoragens pontuais reguláveis nas três direcções, de aço inoxidável, fixadas ao suporte de betão. Estas ancoragens deverão ser aprovadas pelo fornecedor e projectista mediante testes realizados ao sistema.
- c) Todas as peças terão um perfil e desenvolvimento segundo a sua secção transversal de acordo com os pormenores sendo sempre executadas juntas de dilatação.

Artº 9.3 – Vidro Opaco/Translúcido com Decoração em Fachadas Exteriores

1 - Critério de medição

Medição por metro metro quadrado e Unidade, m2, un,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

a) O fornecimento dos dois tipos de vidro, perfis de fixação e dos acessórios necessários a composição do conjunto segundo pormenor.

b) O assentamento, incluindo cortes, remates e vedações necessários.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

a) As peças serão em Vidro Opaco Laminado para paramentos que não apresentem vãos e Vidro Translúcido Laminado para as secções que apresentem vãos. As Peças de Vidro serão de 3.05x 0.93m no geral segundo desenho do alçado e haverá duas peças nos topos dos alçados com 3.05x0.40m.

b) A Fixação será realizada através de uma cantoneira fixada a parede de betão na qual será fixado um perfis quadrangular em aço inox no qual será fixado o vidro.

c) Todas as peças terão um perfil e desenvolvimento segundo a sua secção transversal de acordo com os pormenores sendo sempre executadas juntas de dilatação e impermeabilizações necessárias.

d) Será também colocada uma iluminação em Sistema LED no interior do vidro sobre os perfis a acordar com o projecto da especialidade (electricidade).

Artº 9.4- Limpeza de Elementos de Granito das Fachadas

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m2.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) A limpeza com água sob pressão e escova de piaçaba.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) Este artigo diz respeito à limpeza das alvenarias em granito dos vãos exteriores, cornijas, varandas, e restantes elementos em pedra.

- b) As alvenarias serão limpas de todos os fungos, poeiras e elementos vegetais com água potável sob pressão e escova de piaçaba de dureza a aprovar pelo autor do projecto.

- c) As juntas serão limpas e tomadas com argamassa bastarda, constituída por saibro, cal gorda em pasta e areia.

Artº 9.5 - Chapsico, Emboço e Reboco de Argamassa de Cimento em Regularização de Paredes Interiores

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

a) O fornecimento e aplicação do chapisco, emboço e reboco.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

a) O chapisco devesse regularizar o paramento e permitir maior aderência dos restantes revestimentos.

b) Todas as paredes e paramentos verticais interiores a rebocar serão chapiscadas, emboçadas e rebocadas com cimento normal.

c) O reboco deverá ter espessura que permita obter superfícies bem regularizadas, será executado em duas camadas e nunca terá espessura superior a 0.02m.

d) O emboço deverá ficar bem desempenado e apertado à colher. A camada de reboco a aplicar sobre o emboço, depois de bem molhado, será aplicado à talocha e sobre ela se executará o áspero à esponja.

e) O emboço deverá ser aspergido com calda de cimento e areia grossa, de modo a obter o aspecto granuloso a indicar pela fiscalização. O reboco deverá ser realizado com areia branca de grão fino, limpa e de granulometria adequada para se obter um areado fino. O cimento será branco, o reboco deverá ser bem apertado e afagado, de forma a se obter uma superfície bem desempenada, regular, homogénea e isenta de fendilhações ou quaisquer outros defeitos.

Artº 9.6 - Emboço e Reboco em Paramentos e Tectos Interiores

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m2.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento, montagem e desmontagem dos andaimes necessários para a execução do trabalho.
- b) O fornecimento e execução do salpico, encasque, emboço e do reboco.
- c) O acabamento das juntas de dilatação que o projecto preveja.
- d) O acabamento final do reboco.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) Os encasques, quando necessários, serão realizados com a argamassa usada no assentamento das alvenarias.
- b) O emboço e o reboco serão executados em argamassa de cimento e areia.
- c) O emboço e o reboco terão uma espessura adequada para que todos os paramentos fiquem bem lisos e desempenados e será executado em 2 camadas.
- d) O reboco deverá ficar perfeitamente plano e regularizado, sem asperezas de modo a que possa receber, querendo-se, apenas pintura como acabamento final.

Artº 9.7 – Emboço e Reboco com acabamento a Gesso Projectado em Paramentos e Tectos Interiores

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m².

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento, montagem e desmontagem dos andaimes necessários para a execução do trabalho.
- b) O fornecimento e execução do salpico, encasque, emboço, reboco e gesso.
- c) O acabamento das juntas de dilatação que o projecto preveja.
- d) O acabamento final do reboco.
- e) Equipamentos necessários a execução dos trabalhos

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) Os encasques, quando necessários, serão realizados com a argamassa usada no assentamento das alvenarias.
- b) O emboço e o reboco serão executados em argamassa de cimento e areia.
- c) O emboço e o reboco terão uma espessura adequada para que todos os paramentos fiquem bem lisos e desempenados e será executado em 2 camadas.
- d) O reboco deverá ficar perfeitamente plano e regularizado, sem asperezas de modo a que possa receber, querendo-se, apenas pintura como acabamento final.
- e) O Gesso projectado deverá ser executado por pessoal especializado e devera apresentar um acabamento liso pronto para pintar.

Artº 9.8 – Revestimento de Paredes interiores com Painéis Acústicos tipo "Vicoustic Wave Wood" na Sala de Espectáculos e Estúdio

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento dos painéis.
- b) O assentamento/colocação dos painéis.
- c) Os trabalhos acessórios, incluindo os cortes e remates necessários.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) Os painéis a empregar serão painéis de controlo acústico, do tipo "Vicoustic" Série Wave Wood, em peças de 60x60.
- b) Os painéis serão fixados, conforme indicação do fabricante.
- c) Os Painéis deverão ser fixados por pessoal especializado e de forma a garantir um correcto funcionamento dos mesmos com os métodos de fixação indicados pelo fabricante.

Artº 9.9 – Revestimento de Paredes interiores com Painéis de Pré-fabricado Folheados a Madeira de Sucupira (Entrada: bengaleiro/Bilheteira)

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento dos painéis.
- b) O assentamento/colocação dos painéis.
- c) Os trabalhos acessórios, incluindo os cortes e remates necessários.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) Os painéis a empregar serão painéis Pré-fabricados folheados a Madeira de Sucupira.
- b) O folheado exterior do contraplacado será de Sucupira e a espessura deste contraplacado não será inferior a 0,003 m.
- c) Os Painéis serão fixados a uma estrutura metálica do tipo “Knauf – Paredes W111”.
- d) Os Painéis deverão ser fixados por pessoal especializado e de forma a garantir um correcto funcionamento dos mesmos com os métodos de fixação indicados pelo fabricante.

Artº 9.10 – Recuperação de Painéis de Madeira Existentes e Painéis Revestido a Tecido.

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m².

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) A recuperação dos painéis de madeira incluindo a substituição de todas as peças que se encontrem partidas ou deterioradas.
- b) A recuperação dos tecidos e substituição de partes que sejam necessárias.
- c) Pintura e envernizamento das madeiras.
- d) A execução por parte de empresas especializadas da recuperação das madeiras, pinturas, tecidos e decorações.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As peças a substituir serão de madeira igual à existente.
- b) As tintas e vernizes serão aplicados segundo indicação da empresa especializada em recuperação.
- c) A Recuperação de pinturas e aplicação de novas matérias fica pendente do estudo da empresa especializada e de aprovação do projectista.
- d) Todas as madeiras e tecidos a utilizar serão de primeira qualidade, devendo merecer a aprovação do autor do projecto.

Artº 9.11 – Revestimento de Paredes a Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) Incluindo Assentamento

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento do azulejo.
- b) O fornecimento e execução de argamassa de regularização.
- c) O fornecimento e colocação de peças de remate dos ângulos convexos, em alumínio.
- d) O fornecimento de 3m² de azulejo com vista a ser armazenado pelo dono da obra.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As paredes serão regularizadas com argamassa de cimento antes da aplicação do azulejo.
- b) O azulejo será colocado sobre superfícies completamente desempenadas.
- c) O azulejo a empregar será de 1ª qualidade, com massa e textura homogénea e uniforme, não apresentando qualquer mancha, com uma superfície bem desempenada e de arestas perfeitamente definidas;
- d) No caso da largura do pano ou do lambrim não corresponder a um número certo de azulejos, os cortes serão feitos de um único lado, quando possível, o lado mais escondido.
- e) As juntas serão tomadas com Materiais indicado pela marca para esta série.

Artº 9.12 – Revestimento de Paredes a material Cerâmico Tipo “Revigres Polis Bege ref.P58(30x45cm)” Incluindo Assentamento**1 - Critério de medição**

Medição por metro quadrado, m²

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento do azulejo.
- b) O fornecimento e execução de argamassa de regularização.
- c) O fornecimento e colocação de peças de remate dos ângulos convexos, em alumínio.
- d) O fornecimento de 3m² de azulejo com vista a ser armazenado pelo dono da obra.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As paredes serão regularizadas com argamassa de cimento antes da aplicação do azulejo.
- b) O azulejo será colocado sobre superfícies completamente desempenadas.
- c) O azulejo a empregar será de 1ª qualidade, com massa e textura homogénea e uniforme, não apresentando qualquer mancha, com uma superfície bem desempenada e de arestas perfeitamente definidas;
- d) No caso da largura do pano ou do lambrim não corresponder a um número certo de azulejos, os cortes serão feitos de um único lado, quando possível, o lado mais escondido.
- e) As juntas serão tomadas com Materiais indicado pela marca para esta série.

**Artº 9.13 – Revestimento de Paredes a Pastilha Tipo “Revigres Xadrez Cinza ref.P86”
Incluindo Assentamento****1 - Critério de medição**

Medição por metro quadrado, m²

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento da pastilha.
- b) O fornecimento e execução de argamassa de regularização.
- c) O fornecimento e colocação de peças de remate dos ângulos convexos, em alumínio.
- d) O fornecimento de 3m² de material com vista a ser armazenado pelo dono da obra.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As paredes serão regularizadas com argamassa de cimento antes da aplicação da pastilha.
- b) A pastilha será colocada sobre superfícies completamente desempenadas e (Série fornecida em peças 30x30cm compostas por pastilha unida por malha pronta a aplicar de forma a atingir aspecto pretendido)
- c) O azulejo a empregar será de 1ª qualidade, com massa e textura homogénea e uniforme, não apresentando qualquer mancha, com uma superfície bem desempenada e de arestas perfeitamente definidas;
- d) No caso da largura do pano ou do lambrim não corresponder a um número certo de azulejos, os cortes serão feitos de um único lado, quando possível, o lado mais escondido.
- e) As juntas serão tomadas com Materiais indicado pela marca para esta série.

Artº 9.14 – Divisões/ Paredes leves em Gesso Cartonado sobre Estrutura do Sistema**1 - Critério de medição**

Medição por metro quadrado, m².

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento de placas de Gesso Cartonado, e da estrutura de fixação.
- b) O assentamento das placas
- c) Os trabalhos acessórios, incluindo os cortes e remates necessários.
- d) O revestimento ou acabamento final das superfícies, que são recepcionadas no estado de prontas para pintar.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A estrutura de parede a empregar, serão do tipo “ Knauf W111” ou equivalente com uma espessura máxima de 7cm.
- b) Serão aplicadas duas placas de gesso cartonado de 12,5mm perfazendo um total de 25mm (placa dupla 12,5+12,5)
- c) As placas serão fixadas a parede tendo em conta as aberturas de vazios necessários na estrutura para inserção de equipamentos nas paredes (calhas, tubagens, caixas, etc) segundo projecto da especialidade.
- d) A classificação de resistência ao fogo será de M0.

Artº 9.15 – Tecto Falso em Gesso Cartonado

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m2.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento de placas de Gesso Cartonado, e da estrutura de fixação.
- b) O assentamento das placas
- c) Os trabalhos acessórios, incluindo os cortes e remates necessários.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A estrutura e painéis de gesso cartonado a empregar, serão do tipo “Knauf” ou equivalente.
- b) As placas serão fixadas ao tecto por cabos adequados, em aço niquelado, e recomendado pela casa fornecedora.
- c) A classificação de resistência ao fogo será de M0.

Artº 9.16 – Tecto Falso em Painéis Pré-Fabricados Folheados a Madeira Natural (Sucupira)**1 - Critério de medição**

Medição por metro quadrado, m2.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento de Painéis Pré-Fabricados, e da estrutura de fixação.
- b) O assentamento dos painéis
- c) Os trabalhos acessórios, incluindo os cortes e remates necessários.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A estrutura de fixação a empregar, será do tipo “ Knauf” ou equivalente.
- b) Os painéis serão fixados ao tecto por cabos adequados, em aço niquelado, e recomendado pela casa fornecedora.
- c) A classificação de resistência ao fogo será de M0.

Artº 9.17 – Tecto Falso em Painéis Acusticos Tipo "Tavinel Acoustic RL6 / RC6 (Acab.Cherry)"**1 - Critério de medição**

Medição por metro quadrado, m2.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento de painéis acústicos, e da estrutura de fixação.
- b) O assentamento dos painéis
- c) Os trabalhos acessórios, incluindo remates necessários.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A estrutura de fixação a empregar, será do tipo " Knauf" ou equivalente.
- b) Os painéis serão fixados ao tecto por cabos adequados, em aço niquelado, e recomendado pela casa fornecedora.
- c) A fixação deverá ser oculta respeitando as configurações fornecidos pela marca.
- c) A classificação de resistência ao fogo será de M0.

Artº 9.18 – Tecto Falso em Painéis Acusticos Tipo " Vicoustic Wave Wood"(Estudio)**1 - Critério de medição**

Medição por metro quadrado, m2.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento de painéis acústicos, e da estrutura de fixação.
- b) O assentamento dos painéis
- c) Os trabalhos acessórios, incluindo remates necessários.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A estrutura de fixação a empregar, será indicada pela marca (de série) estando referenciada ao modelo do painel.
- b) Os painéis serão fixados ao tecto através de uma estrutura metálica em aço niquelado, recomendada pela casa fornecedora.
- c) A fixação deverá ser oculta respeitando as configurações fornecidos pela marca.
- c) A classificação de resistência ao fogo será de M0.

Artº 9.19 – Tecto Falso Metálico

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m2.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento de perfis.
- b) O assentamento dos perfis.
- c) Os trabalhos acessórios, incluindo remates necessários.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A estrutura será fixa ao tecto por cabos adequados, em aço niquelado, recomendados pelo fabricante.
- b) Serão fixadas grelhas metálicas de forma a suportar elementos fixos como à iluminação, ventilação e restantes infra-estruturas.

Capítulo 10 – Carpintarias

Artº 10.1 – Soleiras de Madeira em Acabamentos de Pavimentos Interiores

1 - Critério de medição

Medição por metro linear, m.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento das Soleiras
- b) O fornecimento de manta de espuma de poliuretano.
- c) As fixações com pregos de aço inox.
- d) A protecção contra insectos e caruncho.
- e) Raspagem e polimento do soalho e tratamento.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As peças serão de madeira de Sucupira de 22mm de espessura.
- b) As tábuas terão uma largura igual à dimensão da peça que rematam e deverão ser em peça única até uma largura de 25cm.
- c) A madeira será bem seca, sem nós e de 1ª qualidade.
- d) Todas as tábuas serão pregadas no macho para a estrutura de madeira com pregos de aço inox.
- e) Toda a madeira será protegida contra insectos e caruncho com “Cuprinol Verde” ou castanho.
- f) Todos os pavimentos serão afagados e tratados a óleo de pavimentos.

Artº 10.2 – Execução de Portas Exteriores em Madeira

1 - Critério de medição

Medição por unidades, completa, assente e a funcionar.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento das portas e aros.
- b) O fornecimento das ferragens e a sua aplicação.
- c) Pintura a duas demãos de esmalte sobre primário e emassamento, por ambas as faces.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As portas serão executadas em madeira maciça de Nogueira Americana, com acabamento natural devidamente tratado e protegido.
- b) Os puxadores serão do tipo “Tupai ref – 2076” com fechadura e ferragens de série.
- b) Todas as ferragens a utilizar serão de primeira qualidade de acordo, devendo merecer a aprovação do autor do projecto, para o que o empreiteiro deverá apresentar amostras em tempo oportuno.

Artº 10.3 – Recuperação das Janelas Existentes

1 - Critério de medição

Medição por unidades, completa, assente e a funcionar.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) A recuperação das janelas incluindo a substituição de todas as peças que se encontrem partidas ou deterioradas.
- b) A recuperação, afinação e lubrificação das ferragens e fechaduras.
- c) Fornecimento e substituição de ferragens e fechaduras deterioradas.
- d) Pintura a esmalte de janelas e aros, por ambas as faces.
- e) A substituição dos vidros partidos, riscados ou com superfícies deterioradas.
- f) Fornecimento e colocação de tranças de ferro.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As peças a substituir serão de madeira igual à da restante janela.
- b) O acabamento será pintura a tinta esmalte a duas de mãos sobre primário, subcapa e emassamento, cor a definir pelo projectista. Antes da pintura será removida a tinta existente.
- c) O vidro a aplicar será de 6 mm de espessura.
- d) Todas as ferragens a utilizar serão de primeira qualidade, devendo merecer a aprovação do autor do projecto, para o que o empreiteiro deverá apresentar amostras em tempo oportuno.

Artº 10.4 – Recuperação das Portas Exteriores Existentes (Portas Opacas/ aplicação de vidro em vãos específicos)

1 - Critério de medição

Medição por unidades, completa, assente e a funcionar.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) A recuperação das portas incluindo a substituição de todas as peças que se encontrem partidas ou deterioradas.
- b) A recuperação, afinação e lubrificação das ferragens e fechaduras.
- c) Fornecimento e substituição de ferragens e fechaduras deterioradas.
- d) Pintura a esmalte de portas e aros, por ambas as faces.
- e) A substituição dos vidros partidos ou com superfícies deterioradas.
- f) Aplicação de Vidro Laminado nos vãos Ve8 e Ve9

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As peças a substituir serão de madeira igual à da restante porta.
- b) O acabamento será pintura a tinta esmalte a duas de mãos sobre primário, subcapa e emassamento, cor a definir pelo projectista. Antes da pintura será removida a tinta existente.
- c) O vidro a aplicar será de 6 mm de espessura nas recuperações e será de 20mm no caso dos vidros laminados para os vãos Ve8 e Ve9.
- d) Os vidros deverão ser colocados de forma a permitir a sua substituição estando o pormenor pendente de discussão com o carpinteiro.
- d) Todas as ferragens a utilizar serão de primeira qualidade, devendo merecer a aprovação do autor do projecto.

Artº 10.5 – Recuperação das Portas Interiores Existentes, Incluindo Bandeiras

1 - Critério de medição

Medição por unidades, completa, assente e a funcionar.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) A recuperação das portas incluindo a substituição de todas as peças que se encontrem partidas ou deterioradas.
- b) A recuperação, afinação e lubrificação das ferragens e fechaduras.
- c) Fornecimento e substituição de ferragens e fechaduras deterioradas.
- d) Pintura a esmalte de portas, aros e bandeiras, por ambas as faces.
- e) A substituição dos vidros partidos, riscados ou com superfícies deterioradas.
- f) O fornecimento e assentamento de barras anti-pânico.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As peças a substituir serão de madeira igual à da restante porta.
- b) O acabamento será pintura a tinta esmalte a duas de mãos sobre primário, subcapa e emassamento, cor a definir pelo projectista. Antes da pintura será removida a tinta existente.
- c) O vidro a aplicar será de 6 mm de espessura.
- d) Os puxadores serão do tipo “Tupai - Ref 2204” com ferragens de série. Serão colocadas (segundo projecto) barras anti-pânico do tipo Dorma ref. PHA 2000 com todos os elementos necessários ao seu funcionamento.
- e) Todas as ferragens a utilizar serão de primeira qualidade, devendo merecer a aprovação do autor do projecto, para o que o empreiteiro deverá apresentar amostras em tempo oportuno.

Artº 10.6 –Portas Interiores de Madeira de Sucupira com Estrutura Maciça

1 - Critério de medição

Medição por unidades, completa, assente e a funcionar com número de folhas e vãos no toco.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento dos aros, batentes e bites.
- b) O fornecimento e assentamento das folhas.
- c) O fornecimento das ferragens e a sua aplicação.
- d) O fornecimento da fechadura e sua aplicação.
- e) O fornecimento e colocação de um batente de espera da porta.
- f) O fornecimento e aplicação dos acessórios para fixação dos aros.
- g) O fornecimento e assentamento de barras anti-pânico.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) Os aros são chumbados às alvenarias por meio de parafusos com porcas, metalizados a zinco.
- b) O espaçamento entre fixações não será superior a 0,60 m; em cada fixação colocar-se-ão 3 parafusos de Ø 5/16" para as ombreiras e 1 para as vergas. Os buracos de colocação dos parafusos serão tapados por buchas de madeira idêntica dos aros.
- c) As portas serão de madeira maciça de sucupira de 1ª qualidade, de fibras direitas e unidas, sem nós, bem secas, não ardidadas, sem fendas, isentas de caruncho e outras doenças, de matas exploradas em regime florestal, de

coloração uniforme e veios de aspecto regular e uniformemente distribuídos, a aprovar pela Fiscalização, e executadas de acordo com os desenhos.

d) As portas e aros deverão ser assentes de forma a fecharem hermeticamente e o seu funcionamento ser perfeito.

e) Cada um dos elementos dos aros será realizado em peça única.

f) A estrutura interior da porta, os aros e restantes peças de madeira deverão ser convenientemente tratados de modo a resistirem à acção dos insectos e dos fungos em autoclave sob pressão.

g) Os puxadores serão do tipo "Tupai - Ref 2204" com ferragens de série.

h) Será colocada, fixada ao pavimento, uma borracha para limitação da abertura da porta e esta borracha será fixada por parafuso de aço inox.

i) Os batentes fixos das portas de duas folhas levarão, superior e inferiormente, fechos de embutir de aço inox.

j) Nos casos em que seja necessária colocação de sistemas de segurança (segundo projecto) serão aplicadas barras anti-pânico do tipo Dorma ref. PHA 2000 com todos os elementos necessários ao seu funcionamento.

k) Serão colocadas (segundo projecto) barras anti-pânico do tipo Dorma ref. PHA 2000 com todos os elementos necessários ao seu funcionamento.

Artº 10.7 – Portas Interiores com Estrutura em Aglomerado de Madeiras Folheadas de Madeira de Sucupira

1 - Critério de medição

Medição por unidades, completa, assente e a funcionar com número de folhas e vãos no tosco.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento dos aros, batentes e bites.
- b) O fornecimento e assentamento das folhas.
- c) O fornecimento das ferragens e a sua aplicação.
- d) O fornecimento da fechadura e sua aplicação.
- e) O fornecimento e colocação de um batente de espera da porta.
- f) O fornecimento e aplicação dos acessórios para fixação dos aros.
- g) O fornecimento e assentamento de barras anti-pânico.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

a) Os aros são chumbados às alvenarias por meio de parafusos com porcas, metalizados a zinco.

b) O espaçamento entre fixações não será superior a 0,60 m; em cada fixação colocar-se-ão 3 parafusos de Ø 5/16" para as ombreiras e 1 para as vergas. Os buracos de colocação dos parafusos serão tapados por buchas de madeira idêntica dos aros.

c) As portas serão de madeira de de 1ª qualidade, de fibras direitas e unidas, sem nós, bem secas, não ardidadas, sem fendas, isentas de caruncho e outras doenças, de matas exploradas em regime florestal, de coloração uniforme e

veios de aspecto regular e uniformemente distribuídos, a aprovar pela Fiscalização.

d) As portas e aros deverão ser assentes de forma a fecharem hermeticamente e o seu funcionamento ser perfeito.

e) Cada um dos elementos dos aros será realizado em peça única.

f) As folhas das portas serão realizadas em estrutura de aglomerado revestidas a contraplacado. O folheado exterior do contraplacado será de Sucupira e a espessura deste contraplacado não será inferior a 0,003 m.

g) A estrutura interior da porta, os aros e restantes peças de madeira deverão ser convenientemente tratados de modo a resistirem à acção dos insectos e dos fungos em autoclave sob pressão.

h) Os puxadores serão do tipo "Tupai - Ref 2204" com ferragens de série.

i) Será colocada, fixada ao pavimento, uma borracha para limitação da abertura da porta e esta borracha será fixada por parafuso de aço inox.

j) Serão colocadas (segundo projecto) barras anti-pânico do tipo Dorma ref. PHA 2000 com todos os elementos necessários ao seu funcionamento.

Artº 10.8 – Portas Interiores Estrutura de Aglomerado de madeiras Folheadas de Madeira de Sucupira de Correr

1 - Critério de medição

Medição por unidades, completa, assente e a funcionar com número de folhas e vãos no toco.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento dos aros, batentes e bites.
- b) O fornecimento e assentamento das folhas.
- c) O fornecimento das ferragen, fechaduras e a sua aplicação.
- e) O fornecimento e aplicação dos acessórios para fixação dos aros.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) As portas serão pré-fabricadas.
- b) As portas serão folheadas a Sucupira de 1ª qualidade, de fibras direitas e unidas, sem nós, bem secas, não ardidadas, sem fendas, isentas de caruncho e outras doenças, de matas exploradas em regime florestal, de coloração uniforme e veios de aspecto regular e uniformemente distribuídos, a aprovar pela Fiscalização.
- c) O folheado exterior do contraplacado será de Sucupira e a espessura deste contraplacado não será inferior a 0,003 m.
- d) As portas e aros deverão ser assentes de forma a fecharem hermeticamente e o seu funcionamento ser perfeito.
- e) As portas serão instaladas com o Sistema "Portaro Correr Interior" da Vicaima (ou equivalente segundo aprovação do projectista) e deverão ter um sistema com Cassete para porta simples Tipo "DOORTECH – KMTEK" ou equivalente (pendente aprovação do projectista)
- f) Os puxadores serão do tipo Tupai - Ref 2932

Artº 10.9 – Portas Interiores com Estrutura de Aglomerado lacadas de cor Branca**1 - Critério de medição**

Medição por unidades, completa, assente e a funcionar com número de folhas e vãos no toco.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento dos aros, batentes e bites.
- b) O fornecimento e assentamento das folhas.
- c) O fornecimento das ferragens e a sua aplicação.
- d) O fornecimento da fechadura e sua aplicação.
- e) O fornecimento e colocação de um batente de espera da porta.
- f) O fornecimento e aplicação dos acessórios para fixação dos aros.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) Os aros são chumbados às alvenarias por meio de parafusos com porcas, metalizados a zinco.
- b) O espaçamento entre fixações não será superior a 0,60 m; em cada fixação colocar-se-ão 3 parafusos de Ø 5/16" para as ombreiras e 1 para as vergas. Os buracos de colocação dos parafusos serão tapados por buchas de madeira idêntica dos aros.
- c) As portas serão de madeira de de 1ª qualidade, de fibras direitas e unidas, sem nós, bem secas, não ardidadas, sem fendas, isentas de caruncho e outras doenças, de matas exploradas em regime florestal, de coloração uniforme e

veios de aspecto regular e uniformemente distribuídos, a aprovar pela Fiscalização.

d) As portas e aros deverão ser assentes de forma a fecharem hermeticamente e o seu funcionamento ser perfeito.

e) Cada um dos elementos dos aros será realizado em peça única.

f) As folhas das portas serão realizadas em estrutura de aglomerado com acabamento lacado de cor branca.

g) A estrutura interior da porta, os aros e restantes peças de madeira deverão ter o mesmo acabamento da porta e deverão ser convenientemente tratados de modo a resistirem à acção dos insectos e dos fungos em autoclave sob pressão.

h) Os puxadores serão do tipo "Tupai - Ref 2204" com ferragens de série.

Artº 10.10 – Vãos/Janelas/aros Interiores em Madeira de Sucupira com colocação de vidro

1 - Critério de medição

Medição por unidades, completa, assente e a funcionar com número de folhas e vãos no toco.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento dos aros, batentes e bites.
- b) O fornecimento e colocação de vidro
- f) O fornecimento e aplicação dos acessórios para fixação dos aros e vidros.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) Os aros são chumbados às alvenarias por meio de parafusos com porcas, metalizados a zinco.
- b) O espaçamento entre fixações não será superior a 0,60 m; em cada fixação colocar-se-ão 3 parafusos de Ø 5/16" para as ombreiras e 1 para as vergas. Os buracos de colocação dos parafusos serão tapados por buchas de madeira idêntica dos aros.
- e) Cada um dos elementos dos aros será realizado em peça única.
- f) Os aros e restantes peças de madeira deverão ser convenientemente tratados de modo a resistirem à acção dos insectos e dos fungos em autoclave sob pressão.
- g) O vidro será devidamente fixado mecanicamente.

Artº 10.11 – Corrimão em Madeira de Sucupira, fixo ou embutido em guardas de betão armado

1 - Critério de medição

Medição por metro linear, ml,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) I - O fornecimento e execução da guarda em madeira fixo a uma barra de aço inox.
- b) Todos os cortes e remates necessários, incluindo as entregas metálicas das fixações a montar nas paredes e guardas de escadas.
- c) O tratamento final adequado para ficar com aspecto de aço inox escovado.
- d) O fornecimento de verniz para a madeira.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) O corrimão será realizado em madeira de Sucupira fixo a uma barra com desenvolvimento segundo as paredes e guardas de escada ou rampas.
- b) O corrimão e os prumos são fixados por parafusos de eficiência comprovada.
- c) Todas as peças metálicas da guarda e fixações, serão realizadas em Aço Inox escovado, sem bolhas ou barbotas.

Capítulo 11 – Serralharias/ Alumínios

Artº 11.1 – Caixilharias Exteriores em Alumínio, para receber Vidros Duplos em Janelas

1 - Critério de medição

Medição por unidades un,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

a) O fornecimento e assentamento dos aros e caixilhos, quer no que respeita às partes fixas, quer às partes móveis

b) O fornecimento e aplicação das ferragens adequadas ao sistema previsto no projecto para o funcionamento e fecho da caixilharia.

c) O fornecimento e aplicação dos acessórios necessários à fixação e vedação da caixilharia, de acordo com o material da envolvente dos vãos (parafusos e buchas metálicas, material vedante, etc.).

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

a) A caixilharia, aros e ferragens serão executados de acordo com o projecto e "mapa de vãos".

b) Os perfilados de alumínio a levar vidro duplo, deverão ser do tipo "Vitrocsa – Format 3001", com rotura térmica.

c) Os perfilados de alumínio respeitarão a Especificação do L.N.E.C.

d) As caixilharias, bem como a correspondente ferragem, carecem de aprovação prévia pelo projectista.

e) Na fase de preparação e planeamento da execução da obra deverá o adjudicatário submeter a Fiscalização os esquemas ou desenhos, secções, protótipos de ligações e dos perfis constituintes dos diferentes vãos, tendo em atenção a aplicação de vidro duplo.

f) As ferragens, em geral, deverão ser robustas, de funcionamento eficiente e compatível com o esquema que o projecto prevê.

g) A caixilharia deverá ser ligada às alvenarias ou betões, por intermédio de parafusos inoxidáveis para buchas metálicas de auto-fixação.

h) Toda a caixilharia será assente sobre um cordão vedante apropriado e de secagem lenta.

Artº 11.2 – Caixilharias Exteriores em Perfis de Aço, para receber Vidros Duplos em Janelas

1 - Critério de medição

Medição por unidades un,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento dos perfis de Aço e outros componentes.
- b) O fornecimento e aplicação dos acessórios necessários à fixação e vedação da caixilharia, de acordo com o material da envolvente dos vãos (parafusos e buchas metálicas, material vedante, etc.).

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A caixilharia, aros e ferragens serão executados segundo o projecto.
- b) Os perfilados de Aço a levar vidro duplo, deverão ser Compostos por perfis de aço (Cantoneiras de 30x30mm) fixadas sobre barra de ferro de 8x70mm.
- c) As caixilharias propostas deverão cumprir as Especificações do L.N.E.C.
- d) As caixilharias, bem como a correspondente ferragem, carecem de aprovação prévia pelo projectista.
- e) Na fase de preparação e planeamento da execução da obra deverão ser submetidos a Fiscalização os desenhos, secções, protótipos de ligações e dos perfis constituintes dos diferentes vãos, tendo em atenção a aplicação de vidro.
- f) As ferragens, em geral, deverão ser robustas, de funcionamento eficiente e compatível com o esquema que o projecto prevê.
- g) A caixilharia deverá ser ligada às alvenarias ou betões, por intermédio de parafusos inoxidáveis para buchas metálicas de auto-fixação.
- h) Toda a caixilharia será assente sobre um perfil em chapa fixo, assente sobre um cordão vedante apropriado.

Artº 11.3 – Grelha de Ventilação de Perfilados de Ferro Metalizados e Pintados

1 - Critério de medição

Medição por unidades un,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento/ colocação dos perfis fixos de ferro metalizado e pintado.
- b) O fornecimento/colocação das travessas de ferro metalizado e pintado.
- c) O fornecimento e aplicação dos acessórios para fixação e vedação dos aros fixos, de acordo com o material envolvente dos vãos (parafusos e buchas metálicas de auto-fixação, materiais vedantes, etc.).

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) O caixilho será executado de acordo com as peças desenhadas do projecto e “ mapa de vãos ”.
- b) A estrutura será constituída por perfis de 60x30x2mm e perfis de 30x30x2mm onde serão fixadas chapas quinadas de 2mm.
- c) As entregas metálicas nas paredes serão realizadas de maneira a garantir a perfeita rigidez do conjunto; será rematada por um tubular metálico aparafusado a um perfil.
- d) Todos os elementos que constituem as grelhas serão metalizados a zinco em oficina.
- e) É incluído o acabamento dos elementos de ferro com pintura a tinta de esmalte executado nas condições expressas no artigo “ Pintura a tinta de esmalte em elementos de ferro “.
- f) Na fase de preparação e planeamento da execução da obra deverá o adjudicatário submeter à Fiscalização os esquemas ou desenhos.

Artº 11.4 – Portões de Zona de Cargas/Descargas

1 - Critério de medição

Medição por unidades un,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e execução de perfis em aço inox, para a colação de Painéis revestidos a chapa de Aço Inox.
- b) Todos os cortes e remates, incluindo as entregas metálicas na parede.
- c) Para a execução das portas devem seguir-se o pormenor construtivo.
- d) O fornecimento das ferragens e fechaduras a sua aplicação.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A estrutura será constituída por perfis de aço inox, conforme desenho e serão fixados painéis revestidos a chapa de aço inox no preenchimento da estrutura.
- b) As entregas metálicas nas paredes serão realizadas de maneira a garantir a perfeita rigidez do conjunto.
- c) O fornecimento e assentamento dos aros e perfis de Aço 35x50mm, quer no que respeita às partes fixas, quer às partes móveis.
- d) O fornecimento e aplicação das ferragens adequadas ao sistema previsto no projecto e mapa de vãos para o funcionamento e fecho.
- e) Serão colocados puxadores do tipo Ref. M+ Escudetes Ref. se 'Mobles 114'.
- e) O fornecimento e aplicação dos acessórios necessários à fixação e vedação do vão, de acordo com o material da envolvente dos vãos (parafusos e buchas metálicas, material vedante, etc.).
- f) A caixilharia, bem como a correspondente ferragem, carecem de aprovação prévia pelo projectista e fiscalização.

Artº 11.5 – Portas Exteriores

1 - Critério de medição

Medição por unidades un,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- O fornecimento e assentamento das portas, de acordo com o projecto.
- O fornecimento e assentamento das guarnições interiores.
- O fornecimento e assentamento de ferragens, fechaduras e puxadores.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A chapa de aço inox a utilizar deverá apresentar um valor de espessura de 2mm.
- b) O fornecimento e aplicação das ferragens adequadas ao sistema previsto no projecto para o funcionamento e fecho.
- c) Os puxadores serão do tipo “Tupai ref – 2076” com fechadura e ferragens de série.
- d) O fornecimento e aplicação dos acessórios necessários à fixação e vedação do vão, de acordo com o material da envolvente dos vãos (parafusos e buchas metálicas, material vedante, etc.).
- e) A caixilharia, bem como a correspondente ferragem, carecem de aprovação prévia pelo projectista.
- e) A chapa de aço inox carece de aprovação da Fiscalização.
- f) Na fase de preparação e planeamento da execução da obra deverá o adjudicatário submeter à Fiscalização os esquemas ou desenhos, secções, protótipos de ligações e dos perfis constituintes.

Artº 11.6 – Portas Exteriores em chapa / perfis de aço inox com fixação de vidro**1 - Critério de medição**

Medição por unidades un,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento das portas, de acordo com o projecto.
- b) O fornecimento e assentamento dos apainelados e guarnições interiores.
- c) O fornecimento e assentamento de ferragens e fechaduras.
- d) O fornecimento do vidro e assentamento.
- e) O fornecimento e assentamento de barras anti-pânico.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) Os revestimentos a chapa de aço inox a utilizar deverão apresentar um valor de espessura de 2mm.
- b) O fornecimento e aplicação das ferragens adequadas ao sistema previsto no projecto para o funcionamento e fecho.
- c) O fornecimento e aplicação dos acessórios necessários à fixação e vedação do vão, de acordo com o material da envolvente dos vãos (parafusos e buchas metálicas, material vedante, etc.).
- d) A caixilharia, bem como a correspondente ferragem, carecem de aprovação prévia pelo projectista.
- e) A chapa de aço inox carece de aprovação da Fiscalização.
- f) Na fase de preparação e planeamento da execução da obra deverá o adjudicatário submeter à Fiscalização os esquemas ou desenhos, secções, protótipos de ligações e dos perfis constituintes.
- g) Serão colocadas (segundo projecto) barras anti-pânico do tipo Dorma ref. PHA 2000 com todos os elementos necessários ao seu funcionamento.

Artº 11.7 – Portas Corta Fogo / Segurança

1 - Critério de medição

Medição por unidades un,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento das portas, de acordo com o projecto.
- b) O fornecimento e assentamento dos apainelados e guarnições interiores.
- c) O fornecimento e assentamento de ferragens.
- d) O fornecimento e assentamento de barras anti-pânico.
- e) A pintura de portas, aros e guarnições a tinta esmalte.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

a) As portas serão deverão ser aprovadas pelas entidades fiscalizadoras responsáveis pela segurança contra inédios" em chapa de aço Inox com acabamento a Madeira de Sucupira.

b) O folheado exterior do contraplacado será de Sucupira e a espessura deste contraplacado não será inferior a 0,003 m.

c) Todas as ferragens a utilizar serão de primeira qualidade de acordo com o especificado nos mapas de vãos, devendo merecer a aprovação do autor do projecto, para o que o empreiteiro deverá apresentar amostras em tempo oportuno.

d) Serão colocadas (segundo projecto) barras anti-pânico e puxadores do tipo Dorma ref. PHA 2000 com todos os elementos necessários ao seu funcionamento.

Artº 11.8 – Corrimão em Madeira de Sucupira, fixo em Barra de Aço Inox Escovado, Aparafusada.

1 - Critério de medição

Medição por metro linear, ml,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) I - O fornecimento e execução da guarda em madeira fixo a uma barra de aço inox.
- b) Todos os cortes e remates necessários, incluindo as entregas metálicas das fixações a montar nas paredes e guardas de escadas.
- c) O tratamento final adequado para ficar com aspecto de aço inox escovado.
- d) O fornecimento de verniz para a madeira.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A estrutura de suporte será constituída por elementos de aço inox realizados numa barra dobrados e aparafusados às paredes das escadas.
- b) O corrimão será realizado em madeira de Sucupira fixo a uma barra com desenvolvimento segundo as paredes e guardas de escada.
- c) O corrimão e os prumos são fixados por parafusos de eficiência comprovada.
- d) Todas as peças metálicas da guarda e fixações, serão realizadas em Aço Inox escovado, sem bolhas ou barbotes.

Artº 11.9 – Guardas em Perfis de Aço Inox Escovado com Vidro

1 - Critério de medição

Medição por metro linear, ml,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e execução da guarda em perfis de Aço Inox Escovado
- b) Todos os cortes e remates necessários, incluindo as entregas de Aço Inox das fixações a montar nas paredes e pavimentos.
- c) O tratamento final adequado para ficar com aspecto de escovado.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A estrutura de suporte será constituída por elementos de aço inox realizados numa barra, dobrados e chumbados às paredes e pavimentos.
- b) A guarda será composta por perfil quadrangular de 50x50mm de aço inox.
- c) O corrimão e os prumos são fixados por soldadura de eficiência comprovada, de acordo com os desenhos de pormenor do projecto.
- d) Todas as peças metálicas da guarda e fixações serão realizadas em aço inox escovado, sem bolhas ou barbotes.

Artº 11.10 – Reparação de Guardas e Grades exteriores em ferro

1 - Critério de medição

Medição por metro linear, ml,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) Decapagem total das superfícies.
- b) Substituição de peças deterioradas.
- c) Aplicação de primário e de subcapa.
- d) Pintura a duas demãos de esmalte.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A decapagem deverá ser realizada por meios mecânicos.
- b) As peças de substituição deverão ter a mesma secção das peças substituídas e serão metalizadas a frio.
- c) A pintura será a duas demãos de esmalte sobre uma demão de primário e uma demão de subcapa.
- d) A cor da pintura será decidida com o projectista durante a execução da obra.

Capítulo 12 – Pavimentos

Artº 12.1 – Pavimentos em Auto-Nivelante

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) Regularização com argamassa de cimento e areia.
- b) O fornecimento e aplicação do auto-nivelante, constituída por três componentes (resina base, endurecedor e catalisador).
- c) O acabamento final do pavimento.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A cor do auto-nivelante será da escolha do autor do projecto.
- b) As superfícies a revestir devem estar secas areadas e desempenadas, isentas de poeiras, gorduras e hidrófugos e devidamente isoladas contra a penetração de humidade a partir do solo. As betonilhas deverão ter uma resistência mínima de 250 Kg/cm².
- c) Deve-se aplicar o material, auto-nivelante, do tipo "Mapei: Mapefloor Decor System 70" conforme a indicação do fabricante.
- d) As superfícies deverão ficar perfeitamente desempenadas, com aresta bem definida, e cor constante.
- e) Os pavimentos serão executados sem juntas com colocação de guias de metálicas em locais definidos no projecto.
- f) O empreiteiro deverá executar uma amostra do auto-nivelante com as dimensões de 1x1m.

Artº 12.2 – Soalho de Madeira de Sucupira em Pavimentos Interiores

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento do soalho, incluindo os cortes e remates necessários.
- b) O fornecimento e assentamento da estrutura de suporte.
- c) As fixações com pregos de aço inox.
- d) A protecção contra insectos e caruncho.
- e) Fornecimento e colocação de Lã de Rocha, na caixa de soalho.
- f) Colocação de uma manta acústica, (Tela de Polietileno)
- f) A raspagem e lixagem do pavimento

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A madeira de Sucupira a utilizar será sempre provenientes de madeira de 1ª qualidade devendo apresentar fibras unidas, cerne e sem nós viciosos ou em quantidade, bem secas, não ardidadas e sem fendas que comprometam a sua duração e resistência, isentas de caruncho ou outras doenças e de quaisquer manifestações de desgaste.
- b) Deverão apresentar coloração uniforme, e não apresentarem empenos, que impeçam que a sua aplicação se não faça em toda a superfície.
- c) Não serão de admitir empenos “em arco “ superiores a 6 mm e empenos medidos num comprimento de 3 metros, peças de madeira com empenos em

“aduela” são de excluir. Qualquer madeira não deverá apresentar sinais de ataques de insectos ou fungos.

d) Os barrotes e tacos serão em madeira de pinho premunizado com as secções indicadas nos desenhos sobre betonilha.

e) A caixa do soalho será preenchida com Lã de Rocha.

f) Será aplicada uma Tela de Polietileno de 3mm sobre o Soalho de forma a obter um bom comportamento acústico.

g) Todas as tábuas serão pregadas no macho para a estrutura de madeira com pregos de aço inox ocultos.

h) Após a colocação que deverá ficar impecável e com juntas uniformes será efectuada a raspagem e lixagem. A raspagem e lixagem será efectuada mecanicamente e será executada em 3 fases. A primeira será efectuada com lixa grossa e as duas restantes com lixa fina.

i) O trabalho deverá ficar perfeito para aplicação do acabamento final.

j) Todos os tacos soltos, após a operação de lixagem, serão substituídos.

k) Toda a madeira será protegida contra insectos e carunchos com “Cuprinol Verde” ou castanho.

Artº 12.3 – Soalho de Madeira de Sucupira em Pavimentos Interiores sobre estruturas de madeira existentes a recuperar.

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e colocação de peças de madeira deterioradas e do ripado;
- b) A protecção das madeiras com xilofene e colocação de copos nos encontros com paredes de alvenaria de pedra;
- c) O fornecimento e assentamento do soalho, incluindo os cortes e remates necessários.
- d) Fornecimento de placas de contraplacado de 5mm.
- e) O fornecimento e assentamento da estrutura de suporte.
- f) As fixações com pregos de aço inox.
- g) A protecção contra insectos e caruncho.
- h) Fornecimento e colocação de Lã de Rocha, na caixa de soalho.
- i) Colocação de uma manta acústica, (Tela de Polietileno)
- j) A raspagem e lixagem do pavimento

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A estrutura de madeira deverá ser reparada por pessoal especializado tentando recupera o máximo de material existente.

b) Será colocada uma placa de contraplacado de 5mm sobre a estrutura de forma a criar condições para a colocação da lã de rocha entre o ripado a colocar.

c) A tela de polietileno deverá ser colocada de forma a garantir o seu melhor desempenho acústico.

a) A madeira de Sucupira a utilizar será sempre provenientes de madeira de 1ª qualidade devendo apresentar fibras unidas, cerne e sem nós viciosos ou em quantidade, bem secas, não ardidadas e sem fendas que comprometam a sua duração e resistência, isentas de caruncho ou outras doenças e de quaisquer manifestações de desgaste.

b) Deverão apresentar coloração uniforme, e não apresentarem empenos, que impeçam que a sua aplicação se não faça em toda a superfície.

c) Não serão de admitir empenos “em arco “ superiores a 6 mm e empenos medidos num comprimento de 3 metros, peças de madeira com empenos em “aduela” são de excluir. Qualquer madeira não deverá apresentar sinais de ataques de insectos ou fungos.

d) Os barrotes e tacos serão em madeira de pinho premunizado com as secções indicadas nos desenhos sobre betonilha.

e) A caixa do soalho será preenchida com Lã de Rocha.

f) Será aplicada uma Tela de Polietileno de 3mm sobre o Soalho de forma a obter um bom comportamento acústico.

g) Todas as tábuas serão pregadas no macho para a estrutura de madeira com pregos de aço inox ocultos.

h) Após a colocação que deverá ficar impecável e com juntas uniformes será efectuada a raspagem e lixagem. A raspagem e lixagem será efectuada mecanicamente e será executada em 3 fases. A primeira será efectuada com lixa grossa e as duas restantes com lixa fina.

i) O trabalho deverá ficar perfeito para aplicação do acabamento final.

j) Todos os tacos soltos, após a operação de lixagem, serão substituídos.

k) Toda a madeira será protegida contra insectos e carunchos com “Cuprinol Verde” ou castanho.

Artº 12.4 – Rodapé de Madeira de Sucupira com 100x20mm**1 - Critério de medição**

Medição por metro linear, ml.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento do rodapé.
- b) O assentamento do rodapé.
- c) Os cortes e remates necessários, assim como as peças para remate dos ângulos.
- d) O assentamento e tratamento dos tacos de fixação do rodapé.
- e) A raspagem e lixagem do rodapé.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) O rodapé será executado em madeira de Sucupira com secção de 100 x 20 mm, de acordo com pormenor indicado nos desenhos do projecto.
- b) O rodapé será fixado a tacos embebidos na parede, afastados de 500 mm, não se aceitando a fixação do rodapé ao pavimento.
- c) A fixação do rodapé só poderá ser feita depois de executado o acabamento da parede e do pavimento, e deverá ser feita antes da execução das pinturas.
- d) A fixação do rodapé aos tacos embebidos na parede, deverá ser feita por parafuso, sem cabeça aparente.
- g) O rodapé e os tacos de madeira de pinho para fixação dos rodapés, serão tratados com um produto à base do pentaclorofenol ou cloronaftalenos, ininflamável e não miscível com água.
- h) Os rodapés serão raspados e lixados.

Artº 12.5 – Revestimento a Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm) ”

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

a) O fornecimento e assentamento do mosaico nos compartimentos indicados nas fichas de acabamentos e restantes peças do projecto de execução.

b) O fornecimento e execução da argamassa de regularização e argamassa de assentamento.

c) A tomação das juntas.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

a) Revestimento a Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114, havendo necessidade do fornecimento de amostras para a sua aprovação.

b) As peças terão as dimensões de 60cm x 60cm.

c) As juntas serão tomadas com material e cor indicada na Série utilizada.

d) Acabamento natural

Artº 12.6 – Revestimento Cerâmico Tipo “Revigres - Edicer Mileto Bege ref.P56”**1 - Critério de medição**

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

a) O fornecimento e assentamento do mosaico nos compartimentos indicados nas fichas de acabamentos e restantes peças do projecto de execução.

b) O fornecimento e execução da argamassa de regularização e argamassa de assentamento.

c) A tomação das juntas.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

a) Revestimento Cerâmico Tipo “Revigres - Edicer Mileto Bege ref.P56”, havendo necessidade do fornecimento de amostras para a sua aprovação.

b) As peças terão as dimensões de 30cm x 30cm.

c) As juntas serão tomadas com material e cor indicada na Série utilizada.

d) Acabamento natural

Artº 12.7 – Revestimento em Lajetas de Betão Pré-moldadas com Acabamento Branco Liso

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e assentamento das Lajetas de betão para o Exterior do edifício (Ve20 e pátio entre a caixa de cena e o espaço técnico da ampliação).
- b) O fornecimento e execução da argamassa de regularização e argamassa de assentamento.
- c) A Colocação e definição das juntas do pavimento.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) Revestimento Lajetas de Betão de 60x60cm / 60x40cm colocadas sobre apoios reguláveis móveis.
- b) As peças deverão ser assentes sobre "Apoios Regulaveis" e fixadas mecanicamente aos apoios.
- c) Deverão ser realizados testes ao comportamento dos apoios reguláveis de forma a garantir um correcto funcionamento das peças.
- d) As peças deverão apresentar um aspecto coerente com as definições técnicas apresentadas pelo fornecedor.

Capítulo 13 – Vidros

Artº 13.1 – Vidro Liso Duplo com Caixa de Ar 5+16+5mm

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento do vidro duplo completo
- b) O assentamento do vidro, cujas dimensões devem estar devidamente ajustadas aos vãos a preencher, não sendo permitido remates após a selagem das chapas.
- c) O fornecimento e aplicação de betumes e vedantes de borracha, conforme indicação das entidades responsáveis pela aplicação do material

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) O vidro liso, constituído por duas chapas de vidraça com 5 e 5 mm de espessura cada, isento de bolhas ou vazios, não apresentando riscos ou outros defeitos; a caixa de ar de 16 mm , devidamente desumidificada com um absorvente molecular desidratante, é garantida por um intercalar de alumínio, sendo a selagem feita com borracha mastic à base de polisulforetos vulcanizados.
- c) O fornecimento e assentamento do vidro serão executados por casa da especialidade de reconhecida idoneidade.
- d) O assentamento em caixilharia de será feito segundo pormenor fornecido pela marca instaladora do caixilho.

Artº 13.2 – Vidro Liso Duplo com Caixa de Ar 5+6+(3+3)mm**1 - Critério de medição**

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento do vidro duplo completo
- b) O assentamento do vidro, cujas dimensões devem estar devidamente ajustadas aos vãos a preencher, não sendo permitido remates após a selagem das chapas.
- c) O fornecimento e aplicação de betumes e vedantes de borracha, conforme peças desenhadas.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) O vidro liso, constituído por duas chapas de vidraça com 5 e 3+3 mm de espessura cada, isento de bolhas ou vazios, não apresentando riscos ou outros defeitos; a caixa de ar de 6 mm, devidamente desumidificada com um absorvente molecular desidratante, é garantida por um intercalar de alumínio, sendo a selagem feita com borracha mastic à base de polisulforetos vulcanizados.
- c) O fornecimento e assentamento do vidro serão executados por casa da especialidade de reconhecida idoneidade.
- d) O assentamento em caixilharia será feito através da vedação com perfil do mesmo material do restante caixilho e de tal modo executados que permitam a substituição dos vidros.

Artº 13.3 – Vidro Liso Laminado em Vãos Interiores 5+5mm

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento do vidro duplo completo
- b) O assentamento do vidro, cujas dimensões devem estar devidamente ajustadas aos vãos a preencher, não sendo permitido remates após a selagem das chapas.
- c) O fornecimento e aplicação de betumes e vedantes de borracha, conforme peças desenhadas.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) O vidro é liso laminado, constituído por uma chapa de vidraça com 5+5 mm de espessura cada, isento de bolhas ou vazios, não apresentando riscos ou outros defeitos.
- b) O assentamento será executado com massa betuminosa elástica apropriada, de secagem lenta, para melhor vedação dos vidros e com folga necessária para evitar que estalem.
- c) O fornecimento e assentamento do vidro será executado por casa da especialidade de reconhecida idoneidade.
- d) O assentamento em caixilharia de madeira será feito por meio de bites do mesmo material e de tal modo executados que permitam a substituição dos vidros.

Artº 13.4 – Vidro Translúcido/Opaco com decoração, Laminado em Revestimentos Exteriores 50 + 50mm

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento do vidro opaco e translúcido completo
- b) O assentamento do vidro em conjunto com as entidades responsáveis pela fixação na fachada dos vidros, cujas dimensões devem estar devidamente ajustadas aos vãos a preencher, não sendo permitido remates após a selagem das chapas.
- c) O fornecimento e aplicação de betumes e vedantes de borracha, conforme peças desenhadas.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) O vidro é liso laminado, constituído por uma chapa de vidraça com 50+50 mm de espessura cada, isento de bolhas ou vazios, não apresentando riscos ou outros defeitos.
- b) O assentamento será executado com massa betuminosa elástica apropriada, de secagem lenta, para melhor vedação dos vidros e com folga necessária para evitar que estalem.
- c) O fornecimento e assentamento do vidro será executado por casa da especialidade de reconhecida capacidade.

Artº 13.5 – Vidro Liso Simples de 6mm

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento do vidro duplo completo
- b) O assentamento do vidro, cujas dimensões devem estar devidamente ajustadas aos vãos a preencher, não sendo permitido remates após a selagem das chapas.
- c) O fornecimento e aplicação de betumes e vedantes de borracha, conforme peças desenhadas.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) O vidro liso, constituído por duas chapas de vidraça com 6 mm de espessura cada, isento de bolhas ou vazios, não apresentando riscos ou outros defeitos.
- c) O fornecimento e assentamento do vidro serão executados por casa da especialidade de reconhecida idoneidade.
- d) O assentamento em caixilharia de madeira será feito por meio de bites do mesmo material e de tal modo executados que permitam a substituição dos vidros.

Capítulo 14 – Pinturas

Artº 14.1 – Pintura a Tinta de Paramentos Exteriores

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento da tinta e do primário.
- b) A aplicação do primário sobre a superfície a pintar com produto apropriado, e a aplicação dos betumes quando necessários.
- c) A aplicação da tinta, nas demãos necessárias, qualquer que seja a natureza e aspereza da superfície sobre a qual é aplicada o reboco.
- d) A execução de amostras necessárias para afinação da cor

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A tinta empregada será do tipo “ Robbialac – Super Rep, série 015.
- b) A tinta deverá dar entrada na obra em embalagens de origem, e será de cor e tipo à escolha do Projectista.
- c) A Fiscalização poderá mandar proceder, a expensas do Empreiteiro, aos ensaios necessários antes de proceder à aprovação da tinta.
- d) As superfícies a pintar deverão ser previamente isoladas com os produtos apropriados, indicados pelo fabricante da tinta.
- e) A pintura será aplicada em duas de demão, sendo a primeira demão diluída a 10% e a segunda demão sem qualquer diluição.
- f) A pintura deverá resistir às lavagens realizadas.
- g) A primeira demão é aplicada à trincha, e as restantes a rolo.

Artº 14.2 – Pintura a Tinta de Acabamento Semi-Acetinado em Paramentos Interiores

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento da tinta e do primário.
- b) A aplicação do primário sobre a superfície a pintura com produto apropriado, e a aplicação dos betumes quando necessários.
- c) A aplicação da tinta, nas demãos necessárias, qualquer que seja a natureza e aspereza da superfície sobre a qual é aplicada o reboco.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A tinta a empregar será do tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064".
- b) A tinta deverá dar entrada na obra em embalagens de origem, e será de cor e tipo à escolha do Projectista.
- c) A Fiscalização poderá mandar proceder, a expensas do Empreiteiro, aos ensaios necessários antes de proceder à aprovação da tinta.
- d) As superfícies a pintar deverão ser previamente isoladas com os produtos apropriados, indicados pelo fabricante da tinta.
- e) A pintura será aplicada em três de demãos, sendo a primeira demão diluída a 10% com água e as restantes diluídas com cerca de 20% de água.
- f) A pintura deverá resistir às lavagens realizadas.
- g) A primeira demão é aplicada à trincha, e as restantes a rolo.

Artº 14.3 – Pintura a Tinta de Acabamento Tipo “Robbialac - Stucomat” em Paramentos Interiores

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento da tinta e do primário.
- b) A aplicação do primário sobre a superfície a pintura com produto apropriado, e a aplicação dos betumes quando necessários.
- c) A aplicação da tinta, nas demãos necessárias, qualquer que seja a natureza e aspereza da superfície sobre a qual é aplicada o reboco.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A tinta a empregar será do tipo “Robbialac - Stucomat, Série 052 – 0029”.
- b) A tinta deverá dar entrada na obra em embalagens de origem, e será de cor e tipo à escolha do Projectista.
- c) A Fiscalização poderá mandar proceder, a expensas do Empreiteiro, aos ensaios necessários antes de proceder à aprovação da tinta.
- d) As superfícies a pintar deverão ser previamente isoladas com os produtos apropriados, indicados pelo fabricante da tinta.
- e) A pintura será aplicada em três de demãos, sendo a primeira demão diluída a 10% com água e as restantes diluídas com cerca de 20% de água.
- f) A pintura deverá resistir às lavagens realizadas.
- g) A primeira demão é aplicada à trincha, e as restantes a rolo.

Artº 14.4 – Pintura de Tectos a Tinta Aquosa Mate

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento da tinta e do primário.
- b) A aplicação do primário sobre a superfície a pintura com produto apropriado, e a aplicação dos betumes quando necessários.
- c) A aplicação da tinta, nas demãos necessárias, qualquer que seja a natureza e aspereza da superfície sobre a qual é aplicada o reboco.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) A tinta empregada será de base de dispersão aquosa tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010".
- b) A tinta deverá dar entrada na obra em embalagens de origem, e será de cor e tipo à escolha do Projectista.
- c) A Fiscalização poderá mandar proceder, a expensas do Empreiteiro, aos ensaios necessários antes de proceder à aprovação da tinta.
- d) As superfícies a pintar deverão ser previamente isoladas com os produtos apropriados, indicados pelo fabricante da tinta.
- e) A pintura será aplicada em três de demão, sendo a primeira demão diluída a 5% com água e as restantes aplicadas sem qualquer diluição.
- f) A pintura deverá resistir às lavagens realizadas.
- g) A primeira demão é aplicada à trincha, e as restantes a rolo.

Artº 14.5 – Tinta Plástica em Tecto falso em Gesso Cartonado

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e aplicação da tinta, conforme mapa de acabamentos.
- b) Lixagem geral das superfícies para correcção da camada superficial.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

a) A pintura será executada sobre tectos falsos em gesso cartonado e não serão admitidos empenos superiores a 3mm sob uma régua de 3.00m de comprimento.

b) Antes do início da aplicação da pintura será executada uma limpeza geral de superfície.

c) A cor tinta será do tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051” sendo que nas instalações sanitárias será utilizada a mesma tinta mas com propriedades específicas para este tipo de compartimento. A cor será definida pelo autor do projecto.

d) A pintura será aplicada nas demãos a indicar pela casa fornecedora.

e) O trabalho deverá ser efectuado por uma entidade especializada de reconhecida competência. O trabalho será realizado de acordo com as indicações do fornecedor do material.

f) Só serão permitidos produtos homologados.

g) O empreiteiro deverá executar uma amostra de 1x1m, para ser aprovada pelo autor do projecto. Só após a sua aprovação poder-se-á dar início aos trabalhos.

Artº 14.6 – Envernizamento de Madeira em Pavimentos

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) A betumagem das superfícies a envernizar.
- b) Aplicação de uma de mão de selante.
- c) O fornecimento e aplicação do verniz de poliuretano (2 demãos).
- d) O acabamento final do pavimento.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) O trabalho começará pela raspagem e lixagem da madeira seguido pela betumagem e tapamento dos poros da madeira com produto apropriado.
- b) As superfícies a envernizar devem estar secas, isentas de sujidade, gorduras ou poeiras e lixadas. Seguidamente deverá ser aplicada o primário.
- c) Finalmente o verniz de poliuretano do tipo “Diera – Diertaco” próprio para pavimentos será aplicado em duas demãos, com lixagem de todas as superfícies antes de cada demão, sendo a última demão de verniz mate.
- d) Incluem-se as beneficiações que forem necessárias fazer para garantia de bom aspecto de envernizamento, se este for prejudicado pelo pessoal de outros trabalhos da obra.
- e) A raspagem e lixagem devem fazer-se, se possível, à máquina e deverá utilizar-se lixa fina neste trabalho.

Artº 14.7 – Envernizamento de Madeiras

1 - Critério de medição

Medição por metro quadrado, m²,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) A betumagem das superfícies a envernizar.
- b) A velatura à base de anilinas.
- c) O fornecimento e aplicação do verniz de poliuretano (2 demãos).
- d) O acabamento final das madeiras.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições, a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

a) O trabalho começará pela raspagem e lixagem da madeira seguido pela betumagem e tapamento dos poros da madeira com produto apropriado.

b) As superfícies a envernizar devem estar secas, isentas de sujidade, gorduras ou poeiras e lixadas. Seguidamente deverá ser aplicado à trincha uma demão de “isolante” de composição vinilafenólica e de uma “velatura” aquosa de base oleosa.

c) Finalmente o verniz de poliuretano do tipo “Movidur” próprio para madeiras interiores aplicado em duas demãos, com lixagem de todas as superfícies antes de cada demão, sendo a última demão de verniz mate.

d) Incluem-se as beneficiações que forem necessárias fazer para garantia de bom aspecto de envernizamento, se este for prejudicado pelo pessoal de outros trabalhos da obra.

e) A raspagem e lixagem devem fazer-se, se possível, à máquina e deverá utilizar-se lixa fina neste trabalho.

Artº 14.8 – Pintura de Tinta de Esmalte, incluindo trabalhos preparatórios**1 - Critério de medição**

Medição por metro quadrado, m2,

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e aplicação da tinta nas demãos necessárias.
- b) A preparação da superfície.
- c) A execução de amostras necessárias para afinação da cor.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) A tinta a aplicar será esmalte do tipo “FORJA” de cor à escolha do autor do projecto.
- b) A tinta deverá dar entrada na obra em embalagem de origem.
- c) O tipo de pintura sobre superfícies metálicas deverá ser o seguinte.
 - 1 - Decapagem a jacto de areia;
 - 2 - Metalização a zinco por projecção;
 - 3 - Aplicação após montagem de tinta em duas demãos de esmalte tipo “FORJA”.
- d) A pintura será à pistola.
- e) Não será admitida a diluição da tinta.

Capítulo 15 – Equipamento

Artº 15.1 – Peças e Equipamento Sanitário

Os trabalhos referentes às redes de abastecimento de água e drenagem de águas residuais domésticas e pluviais serão de acordo com o Projecto da Especialidade. Ao Empreiteiro compete a execução de todos os trabalhos relativos a louças sanitárias e outros acessórios, incluindo o fornecimento de todos os materiais e estruturas metálicas de fixação de autoclismos, lavatórios e sanitas, mictórios, Bases de duche, torneiras, sifões de pavimento e lavatório, porta rolos, papeleira, porta toalhetes, torneiras e saboneteiras, assim como montagem das ligações às infra-estruturas do edifício com todos os remates e com todos os materiais (parafusos, buchas, etc.) e trabalhos inerentes (furações, vedações, etc.).

Os equipamentos e acessórios a fornecer e aplicar, devem seguir com rigor as localizações indicadas nos desenhos.

Peças sanitárias

As sanitas serão em porcelana do tipo “Sanindusa - Proget” da melhor qualidade e incluem tampos da mesma marca e modelo.

Os lavatórios serão em porcelana vitrificada de cor branca tipo “Sanindusa - Proget”, sem coluna com Torneira tipo “Sanidusa smile ref-5210300”

Os Lavatórios de encastrar em porcelana serão do tipo “Sanidusa – Millennium” com Torneira tipo “Sanidusa smile ref-5210300”

Os mictórios serão em porcelana vitrificada do tipo “Sanidusa - Atlantico” com torneira temporizada tipo “Sanidusa Eco ref-5190641”

As bases de Chuveiro dos camarins serão do tipo “Sanindusa – Moraira” com misturadora tipo Sanindusa Alfa ref-5000701.

Lavatório contínuo em fibra a definir com empreiteiro e dono de obra com Torneira electrónica c/Transformador tipo “Sanidusa Spot – Ref-5436381”

Nos trabalhos estão incluídos acabamentos, fixações, ferragens, apoios e todos os trabalhos necessários de acordo com os desenhos de pormenor respectivos ou instruções do fabricante/fornecedor do material.

Nos trabalhos estão incluídos acabamentos, fixações, ferragens, apoios e todos os trabalhos necessários de acordo com os desenhos de pormenor respectivos ou instruções do fabricante/fornecedor do material.

Artº 15.2 – Ajudas para Deficientes

As sanitas das instalações sanitárias para deficientes serão equipadas com barras de ajuda rebatíveis, em aço inox.

As barras de ajuda, quer na forma e dimensões, quer na posição de colocação e restantes especificações, cumprirão o prescrito no Decreto-Lei nº. 163/2006, de 8 de Agosto.

Artº 15.3 – Equipamentos Sanitários

Os equipamentos sanitários serão em aço inox com acabamento escovado.

A montagem dos equipamentos será feita com parafusos de aço inox e bucha plástica de taco.

Artº 15.4 – Espelhos e ferragens

1 - Critério de medição

Medição por unidade, un.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento do espelho e dos acessórios de suspensão.
- b) O assentamento do espelho, incluindo os cortes e remates necessários.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) O espelho será constituído por chapa de vidro cristal de 6mm de espessura, de arestas biseladas.
- b) A espelhagem será do tipo reforçado em especial para zonas húmidas.
- c) O espelho será fixo á parede.

Artº 15.5 – Equipamentos de Cozinha

1 - Critério de medição

Medição por unidade, un.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento dos equipamentos.
- b) O assentamento dos equipamentos e respectivas ligações eléctricas, de gás, água e esgotos.
- c) Torneiras e misturadoras em latão cromado.
- d) Sifões em PVC com cesto de retenção de sólidos

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As bancadas, armários e prateleiras serão executadas em aço inox.
- b) O adjudicatário submeterá à aprovação da fiscalização e equipa projectista, o tipo e características dos equipamentos que pretende instalar.

Artº 15.6 – Equipamentos de Bar

1 - Critério de medição

Medição por unidade, un.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento dos equipamentos.
- b) O assentamento dos equipamentos e respectivas ligações eléctricas, de gás, água e esgotos.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) As bancadas, armários e prateleiras serão executadas em aço inox.
- c) O adjudicatário submeterá à aprovação da fiscalização e equipa projectista, o tipo e características dos equipamentos que pretende instalar.

Artº 15.7 – Plataforma Elevatória (Monta Cargas do Palco)**1 - Critério de medição**

Medição por unidade, un.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

- a) O fornecimento e montagem da plataforma.
- b) O fornecimento e montagem do suporte da plataforma.
- c) O fornecimento e montagem de todo o equipamento de segurança e controlo.
- d) Quadro eléctrico de comando e respectivas ligações.

3 - Condições técnicas

Os trabalhos indicados neste artigo serão realizados de acordo com as normas de construção, normalização e especificações em vigor, obedecendo às condições técnicas do projecto, entre as quais se menciona:

- a) A plataforma elevatória deverá cumprir integralmente a legislação em vigor, quer quanto a segurança na utilização e prescrições de montagem e funcionamento.

Capítulo 16 – Diversos

Artº 16.1 – Construção Civil / Betão Armado

1 - Critério de medição

Medição por unidade de peça, por m² de superfície ou por m³ conforme as características do trabalho de apoio, em betão armado, integrado no Projecto Geral de Arquitectura e Estruturas, incluindo moldes e cofragens, armaduras em aço e betão com as características indicadas no projecto, todos os acessórios necessários à moldagem dos elementos e todas as estruturas de apoio para escoramento e andaimes para execução dos trabalhos.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre os trabalhos e fornecimentos a efectuar, os que abaixo se indicam:

a) A execução da cofragem, de acordo com os desenhos do projecto e sua colocação "in situ".

b) A execução das armaduras em aço, para garantia das condições de resistência das peças e compatíveis com o processo seleccionado pelo empreiteiro para construção do elemento;

c) O fornecimento do betão, com as características de resistência compatíveis com o processo seleccionado pelo empreiteiro para construção do elemento e com o aspecto definido neste projecto;

d) A betonagem, rega, descofragem e colocação faseada em serviço após cura do betão;

e) A elevação de materiais para os locais de aplicação;

f) Os trabalhos acessórios necessários;

g) A remoção de entulhos e limpeza final dos locais;

h) A protecção dos elementos betonados contra eventuais agressões provocadas pela execução de outros trabalhos no estaleiro ou na obra, até à recepção provisória, sempre que necessário.

3 - Condições técnicas

Entre as condições a que deve obedecer o trabalho referido neste artigo, mencionam-se, como referência especial, as seguintes:

a) Os elementos de betão definidos no Projecto Geral de Arquitectura, serão executados de acordo com as boas regras da arte e respeitando as condições de execução dos trabalhos que estão definidas e constam do projecto de Fundações e Estruturas;

b) As armaduras a aplicar nos elementos de betão serão compatíveis com o processo seleccionado pelo empreiteiro para construção do elemento, só podendo ser executadas após aprovação pela fiscalização;

c) O betão a aplicar terá o aspecto definido neste projecto e características compatíveis com o processo seleccionado pelo empreiteiro para construção do elemento, sendo seleccionado após aprovação pela fiscalização

d) A cofragens a empregar para moldagem dos elementos de betão, serão compatíveis com o processo seleccionado pelo empreiteiro para construção do elemento, só podendo ser executadas após aprovação pela fiscalização;

Artº 16.2 – Da Construção ás Instalações

1 - Critério de medição

Medição por conjunto, relativa a cada especialidade.

2 - Descrição do artigo

Refere a todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se os abaixo indicados:

- a) A abertura e tapamento de roços;
- b) O acompanhamento e fixação de acessórios chumbados nas alvenarias;
- c) A abertura de furos e vazios para travessias das redes;
- d) A execução de maciços para fixação de equipamentos, de acordo com os projectos das respectivas especialidades;
- e) A elevação de materiais para os locais de aplicação;
- f) Os trabalhos acessórios necessários;
- g) A remoção de entulhos e limpeza final dos locais.

3 - Condições técnicas

Entre as condições a que deve obedecer o trabalho referido neste artigo, mencionam-se, como referência especial, as seguintes:

- a) Os roços serão previamente marcados e sujeitos à aprovação da fiscalização antes de se iniciar o trabalho da sua abertura;
- b) Não serão permitidos roços sobre os elementos das estruturas resistentes;
- c) Os trabalhos das respectivas instalações técnicas serão executados e montados, só podendo os respectivos roços ser tapados após aprovação da fiscalização;

Artº 16.3 – Limpeza do Edifício

1 - Critério de medição

Medição por Valor Global, vg.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo todos os trabalhos e fornecimentos necessários à sua boa execução e aplicação, salientando-se de entre eles os que abaixo se indicam:

a) A primeira limpeza e acabamento final de todas as superfícies interiores, exteriores e dos pátios interiores, devidas a manchas, sujidades e outras imperfeições criadas por trabalhos posteriores à sua execução.

b) A segunda limpeza devido à sujidade e manchas ocasionadas pelo transporte e colocação do mobiliário.

c) A remoção de todos os materiais e detritos, sem utilização para o futuro da obra.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

a) A limpeza de cada espaço ou superfície bem como os retoques e afinações necessárias serão efectuados de modo adequado à natureza do material a tratar.

b) Após a limpeza de cada espaço e depois da vistoria pela Fiscalização será o compartimento encerrado e as chaves entregues à Fiscalização.

c) Após a colocação dos móveis nos seus lugares definitivos, irá proceder-se a uma segunda limpeza, devendo esta ser vistoriada pela Fiscalização.

d) Estão incluídos neste artigo os acabamentos e arranjos necessários da obra efectuada de modo a todo o conjunto poder entrar imediatamente em funcionamento.

Artº 16.4 – Arte: Pintura e Escultura

1 - Critério de medição

Medição por unidade, un.

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo o fornecimento de Obras Arte a realizar no local ou a instalar no Edifício do Teatro Valadares:

- a) Painel de Betão escultórico colocado no exterior.
- b) 1 Painel/Parede destinada a um artista a escolher pelo Dono da Obra e Autor do Projecto.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

- a) O Painel de Betão estará colocado em frente ao Vão Ve10, no Piso0 e tem a dimensão de 3,45 x 3,00m. A Temática será “Evolução das Artes e do Teatro”
- b) A pintura será realizada na parede dos passadiços entre edifícios. A parede serve dois pisos e a pintura deverá expandir-se pela sua totalidade servindo os dois pisos (Piso 1 e Piso 2). A Temática será “Centros Histórico como Peça de Teatro”

Os artistas serão escolhidos através pelo dono da obra, autor do projecto e personalidades ligadas ao mundo das artes do concelho de Caminha.

Artº 16.5 – Arranjos Exteriores

1 - Critério de medição

Medição por unidade e metro quadrado, un, m2;

2 - Descrição do artigo

Encontram-se compreendidos no preço deste artigo o fornecimento de Obras Arte a realizar no local ou a instalar no Edifício do Teatro Valadares:

a) Fornecimento e Colocação de Pavimentação em Calçada de granito igual ao pavimento das ruas.

a) Fornecimento e colocação de tapete de relva incluindo a preparação da base com eventual saneamento de terreno e fornecimento de terra vegetal, fertilização do solo e manutenção durante 6 meses e rede de rega.

b) Fornecimento, Colocação e manutenção de tapete de relva nos locais indicados no projecto.

3 - Condições técnicas

Entre as várias condições a que deve obedecer o trabalho indicado neste artigo mencionam-se, como merecendo referência especial, as seguintes:

a) A calçada será colocada assente sobre traço seco, sobre uma camada de betão de limpeza e uma camada de A.B.G.E (0,40).

b) Serão colocadas guias de granito a limitar as zonas ajardinadas. As guias terão a largura de 10cm.

c) O relvado e árvores serão colocados por pessoal especializado e deverá ser garantida a manutenção e correcta implantação dos elementos.

Mestrado Integrado em Arquitectura e Urbanismo
Dissertação de Mestrado Integrado

Património | **Trabalho de Projecto**
Reabilitação do Teatro Valadares em Caminha



1.5 – Medições e Orçamentos

Discente: Patrick Gomes dos Santos 407/05

Orientador: Prof.Dr. Arq. Rui Brochado

Co-orientador: Mestre Arq. Rui Correia

Janeiro 2011

Estimativa Orçamental

Refere-se a presente Estimativa Orçamental ao Projecto para o Teatro Valadares, localizado entre a Rua Ricardo Joaquim de Sousa, Rua Dr. Luciano de Amorim e Silva e Travessa do Teatro, na Vila de Caminha, Distrito de Viana do Castelo.

Em cumprimento com a legislação em vigor e tendo em conta os preços actualmente praticados na região, a construção importa em:

TOTAL: 1.590.918,09€

Importa em Um milhão, quinhentos e noventa mil, novecentos e dezoito euros e nove cêntimos.

MAPA DE MEDIÇÕES E ORÇAMENTO						
DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo	
	Parciais	Totais				
CAPITULO 01 - Trabalhos Preparatórios						
Artº 1	Protecção e Segurança da Obra					
CAPITULO 02 - Estaleiro de Obra						
Artº 2.1	Vedações(Muros/Redes/Tapumes)					
Artº 2.2	Instalações Administrativas					
Artº 2.3	Armazéns/Oficinas/Ferramentaria					
Artº 2.4	Equipamentos_Elevações de Cargas					
Artº 2.5	Andaimes e Plataformas					
Artº 2.6	Segurança / Guardas de Protecções					
Artº 2.7	Redes Provisórias: Agua/electricidade					
Artº 2.8	Sinalização do Estaleiro.					
Artº 2.9	Licença para utilização de via pública e espaço aéreo e respectivos custos;					
		1,000 vg	1,000 vg	5.000,00€	5.000,00€	
Total Cap.					5.000,00€	
CAPITULO 03 - Demolições Gerais						
Artº 3,1	Os entulhos provenientes das demolições serão retirados do local da obra para vazadouro do empreiteiro. Os trabalhos de demolições incluem o remate das zonas de corte, a protecção dos elementos da construção a manter, escoramentos e estruturas provisórias, remoção de caixilharias, esquadrias e quaisquer outros elementos existentes nos elementos a demolir. Os custos de carga, transporte, descarga, pagamento de entulheiras, remates de zonas de corte, protecção dos elementos a manter, escoramentos, estruturas provisórias e todos os trabalhos acessórios aos trabalhos de demolição não referidas, são incluídos nos preços unitários dos trabalhos a que digam respeito. Demolição de paredes exteriores em alvenaria de granito no geral, incluindo o remate das zonas de corte. A execução deste trabalho inclui os escoramentos necessários à execução da demolição, a execução de padieiras em betão armado de acordo com as condições encontradas no local e indicações da fiscalização e do projectista. Este trabalho é considerado para qualquer espessura de parede.					
			425,500 m2	58,00€	24.679,00€	

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Demolição integral da ampliação do Edifício de entrada(Discoteca Alfandega) incluindo a remoção do revestimento do pavimento e respectiva base. O empreiteiro deverá contar no preço deste artigo com o depósito deste material em vazadouro licenciado, cumprindo integralmente a legislação em vigor sobre manuseamento e depósito deste tipo de materiais e disso fazer prova.					
		1,000 vg	7.000,00€	7.000,00€	
Demolições no Edifício Base do Teatro:					
Paredes interiores de tabique, tijolo, incluindo a remoção de caixilharia.		365,500 m2	35,00€	12.792,50€	
Demolição de escadas em estrutura de madeira do edifício principal		82,500 m2	40,00€	3.300,00€	
Remoção dos pavimentos , materiais de acabamento e base dos pavimentos.		210,500 m2	32,00€	6.736,00€	
Remoção do soalho.		195,500 m2	25,00€	4.887,50€	
Remoção de azulejo e de reboco no interior.		165,750 m2	18,00€	2.983,50€	
Remoção de reboco exterior existente.		310,250 m2	15,00€	4.653,75€	
			Total	35.353,25€	
Demolições no edifício de entrada					
Lajes		478,500 m2	75,00€	35.887,50€	
Paredes		595,750 m2	55,00€	32.766,25€	
Outros	1,000 vg	1,000 vg	10.000,00€	10.000,00€	
			Total	78.653,75€	
Remoção de muros de vedação das zonas de ampliação.	1,000 vg	1,000 vg	180,00€	180,00€	
Remoção de peças sanitárias, e restantes elementos dos edificios.	1,000 vg	1,000 vg	350,00€	350,00€	
Demolição integral do Interior do Edifício de Habitação Ocupado.	1,000 vg	1,000 vg	4.000,00€	4.000,00€	
				Total Cap.	150.216,00€

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
CAPITULO 04 - Movimentos de terras					
Artº 4.1	Considera-se o trabalho de Escavação para fundações, infra-estruturas e ampliação do Projecto ordenado de acordo com a natureza dos solos e com a profundidade a atingir.				
	Escavação dos solos no Interior dos Edifícios até a cota necessaria para implantação do projecto - Geral	2250,000 m3	76,00€	171.000,00€	
	Escavação da zona de ampliação até a cota necessaria para implantação do projecto.	1250,500 m3	48,00€	60.024,00€	
	Os escoramentos, Ancoragem e entivações com Microestacas de Betão e posterior composição do conjunto com parede moldada de betão criada sobre as microestacadas depois de colocação de armação. Microestacas de 50 em 50cm.	1,000 vg	40.000,00€	40.000,00€	
	Outros encargos	1,000 vg	5.000,00€	5.000,00€	
Total Cap.					276.024,00€
CAPITULO 05 - Alvenarias					
	Todos os entulhos provenientes da execução desta obra serão retirados para vazadouro licenciado incluindo eventual indemnização por depósito, sendo os custos incluídos nos preços unitários dos trabalhos respectivos.				
Artº 5.1	Execução de paredes duplas exteriores (pano interior de tijolo). Este trabalho inclui : Paramento interior em alvenaria de tijolo de 7 e 11; Meia cana na caixa de ar;				
	Piso -1	555,100 m2	16,50€	9.159,15€	
	Piso 0	60,500 m2	16,50€	998,25€	
	Piso 1	22,800 m2	16,50€	376,20€	
Total Art.				10.533,60€	
Artº 5.2	Execução de paredes simples de alvenaria de tijolo 30x20x15 e 30x20x11 e 30x20x7, assente ao cutelo.				
	Piso -1	345,550 m2	17,00€	5.874,35€	
	Piso 0	265,400 m2	17,00€	4.511,80€	
	Piso 1	255,400 m2	17,00€	4.341,80€	
	Piso 2	45,750 m2	17,00€	777,75€	
	Piso 3	55,200 m2	17,00€	938,40€	
Total Art.				16.444,10€	
Total Cap.					26.977,70€

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
CAPITULO 06 - Cantarias					
	Todos os entulhos provenientes da execução desta obra serão retirados para vazadouro licenciado incluindo eventual indemnização por depósito, sendo os custos incluídos nos preços unitários dos trabalhos respectivos.				
Artº 6.1	Fornecimento e colocação de soleiras em granito, conforme caderno de encargos, Ve20 (0,20 x 0,02cm).	22,500 ml	22,500 ml	30,00€	675,00€
Total Cap.					675,00€
CAPITULO 07 - Isolamentos e Impermeabilizações					
Artº 7.1	Aplicação de Isolamento Térmico de Poliestireno Extrudido em Coberturas Inclínadas(XPS 30/40mm).		515,300 m2	4,30€	2.215,79€
Artº 7.2	Aplicação de Isolamento Térmico de Poliestireno Extrudido em paredes (XPS).		1115,500 m2	3,20€	3.569,60€
Artº 7.3	Aplicação de Isolamento Térmico de Poliestireno Expandido em pavimentos(EPS).		585,500 m2	3,60€	2.107,80€
Artº 7.4	Impermeabilização e Isolamento de Coberturas Planas (Camada de Forma, Tela Asfáltica, Geotextil x2, XPS e Godo) e Caleiras.		172,500 m2	38,00€	6.555,00€
Total Cap.					14.448,19€
CAPITULO 08 - Coberturas					
Artº 8.1	Reparação da Cobertura de telha Com estrutura de madeira, conforme projecto e caderno de encargos: Levantamento, apeamento e limpeza da telha, para posterior utilização, Remoção do ripado e reparação da estrutura e sub-estrutura da cobertura, Colocação de ripado e peças deterioradas. Protecção das madeiras com xilofene e copos nos encontros com paredes, Colocação de painéis do tipo "Onduline Thermisorel" com 50 / 60 mm de espessura, Subtelha tipo "Onduline"; Ripado de PVC para assentamento da telha; Telha proveniente da desmontagem e assentamento da telha necessária, Assentamento de cumes, Assentamento de beiradas e telha de canal e cobrir. Colocação de telas de PVC no remate entre os painéis de chapa, caleiras e cornijas,		256,800 m2	75,00€	19.260,00€

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Artº 8.2 Cobertura Inclinada de telha(Edifício Entrada), conforme projecto e caderno de encargos: Levantamento, apeamento e limpeza da telha, para posterior utilização, Colocação sobre nova estrutura de betão de Isolamento Térmico XPS, Ripado PVC, Subtelha tipo "Onduline", Ripado de PVC para assentamento da telha, Telha proveniente da desmontagem e assentamento da telha necessária, Assentamento de cumes, Assentamento de beiradas e telha de canal e cobrir. Colocação de telas de PVC no remate entre os painéis de chapa, caleiras e cornijas.					
		375,500 m2	58,00€	21.779,00€	
Artº 8.3 Chapa de Zinco em Rufos e Acabamentos de Cobertura. Fornecimento e montagem de rufos de zinco nas coberturas.					
		98,850 m	16,00€	1.581,60€	
Artº 8.4 Caleiras de Zinco em coberturas inclinadas , com a secção de 15cm.					
		165,850 m	21,00€	3.482,85€	
Artº 8.5 Fornecimento da chapa de aço Corten e dos acessórios de fixação e assentamento, incluindo cortes, remates e vedações necessárias. As peças serão em chapa de Aço Corten de 6 /8 mm, executado de acordo com os pormenores e assentes numa estrutura (malha) composta por perfis de aço de 5x5cm (Ligação entre edifícios existentes) e 7,5 x5cm (nos volumes de ampliação) fixados mecanicamente as paredes e assentes sobre apoios.					
		135,900 m2	152,00€	20.656,80€	
Total Cap.					66.760,25€
CAPITULO 09 - Revestimentos					
Artº 9.1 Chapsico, Emboço e reboco da face exterior das paredes exteriores com argamassa de cimento e areia, conforme caderno de encargos,					
	Alçado Norte	180,500 m2	9,00€	1.624,50€	
	Alçado Norte (Edifício Entrada/Sul)	125,500 m2	9,00€	1.129,50€	
	Alçado Sul	55,650 m2	9,00€	500,85€	
	Alçado Sul(Edifício do Teatro)	95,450 m2	9,00€	859,05€	
	Alçado Este	115,300 m2	9,00€	1.037,70€	
	Alçado Oeste	136,500 m2	9,00€	1.228,50€	
	Total Art.				
Artº 9.2 Chapa de Aço Corten em Fachadas Exteriores, conforme caderno de encargos,					
		275,500 m2	145,00€	39.947,50€	

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS		QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo	
		Parciais	Totais				
Artº 9.3	Fachada em Vidro Opaco e Translúcido com Decoração como revestimento de Fachadas Exteriores.						
	Vidro Opaco (Cap. 13/Artº 13,4)						
	Vidro Translúcido (Cap.13 /Artº13.4)						
	Estrutura de Fixação - Perfis de Aço		50,550 m2	40,00€	2.022,00€		
	Acessórios		50,550 m2	15,00€	758,25€		
	Outros encargos		50,550 m2	8,00€	404,40€		
				Total Art.	3.184,65€		
Artº 9.4	Limpeza de Elementos de granito.		1,000 Vg	500,00€	500,00€		
Artº 9.5	Chapsico, Emboço e Reboco em Paramentos Interiores .						
	Piso 0						
	Entrada / Hall / C. 01 / 0		54,200 m2	12,00€	650,40€		
	Foyer / Exposição / C. 04 / 0		58,250 m2	12,00€	699,00€		
	Corredor 1.1 /C. 07 / 0		26,500 m2	12,00€	318,00€		
	Corredor 1.2 /C. 07 / 0		45,250 m2	12,00€	543,00€		
	Área de Circulação 3 - C.08/0		220,500 m2	12,00€	2.646,00€		
	Área de Exposição / C. 09 / 0		7,500 m2	12,00€	90,00€		
	Área de Circulação 4/ C. 17 / 0		5,600 m2	12,00€	67,20€		
	Entrada de Serviço/ C. 18 / 0		8,550 m2	12,00€	102,60€		
	Área de Circulação 5 / C. 19 / 0		4,250 m2	12,00€	51,00€		
	Área de Carga/Descarga/ C. 20 / 0		5,750 m2	12,00€	69,00€		
	Área de entrada Palco 1/C. 22/0		20,250 m2	12,00€	243,00€		
	Piso 1						
	Foyer / Exposição /C. 02 / 1		54,500 m2	12,00€	654,00€		
	Balcão 1 / C. 04 / 1		35,650 m2	12,00€	427,80€		
	Varanda Técnica 1 / C. 05 / 1		15,750 m2	12,00€	189,00€		
	Área de Circulação 7 /C. 16 / 1		5,250 m2	12,00€	63,00€		
	Piso 2						
	Foyer / Exposição /C. 02 / 2		54,200 m2	12,00€	650,40€		
	Balcão 2 /C. 03 / 2		30,600 m2	12,00€	367,20€		
	Varanda Técnica 2 /C. 04 / 2		10,450 m2	12,00€	125,40€		
	Área de Circulação 9 /C. 06 / 2		5,500 m2	12,00€	66,00€		
	Sala de Reuniões /C. 07 / 2		38,550 m2	12,00€	462,60€		
	Piso 3						
	Área de Circulação 11 /C. 01 / 3		50,650 m2	12,00€	607,80€		
	Gabinetes /C. 02 / 3		20,500 m2	12,00€	246,00€		
	Antecâmara /C. 03 / 3		4,250 m2	12,00€	51,00€		
	Gabinete /C. 05 / 3		21,300 m2	12,00€	255,60€		
					Total Art.	9.645,00€	
Artº 9.6	Emboço, Reboco em Paramentos e Tectos Interiores.						
	Paramentos						
	Piso -1						
	Área Técnica / C. 05 / -1		20,070 m2	8,20€	164,57€		
	Espaços de Apoio / C. 06 / -1		90,250 m2	8,20€	740,05€		
	Área Técnica-Sala Maquinas/C.08/-1		82,200 m2	8,20€	674,04€		
	Arrumos / C. 09 / -1		108,500 m2	8,20€	889,70€		
	Arrumos /C. 16 / -1		17,400 m2	8,20€	142,68€		
	Área Técnica/ C. 25 / -1		55,450 m2	8,20€	454,69€		
	Arrumos (Sob a Escada)/ C. 26 / -1		48,800 m2	8,20€	400,16€		
	Área de Circulação 2/ C. 28 / -1		85,550 m2	8,20€	701,51€		
					Total	4.167,40€	
	Tectos						
	Piso -1						
	Área Técnica / C. 05 / -1		3,200 m2	8,50€	27,20€		
	Espaços de Apoio / C. 06 / -1		11,300 m2	8,50€	96,05€		
Arrumos (Sob a Escada)/ C. 26 / -1		10,850 m2	8,50€	92,23€			
Piso 2							
Área Técnica /C. 05 / 2		22,800 m2	8,50€	193,80€			
				Total	409,28€		
				Total Art.	4.576,68€		

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS		QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
		Parciais	Totais			
Artº 9.7	Emboço, Reboco com acabamento a Gesso Projectado em Paramentos e Tectos Interiores.					
	Paramentos					
	Piso -1					
	Oficinas / C. 01 / -1		87,500 m2	12,50€	1.093,75€	
	Área de Trabalho /C. 02 / -1		25,250 m2	12,50€	315,63€	
	Sub-Palco / C. 03 / -1		64,000 m2	12,50€	800,00€	
	Espa.Sala de ensaio C. 04 / -1		78,550 m2	12,50€	981,88€	
	Camarim Feminino Colectivo/C. 10 / -1		58,550 m2	12,50€	731,88€	
	I.S 1(Camarim Feminino Col.)/C.11 /-1)		12,800 m2	12,50€	160,00€	
	I.S 2 (Camarim Feminino Col. (C. 12 /-1)		12,500 m2	12,50€	156,25€	
	Camarim Masculino Colectivo/C. 13/-1		56,300 m2	12,50€	703,75€	
	I.S 1 (Camarim Masculino Col.)C.14 / -1		12,600 m2	12,50€	157,50€	
	I.S 2 (Camarim Masculino Col.)/C.15/-1		12,300 m2	12,50€	153,75€	
	Camarim Individual 1 /C. 17 / -1		35,500 m2	12,50€	443,75€	
	I.S 1 (Camarim Individual 1) /C. 18 / -1		8,500 m2	12,50€	106,25€	
	I.S 2 (Camarim Individual 1) /C. 19 / -1		21,900 m2	12,50€	273,75€	
	Camarim Individual 2 /C. 20 / -1		32,100 m2	12,50€	401,25€	
	I.S 1 (Camarim Individual 2)/ C. 21 / -1		8,500 m2	12,50€	106,25€	
	I.S 2 (Camarim Individual 2)/ C. 22 / -1		25,850 m2	12,50€	323,13€	
	Sala do Pessoal/ C. 23 / -1		45,250 m2	12,50€	565,63€	
	I.S (Sala do Pessoal)/ C. 24 / -1		8,500 m2	12,50€	106,25€	
	Área de Circulação 1/ C. 27 / -1		58,200 m2	12,50€	727,50€	
	Acesso Vertical 2(escada)		37,950 m2	12,50€	474,38€	
	Acesso Vertical 3 (escada)		42,300 m2	12,50€	528,75€	
	Piso 0					
	Bengaleiro / C. 02 / 0		6,100 m2	12,50€	76,25€	
	Recepção/Bilheteira / C. 03 / 0		6,250 m2	12,50€	78,13€	
	Foyer / Exposição /C. 02 / 1		7,800 m2	12,50€	97,50€	
	Expositor (x2) / C. 05 / 0		35,300 m2	12,50€	441,25€	
	Corredor 1.1 /C. 07 / 0		34,500 m2	12,50€	431,25€	
	Corredor 1.2 /C. 07 / 0		34,500 m2	12,50€	431,25€	
	Área de Exposição / C. 09 / 0		18,800 m2	12,50€	235,00€	
	Bar (Área de Clientes)/ C. 10 / 0		25,700 m2	12,50€	321,25€	
	Zona de Atendimento (Bar)/C. 11 / 0		25,500 m2	12,50€	318,75€	
	Instalação Sanitária Homens/ C. 13 / 0		18,550 m2	12,50€	231,88€	
	Instalação Sanitária Mulheres/C. 14 / 0		18,300 m2	12,50€	228,75€	
	Arrumos/ C. 15 / 0		13,700 m2	12,50€	171,25€	
	Instalação Sanitária Incapa./C.16/0		14,750 m2	12,50€	184,38€	
	Área de Circulação 4/ C. 17 / 0		82,800 m2	12,50€	1.035,00€	
	Entrada de Serviço/ C. 18 / 0		18,100 m2	12,50€	226,25€	
	Área de Circulação 5 / C. 19 / 0		120,300 m2	12,50€	1.503,75€	
	Área de Carga/Descarga/ C. 20 / 0		38,850 m2	12,50€	485,63€	
	Área entrada para o Palco 1/C.22/0		5,800 m2	12,50€	72,50€	
	Área de entrada Palco (2)/ C. 23/0		28,950 m2	12,50€	361,88€	
	Acesso Vertical 1(escada)		51,600 m2	12,50€	645,00€	
	Acesso Vertical 2(escada)		37,950 m2	12,50€	474,38€	
	Acesso Vertical 3 (escada)		58,500 m2	12,50€	731,25€	
	Piso 1					
	Área de Circulação 6 /C. 01 / 1		44,500 m2	12,50€	556,25€	
	Foyer / Exposição /C. 02 / 1		18,750 m2	12,50€	234,38€	
	Sala de Projecção /C. 03 / 1		18,250 m2	12,50€	228,13€	
	Balcão 1 / C. 04 / 1		9,500 m2	12,50€	118,75€	
	Varanda Técnica 1 / C. 05 / 1		44,500 m2	12,50€	556,25€	
	Gabinete /C. 06 / 1		54,350 m2	12,50€	679,38€	
	Arquivo / C. 07 / 1		34,650 m2	12,50€	433,13€	
	Secretária /C. 08 / 1		46,750 m2	12,50€	584,38€	
	Sala de Formação 1/ C. 09 / 1		33,500 m2	12,50€	418,75€	
	Antecâmara (Estúdio)/ C. 10 / 1		22,300 m2	12,50€	278,75€	
	Estúdio/ C. 11 / 1		18,500 m2	12,50€	231,25€	
	Sala de Controlo (Estudio)/ C. 12 / 1		18,500 m2	12,50€	231,25€	
	Sala de Formação 2/ C. 13 / 1		36,500 m2	12,50€	456,25€	
	Arrumos/ C. 14 / 1		15,600 m2	12,50€	195,00€	
	Instalação Sanitária /C. 15 / 1		14,750 m2	12,50€	184,38€	
	Área de Circulação 7 /C. 16 / 1		70,400 m2	12,50€	880,00€	
	Acesso Vertical 1(escada)		49,850 m2	12,50€	623,13€	
	Acesso Vertical 2 (escada)		32,750 m2	12,50€	409,38€	

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Piso 2					
Área de Circulação 8 /C. 01 / 2		44,900 m2	12,50€	561,25€	
Foyer / Exposição /C. 02 / 2		24,550 m2	12,50€	306,88€	
Balcão 2 /C. 03 / 2		12,500 m2	12,50€	156,25€	
Varanda Técnica 2 /C. 04 / 2		8,250 m2	12,50€	103,13€	
Área Técnica /C. 05 / 2		16,600 m2	12,50€	207,50€	
Acesso Vertical 1 (escada)		49,850 m2	12,50€	623,13€	
Acesso Vertical 2 (escada)		32,750 m2	12,50€	409,38€	
Piso 3					
Área de Circulação 11 /C. 01 / 3		14,700 m2	12,50€	183,75€	
Gabinetes /C. 02 / 3		32,700 m2	12,50€	408,75€	
Antecâmara /C. 03 / 3		20,650 m2	12,50€	258,13€	
Instalação Sanitária /C. 04 / 3		14,100 m2	12,50€	176,25€	
Gabinete /C. 05 / 3		28,400 m2	12,50€	355,00€	
Acesso Vertical 1 (escada)		51,600 m2	12,50€	645,00€	
			Total	28.754,38€	
Tectos					
Piso -1					
Oficinas / C. 01 / -1		54,150 m2	14,00€	758,10€	
Área de Trabalho /C. 02 / -1		18,850 m2	14,00€	263,90€	
Sub-Palco / C. 03 / -1		42,250 m2	14,00€	591,50€	
Área Técnica/ C. 25 / -1		12,250 m2	14,00€	171,50€	
Piso 0					
Entrada / Hall / C. 01 / 0		36,200 m2	14,00€	506,80€	
Expositor (x2) / C. 05 / 0		8,500 m2	14,00€	119,00€	
Área de Circulação 3 / C. 08 / 0		8,200 m2	14,00€	114,80€	
Área de Circulação 4/ C. 17 / 0		18,700 m2	14,00€	261,80€	
Área de Carga/Descarga/ C. 20 / 0		28,450 m2	14,00€	398,30€	
Área de entrada Palco (1)/C. 22/0		10,000 m2	14,00€	140,00€	
Área de entrada Palco (2)/C. 23/0		18,200 m2	14,00€	254,80€	
Acesso Vertical 2 (escada)		16,850 m2	14,00€	235,90€	
Acesso Vertical 3 (escada)		10,600 m2	14,00€	148,40€	
Piso 1					
Área de Circulação 6 /C. 01 / 1		22,600 m2	14,00€	316,40€	
Arquivo / C. 07 / 1		14,500 m2	14,00€	203,00€	
Secretária /C. 08 / 1		24,150 m2	14,00€	338,10€	
Acesso Vertical 2 (escada)		16,850 m2	14,00€	235,90€	
Piso 2					
Área de Circulação 8 /C. 01 / 2		26,950 m2	14,00€	377,30€	
Piso 3					
Acesso Vertical 1 (escada)		22,150 m2	14,00€	310,10€	
			Total	5.745,60€	
			Total Art.	34.499,98€	
Artº 9.8	Revestimento de paredes com Painéis Acústicos tipo "Vicoustic Wave Wood". Plateia / C. 06 / 0				
		6,500 m2	75,00€	487,50€	
	Sala de Espectaculos: Balcão 1/C.04/1	28,500 m2	75,00€	2.137,50€	
	Sala de Projecção /C. 03 / 1	12,500 m2	75,00€	937,50€	
	Sala de Espectaculos: Balcão2/C.03/2	32,500 m2	75,00€	2.437,50€	
	Estudio / C. 11/1	20,500 m2	75,00€	1.537,50€	
			Total Art.	7.537,50€	
Artº 9.9	Revestimento de Paredes interiores com Painéis Pré-fabricados, folheados a Madeira de Sucupira, Incluindo estrutura e perfilados de remate. Entrada / Hall / C. 01 / 0				
		18,500 m2	60,00€	1.110,00€	
Artº 9.10	Recuperação de painéis e guardas de madeira existentes e painéis revestido a tecido. Plateia / C. 06 / 0				
		1,000 vg	5.000,00€	5.000,00€	

DESCRICÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Artº 9.11 Revestimento de Paredes a Grés Porcelânico Esmaltado tipo "Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) Incluindo Assentamento. Piso -1					
I.S 1 (Camarim Feminino Col.)/C. 11/ -1		22,250 m2	62,00€	1.379,50€	
I.S 2 (Camarim Feminino Col.) /C. 12/-1		20,250 m2	62,00€	1.255,50€	
I.S 1 (Camarim Masculino Col.)/C.14 /-1		20,900 m2	62,00€	1.295,80€	
I.S 2 (Camarim Masculino Col.)C.15 /-1		20,250 m2	62,00€	1.255,50€	
I.S 1 (Camarim Individual 1) /C. 18 / -1		14,500 m2	62,00€	899,00€	
I.S 2 (Camarim Individual 1) /C. 19 / -1		16,500 m2	62,00€	1.023,00€	
I.S 1 (Camarim Individual 2)/ C. 21 / -1		15,500 m2	62,00€	961,00€	
I.S 2 (Camarim Individual 2)/ C. 22 / -1		15,500 m2	62,00€	961,00€	
I.S (Sala do Pessoal)/ C. 24 / -1		18,500 m2	62,00€	1.147,00€	
Piso 0					
Instalação Sanitária Homens/C.13/0		46,850 m2	62,00€	2.904,70€	
Instalação Sanitária Mulheres/C.14/0		36,200 m2	62,00€	2.244,40€	
Instalação Sanitária Incap. /C.16/0		22,500 m2	62,00€	1.395,00€	
Piso 1					
Instalação Sanitária /C. 15 / 1		22,500 m2	62,00€	1.395,00€	
Piso 3					
Instalação Sanitária /C. 04 / 3		18,500 m2	62,00€	1.147,00€	
			Total Art.	19.263,40€	
Artº 9.12 Revestimento de Paredes a material Cerâmico Tipo "Revigres Polis Bege ref.P58(30x45cm)" Incluindo Assentamento.					
Cozinha (Bar)/C. 12 / 0		34,500 m2	36,00€	1.242,00€	
Artº 9.13 Revestimento de Paredes a Pastilha Tipo"Revigres Xadrez Cinza ref.P86" Incluindo Assentamento.					
Instalação Sanitária Homens/ C. 13 / 0		14,250 m2	52,00€	741,00€	
Instalação Sanitária Mulheres/C. 14 / 0		22,600 m2	52,00€	1.175,20€	
			Total Art.	1.916,20€	
Artº 9.14 Execução de Divisões/ Paredes leves em Gesso Cartonado. Aplicação de placa dupla 12,5+12,5 de gesso cartonado sobre estrutura do tipo "Knauf W111" ou equivalente.					
Piso -1		28,400 m2	21,00€	596,40€	
Piso 0		118,500 m2	21,00€	2.488,50€	
Piso 1		142,200 m2	21,00€	2.986,20€	
Piso 2		74,500 m2	21,00€	1.564,50€	
Acesso Vertical 2 (escada)Piso -1		16,850 m2	21,00€	353,85€	
Acesso Vertical 2 (escada)Piso 2		24,850 m2	21,00€	521,85€	
			Total	8.511,30€	
Artº 9.15 Execução de tecto falso em Gesso Cartonado, incluindo estrutura e perfilados de remate.					
Piso -1		172,500 m2	21,00€	3.622,50€	
Piso 0		205,000 m2	21,00€	4.305,00€	
Piso 1		75,850 m2	21,00€	1.592,85€	
Piso 2		80,200 m2	21,00€	1.684,20€	
Piso 3		115,450 m2	21,00€	2.424,45€	
			Total	13.629,00€	
Artº 9.16 Execução de Tecto Falso em Painéis Pré-fabricados Folheados a Madeira Natural (Sucupira), Incluindo estrutura e perfilados de remate.					
Piso 0		85,500 m2	42,00€	3.591,00€	
Piso 1		105,250 m2	42,00€	4.420,50€	
Piso 2		118,450 m2	42,00€	4.974,90€	
			Total	12.986,40€	

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Artº 9.17 Execução de Tecto Falso em Painéis Acusticos Tipo "Tavinel Acoustic RL6 / RC6 (Acab.Cherry)", Incluindo estrutura e perfilados de remate. Sala de Formação 1/ C. 09 / 1 Sala de Formação 2/ C. 13 / 1					
		45,300 m2	68,00€	3.080,40€	
		40,550 m2	68,00€	2.757,40€	
			Total	5.837,80€	
Artº 9.18 Execução de Tecto Falso em Painéis Acusticos Tipo " Vicoustic Wave Wood"(Estudio), Incluindo estrutura e perfilados de remate. Estudio / C. 11/1					
		9,500 m2	75,00€	712,50€	
Artº 9.19 Execução de Tecto Falso Metálico, Incluindo estrutura e perfilados de remate. Piso -1					
		126,500 m2	27,50€	3.478,75€	
					Total Cap. 179.958,75€
CAPITULO 10 - Carpintarias					
Artº 10.1 Soleiras de Madeira, Incluindo Assentamento. Piso -1 Piso 0 Piso 1 Piso 2 Piso 3					
		13,200 ml	20,00€	264,00€	
		22,500 ml	20,00€	450,00€	
		18,500 ml	20,00€	370,00€	
		5,250 ml	20,00€	105,00€	
		5,300 ml	20,00€	106,00€	
			Total Art.	1.295,00€	
Artº 10.2 Fornecimento e colocação de portas exteriores opacas, Incluindo: Aros, Partes fixas e móveis, Os puxadores tipo "Tupai ref – 2076" com fechadura e ferragens de série, Pintura a tinta esmalte a duas demãos sobre primário, subcapa e emassamento; Ve4 _ (95 x 205) Ve7 _ (85 x 200)					
	1,000 un	1,000 un	460,00€	460,00€	
	1,000 un	1,000 un	410,00€	410,00€	
			Total Art.	870,00€	
Artº 10.3 Recuperação das janelas existentes. Soleiras e aros; Partes fixas e móveis; Vidro de 6mm de espessura; Portadas de madeira maciça; Ferragens e fechaduras; Pintura a tinta esmalte a duas demãos sobre primário. Ve 25 _ 2 x (38 x 115) Ve 27 _ 2 x (40 x 115) Ve 28 _ 2 x (52x185) /Bandeira 66x105 Ve 29 _ 2 x (60 x 157) Ve 30 _ 2 x (58 x 155) Ve 32 _ 2 x (50 x 184) Ve 33 _ (80 x 80) Ve 34 _ 2 x (50 x 195) Ve 39 _ 2 x (58 x 155) Ve 40 _ 2 x (60 x 150)					
	1,000 un	1,000 un	125,00€	125,00€	
	1,000 un	1,000 un	125,00€	125,00€	
	3,000 un	3,000 un	125,00€	375,00€	
	9,000 un	9,000 un	125,00€	1.125,00€	
	4,000 un	4,000 un	150,00€	600,00€	
	2,000 un	2,000 un	150,00€	300,00€	
	1,000 un	1,000 un	120,00€	120,00€	
	3,000 un	3,000 un	135,00€	405,00€	
	4,000 un	4,000 un	135,00€	540,00€	
	3,000 un	3,000 un	135,00€	150,00€	
			Total Art.	3.865,00€	

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Artº 10.4 Recuperação de portas exteriores envidraçadas e opacas, incluindo Soleiras e aros; Partes fixas e móveis; Vidro de 6mm de espessura; Portadas de madeira maciça; Trancas em varão de ferro de 20mm de diâmetro, incluindo abertura de sedes para fixação; Ferragens e fechaduras; Pintura a tinta esmalte a duas demãos sobre primário, subcapa e emassamento;					
	Ve 1 _ 2 x (75 x 265)	3,000 un	3,000 un	200,00€	600,00€
	Ve 8 _ 2 x (75 x 253)	2,000 un	2,000 un	200,00€	400,00€
	Ve 9 _ 2 x (125 x 253)	1,000 un	1,000 un	200,00€	200,00€
	Ve26 _ 2 x (40 x 195)	1,000 un	1,000 un	150,00€	150,00€
	Ve 31 _ 2 x (60 x 246)	3,000 un	3,000 un	200,00€	600,00€
			Total Art.	1.950,00€	
Artº 10.5 Recuperação de portas interiores incluindo aros, bandeiras com vidro de 6mm, guarnições, batentes e pintura. Puxador novo tipo Tupai ref-2204 e barras anti-pânico do tipo Dorma ref. PHA 2000 com todos os elementos necessários ao seu funcionamento.					
	Vi 11 _ 2 x(76x221)bandeira com vidros	1,000 un	1,000 un	250,00€	250,00€
Artº 10.6 Execução de portas interiores em Madeira de Sucupira com Estrutura Maciça, ferragens e puxadores tipo "Tupai - Ref 2204", incluindo instalação.					
	Vi 2.1 _ (90 x 200)	7,000 un	7,000 un	320,00€	2.240,00€
	Vi 2.2 _ (90 x 200)	4,000 un	4,000 un	320,00€	1.280,00€
	Vi 5 _ (85 x 200)	3,000 un	3,000 un	320,00€	960,00€
	Vi 7 _ (100 x 200)	3,000 un	3,000 un	320,00€	960,00€
	Vi 20 (2 folhas) _ 2 x (105 x 215)	2,000 un	2,000 un	495,00€	990,00€
	Vi 21 (2 folhas) _ (85 x 215)	1,000 un	1,000 un	495,00€	495,00€
	Vi 22 _ 2 x (85 x 215)	1,000 un	1,000 un	320,00€	320,00€
	Vi 23 _ (90 x 200)	1,000 un	1,000 un	320,00€	320,00€
				Total Art.	7.565,00€
Artº 10.7 Fornecimento e montagem de Portas Interiores com Estrutura em Aglomerado de Madeiras Folheadas de Madeira de Sucupira incluindo aros, guarnições, puxadores tipo "Tupai - Ref 2204" com ferragens de série.					
	Vi 8 _ (90 x 160)	1,000 un	1,000 un	330,00€	330,00€

DESCRICÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Artº 10.8 Fornecimento e montagem de Portas Interiores com Estrutura em Aglomerado de Madeiras Folheadas de Madeira de Sucupira de correr incluindo aros, guarnições, puxadores tipo "Tupai - Ref 2932" com ferragens de série. As portas incluem caixa metálica de embutir na parede.					
Vi 1 _ (90 x 200)	10,000 un	10,000 un	375,00€	3.750,00€	
Vi 4 _ (90 x 200)	8,000 un	8,000 un	375,00€	3.000,00€	
Vi 15 _ (95 x 200)	2,000 un	2,000 un	375,00€	750,00€	
Vi 25 _ (110 x 200)	2,000 un	2,000 un	395,00€	790,00€	
			Total	8.290,00€	
Portadas Interiores					
Ve 21 _ 2 x (50 x 195)	1,000 un	1,000 un	295,00€	295,00€	
Ve 24 _ 2 x (55 x 200)	5,000 un	5,000 un	295,00€	1.475,00€	
Ve 34 _ 2 x (50 x 190)	3,000 un	3,000 un	295,00€	885,00€	
Ve 35 _ 2 x (50 x 190)	2,000 un	2,000 un	295,00€	590,00€	
Ve 36 _ 2 x (55 x 190)	1,000 un	1,000 un	295,00€	295,00€	
			Total	3.245,00€	
			Total Art.	11.535,00€	
Artº 10.9 Fornecimento e montagem de Portas Interiores com Estrutura em Aglomerado de Madeiras Lacadas de Cor Branca, puxadores tipo "Tupai - Ref 2204" com ferragens de série.					
Vi 3 _ (85 x 210)	1,000 un	1,000 un	285,00€	285,00€	
Vi 9 (2 folhas) _ 2 x (90 x 215)	1,000 un	1,000 un	560,00€	560,00€	
Vi 16 _ (90 x 200)	1,000 un	1,000 un	310,00€	310,00€	
			Total Art.	1.155,00€	
Artº 10.10 Fornecimento e montagem de Vãos/Janelas/aros Interiores em Madeira de Sucupira com colocação de vidro.					
Vi13 _ (113 x 200)	1,000 un	1,000 un	200,00€	200,00€	
Vi14 _ (162 x 113)	1,000 un	1,000 un	200,00€	200,00€	
Vi18 _ (657 x 113)	1,000 un	1,000 un	300,00€	300,00€	
Vi 24 _ (137 x 103)	1,000 un	1,000 un	200,00€	200,00€	
			Total Art.	900,00€	
Artº 10.11 Corrimão em Madeira de Sucupira, fixo ou embutido em guardas de betão armado.		36,200 m	40,00€	1.448,00€	
				Total Cap.	31.163,00€
CAPITULO 11 - Serralharias / Alumínio					
Artº 11.1 Caixilharias Exteriores em Alumínio tipo "Vitrocса - Format 3001", para receber Vidros Duplos em Janelas ,Incluindo Assentamento.					
Ve10 _ 2x (152 x 300)	1,000 un	1,000 un	2.800,00€	2.800,00€	
Ve 12 _ (280 x 260)	1,000 un	1,000 un	2.300,00€	2.300,00€	
Ve 13 _ (85 x 260)	1,000 un	1,000 un	1.200,00€	1.200,00€	
Ve 14 _ (188 x 218)	1,000 un	1,000 un	1.250,00€	1.250,00€	
Ve 15 _ (200 x 250)	3,000 un	3,000 un	1.200,00€	3.600,00€	
Ve 16 _ Mov.: 90 x 245/Fixo:2 x(90 x 245)	1,000 un	1,000 un	1.200,00€	1.200,00€	
Ve 19 _ 3x (250 x 90)	2,000 un	2,000 un	3.200,00€	6.400,00€	
Ve 20 _ 16 x (94 x 320)	1,000 un	1,000 un	13.500,00€	13.500,00€	
			Total Art.	32.250,00€	

DESCRICÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Artº 11.2 Caixilharias Exteriores em Perfis de Aço a levar vidro duplo compostos por perfis de aço (Cantoneiras de 30x30mm) fixadas sobre barra de ferro de 8x70mm, para receber Vidros Duplos em Janelas ,Incluindo Assentamento.					
Ve 2 _ (183 x 292)	1,000 un	1,000 un	2.750,00€	2.750,00€	
Ve 3 _ (153 x 279)	3,000 un	3,000 un	2.700,00€	8.100,00€	
Ve 5 _ (153 x 279)	1,000 un	1,000 un	2.700,00€	2.700,00€	
Ve 17 _ (138 x 205)	1,000 un	1,000 un	2.300,00€	2.300,00€	
Ve 21 _ (110 x 205)	1,000 un	1,000 un	2.300,00€	2.300,00€	
Ve 22 _ (157 x 220)	2,000 un	2,000 un	2.200,00€	4.400,00€	
Ve 23 _ (113 x 250)	1,000 un	1,000 un	2.400,00€	2.400,00€	
Ve 24 _ (109 x 217)	5,000 un	5,000 un	2.500,00€	12.500,00€	
Ve 35 _ (100 x 190)	2,000 un	2,000 un	2.200,00€	4.400,00€	
Ve 36 _ (153 x 205)	1,000 un	1,000 un	2.200,00€	2.200,00€	
			Total Art.	44.050,00€	
Artº 11.3 Grelha de Ventilação de Perfilados de Ferro Metálicos e Pintados composta por estrutura de perfis de 60x30x2mm e perfis de 30x30x2mm onde serão fixadas chapas quinadas de 2mm.					
Ve 18 _ 2x (90 x 200)	1,000 un	1,000 un	1.350,00€	1.350,00€	
Artº 11.4 Portões de zona de Cargas/Descargas constituídos por perfis de aço 35x50mm, painéis pré-fabricados revestidos a chapa de aço inox, aros em aço, Puxadores Ref. M+ Escudetes Ref. se 'Mobles 114', 8 Dobradiças de abas de 3" em Aço Inox _ref. fiel cbc 3", montagem e assentamento.					
Ve6 _ 4 x (74 x 200)	1,000 un	1,000 un	2.500,00€	2.500,00€	
Artº 11.5 Portas Exteriores em chapa de aço inox. Aplicação das ferragens adequadas ao sistema previsto no projecto para o funcionamento e colocação de puxadores do tipo "Tupai ref – 2076" com fechadura e ferragens de série.					
Ve 37 _ (100 x 210)	1,000 un	1,000 un	525,00€	525,00€	
Ve 38 _ (100 x 210)	1,000 un	1,000 un	525,00€	525,00€	
			Total Art.	1.050,00€	
Artº 11.6 Portas Exteriores em chapa, perfis de aço inox e com fixação de vidro. Fornecimento e aplicação dos acessórios necessários à fixação e vedação do vão, de acordo com o material da envolvente dos vãos (parafusos e buchas metálicas, material vedante, etc.). Colocação de barras anti-pânico do tipo Dorma ref. PHA 2000 com todos os elementos necessários ao seu funcionamento.					
Ve 11 _ (100 x 210)	1,000 un	1,000 un	575,00€	575,00€	

DESCRICÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Artº 11.7 Portas Corta Fogo / Segurança de acordo com projecto de segurança, caderno de encargos e mapa de vãos, incluindo aros, guarnições, ferragens, fechaduras, acabamentos de 3mm a madeira de Sucupira e barras anti-pânico e puxadores do tipo Dorma ref. PHA 2000.					
Vi 6 (2Folhas) _ 2 x (85 x 215)	1,000 un	1,000 un	650,00€	650,00€	
Vi 10 (2Folhas) _ 2 x (87 x 215)	4,000 un	4,000 un	650,00€	2.600,00€	
Vi 12 _ (90 x 200)	8,000 un	8,000 un	475,00€	3.800,00€	
Vi 19 _ (90 x 215)	1,000 un	1,000 un	475,00€	475,00€	
			Total Art.	7.525,00€	
Artº 11.8 Fornecimento e montagem de Corrimão em Madeira de Sucupira, fixo em Barra de Aço Inox Escovado, Aparafusado.		45,750 m	45,00€	2.058,75€	
Artº 11.9 Fornecimento e montagem de guardas em perfis de aço inox escovado (50x50mm) com vidro laminado entre perfis horizontais.		88,500 m	75,00€	6.637,50€	
Artº 11.10 Reparação de Guardas e Grades exteriores em ferro incluindo decapagem total das superfícies, substituição de peças deterioradas, aplicação de primário e de subcapa e pintura a duas demãos de esmalte.		68,750 m	20,00€	1.375,00€	
					Total Cap. 99.371,25€
CAPITULO 12 - Pavimentos					
Artº 12.1 Fornecimento e aplicação do auto-nivelante, tipo "Mapei: Mapefloor Decor System 70" conforme indicado no caderno de encargos.					
Piso -1		465,500 m2	58,00€	26.999,00€	
Piso 0		298,500 m2	58,00€	17.313,00€	
Piso 2		28,850 m2	58,00€	1.673,30€	
Acesso Vertical 1		88,400 m2	58,00€	5.127,20€	
Acesso Vertical 2		67,400 m2	58,00€	3.909,20€	
Acesso Vertical 3		10,250 m2	58,00€	594,50€	
			Total Art.	55.616,20€	
Artº 12.2 Fornecimento e montagem de Soalho de Madeira de Sucupira em Acabamentos Interiores, Conjunto composto por Ripado de madeira de 50x50mm, lâ de rocha entre o ripado, tela acústica de polietileno e soalho de 22mm/30mm.					
Soalho de 22mm					
Piso -1		82,600 m2	75,00€	6.195,00€	
Piso 1		242,750 m2	75,00€	18.206,25€	
Piso 2		80,850 m2	75,00€	6.063,75€	
Piso 3		85,800 m2	75,00€	6.435,00€	
Soalho de 30mm					
Piso 0		240,750 m2	85,00€	20.463,75€	
			Total Art.	57.363,75€	

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Artº 12.3 Fornecimento e montagem de Soalho de Madeira de Sucupira 22mm, sobre estrutura de madeira. Conjunto composto por Contraplacado de 5mm, Ripado de madeira de 50x50mm, lâ de rocha entre o ripado, tela acústica de polietileno e soalho de 22mm.					
	Piso 1	115,500 m2	85,00€	9.817,50€	
	Piso 2	105,250 m2	85,00€	8.946,25€	
			Total Art.	18.763,75€	
Artº 12.4 Fornecimento e montagem de Rodapé de Madeira de Sucupira com 100x20mm.					
	Piso 0	68,100 ml	12,00€	817,20€	
	Piso 1	110,000 ml	12,00€	1.320,00€	
	Piso 2	38,750 ml	12,00€	465,00€	
		Total Art.	2.602,20€		
Artº 12.5 Fornecimento e Assentamento de Revestimento a Grés Porcelânico Esmaltado tipo "Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm)".					
	Piso -1				
	I.S 1 (Camarim Feminino Col.) / C. 11 / -1	5,100 m2	62,00€	316,20€	
	I.S 2 (Camarim Feminino Col.) / C.12/-1	4,250 m2	62,00€	263,50€	
	I.S 1 (Camarim Masculino Col.)/C.14 /-1	4,850 m2	62,00€	300,70€	
	I.S 2 (Camarim Masculino Col.)/C.15/-1	4,500 m2	62,00€	279,00€	
	I.S 1 (Camarim Individual 1) /C. 18 / -1	2,250 m2	62,00€	139,50€	
	I.S 2 (Camarim Individual 1) /C. 19 / -1	2,650 m2	62,00€	164,30€	
	I.S 1 (Camarim Individual 2) / C. 21 / -1	2,250 m2	62,00€	139,50€	
	I.S 2 (Camarim Individual 2) / C. 22 / -1	2,650 m2	62,00€	164,30€	
	I.S (Sala do Pessoal) / C. 24 / -1	4,400 m2	62,00€	272,80€	
	Piso 0				
	Instalação Sanitária Homens/C. 13/0	18,200 m2	62,00€	1.128,40€	
	Instalação Sanitária Mulheres/ C.14 /0	16,850 m2	62,00€	1.044,70€	
	Instalação Sanitária Incap./ C.16/0	7,900 m2	62,00€	489,80€	
	Piso 1				
	Instalação Sanitária /C. 15 / 1	7,850 m2	62,00€	486,70€	
	Piso 3				
	Instalação Sanitária /C. 04 / 3	5,400 m2	62,00€	334,80€	
			Total Art.	5.524,20€	
	Artº 12.6 Fornecimento e assentamento de Revestimento Cerâmico Tipo "Revigres - Edicer Mileto Bege ref.P56".				
Zona de Atendimento (Bar)/C. 11 / 0		11,600 m2	46,00€	533,60€	
Cozinha (Bar) / C.12/0		8,850 m2	46,00€	407,10€	
		Total Art.	940,70€		
Artº 12.7 Fornecimento e Assentamento de Lajetas de Betão Pré-moldadas com Acabamento Branco Liso 60x60cm/60x40cm.					
	Piso 2	32,500 m2	42,00€	1.365,00€	
		Total Cap.	142.175,80€		

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
CAPITULO 13 - Vidros					
Artº 13.1	Vidro Liso Duplo com Caixa de Ar 5+16+5mm.		92,500 m2	45,00€	4.162,50€
Artº 13.2	Vidro Liso Duplo com Caixa de Ar 5+6+(3+3)mm.		58,900 m2	42,00€	2.473,80€
Artº 13.3	Vidro Liso Laminado 5+5mm.		16,500 m2	85,00€	1.402,50€
Artº 13.4	Vidro Translúcido/Opaco com decoração, Laminado em Revestimentos Exteriores 50 + 50mm.				
	Vidro Opaco		32,550 m2	115,00€	3.743,25€
	Vidro Translúcido		18,000 m2	115,00€	2.070,00€
				Total Art.	5.813,25€
Artº 13.5	Vidro Liso Simples de 6mm		56,500 m2	30,00€	1.695,00€
					Total Cap. 15.547,05€
CAPITULO 14 - Pinturas					
Artº 14.1	Pintura a Tinta de Paramentos Exteriores (Tinta tipo "Robbialac – Super Rep, série 015), duas demãos.				
	Alçado Norte		180,500 m2	9,50€	1.714,75€
	Alçado Norte (Edifício Entrada/Sul)		125,500 m2	9,50€	1.192,25€
	Alçado Sul		55,650 m2	9,50€	528,68€
	Alçado Sul(Edifício do Teatro)		95,450 m2	9,50€	906,78€
	Alçado Este		115,300 m2	9,50€	1.095,35€
	Alçado Oeste		136,500 m2	9,50€	1.296,75€
				Total Art.	6.734,55€
Artº 14.2	Pintura a Tinta de Acabamento Semi-Acetinado em Paramentos Interiores (Tinta tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064").				
	Piso -1		790,500 m2	9,50€	7.509,75€
Artº 14.3	Pintura a Tinta em Paramentos Interiores (Tinta tipo "Robbialac - Stucomat, Série 052 – 0029").				
	Piso -1		320,500 m2	9,50€	3.044,75€
	Piso 0		975,700 m2	9,50€	9.269,15€
	Piso 1		585,850 m2	9,50€	5.565,58€
	Piso 2		242,800 m2	9,50€	2.306,60€
	Piso 3		198,500 m2	9,50€	1.885,75€
				Total Art.	22.071,83€
Artº 14.4	Pintura de Tectos Rebocados e Estuque Projectado com Tinta Aquosa Mate tipo "Robbialac – Tinta para Tectos, ref. 016-7010".				
	Piso -1		125,500 m2	9,50€	1.192,25€
	Piso 0		130,650 m2	9,50€	1.241,18€
	Piso 1		75,500 m2	9,50€	717,25€
	Piso 2		25,200 m2	9,50€	239,40€
				Total Art.	3.390,08€

DESCRICÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Artº 14.5 Pintura de Tectos Falsos em Gesso Cartonado com Tinta Plástica tipo "Robbialac – Advance Tectos 016-7051".					
Piso -1		172,500 m2	9,50€	1.638,75€	
Piso 0		205,000 m2	9,50€	1.947,50€	
Piso 1		75,850 m2	9,50€	720,58€	
Piso 2		80,200 m2	9,50€	761,90€	
Piso 3		115,450 m2	9,50€	1.096,78€	
			Total Art.	6.165,50€	
Artº 14.6 Envernizamento de Madeira em Pavimentos. Verniz do tipo "Diera – Diertaco" para pavimentos aplicado em duas demãos, com lixagem de todas as superfícies antes de cada demão, sendo a última demão de verniz mate.					
Soalho de 22mm					
Piso -1		78,600 m2	14,00€	1.100,40€	
Piso 1		335,000 m2	14,00€	4.690,00€	
Piso 2		175,750 m2	14,00€	2.460,50€	
Piso 3		85,800 m2	14,00€	1.201,20€	
Soalho de 30mm					
Piso 0		230,350 m2	15,00€	3.455,25€	
			Total Art.	12.907,35€	
Artº 14.7 Envernizamento de Madeira Gerais. Verniz do tipo "Movidur" para madeiras aplicado em duas demãos, com lixagem de todas as superfícies antes de cada demão, sendo a última demão de verniz mate.		1,000 vg	12.000,00€	12.000,00€	
Artº 14.8 Pintura de Tinta de Esmalte tipo "Forja", incluindo trabalhos preparatórios.		75,000 ml	16,00€	1.200,00€	
				Total Cap.	71.979,05€
CAPITULO 15 - Equipamentos					
Artº 15.1 Peças e Equipamento Sanitário Fornecimento e colocação de peças sanitárias, incluindo torneiras, misturadoras e todos os acessórios, conforme Caderno de encargos e indicação do fornecedor.					
Piso -1					
Sanitas tipo "Sanindusa - Proget".	7,000 un	7,000 un	245,00€	1.715,00€	
Lavatórios tipo "Sanindusa - Proget" com Torneira tipo "Sanidusa smile ref-5210300".	1,000 un	1,000 un	265,00€	265,00€	
Lavatórios de encastrar tipo "Sanidusa – Millennium" com Torneira tipo "Sanidusa smile ref-5210300".	6,000 un	6,000 un	295,00€	1.770,00€	
Bases de Duche tipo "Sanindusa – Moraira" com misturadora tipo Sanindusa Alfa ref-5000701.	6,000 un	6,000 un	225,00€	1.350,00€	

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
Piso 0					
Lavatórios tipo "Sanindusa - Proget" com Torneira tipo "Sanidusa smile ref-5210300".	1,000 un	1,000 un	255,00€	255,00€	
Lavatório contínuo em fibra a definir com empreiteiro e dono de obra com Torneira electrónica c/Transformador tipo "Sanidusa Spot – Ref-5436381".	2,000 un	2,000 un	1.520,00€	3.040,00€	
Mictórios tipo "Sanidusa - Atlantico" com torneira temporizada tipo "Sanidusa Eco ref-5190641".	3,000 un	3,000 un	275,00€	825,00€	
Sanitas tipo "Sanindusa - Proget".	6,000 un	6,000 un	245,00€	1.470,00€	
Piso 1					
Lavatórios tipo "Sanindusa - Proget" com Torneira tipo "Sanidusa smile ref-5210300".	1,000 un	1,000 un	265,00€	265,00€	
Sanitas tipo "Sanindusa - Proget".	1,000 un	1,000 un	245,00€	245,00€	
Piso 3					
Lavatórios tipo "Sanindusa - Proget" com Torneira tipo "Sanidusa smile ref-5210300".	1,000 un	1,000 un	265,00€	265,00€	
Sanitas tipo "Sanindusa - Proget".	1,000 un	1,000 un	245,00€	245,00€	
				Total Art.	11.710,00€
Artº 15.2	Ajudas para Deficientes, Fornecimento e colocação de kits de acessórios para deficientes.				
	Piso 0	1,000 cj	1,000 cj	305,00€	305,00€
	Piso 1	1,000 cj	1,000 cj	305,00€	305,00€
					610,00€
Artº 15.3	Equipamentos Sanitários: Fornecimento e montagem de equipamentos sanitários em aço inox.				
	Dispensadores de sabão líquido.	18,000 un	18,000 un	25,00€	450,00€
	Dispensadores de desinfectante.	2,000 un	2,000 un	35,00€	70,00€
	Dispensadores de toalhetes de papel.	13,000 un	13,000 un	28,00€	364,00€
	Baldes para toalhetes usados, com tampa de pedal;	9,000 un	9,000 un	50,00€	450,00€
	Porta rolos	16,000 un	16,000 un	28,00€	448,00€
	Porta piaçabas.	16,000 un	16,000 un	32,00€	512,00€
	Baldes para os compartimentos das sanitas, com tampa de pedal.	6,000 un	6,000 un	15,00€	90,00€
				Total Art.	2.384,00€
Artº 15.4	Fornecimento e montagem de Espelhos e ferragens.				
	Piso -1	9,000 un	9,000 un	55,00€	495,00€
	Piso 0	5,000 un	5,000 un	55,00€	275,00€
	Piso 1	1,000 un	1,000 un	55,00€	55,00€
	Piso 3	1,000 un	1,000 un	55,00€	55,00€
				Total Art.	880,00€
Artº 15.5	Equipamento de Cozinha (Estimativa Geral).	1,000 vg	1,000 vg	5.500,00€	5.500,00€
Artº 15.6	Equipamento de Bar (Estimativa Geral).	1,000 vg	1,000 vg	5.000,00€	5.000,00€
Artº 15.7	Plataforma Elevatória (Palco) valor aproximado;	1,000 vg	1,000 vg	8.000,00€	8.000,00€
				Total Cap.	34.084,00€

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS	QUANTIDADES		Preço por Unidade	Preço por Artigo	Preço por Capítulo
	Parciais	Totais			
CAPITULO 16 - Diversos					
Artº 16.1	Construção Civil / Betão Armado				
	Betão armado em fundações;				
		295,750 m3	285,00€	84.288,75€	
	Betão armado em pilares e paredes a vista, incluindo: Cofragens, escoramentos e descofragens; Aditivo hidrófugo;				
		615,500 m3	305,00€	187.727,50€	
	Betão armado em lajes de pavimento e cobertura, incluindo cofragens, escoramentos e descofragens;				
		575,850 m3	248,00€	142.810,80€	
	Betão armado em laje de escadas. Cofragens, escoramentos e descofragens;				
		42,850 m3	250,00€	10.712,50€	
	Massame de betão em pavimento terreos, incluindo: Base em brita, Manta de geotextil, tela asfáltica, Isolamento térmico;				
		765,000 m2	65,00€	49.725,00€	
	Valor aproximado			Total Art.	475.264,55€
Artº 16.5	Pavimentação a calçada de granito igual ao existente no local, assente ao traço seco;				
		12,300 m2	55,00€	676,50€	
	Guias de Granito de 15cm				
		11,250 un	28,00€	315,00€	
	Plantação de árvores				
		2,000 un	45,00€	90,00€	
	Fornecimento e colocação de tapete de relva;				
		25,600 m2	7,50€	192,00€	
				Total Art.	1.273,50€
				TOTAL	1.590.918,09 €
Ao valor apresentado acresce a taxa de I.V.A em vigor.					

Mestrado Integrado em Arquitectura e Urbanismo

Dissertação de Mestrado Integrado

Património | **Trabalho de Projecto**

Reabilitação do Teatro Valadares em Caminha



1.6 – Fichas de Acabamentos Interiores

Discente: Patrick Gomes dos Santos 407/05

Orientador: Prof.Dr. Arq. Rui Brochado

Co-orientador: Mestre Arq. Rui Correia

Janeiro 2011

Índice

Piso -1	03
Piso 0	17
Piso 1	29
Piso 2	37
Piso 3	41

PISO -1

Designação do espaço	Oficinas	C. 01 / -1
Área	51,15 m ²	
Pé direito	2.78 m	
Vãos confinantes	-	

TECTO	Material:	Emboço, Reboco e Estuque Projectado,
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Área de Trabalho	C. 02 / -1
Área	17,90 m ²	
Pé direito	2.78 m	
Vãos confinantes	Vi 7	

TECTO	Material:	Chapisco , Emboço, Reboco e Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Sub-Palco	C. 03 / -1
Área	39,90 m ²	
Pé direito	3,62 m	
Vãos confinantes	-	

TECTO	Material:	Emboço, Reboco e Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Espaço de Trabalho/Sala de ensaio	C. 04 / -1
Área	61,60 m ²	
Pé direito	2,60 m	
Vãos confinantes	Vi1 (x3) / Vi8 / Vi9	

TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Advance tectos 016-7051";
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço		Área Técnica	C. 05 / -1
Área		3,18 m ²	
Pé direito		2,75 m	
Vãos confinantes		Vi8	
TECTO	Material:	Chapisco, Emboço e Reboco	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010".	
PAREDES	Material:	Emboço e Reboco	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm)	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		(Espaços de Apoio)	C. 06 / -1
Área		11,22 m ²	
Pé direito		-	
Vãos confinantes		Vi1 (x3)	
TECTO	Material:	Chapisco, Emboço e Reboco	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010".	
PAREDES	Material:	Emboço e Reboco	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm)	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço	Depósito	C. 07 / -1
Área	64,05 m ²	
Pé direito	2,60 m	
Vãos confinantes	Vi9	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Semi-Acetinado, Série 064;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Área Técnica (Sala das Maquinas)	C. 08 / -1
Área	56,10 m ²	
Pé direito	2,70 m	
Vãos confinantes	-	
TECTO	Material:	Tecto Falso de Grelha Metálica;
	Acabamento:	-
PAREDES	Material:	Emboço e Reboco;
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Semi-Acetinado, Série 064;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Arrumos	C. 09 / -1
Área	40,80 m ²	
Pé direito	2,70 m	
Vãos confinantes	Vi7	

TECTO	Material:	Tecto Falso de Grelha Metálica;
	Acabamento:	-
PAREDES	Material:	Emboço e Reboco;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Camarim Feminino Colectivo	C. 10 / -1
Área	23,00 m ²	
Pé direito	2,70 m	
Vãos confinantes	Vi2.1 / Vi4 (x2)	

TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Advance tectos 016-7051";
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	-
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço		Instalação Sanitária 1 (Camarim Feminino Colectivo)	C. 11 / -1
Área		5,10 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi4	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla; (12,5 + 12,5 mm)	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;	
	Acabamento:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo; Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm) ”;	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Instalação Sanitária 2 (Camarim Feminino Colectivo)	C. 12 / -1
Área		4,15 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi4	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;	
	Acabamento:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo; Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm) ”;	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Camarim Masculino Colectivo	C. 13 / -1
Área		19,10 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi2.1 / Vi4 (x2)	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Instalação Sanitária 1 (Camarim Masculino Colectivo)	C. 14 / -1
Área		4,78 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi4	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;	
	Acabamento:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo; Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm) ”;	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Instalação Sanitária 2 (Camarim Masculino Colectivo)	C. 15 / -1
Área		4,15 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi4	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;	
	Acabamento:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo; Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm)”;	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Arrumos	C. 16 / -1
Área		2,50 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi7	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Emboço e Reboco;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Semi-Acetinado, Série 064;	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Camarim Individual 1	C. 17 / -1
Área		11,30 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi2.1 / Vi4 (x2)	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Instalação Sanitária 1 (Camarim Individual 1)	C. 18 / -1
Área		2,05 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi4	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;	
	Acabamento:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo; Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm) ”;	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Instalação Sanitária 2 (Camarim Individual 1)	C. 19 / -1
Área		2,65 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi4	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;	
	Acabamento:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo; Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm) ”;	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Camarim Individual 2	C. 20 / -1
Área		11,45 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi2.1 / Vi4 (x2)	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Instalação Sanitária 1 (Camarim Individual 2)	C. 21 / -1
Área		2,05 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi4	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;	
	Acabamento:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo; Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm) ”;	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Instalação Sanitária 2 (Camarim Individual 2)	C. 22 / -1
Área		2,65 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi4	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;	
	Acabamento:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo; Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm) ”;	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço	Sala do Pessoal	C. 23 / -1
Área	11,15 m ²	
Pé direito	2,70 m	
Vãos confinantes	Vi1 / Vi2.1	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	-
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Instalação Sanitária (Sala do Pessoal)	C. 24 / -1
Área	4,40 m ²	
Pé direito	2,70 m	
Vãos confinantes	Vi1	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;
	Acabamento:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo; Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm) ”;
	Acabamento:	-
RODAPÉ	Material:	-
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço		Área Técnica	C. 25 / -1
Área		11,00 m ²	
Pé direito		3,25 m	
Vãos confinantes		Vi1	
TECTO	Material:	Chapisco , Emboço, Reboco e Estuque Projectado;	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";	
PAREDES	Material:	Emboço e Reboco;	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064;	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Arrumos (Sob a Escada)	C. 26 / -1
Área		10,70 m ²	
Pé direito		1.80 m	
Vãos confinantes		Vi 8	
TECTO	Material:	Chapisco, Emboço e Reboco;	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";	
PAREDES	Material:	Emboço e Reboco;	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064;	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Área de Circulação 1	C. 27 / -1
Área		55,70 m ²	
Pé direito		2,70 m / 2,90m	
Vãos confinantes		Vi1/ Vi2.1 (x5) / Vi5/ Vi6/ Vi 7/ Vi8	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Emboço e Reboco;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Semi-Acetinado, Série 064;	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L”em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Área de Circulação 2	C. 28 / -1
Área		26,30 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi6/ Vi 7	
TECTO	Material:	Tecto Falso de Grelha Metálica;	
	Acabamento:	-	
PAREDES	Material:	Emboço e Reboco;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Semi-Acetinado, Série 064;	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L”em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

PISO 0

Designação do espaço	Entrada / Hall	C. 01 / 0
Área	35,40 m ²	
Pé direito	4,78 m	
Vãos confinantes	Ve1 x3 / Ve8	
TECTO	Material:	Emboço, Reboco e Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Painéis Pré-fabricados folheados a Madeira de Sucupira fixados sobre estrutura metálica do tipo "Knauf W111";
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029; Madeira de Sucupira – Verniz celuloso Mate;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Bengaleiro	C. 02 / 0
Área	6,70 m ²	
Pé direito	2,60 m	
Vãos confinantes	Vi 2.1	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5+12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Advance tectos 016-7051".
PAREDES	Material:	Reboco com Acabamento a Estuque Projectado; Betão a Vista;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço		Recepção/Bilheteira	C. 03 / 0
Área		5,80 m ²	
Pé direito		2,60 m	
Vãos confinantes		Vi 2.1	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5+12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Reboco com Acabamento a Estuque Projectado; Betão a Vista;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Foyer / Exposição	C. 04 / 0
Área		66,80 m ²	
Pé direito		3,28 m	
Vãos confinantes		Ve 2/ Ve3 x 2 / Vi14 x 2 / Vi 11	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Painéis Pré-Fabricados Folheados a Madeira Natural (Sucupira);	
	Acabamento:	-	
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (30 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Expositor (x2)	C. 05 / 0
Área		4,00 m ²	
Pé direito		2,85 m	
Vãos confinantes		Vi 14 / Vi1	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (30 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Plateia	C. 06 / 0
Área		48,80 m ²	
Pé direito		9,00 / 9,15m (Sala em Rampa)	
Vãos confinantes		Vi 11 / Vi12 x2	
TECTO	Material:	Tectos Falso em Painéis Acústicos (Laterais) Estrutura modelar em Painéis Acústicos (Centro)	
	Acabamento:	-	
PAREDES	Material:	Painéis de Madeira existente a Recuperar; Painéis Acústico tipo “Vicoustic Wave Wood”;	
	Acabamento:	Reparação/ Envernizamento de Painéis Existentes; Acabamento de série (Vicoustic Cherry)	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (30 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço	Corredor 1.1 / 1.2	C. 07 / 0
Área	12,35m ² (1.1) / 12,35m ² (1.2)	
Pé direito	3,05m / 2,85m (Rampa)	
Vãos confinantes	Corredor 1.1 – Vi1 / Vi12 / Ve3 / Ve4 Corredor 1.2 - Vi1 / Vi12 / Vi13 / Ve17	

TECTO	Material:	Tecto Falso em Painéis Pré-Fabricados Folheados a Madeira Natural (Sucupira);
	Acabamento:	-
PAREDES	Material:	Chapisco, Emboco e Reboco; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (30 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Área de Circulação 3	C. 08 / 0
Área	70,38 m ²	
Pé direito	-	
Vãos confinantes	Vi 10 / Vi 2.1 x2 / Ve10	

TECTO	Material:	Emboço, Reboco e Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Betão a Vista;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Área de Exposição	C. 09 / 0
Área	17,35 m ²	
Pé direito	2,70m	
Vãos confinantes	-	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Bar (Área de Clientes)	C. 10 / 0
Área	30,80 m ²	
Pé direito	2,70m	
Vãos confinantes	Ve12	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço		Zona de Atendimento (Bar)	C. 11 / 0
Área		10,00 m ²	
Pé direito		2,70m	
Vãos confinantes		Vi 16	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Pavimento Cerâmico Tipo “Revigres - Edicer Mileto Bege ref.P56”;	
	Acabamento:	De série;	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Cozinha (Bar)	C. 12 / 0
Área		8,78 m ²	
Pé direito		2,70m	
Vãos confinantes		Vi 16 / Ve 13	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Revestimento Cerâmico Tipo “Revigres Polis Bege ref.P58”;	
	Acabamento:	De série;	
PAVIMENTO	Material:	Pavimento Cerâmico Tipo “Revigres - Edicer Mileto Bege ref.P56”;	
	Acabamento:	De série;	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Instalação Sanitária - Homens	C. 13 / 0
Área		17,90 m ²	
Pé direito		2,70m	
Vãos confinantes		Vi 2.2 / Ve 14	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm)”;	
		Pastilha Tipo “Revigres Xadrez Cinza ref.P86”;	
		Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrófugo;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
		De Série;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm)”;	
	Acabamento:	De série;	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Instalação Sanitária - Senhoras	C. 14 / 0
Área		16,65 m ²	
Pé direito		2,70m	
Vãos confinantes		Vi 2.2 / Ve 14	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm)”;	
		Pastilha Tipo “Revigres Xadrez Cinza ref.P86”;	
		Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrófugo;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
		De Série;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm)”;	
	Acabamento:	De série	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Arrumos	C. 15 / 0
Área		11,60 m ²	
Pé direito		2,70m	
Vãos confinantes		Vi1	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Instalação Sanitária – Incapacitados	C. 16 / 0
Área		7,70 m ²	
Pé direito		2,70m	
Vãos confinantes		Vi 15	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;	
		Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo;	
	Acabamento:	De Série;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm)”;	
	Acabamento:	De série;	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Área de Circulação 4	C. 17 / 0
Área		61,40 m ²	
Pé direito		2,70m / 2,90m	
Vãos confinantes		Vi1 / Vi2.2 (x2) / Vi13 / Vi15 / Ve11 / Ve15 / Ve16	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado; Painéis de Gesso Cartonado;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac - Stucomat, Série 052 – 0029”;	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Entrada de Serviço	C. 18 / 0
Área		5,90 m ²	
Pé direito		2,70m	
Vãos confinantes		Ve7	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço	Área de Circulação 5	C. 19 / 0
Área	12,75 m ²	
Pé direito	2,70m	
Vãos confinantes	-	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Área de Carga/Descarga	C. 20 / 0
Área	27,10 m ²	
Pé direito	3,35m	
Vãos confinantes	-	
TECTO	Material:	Emboço e Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010”.
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Palco	C. 21 / 0
Área	36m ²	
Pé direito	12,45m	
Vãos confinantes	-	

TECTO	Material:	Estrutura Metálica – Apoio Técnico e Suporte de elementos Cénicos;
	Acabamento:	-
PAREDES	Material:	Painéis Acústicos Lisos (Fundo do Palco);
	Acabamento:	-
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (30 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	-
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Área de entrada para o Palco (1)	C. 22 / 0
Área	10,00m ²	
Pé direito	2,75m	
Vãos confinantes	Ve5	

TECTO	Material:	Emboço e Reboco com Acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";
PAREDES	Material:	Chapisco, Emboco e Reboco; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (30 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Área de entrada para o Palco (2)	C. 23 / 0
Área	17,20m ²	
Pé direito	2,75m	
Vãos confinantes	Ve5	
TECTO	Material:	Emboço e Reboco com Acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";
PAREDES	Material:	Reboco com Acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (30 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

PISO 1

Designação do espaço	Área de Circulação 6	C. 01 / 1
Área	24,90 m ²	
Pé direito	2,50 m	
Vãos confinantes	Vi10 / Ve 22	
TECTO	Material:	Emboço, Reboco com Acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";
PAREDES	Material:	Betão a Vista; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Foyer / Exposição	C. 02 / 1
Área	58,60 m ²	
Pé direito	2,50 m	
Vãos confinantes	Vi12 (x2) / Ve 23 / Ve24 (x2)	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Painéis Pré-Fabricados Folheados a Madeira Natural (Sucupira);
	Acabamento:	-
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço		Sala de Projecção	C. 03 / 1
Área		12,50 m ²	
Pé direito		2,50 m	
Vãos confinantes		Vi5 (x2)	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Painéis Pré-Fabricados Folheados a Madeira Natural (Sucupira);	
	Acabamento:	-	
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Painéis Acústico tipo "Vicoustic Wave Wood";	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029; Acabamento de série (Vicoustic Cherry);	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Balcão 1	C. 04 / 1
Área		33,95 m ²	
Pé direito		2,50 m	
Vãos confinantes		Vi5 (x2) / Vi12 (x3) / Ve21 / Ve24 (x2)	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Painéis Pré-Fabricados Folheados a Madeira Natural (Sucupira);	
	Acabamento:	-	
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Painéis Acústico tipo "Vicoustic Wave Wood";	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029; Acabamento de série (Vicoustic Cherry);	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço	Varanda Técnica 1	C. 05 / 1
Área	24,75 m ²	
Pé direito	3,00 m	
Vãos confinantes	Ve24	

TECTO	Material:	Estrutura Metálica;
	Acabamento:	-
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Reboco com Acabamento a Estuque Projectado; Painéis Acústicos;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029; Painéis Acústicos - Acabamento de série (Vicoustic Cherry);
PAVIMENTO	Material:	Pavimento Metálico – Grelha de Aço;
	Acabamento:	-
RODAPÉ	Material:	-
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Gabinete	C. 06 / 1
Área	13,30 m ²	
Pé direito	2,70 m	
Vãos confinantes	Vi18	

TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Advance tectos 016-7051";
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Arquivo	C. 07 / 1
Área	6,50 m ²	
Pé direito	2,50 m	
Vãos confinantes	-	
TECTO	Material:	Emboço, Reboco e Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Secretária	C. 08 / 1
Área	24,15 m ²	
Pé direito	2,50 m	
Vãos confinantes	-	
TECTO	Material:	Emboço, Reboco e Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Sala de Formação 1	C. 09 / 1
Área	44,90 m ²	
Pé direito	2,70 m	
Vãos confinantes	Vi20 / Ve20	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Painéis Acústicos Tipo: "Tavinel Acoustic RL6 / RC6 (Acab.Cherry)";
	Acabamento:	-
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Antecâmara (Estúdio)	C. 10 / 1
Área	3,90 m ²	
Pé direito	2,70 m	
Vãos confinantes	Vi21 / Ve22	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Advance tectos 016-7051";
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço		Estúdio	C. 11 / 1
Área		8,25 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi22 / Vi23 / Vi24	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Painéis Acústico tipo "Vicoustic Wave Wood";	
	Acabamento:	Acabamento de série (Vicoustic Cherry);	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado; Painéis Acústico tipo "Vicoustic Wave Wood";	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029; Acabamento de série (Vicoustic Cherry);	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Sala de Controlo (Estúdio)	C. 12 / 1
Área		5,20 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi23 / Vi24 / Ve20	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Painéis Acústico tipo "Vicoustic Wave Wood";	
	Acabamento:	Acabamento de série (Vicoustic Cherry);	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado; Painéis Acústico tipo "Vicoustic Wave Wood";	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029; Acabamento de série (Vicoustic Cherry);	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Sala de Formação 2	C. 13 / 1
Área		38,25 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi20 / Ve20	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Painéis Acústicos Tipo: "Tavinel Acoustic RL6 / RC6 (Acab.Cherry)";	
	Acabamento:	-	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado; Painéis de Gesso Cartonado;	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Arrumos	C. 14 / 1
Área		11,60 m ²	
Pé direito		2,70 m	
Vãos confinantes		Vi1	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Advance tectos 016-7051";	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado; Painéis de Gesso Cartonado;	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Instalação Sanitária	C. 15 / 1
Área		7,70 m ²	
Pé direito		2,70m	
Vãos confinantes		Vi 15	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;	
	Acabamento:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo; De Série; Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm) ”;	
	Acabamento:	De série	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Área de Circulação 7	C. 16 / 1
Área		47,28 m ²	
Pé direito		2,50m / 2,70 m	
Vãos confinantes		Vi1 / Vi12 / Vi15 / Vi20(x2) / Vi21 / Ve19 / Ve15 (x2)	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Chapisco , Emboço, Reboco e Estuque Projectado; Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”; Pintura tipo “Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010”;	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado; Painéis de Gesso Cartonado;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

PISO 2

Designação do espaço	Área de Circulação 8	C. 01 / 2
Área	20,60 m ²	
Pé direito	2,40 / 2,70 m	
Vãos confinantes	Vi10 / Ve 22	
TECTO	Material:	Reboco com Acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";
PAREDES	Material:	Betão a Vista; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Foyer / Exposição	C. 02 / 2
Área	59.15 m ²	
Pé direito	2,50 m	
Vãos confinantes	Vi12 (x2) / Ve 33 / Ve34 / Ve35	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Painéis Pré-Fabricados Folheados a Madeira Natural (Sucupira);
	Acabamento:	-
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço		Balcão 2	C. 03 / 2
Área		42,10 m ²	
Pé direito		2,50 m	
Vãos confinantes		Vi12 (x3) / Ve34 / Ve35 / Ve36	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Painéis Pré-Fabricados Folheados a Madeira Natural (Sucupira);	
	Acabamento:	-	
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Painéis Acústico tipo "Vicoustic Wave Wood";	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029; Acabamento de série (Vicoustic Cherry)	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Varanda Técnica 2	C. 04 / 2
Área		36,70 m ²	
Pé direito		2,50 m	
Vãos confinantes		Ve34 / Ve37	
TECTO	Material:	Estrutura Metálica;	
	Acabamento:	-	
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Reboco com Acabamento a Estuque Projectado; Painéis Acústicos;	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029; Painéis Acústicos - Acabamento de série (Vicoustic Cherry);	
PAVIMENTO	Material:	Pavimento Metálico – Grelha de Aço;	
	Acabamento:	-	
RODAPÉ	Material:	-	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Área Técnica	C. 05 / 2
Área		22.60 m ²	
Pé direito		4,15/ 3,60 m	
Vãos confinantes		Ve38	
TECTO	Material:	Chapisco , Emboço, Reboco;	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Tinta para tectos, ref. 016-7010";	
PAREDES	Material:	Emboço e Reboco;	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Semi-Acetinado, Série 064;	
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;	
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço		Área de Circulação 9	C. 06 / 2
Área		11.90 m ²	
Pé direito		2,50m	
Vãos confinantes		Vi 12 / Ve18	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac – Advance tectos 016-7051";	
PAREDES	Material:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado; Painéis de Gesso Cartonado;	
	Acabamento:	Pintura tipo "Robbialac" - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Perfil "L" em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço	Sala de Reuniões	C. 07 / 2
Área	39,70 m ²	
Pé direito	3,35 m	
Vãos confinantes	Ve31 (x3) / Ve32 / Ve30	

TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Rodapé em Madeira de Sucupira (10 x 2 cm);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Área de Circulação 10	C. 08 / 2
Área	22,15 m ²	
Pé direito	-	
Vãos confinantes	Vi19	

TECTO	Material:	Betão a Vista;
	Acabamento:	-
PAREDES	Material:	Betão a Vista;
	Acabamento:	-
PAVIMENTO	Material:	Autonivelante - Tipo Mapei: Mapefloor Decor System 70;
	Acabamento:	Cor cinza Mate_ Cêra antiderrapante;
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

PISO 3

Designação do espaço	Área de Circulação 11		C. 01 / 3
Área	35,70 m ²		
Pé direito	3,35 m		
Vãos confinantes	Vi 2.2 (x2) / Vi10 / Ve28 / Ve29(x4) / Ve39(x2)		
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm)	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Betão a Vista; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 - 0029	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço	Gabinete Duplo		C. 02 / 3
Área	26,50 m ²		
Pé direito	2,95 m		
Vãos confinantes	Vi2.2 / Vi25 / Ve39 (x2) / Ve40		
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;	
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;	
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;	
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);	
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;	
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);	
	Acabamento:	-	
DIVERSOS	Material:	-	
	Acabamento:	-	

Designação do espaço	Antecâmara (Gabinetes)	C. 03 / 3
Área	7,95 m ²	
Pé direito	2,95 m	
Vãos confinantes	Vi1 / Vi25 (x2) / Ve40	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Instalação Sanitária	C. 04 / 3
Área	5,40 m ²	
Pé direito	2,60m	
Vãos confinantes	Vi 1	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;
PAREDES	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x30cm) ”;
	Acabamento:	Reboco com acabamento a Estuque Projectado Hidrofugo; De Série; Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Grés Porcelânico Esmaltado tipo “Revigres - Crema Marfil, ref. P114 (60x60cm) ”;
	Acabamento:	De série;
RODAPÉ	Material:	-
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

Designação do espaço	Gabinete Individual	C. 05 / 3
Área	15,65 m ²	
Pé direito	2,95 m	
Vãos confinantes	Vi2.2 / Vi25 / Ve32 / Ve40	
TECTO	Material:	Tecto Falso em Gesso Cartonado – Placa Dupla (12,5 + 12,5 mm);
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac – Advance tectos 016-7051”;
PAREDES	Material:	Chapisco, emboco e Reboco; Reboco com acabamento a Estuque Projectado;
	Acabamento:	Pintura tipo “Robbialac” - Stucomat, Série 052 – 0029;
PAVIMENTO	Material:	Soalho em Madeira de Sucupira (22 mm de espessura);
	Acabamento:	Verniz Celuloso Mate;
RODAPÉ	Material:	Perfil “L” em Alumínio (2,5cm x 2,5cm);
	Acabamento:	-
DIVERSOS	Material:	-
	Acabamento:	-

